

O Lobo de Ravenscliff

Dawn Thompson

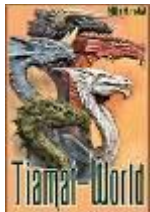
Um sombrio destino. Enquanto a carruagem adentrava a costa da Cornualha, Sara avistou o final de sua viagem: a mansão de Ravenscliff. A partir daquele momento esse seria seu lar. Não podia acreditar como mudou sua vida nos últimos dias: passou de ser uma reclusa na prisão para devedores de Fleet para transformar-se na esposa do barão de Ravenscliff. Mas, que espécie de homem a resgatou da prisão, casando-se com ela por procuração sem tê-la visto nenhuma vez antes? Sem dúvida se tratava de um homem frio e distante... Alguém desventurado que mantinha sua casa em um estado de lúgubre decadência e com as cortinas fechadas. É obvio, Sara teria aceitado o pedido do próprio diabo para sair de sua cela, assim estava resignada ao seu destino. Então conheceu seu marido, que tinha o cabelo negro como a noite e um arrebatador e formoso rosto, e toda sua segurança desapareceu. Que estranha maldição tinha caído sobre o barão Nicholas Walraven e que segredos escondia? Que estranha sorte a tinha levado até aquele lugar? De onde procedia a estranha criatura com aspecto de lobo que acampava pela mansão e aterrorizava seus habitantes, e que aparecia sempre de improviso?

Disp em Esp: Elloras Digital
Envio do arquivo e Formatação: Gisa
Revisão: Tessy
Revisão Final: Daniella Lioni
Tiamat - World

Nota da Revisora Tessy: A história é linda, comovente e cheia de mistério e ação, tem cenas sensuais e belas, espero que gostem, pois eu adorei.

Nota da Revisora Daniella: A história é bonita... o mocinho é problemático, mandão, apaixonado e fofo. A mocinha não obedece ao mocinho mandão e se mete em um monte de confusão por isso...





Em memória de meu pai, George Wellington Thompson

Capítulo 1

Costa da Cornualha, 1815

—Senhor, por favor, faça com que o chofer vá mais devagar! —Gritou Sara —Se seguirmos a este ritmo, vamos cair.

Agarrando-se à alça com a mão, segurou o chapéu na cabeça enquanto a carruagem se dirigia a toda velocidade para o topo, com os cavalos a pleno galope. Desde que tinham atravessado as portas de ferro que facilitavam o acesso a Ravenscliff, avançavam a uma velocidade vertiginosa através da escuridão, como se os cães de caça do inferno estivessem mordendo os cascos dos cavalos.

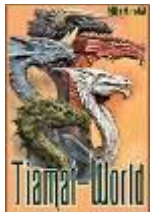
—Temos que manter esta velocidade devido ao pronunciado abismo —Respondeu seu companheiro —Tenha calma, querida, o chofer sabe o que faz.

Ao olhar pela janela, para a escarpada queda da rochosa costa que ficava debaixo, Sara não teve mais remédio que aceitar. O caminho, se é que podia chamar assim, não parecia o suficientemente largo para que passasse outro carro. Não havia borda. Quão único os separavam da beira, eram os restos de um muro baixo de pedras empilhadas, situadas na parte que dava ao mar, enquanto que um muro alto de granito que se abatia do outro lado sobre o caminho parecia empurrá-los dissimuladamente para uma iminente fatalidade.

O som de pedras soltas e terra esmiuçada caindo como a chuva enquanto eles passavam como um raio esteve a ponto de parar o coração de Sara. Abaixo, ondas gigantescas coroadas de branco batiam na praia. O eco de seu trovejar se via amplificado pela fantasmagórica e fofa neblina que subia desde mar com a mudança da maré. Incentivada pelo crescente vento, a névoa subia pelo escarpado e esgueirava-se pelo caminho, escurecendo a visão de Sara através das brechas da cerca quebrada. Estremeceu. Se ela não podia ver, como podia fazê-lo o chofer?

Uma das rodas se introduziu em uma fenda, e a carruagem se sustentou vacilante. O caminho estava infestado daquelas gretas. Mas o som do chicote do chofer e os guturais relinchos dos cavalos voltaram a pôr a carruagem em marcha em seguida. Cada costura e mola do desmantelado veículo gemeu sob a tensão.

Sara recostou-se contra o assento de couro frio e fechou os olhos convencida de que a



carruagem iria abaixo pela borda do precipício a qualquer momento, com o chofer, o lacaio, os cavalos e todo o resto. Como se tivesse lido seus pensamentos, o cavaleiro que viajava com ela deixou escapar uma risadinha gutural.

—Já quase chegamos, baronesa Walraven. —Disse. —Mas devido à névoa, só poderá ver Ravenscliff quando dobrarmos a seguinte curva. Não tenha medo, a entregarei ao seu marido inteira, tem minha palavra.

Baronesa Walraven. O coração deu um tombo diante o som daquelas palavras. Devia estar louca para ter se casado com um homem que nunca tinha visto.

—Não estará se arrependendo, não é? —Perguntou ele. —É um pouco tarde para isso, querida.

—Estive me arrependendo desde que veio para mim com esta estranha proposição, senhor Mallory.

Ele riu entre dentes uma vez mais.

—Nesse caso, teria que ter expressado em voz alta antes de me acompanhar até Escócia para formalizá-lo —Assegurou —Agora não há nada que se possa fazer.

—Isso é o que me desconcerta —Respondeu Sara —Se o barão tinha tanta pressa em casar-se comigo, por nosso mútuo benefício, como acredito que disse você... Então, por que não foi ele em pessoa? Por que mandou você, seu administrador, como representante? Isso é insultante. Inclusive debaixo destas peculiares circunstâncias.

—Estou apaixonado —Disse o homem fingindo que tinha o coração partido —E nós também fazemos um casal muito bonito.

—E se não gostar do barão? —Perguntou Sara ignorando sua coquete piscada.

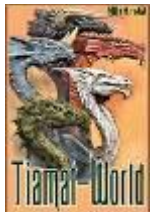
Seu companheiro de viagem estava muito seguro de si mesmo. Era bonito e sabia. Tinha o cabelo loiro, era elegante e ia impecavelmente vestido, além de ser culto. O segundo filho de um fidalgo, segundo ele mesmo disse. Sara não estava impressionada.

—OH, eu não me preocuparia com isso —Respondeu ele percorrendo todo seu corpo com o olhar. Tinha os olhos da cor do aço, e igualmente frios —Mas se por acaso aconteça semelhante situação —Continuou —Eu estarei encantado de lhe fazer o favor. Sem dúvida ia desfrutar plenamente de nossas... Núpcias.

Sara não estava disposta a dignificar aquele comentário com uma resposta, embora Mallory tivesse razão: o que estava feito, estava feito. E não cabia nenhuma dúvida de que ele a olhava com desprezo por ter concordado com semelhante acordo.

Teria se esquecido do estúpido lugar ao que teve que ir para apresentar a oferta do barão? Depois de seis meses na prisão para devedores de Fleet, teria aceitado um pedido de matrimônio do diabo para poder comprar sua liberdade. Olharia-a seu marido também com desprezo? Aquela incerteza a fez estremecer-se.

Para ela era um mistério a forma com que se inteirou o barão de sua situação premente, embora houvessem lhe dito que havia benfeitores que em muitas ocasiões se ofereciam a ajudar as presas de lugares como Fleet. Que a sua tivesse sido um pedido de matrimônio e não um pouco



mais delicado, deveria ser um alívio, supôs Sara; mas não o era. O fato nu era que tinha concordado em casar-se com um homem ao que nunca tinha visto, por procuração e fora do país, por certo, e que tinha permitido que um total desconhecido a entregasse naquele lugar inóspito em troca do pagamento de sua dívida. Ainda faltavam por revelar os detalhes exatos do acordo. Sara não sabia nada absolutamente do barão, exceto seus pais tinham servido juntos na Índia e que naqueles dias foram sem dúvida bons amigos. O barão tinha remarcado aquele ponto, imaginava Sara, com o propósito de fazê-la sentir mais cômoda. Mas em certo modo, não tinha sido assim. Deixando a um lado a insistência de Mallory em que se guardaria o recato e o decoro em todo momento, e além do pedido escrito de punho e letra com a boa escritura do barão e que Sara guardava como ouro em pano em sua bolsa, não tinha nem ideia do que a esperava. Não podia ser pior que o espantoso pesadelo do qual acabava de sair... Ou sim?

—Estará ao menos o barão em casa para nos receber, senhor Mallory? —Perguntou.

—Por que não me chama Alex, querida? —Respondeu ele —Nos vamos ver o bastante, sabe? Passo muito tempo na mansão. Tenho um quarto ali... Para quando não estou fora me ocupando de negócios imobiliários. —Voltou a rir entre dentes —Certamente me verá mais que a seu marido, para ser sincero. É muito reservado, Nicholas... Sempre foi. Pode me acreditar. Conhecemo-nos a muito tempo, Nicholas e eu, desde nossos dias de escola, de fato.

—Então, por que...?

—Teria que perguntar os porquês e os como a ele, querida —A interrompeu Mallory —Não tenho permissão para revelar seus objetivos.

—Não respondeu a minha primeira pergunta senhor Mallory —Disse assegurando-se de que não lhe escapava sua relutância a chamá-lo por seu nome de batismo —Está Sua Senhoria em casa agora?

Mallory consultou seu relógio de bolso.

—OH, sim está em casa —Replicou —O que não sei é se estará disponível ou não —Voltou a guardar o relógio no colete —Mas eu não o estarei. Assim que a deixe na mansão, parto para Londres por semana para recolher seu convidado e deixar aos dois um tempo a sós.

Sara não passou por cima das sedutoras implicações de seu tom, e não disse nada mais. Quanto menos conversasse com aquele indivíduo, melhor. Havia visto muitos como ele em Fleet. Ajustou a jaqueta e alisou o vestido de viagem de tecido de sarja em tom cinza pomba. Tinha ficado murcho na umidade que inseriu desde que divisaram o mar. Embora as janelas da carruagem estivessem fechadas, Sara sentia o sal nos lábios. A névoa continuava bloqueando a vista, mas não importava absolutamente; assim evitava a visão do mar inquieto sacudindo a costa que ficava abaixo, batendo sobre a grossa e afiada areia da praia e cobrindo as poças de água que a maré tinha criado nas baías. Aquela devia ser uma vista impressionante à luz do dia. Na escuridão, parecia aterradora.

—Olhe —Disse Mallory assinalando com o dedo quando a carruagem tomou outra curva —Ravenscliff! Vê? Chegamos.

Sara conteve a respiração. Aquela visão soldou os ossos da espinha dorsal. A casa estava



consumida na escuridão. Tratava-se de uma estrutura enorme e sinuosa envolta em névoa até as torres, que se elevava três andares por cima do pátio. Estava coroada por um par de corvos esculpidos em pedra colocados a modo de gárgulas nos beirais. Parecia desabitada. De repente, a névoa começou a dispersar-se terra adentro, como se a carruagem a tivesse afugentado ao chegar à entrada e Sara voltou a conter o fôlego: elevada sobre o escarpado quebra-mar, a mansão de Ravenscliff parecia como se tivesse sido escavada na rocha do escarpado sobre o que se levantava.

O chofer puxou as rédeas para deter os cavalos, jogou o freio e desceu para colocar a escadinha. A neblina o tinha impregnado por completo, do chapéu de aba larga até o xale vermelho de viagem que levava sob o casaco... O único ponto de cor que havia ao redor, e que brilhava sob a luz dos abajures da carruagem. Enquanto isso o lacaio, que também estava ensopado, saltou do assento de atrás do veículo e começou a tirar a bagagem do porta-malas.

—Esses não —Disse Mallory saindo da carruagem quando o homem começou a desatar os dois baús que havia em cima de tudo —São meus. Eu não fico.

Ofereceu a mão a Sara, e ela desceu para o redemoinho de névoa que ocultava completamente o cascalho que rangia sob seus pés.

—Venha comigo, querida —Disse ele —A não ser que me engane, acredito que se está formando uma rajada, e quero estar outra vez ao nível do chão quando bater.

—Uma rajada? —Perguntou Sara.

—Assim é como os aldeãos chamam as pérfidas tempestades que açoitam esta costa, sobre tudo agora, na primavera. Os ventos poderiam precipitá-la pelo escarpado, miúda que é você. Mais vale manter-se afastada da borda inclusive com bom tempo.

Já tinham chegado à entrada, e Mallory golpeou a aldrava¹ dourada. Depois de um instante, a porta se abriu e foram recebidos por um mordomo mais velho e dois lacaios vestidos com perucas brancas e com libreas azul e ouro. Mallory a urgiu a cruzar a soleira e levou a enluvada mão de Sara aos lábios.

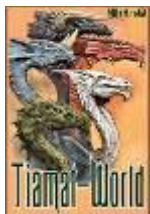
—Desculpe minha falta de maneiras, partindo com tanta pressa —Disse devolvendo a mão depois de ter a beijado convenientemente —Mas todo o bom termina. Estará completamente a salvo sob os cuidados de Smythe, baronesa Walraven. Ele se ocupará de todas suas necessidades. Foi um autêntico prazer, mas agora devo partir.

Desenhando uma reverência, desceu pelos degraus e desapareceu no interior do carro, cujas rodas estavam já em movimento sobre o cascalho antes que Mallory se acomodou uma vez mais no assento.

Os lacaios se apressaram a recolher a bagagem de Sara. Não havia muitas coisas: um baú e uma mala pequena que continha os artigos de asseio que tinha comprado em Londres. As demais coisas proporcionariam em Ravenscliff. Quando tinham metido seus pertences dentro, o mordomo fechou a porta e jogou o ferrolho.

—Subam a bagagem da baronesa Walraven à suíte das tapeçarias —Ordenou aos lacaios.

¹ peça em bronze ou latão fixada na porta de entrada para usar como batedor. Em vez de bater com a mão na porta para chamar o morador, utiliza-se a aldrava. Peça muito utilizada na idade média



Depois se girou para a Sara.

—Se for amável de me seguir, senhora —Disse —O barão Walraven a espera em seu escritório.

Assim estava em casa. Ela quase desejava que não fosse assim. O que pensaria dela com aquele vestido de viagem úmido e pegajoso? Tratou de colocar as molhadas mechas de cabelo, que estavam grudadas nas bochechas, sob o chapéu, mas não serviu de nada, eram muitas. Para sua surpresa, já que de fora tinha parecido tão escuro, o grande salão e os corredores que atravessavam estavam iluminados por velas colocadas nos candelabros que havia sobre as mesas de mármore e nos cantos das paredes, mas não eram eficazes para espantar a penumbra. Havia uma tristeza evidente naquela casa, no ar rançoso e murcho e no melancólico eco de suas pegadas sobre o chão de mármore gentil.

Durante um segundo, Sara pareceu escutar o repico das patas de um cão avançando atrás deles. Virou-se, mas ali não havia nada e, depois de um instante, voltou a olhar para frente e se encontrou com o mordomo observando-a.

—Ocorre algo, senhora? —Inquiriu o homem.

—Pareceu-me escutar a um cão —Respondeu Sara sentindo-se como uma estúpida ao ver que, até onde alcançava o olhar, o corredor de trás estava vazio.

—A casa range de vez em quando devido a sua antiguidade —Respondeu o mordomo ficando outra vez em marcha —Escutará todo tipo de sons peculiares, sobre tudo quando se levanta vento. Não é nada do que deva preocupar-se.

Quando chegaram à porta do estúdio, Smythe bateu com os nódulos, mas não houve resposta ao princípio. Até que o mordomo voltou a bater uma segunda vez e o barão disse que entrassem, então o mordomo a conduziu para que entrasse em uma grande sala murada com livros. As escuras cortinas das janelas estavam fechadas. À exceção de um candelabro com velas colocado sobre uma base ao lado da poltrona que ocupava Nicholas Walraven e do fraco fogo que ardia na lareira, a sala estava imersa em sombras. Sara deu um pulo quando a porta se fechou com força atrás dela, movida pela mão do mordomo. O barão deixou a um lado o enorme livro que estava lendo e ficou de pé, examinando-a atentamente.

Alexander Mallory tinha proporcionado uma descrição de seu marido, mas não a tinha preparado para a realidade daquele homem. Calculou que teria uns trinta e tantos anos, e tinha uma figura impressionante. Era alto e magro, embora bem musculoso. A camisa de algodão egípcio que tinha metida nas ajustadas calças negras estava aberta até o pescoço, proporcionando brilho ao pelo de seu peito, do mesmo tom que o seu cabelo... Tão negro como a asa de um corvo, encaracolado à altura dos lóbulos das orelhas e que caía de forma calma pela ampla testa. Os fundos olhos que havia debaixo, dilatados devido à escuridão, brilhavam como obsidianas². Tinham o poder de hipnotizar.

—Sente-se, por favor —Disse assinalando para a cadeira Chippendale situada do outro lado

² **Obsidianas** Vidro vulcânico, geralmente escuro, que se podem fazer instrumentos cortantes e espelhos.



do tapete persa —Isto não tem por que ser incômodo a menos que você o deseje.

—Perdoe que tenha ficado te olhando —Disse Sara tomando assento na cadeira que oferecia —Não esperava... Quero dizer que... O senhor Mallory não tinha preparado especificamente para... Tudo isto.

O que realmente tinha na ponta da língua era que não entendia por que um homem como aquele tinha tido a necessidade de chegar a extremos tão vergonhosos para conseguir uma esposa.

—Comeu? —Perguntou ele.

Sua voz profunda retumbou pelo interior do corpo de Sara, tocando as cordas de uns lugares que até a data ninguém havia tocado daquela maneira. Revolveu-se incômoda na cadeira.

—Sim, senhor —Replicou —Na estalagem da parada de Bodmin Moor.

—Você gostaria de tomar uma taça de xerez, ou talvez algo mais... forte para te fazer entrar em calor?

—Não, obrigado —Disse Sara —Não tomo bebidas fortes.

Walraven não voltou a tomar assento na poltrona. O que fez foi dirigir-se ao escritório e apoiar-se contra ele, meio sentado na borda com uma de suas bem torneadas coxas estendida para um lado com naturalidade.

Suas altas e polidas botas de borlas brilhavam sob a luz da velas, e o fraco fogo da lareira jogava sombras que brincavam ao redor da profunda covinha de seu queixo. Não, Alexander Mallory não tinha feito absolutamente justiça a aquele homem.

—Naturalmente, terá perguntas —Disse com aquela voz profunda de barítono que tinha aquele efeito tão assustador sobre ela —Para economizar tempo, o que te contou Alex?

—Só que seu pedido era honorável, que se observaria escrupulosamente o decoro, que o acordo seria... benéfico para ambos e que você me daria mais detalhe quando chegasse.

—Entregou-te minha carta?

—Sim —Disse Sara cravando a vista nas mãos que tinha cruzadas sobre o colo.

O coração pulsou descontrolado. Os olhos do barão refletiram o vermelho brilho do fogo. Brilhavam como brasas candentes enquanto a olhavam. Sara não foi capaz de lhe sustentar o olhar.

—Um convite do mais cortês, barão Walraven —Murmurou.

—Assim não —Disse ele —Deve me chamar Nicholas e eu te chamarei Sara quando estivermos a sós... Começaremos agora. Precisarás se acostumar a fazê-lo. Já não é Sara Ponsonby. Somos marido e mulher e essa é a imagem que deve dar. Nas ocasiões solenes será a baronesa Walraven, é obvio, e de modo mais informal, Sara Walraven, que é como assinará seus documentos. Ficou claro?

—Sim, Ba... Nicholas.

O nome não saiu com naturalidade. Tudo era muito novo.

—Muito bem —Disse ele —Pode tirar o chapéu, por favor?

Sara confiava em que não pedisse que fizesse isso, ao menos até que tivesse tido tempo de



arrumar-se. Amontoou o sangue quente nas têmporas. Ruborizar-se era seu maior defeito, uma maldição de sua herança de pele clara. Não necessitava um espelho para saber que agora estava vermelha. Sentia as bochechas ardendo. O calor que subia delas a obrigou a entrecerrar os olhos.

—Por favor —Repetiu Nicholas animando-a com um gesto da mão.

Sara tirou o chapéu, e ele elevou as sobrancelhas.

—Vejo que não é uma escrava da moda —Observou.

—Senhor?

—Seu cabelo —Disse ele —Não o corta segundo a tendência atual.

—Com tantas coisas em cima, ultimamente não tive tempo de pensar em modas — Respondeu ela.

Tinha sido muito arisca sua resposta? Temia que sim, mas já era muito tarde.

—Serei breve —Disse Nicholas trocando de postura, e também de tema —Necessito uma companhia... Só isso. Alguém que presida minhas reuniões e que apareça comigo em público nas ocasiões que assim o requeiram, com o propósito de dissuadir às predadoras femininas e evitar que a alta sociedade siga tratando de me encerrar no mercado do matrimônio. Se tiver esposa... Bom, suponho que já o entendeste.

—É essa a razão pela que não vem à cidade durante as temporadas de baile? —Não pôde evitar perguntar Sara.

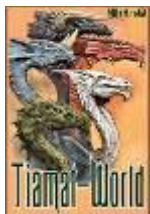
Não parecia verdade. Se o único que procurava era uma anfitriã, podia ter tomado uma amante.

Nicholas vacilou.

—Essa é... Uma das razões —Disse —Meus motivos não devem ser assunto seus... Só minhas necessidades. Basta dizer que não podia contratar a alguém para ocupar esta posição e fazer que vivesse sob o mesmo teto que eu sem faltar ao decoro. Como a mulher que escolhesse devia viver aqui, tinha que converter-se em minha esposa. Tinha que ser atraente, culta e por cima de toda recriminação. Você possui todas essas qualidades. Também devia estar de acordo com o trato, como tem feito você, apoiando-se unicamente em minha carta, sem ter conhecimento pleno de minhas... Condições. Isso era primordial. Demonstra confiança, e a confiança é vital. Quando tive conhecimento de sua... Situação, deu-me a impressão de que poderíamos alcançar um acordo benéfico para ambos. Me alegro de que tenha decidido aceitar. Não te faltará nada. Há umas quantas normas simples nesta casa que vou pedir que siga, mas já falaremos desse tema.

Sara ficou olhando aqueles olhos de obsidiana que tudo viam e pareciam penetrar sua alma. A luz do fogo seguia brilhando vermelha sobre eles. Aquele era um assunto estranho e, embora ele tinha respondido a muitas de suas perguntas, ainda ficava uma que precisava lhe fazer, e não sabia como expô-la.

—Tem alguma dúvida? —Perguntou Nicholas, como se tivesse lido o pensamento —OH, sim, é obvio —Se apressou a acrescentar, terminando de convencê-la de que tinha poderes —Suas obrigações não incluem compartilhar minha cama. Não tenho nenhum desejo de perpetuar minha



linhagem. Confio em que isso não seja... Um problema. Pensei que, dadas as circunstâncias, suporia em certo modo um alívio.

—Não... Nenhum problema —Disse Sara.

Não tinha considerado a possibilidade de ter filhos, ou de não os ter. Sua franqueza a perturbava, e evitou seguir com o tema.

—Entretanto, há outro assunto que me desconcertou desde o começo —Assegurou com todo o apuro que foi capaz de reunir —Por que enviou o senhor Mallory a Londres para me buscar, e por que umas bodas por procuração quando esse tipo de coisas está proibido na Inglaterra? Por que não veio você mesmo? Acredito que isso teria sido mais simples que me fazer percorrer todo o caminho até Escócia com um completo desconhecido para levá-lo a cabo.

—Isso não é “um assunto” Sara, são três —Disse ele —E os três têm uma razão de ser. Não obstante, por esta vez vou ceder. Digamos que... Situações preexistentes aqui na costa me impediram de sair... Nem sequer para me casar. —Nicholas se dirigiu para o sino e puxou dele antes de voltar a girar-se para Sara —chamei à senhora Bromley, minha governanta. Ela te mostrará seus aposentos e apresentará a Nell, sua donzela. Seu quarto está ao lado de seus aposentos.

—Obrigada, Nicholas —Murmurou Sara.

—Reunir-se-á comigo durante as refeições —Continuou ele —O café da manhã e o almoço são servidos na sala de cafés da manhã. O jantar, no salão de jantar. Os criados lhe indicarão onde é.

—Antes disse algo sobre... Sobre as normas da casa —Recordou Sara.

—Sim —Disse Nicholas —Agora ia comentar isso. Amanhã fará uma completa visita guiada por Ravenscliff. Por favor, não vá você investigar por sua conta. A casa é muito antiga. Há muitas partes que estão em mal estado e poderia se machucar. Por favor, não vá ao quebra-mar sem companhia. Os ventos da cornija têm muito má fama. São conhecidos por ter atirado a homens fornidos pelos escarpados, e os vendavais se levantam de repente. Agora mesmo estamos a ponto de que se desencadeie um.

Embora haja degraus escavados no recife, não desça por eles à borda. Essas escadas se fizeram séculos atrás, e foram utilizadas pelos contrabandistas. Esta costa está infestada de pedras, covas e passadiços, nenhum deles seguro. São frequentes as águas revoltas e poderia ficar isolada em questão de segundos. Por último, o que ocorra dentro destes muros permanece dentro destes muros. Espero que seja discreta. Não vá contando intrigas. Se tiver alguma pergunta ou alguma preocupação, não carregue com ela os criados ou Alex. Pergunte diretamente a mim. Entendemo-nos?

—Sim, Nicholas —Respondeu ela levantando-se o ver que se aproximava.

—Bem —Disse ele —Quero que esta associação seja agradável... Para nos dois.

Como se abatia sobre ela desde sua altura. Aqueles olhos fascinantes coroados com escuras pestanas que qualquer mulher invejaria eram ainda mais alarmantes de perto. Tinha-os entrecerrados, e a devoravam sob a luz da vela, provocando que o coração de Sara pulsasse com



força. Cheirava a limpo, a mar, com traçados de tabaco e a brandy recém bebido. Todo aquilo combinado com sua própria e quase feroz essência dava como resultado um efeito embriagador. Sara aspirou com força o ar e estendeu a mão.

Ele deu um passo atrás, rompendo o feitiço.

—Me desculpe —Murmurou —Eu não gosto que me toquem.

Alguém chamou então suavemente à porta com os nódulos, pondo fim àquela incômoda situação, embora não ao ofego de Sara, que deixou cair a mão a um lado.

—Entre! —Ordenou Nicholas.

A porta se abriu e entrou uma mulher gordinha de bochechas ruborizadas e vestida com uma sarja negra de aspecto rígido, touca engomada e avental.

—Por favor, acompanhe à baronesa Walraven a seus aposentos, senhora Bromley —Pediú — E ocupe-se de que Nell a atenda. Encarregue-se de que não lhe falte nada.

—Sim, senhor —Respondeu a governanta inclinando-se em uma reverência.

Nicholas se girou para Sara.

—É tarde —Disse —Deve estar esgotada. Espero-a no café da manhã. Se tiver mais perguntas, responderei então. Boa noite, Sara.

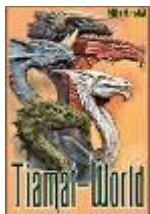
Despediu-a com uma breve inclinação, deu a volta e se dirigiu para a lareira, o olhar de obsidiana cravada nas faíscas que saíam disparadas de um tronco que tinha caído no ralo da chaminé.

Sara tinha perguntas... Muitas pergunta, mas não obteria respostas para elas naquele momento. A estranha entrevista tinha terminado, e seguiu à governanta para o corredor.

Nicholas tinha deixado claro que seu matrimônio seria só no o papel. Havia apontado de imediato, e ela o tinha recebido com uma mistura de sentimentos. Embora se preocupasse em compartilhar uma cama pela primeira vez com um autêntico desconhecido, sentiu-se mais decepcionada que aliviada ao saber que aquilo não formava parte do acordo. Por que aquele homem não queria ter um herdeiro? E mais, por que não queria sequer que o tocassem? Fazia um momento, Alexander Mallory tinha pegado sua mão e a tinha levado aos lábios antes que ela a oferecesse. Nicholas, embora fosse tecnicamente seu marido, tinha enfatizado que Sara devia dar a imagem de uma esposa, mas tinha rejeitado um inocente gesto de boa vontade para selar seu acordo.

Talvez tivesse se precipitado. Nicholas Walraven era um mistério, mas não havia nada oculto na situação de Sara. Todo mundo sabia que seu pai, ferido de guerra e renomado cavalheiro por seu valor depois servir sob as ordens de Wellington na península Ibérica, tinha morrido profundamente endividado, deixando a ela todas as cargas. Nicholas tinha pagado uma assombrosa soma de dinheiro para liberá-la... Muito mais do que teria tido que contribuir para casar-se com a filha de algum de seus pares.

Por que, com tantas boas perspectivas entre as que poderia escolher, tinha convertido a ela em sua esposa? Não podia ser unicamente porque seus pais serviram juntos em uma ocasião em terra estrangeira. Nicholas nem sequer tinha nascido então. Tinha que haver algo mais, mas, do



que podia se tratar?

Tampouco acreditava em sua pobre explicação para querer casar-se. Tinha deixado um vislumbre de que existia algo mais que isso. Por que não o tinha explicado? Por que tinha sido necessário um casamento por procuração? Por que não tinha escolhido conhecê-la antes de fazer seu pedido? O que a princípio tinha parecido a Sara uma resposta as suas preces estava cobrando agora dimensões mais escuras. O pior de tudo era o modo em que aquele homem estranho e enigmático tinha causado impacto nela no sentido físico. Isso era o mais aterrador de tudo.

—A suíte das tapeçarias, senhora —Disse a senhora Bromley, devolvendo-a de repente ao momento presente.

As janelas vibraram quando a governanta abriu a porta e caminhou como um pato pelo saguão que separava as salas para correr as cortinas do quarto. Mesmo assim, uma corrente de ar deslizou pelo chão, alvoroçando a barra do úmido vestido de viagem de Sara. No exterior, a rajada estava em pleno apogeu. A chuva golpeava contra os cristais, arrastada por rajadas de vento que gemiam como vozes humanas, e o bramido do mar subindo escarpado acima a congelou até a medula. Sara mal acabava de cruzar a soleira quando outro som rasgou o silêncio e provocou um tombo no coração: um uivo lastimoso parecido ao de um lobo retumbou pelo corredor. Sara ficou cravada no lugar.

—Sabia que havia um cão! —Gritou.

—É o vento, senhora, só o vento —Disse a governanta fechando a porta do quarto —Ecoa por estes velhos corredores como se fosse um furacão terrível.

—Isso não foi o vento —Insistiu Sara —Sei distinguir o uivo de um cão quando o escuto. Tínhamos um criadouro de cães, magníficos sabujos de caça... E cavalos. —Falava com voz entrecortada ao recordar. Teve que vender tudo, e mesmo assim não foi suficiente para pagar a dívida. Uma neblina nublou sua visão. Piscou para afastá-la de si. Quanto sentia falta de seus adorados sabujos. Perdê-los tinha quebrado seu coração. Nunca esqueceria o confuso olhar traído de seus olhos, seus gemidos e seus uivos quando seu novo amo os levou... Um amo cruel comparado com os mimos aos que estavam acostumados nas mãos de Sara. Mas não podia pensar nisso agora se não queria dissolver-se nas lágrimas que a ameaçavam.

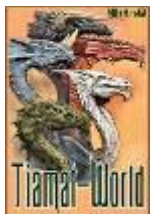
Uma donzela cruzou a toda pressa a porta do quarto adjacente. Tinha o rosto pálido como cera.

—Ah! Já está aqui —Disse a senhora Bromley —preparou a banheira da senhora?

—S... Sim, senhora —Respondeu a jovem fazendo uma breve reverência.

A governanta lançou um olhar severo, e a donzela suavizou sua expressão e lançou um débil sorriso na direção de Sara, embora seus olhos de mocho continuavam cravados na porta, como se esperasse que alguém aparecesse por ela.

—Bem —Disse a governanta girando-se para Sara —Essa é Nell, senhora. Sua donzela. Tem medo das tempestades, mas serve bem na casa, e servirá a você do mesmo modo —Olhou à donzela —E bem? Prepara a camisola da senhora, depois ajuda a banhar-se e a preparar-se para meter-se na cama. São mais de onze horas e nesta casa o dia começa muito cedo.



—S... Sim, senhora —Miou a jovem.

—A roupa que mandou trazer o barão está pendurada no armário —Explicou a governanta —Seus cosméticos estão na penteadeira. Se faltar algo o traremos de Truro, só tem que fazer uma lista e eu mesma irei, ou enviarei uma das donzelas.

—Estou segura de que tudo será mais que aceitável —Respondeu Sara.

Em comparação ao estado em que Mallory a tinha encontrado em Fleet, tudo seria uma melhoria.

Ao olhar ao redor, às tapeçarias penduradas das paredes, era fácil ver de onde vinha o nome da suíte. Mas Sara estava muito distraída para fazer justiça. Tinha o ouvido atento se por acaso escutava outro uivo do cão cuja existência todo mundo negava. Mas agora não se escutava nenhum som além do vento, agora sim, arrastando a chuva, estampando-se contra os cristais e gemendo ao redor das colunas.

Sara estremeceu e se dirigiu para o provador, onde esperava seu banho. Nell tinha deixado uma camisola marrom e um negligé sobre a cama. A senhora Bromley agarrou à donzela pelo braço, obrigando-a a segui-la, e a levou a um canto para lhe dizer algo em um sussurro. Estava claro que, fosse o que fosse, a intenção era que Sara não escutasse, assim as deixou ali. Estava desejando desfrutar do banho antes que a água esfriasse.

Sobre a água tinha espalhadas folhas de romeiro e de hortelã amassadas e Sara permitiu que a envolvesse enquanto Nell vertia umas gotas de óleo de rosas na mistura. O efeito resultou absolutamente maravilhoso, Sara gemeu quando a combinação de essências se abriu passo através de suas fossas nasais e o apreciado óleo suavizou a pele.

—Logo teremos pétalas de rosa autênticas —Disse a donzela —Este ano se atrasaram, houve muitos temporais. Quando estiverem florescendo, saberá. O vento expande seu aroma por toda a casa.

—O de antes não foi o vento, não é, Nell? —Perguntou Sara —Era um cão, não é certo?... E você também o ouviu, não é?

—Não sei a que se refere senhora —Disse a jovem —A única coisa que ouvi foi o vento. Eu tenho medo desde que arrancou o telhado da torre norte e o levou voando para o escarpado que fica mais à frente. O barão mandou que o arrumassem, mas isso não importa. Voltará a levantar-se. Tem sorte de que não a tenha alojado em uma dessas suítes da torre. Despertaria no meio do mar.

Sara não conseguiria nenhuma resposta daquela diminuída donzela, e estava muito cansada para discutir. O delicioso banho a tinha relaxado o suficiente para dormir e permitiu que Nell a ajudasse a colocar a camisola e lhe escovasse os cabelos.

—Que cor tão bonita, senhora —Comentou a jovem —Brilha como o ouro fiado sob a luz da vela. A maioria das damas os corta atualmente.

—Acha que eu deveria fazê-lo? —Perguntou Sara, recordando o comentário anterior de Nicholas.

Ainda não estava segura de se tinha querido dizer um elogio ou uma recriminação.



—OH, eu não me atreveria a dizê-lo, senhora —Respondeu donzela —Isso depende de você.

A decisão teria que esperar. A cama de quatro postes, que já estava aberta, era mais que convidativa, Sara se despediu de Nell, apagou as velas e se deslizou sob a colcha e os rangentes lençóis de linho. A suíte dava ao mar e o vento do oeste que levantava as ondas que batia com toda sua força contra aquela seção da casa. As cortinas, apesar de serem grossas, tremiam contra os cristais, as correntes de ar brincavam com o fogo da lareira jogando grandes sombras mogno para as tapeçarias das paredes. Sara fechou os olhos. Embalada pelo ritmo das ondas se rompendo na borda, tinha começado a dormir quando um ruído estranho se fez ouvir por cima da voz da tormenta, o som de uns arranhões na porta.

Sara tirou os pés por um lado da cama, mas vacilou antes de descer. Ratos! É obvio que tinha que haver ratos tão perto do mar! Estremeceu. Havia ratos em Fleet... Criaturas enormes, feias, peludas e negras. Com largas e magras caudas. Despertou mais vezes das que queria recordar com alguma delas subindo pelas pernas em meio da noite... Na escuridão. Arrepiou o pelo da nuca e conteve o fôlego, recordando.

Voltou a escutar aquele som e um frio aterrador se apoderou de sua espinha dorsal. Não provinha do interior da suíte. Havia algo fora arranhando a porta, se aproximou nas pontas dos pés para escutar. Conteve a respiração. Não se tratava de um rato arranhando o pavimento. Era algo... Maior.

Durante um momento se fez o silêncio.

—Quem anda aí? —Disse espectadora.

Não houve resposta, mas ela tampouco esperava tê-la. Aquele não era um som humano. Voltou a escutar. Desta vez foi um gemido e a rígida postura de Sara se relaxou. O cão é obvio!

Abriu o ferrolho, abriu a porta e ficou petrificada na soleira. Conteve o fôlego de novo ao ver-se frente a frente com o que parecia ser um lobo grande e negro. Mas seguro que se equivocava! Era um cão que parecia um lobo. Já não ficavam lobos na Inglaterra.

Durante um instante a criatura ficou olhando-a fixamente, seus olhos brilhavam em cor vermelha sangue à luz do fogo. Depois deu a volta e partiu, desaparecendo entre as sombras que rodeavam o patamar do segundo andar.

Capítulo 2

A tempestade seguia desatada quando Sara despertou ao amanhecer. Não tinha dormido muito. Tinha demorado um tempo antes de adormecer, depois que seu visitante noturno se foi, e embora ficasse deitada com os olhos totalmente abertos, na cama de mogno de quatro postes, esperando até altas horas da madrugada a que voltasse os arranhões, o animal não retornou. No mais profundo da noite, voltou a escutar o uivo em outro canto da casa... Foi um gemido comprido e lastimoso, como os que emitiam os cães... Não, os lobos, quando uivavam à lua. Mas não havia



nenhuma lua. Embora não tivesse havido uma tormenta tampouco se teria visto; era lua nova.

Sara estava ainda adormecida quando Nell veio ajudá-la a vestir-se e arrumar o cabelo. Sara escolheu, dentre a seleção que brindava o armário, um vestido de musselina com a cintura alta e desenho de espigas com toques azulados que complementava seu cabelo e seus olhos. Nell acabava de acrescentar uns laços a seu penteado recolhido para trás quando a senhora Bromley chegou para acompanhá-la à sala de café da manhã.

Lacaio vestidos com libré desfilavam uma variedade de pratos para o café da manhã, servidos em pratos quentes de prata colocados sobre o aparador.

Nicholas já estava servindo seu prato. Além de um educado “bom dia”, Sara se absteve de iniciar nenhuma conversa enquanto se servia de uma modesta porção de ovos cozidos, salsichas e um fragrante e quente pão-doce de queijo.

A mesa estava colocada frente a uma janela com sacada que dava ao pátio. Sara e seu recém estreado marido estavam sentados um em frente ao outro enquanto um lacai servia o café. Se não fosse pela tempestade, a janela teria mostrado uma vista espetacular do jardim. Mas em troca, pela bem aparada grama havia flores decapitadas espalhadas como se houvesse confete repartido pelo chão. Tudo ficava escurecido pela chuva que deslizava pelos cristais como se fosse um lençol. A cena se parecia muito a uma aquarela estragada.

—Espero que tenha dormido bem —Disse Nicholas rompendo o incômodo silêncio que havia entre eles.

—O certo é que não —Respondeu ela —Ontem à noite tive um visitante.

—OH? —Respondeu ele obsequiando-a com aquele fascinante olhar obsidiana.

Era ainda mais alarmante à luz do dia, mas o efeito que provocou nela foi o mesmo. Fez que o sangue corresse por suas veias mais rapidamente, e o coração começou a pulsar com força.

—Um cão —Afirmou Sara —Um cão negro e prateado que parecia um lobo. O mais estranho é que ninguém quer admitir que nesta casa haja um cão.

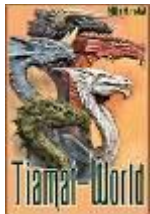
—Devia ser Nero —Disse Nicholas dando um sorvo a sua taça —Se supõe que não pode brincar de correr livremente pela casa. Tem que estar no andar de baixo. Supõe-se que os criados o têm que manter ali, e essa é provavelmente uma das razões pelas que negam sua existência. A outra, e mais importante, é que dei instruções para que não chamassem sua atenção respeito do animal. Não quero que o mime.

Nicholas franziu as sobrancelhas com gesto exasperado. Abriram as fossas nasais, e marcaram os suspensórios músculos da mandíbula.

—Falarei com o Smythe —Assegurou —Não voltará a te incomodar de novo.

—Não, se não me incomodou —Assegurou Sara —É um animal precioso. Eu adoro os cães. Em casa tínhamos muitos sabujos, eram maravilhosos. Tive que vendê-los. Isso foi o pior para mim. De que raça é Nero? Parece-se muito às imagens que vi de lobos... Havia algo em seus olhos...

—Não tenho nem ideia —Replicou seu marido terminando rapidamente sua salsicha. Que dentes tão brancos e bonitos tinha. Lástima que não sorrisse nunca.



—Apareceu um dia depois de uma tormenta ao outro lado do caminho, vinha do bosque e os criados tiveram piedade dele. Já sabe o que ocorre quando lhe dá de comer a um animal.

—Por favor, não o castigue por minha culpa —Pedi Sara.

—O que te faz pensar que vou castigá-lo? —Perguntou Nicholas com o garfo suspenso no ar.

—Eu... Não, o que quero dizer é que...

—Sim?

—O olhar que tinha agora mesmo —Disse —Me deu a impressão de que você não gosta de muito dos cães.

Nicholas parecia zangado, e ela não sabia como voltar a pôr o pé em terreno firme. Aquele não era um bom modo de começar, e desejou não ter tirado o tema.

Ele não disse nada mais. Depois de dirigir aquele expressivo olhar durante mais tempo do que Sara podia suportar, arpoou a última parte de salsicha que ficava no prato com uma forte estocada do garfo e continuou comendo.

—Meus aposentos são preciosos —Disse ela tratando de encontrar um terreno neutro.

A conversa precisava tomar uma direção nova.

—Alegra-me que você goste —Respondeu Nicholas atacando os ovos com o garfo —Há algumas reproduções, mas a maioria das tapeçarias são muito antigas. Meu pai as colecionava.

—Não tive ainda a oportunidade de admirá-las —Admitiu —O farei depois de tomar o café da manhã.

Ele negou com a cabeça.

—Depois do café da manhã a senhora Bromley te mostrará a casa —Disse —É obvio, aqui está em sua casa e é livre, mas como te disse ontem à noite, há certos locais que não são seguros. Por favor, preste muita atenção às diretrizes.

—Farei-o, é obvio —Disse Sara concentrando-se no café da manhã.

Nicholas já quase tinha terminado seu prato e estava se entretendo com uma segunda xícara de café, esperando que ela o alcançasse. Ao menos era um cavalheiro. Não havia nada que reprovar em suas maneiras.

—Meu guarda-roupa é excelente, Nicholas —Comentou Sara.

Parecia que ele havia se abrandado de certa forma, uns quantos cumprimentos bem colocados não fariam mal.

—Também tenho joias para você —Respondeu Nicholas por cima da borda de sua xícara de café.

—OH, isso não é necessário —Protestou ela.

—Sim, é. Deve se vestir e agir segundo seu papel, Sara, e se houver algo que falte no que te proporcionei até o momento não tem mais que me dizer isso.

—Estou segura de que não esqueceu nada, mas...

—Mas o que?

—A senhora Bromley disse que se houvesse algo que tivesse passado por cima, ela ou alguma das donzelas o traria de Truro...



—Sim.

Sara vacilou.

—Não me permite ir às compras?

—Não sem companhia —Respondeu Nicholas torturando-a de novo com aqueles olhos — Não é seguro, nem tampouco apropriado. Deixando a um lado o decoro, Cornualha está infestado de ladrões de carteira e bandidos, e não tenho nenhuma escolta masculina que possa te acompanhar. Estamos com falta de pessoal. Seria mais conveniente que os criados se encaregassem de suas necessidades. Fazem viagens com regularidade para trazer provisões.

—Entendo.

—Parece-me que não —Continuou ele —Não está aqui como prisioneira, Sara, se isso é o que está pensando. Mas agora é a baronesa Walraven, e deve se comportar de acordo a sua posição.

Sara não importava muito com “o decoro”. Aquele homem tão paradoxal com o que se casou tinha uma veia arrogante, mas isso era de se esperar. Aquela era apenas sua segunda conversa e ela já tinha arrumado para zangá-lo uma vez. Uma coisa estava clara: se Nero voltasse a lhe fazer uma visita noturna, calaria-se. Não se surpreenderia se Nicholas Walraven o encadeasse, ou que castigasse o pobre animal... Ou em sua raiva... aos criados, e Sara não poria a nenhum deles nessa situação.

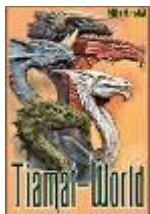
—Duvido que haja necessidade de enviar alguém a procurar alguma coisa, Nicholas —Disse —Estou certa de que se ocupou de tudo.

Ele a observou durante um instante e depois voltou a centrar-se no que restava do café da manhã, dando a Sara a oportunidade de fazer o mesmo, já que seguia sem poder olhá-lo nos olhos. Observou o modo em que seus músculos se esticavam sob o tecido de algodão que cobria os bíceps e os ombros, admirou o modo em que seu cabelo negro como a noite caía pela testa com ondas suaves e brilhantes, e encheu os olhos com tudo isso, já que provavelmente não teria oportunidade de fazê-lo em outras circunstâncias. Estava muito longe para poder aspirar seu aroma, mas isso não importava; seguia tendo-o dentro dela. Assim tinha sido durante toda a noite. Suas angulosas feições, a forma da mandíbula e a suave saliência de sua testa eram sinais de força; mas os olhos, apesar de tanto brilho, possuíam um ponto vulnerável e triste. Sara o conhecia bem. Tinha-o visto em seus próprios olhos.

Quando terminou de comer, Nicholas levantou a vista de sua xícara de café e a descobriu o olhando. O sangue de Sara subiu quente às bochechas, e o garfo repicou contra o prato quando tratou de deixá-lo sobre mesa. O coração deu um tombo. Sentia-se fisicamente atraída por aquele homem. Isso não podia ser. Não o permitiria. Não existia nenhuma esperança de que acontecesse nada físico entre eles... Ele tinha deixado isso muito claro. Teria que proteger-se. Uma atração unilateral só podia significar sofrimento para o coração, e ela já tinha tido suficiente.

—Ocorre algo? —Perguntou Nicholas.

—N... Não —Respondeu ela —É só que... Tudo parece irreal em certo modo. Faz uma semana estava comendo pão mofado e uma espécie de mistura para porcos que se fazia passar por



guisado, tinha que esquivar dos ratos e a indivíduos nauseabundos e desagradáveis naquele lugar... E agora isto. Deve ser paciente comigo. Preciso tempo para me adaptar.

—Fizeram-lhe... Mal? —Perguntou ele franzindo o cenho de tal modo que seus olhos ficaram ocultos entre sombras.

—Não, fisicamente não —Respondeu Sara —Mas manter-se a salvo do perigo era toda uma provação.

Isso não tinha mudado. Podia haver mais perigo ali em Ravenscliff de que havia em Fleet... Embora não houvesse ratos nem vagabundos.

—Tem mais alguma pergunta? —Quis saber Nicholas.

Sara abriu a boca para falar, mas pensou melhor, o que fez com que ele levantasse as sobrancelhas. Tinha muitas perguntas, e havia outras que surgiam a cada instante, mas aquele não era o momento para expressá-las em voz alta. Sara se perguntou se alguma vez seria o momento. Nicholas a observou com aquele modo seu inimitável durante um instante antes de dobrar o guardanapo e deixá-lo ao lado do prato.

—Muito bem —Disse —Irei procurar à senhora Bromley para que te mostre a mansão. Depois da visita, tome uns instantes para contemplar as tapeçarias. Acredito que as encontrará... Reconfortantes.

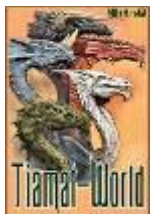
Aquilo teria que esperar. Uma ordem silenciosa, que tinha dado ao mordomo um momento antes, trouxe a governanta antes que se levantassem da mesa. Depois de esboçar uma respeitosa reverência, Nicholas saiu da sala e desapareceu entre as sombras que se abatiam por toda parte, dia e noite, sobre a velha mansão.

A senhora Bromley era uma excelente guia. Em menos de uma hora tinham visitado a sala de jantar, o salão, várias salinhas, o gabinete, a biblioteca e a sala de música do primeiro andar. Embora mostrasse a porta verde situada ao lado da grande escada que estavam subindo, que separava a parte nobre da zona dos criados, a governanta não se ofereceu a mostrar a Sara aquela zona. Resultaria inapropriado e suporia uma mácula na etiqueta da casa que o senhor ou a senhora da mansão se aventurassem escada abaixo.

O segundo andar estava composto de quartos e suítes como a sua. Cada uma tinha um tema, e Sara limitou-se unicamente a colocar a cabeça para identificá-las, assim que a visita naquele local foi muito breve. Quando se dirigiu para o patamar do terceiro andar, a governanta a impediu.

—Não pode subir aí acima, senhora —Disse —Esse local da casa está restringido... Não é seguro aparecer por aí. As tormentas provocaram danos na parte superior da mansão com o passar do tempo, e o barão não quer que suba e se machuque. Além disso, a dele é a única suíte que se utiliza ali acima. As demais foram fechadas depois da morte de seu pai. Todo o terceiro andar se virá abaixo algum dia, embora estejam construídas em pedra de granito, recorde minhas palavras. De fato, a do barão é a única suíte desse andar da torre, que dá para mar, que não perdeu o telhado durante as tempestades.

—Por que diabo tem sua suíte em um local tão perigoso quando há tantas suítes bonitas no segundo andar para escolher? —Perguntou Sara pensando em voz alta.



—Não sei senhora, o barão é um homem de costumes. Teve seu quarto ali acima desde que eu cheguei a esta casa faz vinte e quatro anos e ele era um moço de doze. Gosta de estar sozinho.

—Quanto tempo esta casa tem, senhora Bromley?

—Ouvi o barão dizer que a escavaram no recife, construíram-na em sua mesma rocha quando vieram os normandos, ao menos seus alicerces são daquela época... Inclusive anteriores, pelo que sei. Foi mudando com o passar do tempo, é obvio. Começou sendo um castelo, passados os anos, converteu-se em um monastério, depois em abadia e depois em um priorado, entre outras coisas. Escavou-se mais rocha com o passar do tempo, acrescentaram-se cômodos, construíram-se estábulos, compartimentos exteriores e cercas de pedra até que chegou a ser o que é hoje, e o que foi durante os últimos duzentos anos... A mansão de Ravenscliff. Sem contar com os reparos para restaurar os danos da tormenta, é obvio.

—Deve ter uma história fascinante se foi construído antes da conquista normanda —Disse Sara tentando imaginar.

—Na biblioteca há livros que podem te contar muito mais coisas que eu possa dizer.

—Sem dúvida tirarei proveito deles —Assegurou Sara.

—Sim, senhora. Há tempo de sobra antes do almoço para que se possa jogar uma sesta —Ofereceu a governanta —Ninguém a incomodará. Nell irá procurá-la quando for a hora.

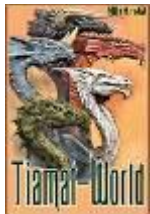
—Obrigado, senhora Bromley. Acredito que farei isso —Disse Sara.

Mas não tinha intenção de deitar. O comentário de Nicholas em relação às tapeçarias a tinha deixado intrigada. Em particular, a utilização da palavra “reconfortante” tinha despertado seu interesse. Sara despediu da governanta e se dirigiu de retorno a sua suíte.

A tempestade seguia jogando lençóis de chuva sobre as janelas. Fustigadas pelo vento, as ondas que caíam em cascatas obscureciam as vistas. Dava no mesmo. Tudo era escuro e deprimente. O certo era que Sara não podia imaginar como seria aquele lugar sob a brilhante luz do sol. Aquela mansão envolta em sombras parecia sentir-se cômoda com o mau tempo.

O fogo da lareira estava aceso, e lançava vibrações de calor para a corrente de ar que se filtrava através dos muros que penduravam as tapeçarias. Estes se estremeceram, chamando a atenção de Sara, que agarrou um candelabro e começou com a inspeção. As épocas que representavam oscilavam entre a época medieval e o renascimento, passando pelo tema pastoral. Todas as tapeçarias tinham umas cores comuns: tons de verde claro, creme, e várias gamas de azul. O tema era sempre o mesmo: a caça. Sara estava rodeada de cães e cavalos, entre eles, os trabalhos do Detti, Oudry e Bernard Van Orley. Cada um era mais esplêndido que o anterior, mas o mais esplendoroso de todos estava pendurado ao lado da cama: uma assustadora interpretação de Diana guerreira com seus nobres sabujos.

A Sara tremeu o candelabro na mão. Aquele homem estranho com o que se casou era um santo ou um demônio? Parecia tão austero, e agora aquele terno consolo... A tinha rodeado dos animais amava e que tinha perdido. Tinha-lhe atribuído aquela suíte antes sequer de que ela chegasse. Tinha sabido. Que mais coisa sabia? Os olhos encheram de lágrimas; as tapeçarias ficaram nubladas. Sara piscou para livrar-se de sua dor e se aproximou da salinha de sua suíte, que



estava igualmente decorada. Chamou-lhe a atenção uma deliciosa peça medieval que representava a caça de um unicórnio, e passou a ponta dos dedos pela imagem dos cães que havia abaixo. Por toda a sala saltavam unicórnios e cavalos, seguidos pelos cães. Sara se esqueceu da tempestade e foi parede por parede e sala por sala de sua espaçosa suíte, absorvendo tudo até o mais mínimo detalhe.

Capítulo 3

Sara estava desejando que Nell viesse recolhê-la para o almoço do meio-dia para assim poder agradecer a Nicholas por sua consideração, mas a sala de cafés da manhã estava vazia quando ela chegou.

Seu marido tampouco desceu para jantar aquela noite, e Sara enfrentou sua ausência com emoções conflitantes. Por um lado, desejava utilizar as tapeçarias como um meio para suavizar a tensão, aquela estranha pressão que tinha ido crescendo entre eles desde o primeiro momento. Havia algo em sua voz, em seus olhares furtivos, que a fazia ficar na defensiva e desejar ter mais experiência com os homens. Dava a impressão de que seus olhos dissessem uma coisa e os lábios outra. Parecia um homem carregado de contradições. Por outro lado, alegrava-se de que não estivesse, porque assim tinha tempo para reunir a coragem necessária para expor as questões que a perturbavam desde sua chegada à mansão de Ravencliff. Não o tinha enganado. Ele sabia que tinha perguntas. E certamente teria tanta vontade de responde-las como ela de fazê-las.

A senhora Bromley não soube dizer por que Nicholas não tinha feito sua aparição durante o almoço nem no jantar, só contou que muitas vezes saltava as refeições, e que não devia tomar como algo pessoal.

Fossem quais fossem suas razões, para Sara parecia má educação. Deveria ter enviado suas desculpas, e sentiu vontade de entrar em seu escritório e fazê-lo saber. Ali era onde dava por feito que estivesse, já que viu um feixe de luz de vela sob a porta quando desceu para jantar.

Depois do jantar, decidiu fazer justo isso, mas a porta do escritório estava entreaberta e as velas apagadas, ao parecer recentemente a julgar pelo forte aroma de fumaça e a sebo que havia no úmido ar. Sara agarrou o trinco, abriu um pouco mais a porta e colocou a cabeça para dentro. O fogo da lareira se extinguiu até ficar convertido em brasas candentes que jogavam luz justa para mostrar que a sala estava vazia. As botas altas de Nicholas estavam ao lado da poltrona, e no chão havia um vulto que parecia ser algumas de suas roupas. As botas estavam cobertas de barro, e a roupa parecia molhada. Tinha estado fora com aquela tempestade? O que estava fazendo ali sua roupa? Tinha-a deixado para que a recolhessem seus criados? Estaria acostumado a trocar-se no escritório? Sara conteve o fôlego. Poderia estar retornando! Um calafrio se apoderou dela ao imaginar que pudesse encontrá-la ali, voltou a deixar a porta tal e como a tinha encontrado. Olhou a um lado e a outro do corredor e esquadrinhou entre as sombras, mas nada se moveu, assim



correu para a grande escada e se dirigiu diretamente a sua suíte.

Ao cruzar o pequeno saguão, girou à direita e abriu a porta do quarto, onde Nell tinha feito a cama e estava colocando em cima sua camisola de seda e o negligé.

—OH, senhora! —Disse a donzela —Parece que acabou de ter visto um fantasma!

—Nada disso —Respondeu Sara —Subi as escadas muito rápido depois de ter comido.

—Se você o disser, senhora...

—Quanto tempo leva servindo aqui, Nell? —Perguntou Sara.

—O suficiente para saber que as histórias de fantasmas são verdade —Assegurou a donzela dirigindo um olhar furtivo pelo quarto.

—Eu não ouvi nenhuma dessas histórias.

—Ouvirá. Pergunte a qualquer dos criados, eles as contarão. Nesta velha casa há idas e vindas muito estranhas, senhora, já o verá.

Sara não discutiu aquele ponto nem um instante, embora não estava preparada para assimilar a ideia dos fantasmas. No que se referia a ela, o enigmático barão Nicholas Walraven estava atrás daquelas “estranhas idas e vindas”, e aquilo era mais aterrador que os fantasmas.

Ainda era cedo e não estava cansada, mas queria estar sozinha para colocar em ordem seus pensamentos. Isso significava dizer a Nell que partisse. Deixou que a donzela a ajudasse a se trocar e escovasse o cabelo, que chegava até a cintura, frente a penteadeira do trocador e depois deu boa noite. Apagou as velas do trocador e voltou a sair ao saguão para dirigir-se a seu quarto quando topou de frente com o Nero, sentado sobre as patas traseiras em meio do tapete persa, observando-a com aqueles olhos como espelhos que brilhavam vermelhos à luz do fogo.

—Nero? —Gemeu —Me assustou. Como entrou aqui?

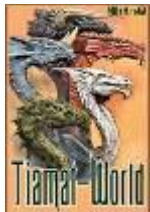
Deu um passo para ele com precaução, mas o animal não fez nenhum movimento hostil e Sara se aventurou ainda mais perto.

—Não deveria estar aqui e sabe, mas não direi a ninguém. —Agachando-se para ficar a sua altura, estendeu o braço para acariciar sua peluda pelagem negra —Está completamente ensopado! —Descobriu —Você também esteve fora com esta tempestade? Assim por isso a roupa do barão está toda molhada. Saiu para te buscar, não é? E você escapou dele. Bem, pois não deve te encontrar aqui. Sabe que me visitou ontem à noite, e será o primeiro lugar que olhará —Sara se incorporou e se dirigiu para o saguão —Vamos, veem comigo.

Nero vacilou, depois ficou de quatro patas e se dirigiu para ela. Sara voltou a conter o fôlego ao observar atentamente o animal... Suas patas largas e musculosas e o corpo de peito largo; o modo em que elevava a cabeça e a maneira em que aqueles estranhos olhos que a olhavam fixamente captavam a luz do fogo. Resultava impossível averiguar de que cor era realmente.

—É um cruzamento de lobo, não é? —Murmurou —Se não soubesse que é impossível...

A porta do corredor estava entreaberta. Sara teria jurado que a fechou antes. Abriu-a em sua totalidade, mas o animal ficou onde estava. Tinha um aspecto fraco e faminto. Fossem quais fossem suas condições naquela casa, Sara estava convencida de que não o faziam feliz absolutamente. Também era óbvio que estava sozinho, porque tinha ido procurar por ela, uma



completa desconhecida, e se perguntou quando teria sido a última vez que comeu.

—Não lhe dão de comer, Nero? —Perguntou.

Ela não terminou todo o prato do jantar, e lamentou não ter pensado em guardar algo em um guardanapo para ele, já que confiava em que retornasse.

—Não tenho nada para você agora —Disse —Mas da próxima vez que me visite, terei... Prometo. Agora tem que voltar para as habitações dos criados antes que alguém te pegue. Vamos! —Ordenou fazendo um gesto com a mão para que partisse. Mas ele permaneceu onde estava, observando-a com aqueles penetrantes olhos vermelhos como o fogo.

Que expressão tão comovedora para um cão. É obvio, não podia entender o que estava dizendo, mas Sara estava convencida de que responderia a seu tom. Ela sabia como acalmar os cães, e também os cavalos, a verdade. Mas aquele cão era... Diferente. Parecia compreender cada palavra.

—O que vou fazer com você? —Sara torceu o gesto —Não pode ficar aqui. Um latido, um gemido, e nos descobrirão. Então me chamarão a atenção, e só Deus sabe o que será de você.

Nero seguia sem mover-se, e Sara colocou a cabeça pelo corredor. Havia suportes com candelabros pelos muros, mas só a metade estava acesa. Olhou para ambos os lados. O corredor estava deserto. Agasalhou-se em seu negligé para proteger-se das correntes e cruzou a soleira.

—Suponho que posso te levar ao local dos servos —Disse —Não está tão longe. A porta estará sem dúvida fechada, e não tem outro modo de chegar abaixo, verdade? É isso o que está tentando me dizer, Nero? O que quero saber é como saiu. Deve haver outra entrada. Suponho que não me mostrará isso, não é menino?

O animal não fez ameaça de obedecer. Tocou-lhe a mão com seu frio e úmido focinho e a seguiu pelo corredor.

—Sim, eu também gosto de você, pobre e desventurada criatura —O tranquilizou despenteando a lançada pelagem —Bem, vamos lá, temos que fazer isto rápido.

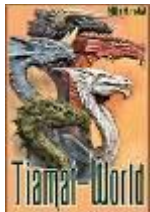
Nero avançou a seu lado. Suas unhas não faziam nenhum som ali, ao contrário que no corredor de baixo, onde não havia tapete, embora Sara podia escutar suas pegadas igualmente. Tinham chegado quase ao patamar quando ele pôs-se a correr e a adiantou.

—Nero! —Gritou Sara tão alto quanto se atreveu.

Havia muitíssimo eco na casa, amplificado pela tormenta, e as vozes se ouviam muito.

—Volta aqui! —Entretanto, o animal seguiu correndo para o patamar e desapareceu entre as sombras.

Sara o perdeu de vista antes que chegasse à escada, e correu para descer para o patamar do primeiro andar, mas a porta verde que levava a zona dos serventes estava fechada, como ela imaginava, e Nero não estava à vista. Por que não tinha levado um candelabro? Os corredores que ficavam além dos quartos dos criados estavam tão negros como o carvão. Sara se aventurou a meio caminho de um, chamando Nero em um rouco sussurro, mas não havia nem rastro dele, e deu a volta quando esteve a ponto de cair sobre um banco. Não serviu de nada; o cão não estava. Por que não a tinha esperado... Ou tinha respondido a seu chamado? Parecia um animal muito



inteligente. Estava segura de que a tinha entendido.

Quando chegou à porta verde, tratou de girar o trinco. Estava fechada. Não havia nada que pudesse fazer agora por Nero, nem que o encontrasse. A menos que um dos criados tivesse aberto quando desceu, ia passar a noite fora, e rezava para que Nicholas não o encontrasse.

Não ficava nada mais a fazer além de retornar a sua suíte, se dirigiu para o patamar, mas se deteve com a mão paralisada na balaustrada. Nicholas estava descendo pelas escadas do terceiro andar, descalço e com um robe de seda granada. Aberto na frente, deixando ao descoberto uma sombra de pelo escuro que diminuía até converter-se em uma linha estreita como uma flecha que desaparecia sob o cinturão. Quando tomou a curva, Sara espiou a ver uma perna bem formada e algo mais. Não levava nada debaixo. Ela conteve o fôlego com um gemido estrangulado, levou a mão aos lábios... embora não a tempo de evitar que escapasse um gemido.

Nicholas se deteve três degraus a cima dela e apertou com violência o cinturão do robe. Tinha o cabelo revoltado e úmido, caído sobre a testa, e seus olhos eram dois objetos escuros e entrecerrados que obrigaram Sara a afastar os seus. Nicholas não disse nada no início, e quando ela se atreveu a voltar a olhá-lo, viu que a estava observando de cima abaixo. Sara estava situada debaixo de um dos suportes. Ao baixar a vista, deu-se conta de que sua camisola era transparente à luz das velas. Nicholas estava vendo tudo, e ela fechou o negligé com as duas mãos.

—Posso te ajudar em algo, Sara? —Perguntou ele descendo até o patamar.

—N... Não, obrigado —Respondeu ela —Só estava subindo.

Teria saído isso tão ridículo para o Nicholas como para ela, considerando seu traje? Nicholas estava muito perto. E se abatia sobre ela de sua grande altura. Sua essência a afligia, aquele aroma único, acrescentado pelo forte sabor do sal marinho, o vento e a chuva. Ela tinha razão; tinha estado fora, e provavelmente descia para recolher a roupa que tinha deixado com antecedência para trás, para não encher a casa de barro.

—Não deveria descer sem supervisão até que te familiarize com a casa —Disse, fazendo que Sara se detivera sobre seus passos —Estes corredores não se utilizam depois de limpar a sala de jantar, e mal estão iluminados a estas horas.

—Sem supervisão? —Repetiu ela.

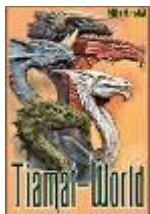
—Sim. Não posso permitir que ande perambulando pelo perigo na escuridão.

—Eu não perambulo, senhor —Espetou Sara.

Primeiro falava de como comportar-se, e depois dizia que não se movesse sem supervisão? Aquele homem não era certamente um perito em diplomacia.

—Estou me dando conta de que sua escolha de palavras não sempre é afortunada, senhor.

—Nicholas —A corrigiu ele —Lamento que meu vocabulário te ofenda, mas nunca fui dos que se andam com rodeios. Há perigos nesta velha casa. Taboas soltas, pregos oxidados. —Assinalou para os pés nus de Sara —Móveis velhos e pesados que podem bater nesses bonitos dedos. Percorre tudo o que queira durante o dia, quando puder ver os ossos, mas por favor, não vá por aí de noite... Sem companhia, se essas palavras se ajustarem melhor a sua sensibilidade. Não temos médico em casa, e o mais próximo se encontra em Bodmin Moor. O que está fazendo aqui



embaixo?

Sara tinha acreditado que não fizesse aquela pergunta. Não trairia Nero... Não o faria nunca, embora teve que fazer um esforço para não perguntar a seu marido pela condição do animal. Só os lobos tinham um aspecto tão selvagem, não os cães. Sara tinha visto desenhos dessas criaturas nos livros da biblioteca de seu pai. Nero parecia saído diretamente de suas páginas.

—Eu... Não podia dormir, assim descí a procurar um livro na biblioteca —Disse utilizando como desculpa a lembrança que tinha surgido na mente.

—Não te levou a senhora Bromley a dar uma volta para que conhecesse a casa? A biblioteca está na ala sul, ao lado do salão.

—S... Sim, o fez. Devo ter me perdido, e já me tinha rendido. Percorremos muitas salas, e tudo parece diferente de noite.

—Isso é exatamente o que eu penso —Disse ele —Pode encontrar o caminho de volta a seus aposentos?

—É obvio —Espetou ela, e começou a subir.

Mas a voz profunda de Nicholas a fez dar a volta outra vez.

—Sara, temos que falar —Disse.

—Agora? —Ela conteve o fôlego e o olhou da cabeça até a ponta dos pés, com os olhos totalmente abertos pelo assombro.

—Não, agora não —Respondeu ele com os lábios franzidos no gesto mais parecido a um sorriso que tinha visto fazer Sara, embora se tratava de um sorriso de exasperação —Me ficou claro que temos que ampliar a conversa de nossa última noite. Tocamos o tema das normas da casa, mas o que precisamos estabelecer são... As normas do dia a dia. Não descerei para tomar o café da manhã, mas se quer te reunir comigo depois do almoço em meu escritório, poderemos falar a sós. Preferiria que os criados não estivessem a par de nossa conversa.

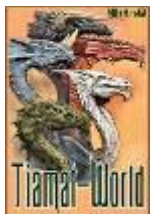
—Tem certeza que vai descer para almoçar amanhã, Nicholas? —Perguntou Sara recordando sua descortês ausência da mesa durante todo o dia.

—Ah! Minhas desculpas —Disse ele —Surgiu algo inesperado que não podia atrasar e que me impediu hoje me reunir contigo para almoçar e para jantar. Isso acontecerá de vez em quando. Deveria ter enviado minhas desculpas. Por favor, perdoa minha falta de maneiras. Tratarei de me comportar de forma mais cavalheiresca no futuro.

—Então... Depois do almoço, em seu escritório —Concordou ela —Boa noite, Nicholas.

—Boa noite, Sara.

Então partiu, mas o profundo e sensual eco de sua voz permaneceu quando partiu, alterando o equilíbrio de Sara. Igual à imagem daquele corpo magro, musculoso e coberto de suave pelo meio exposto sob a luz das velas. Que bonito era, despenteado pelo vento, aquele homem tão estranho com o que se casou. Seu aroma ainda seguia com ela, ao redor dela... Dentro dela. Aspirando com força o ar, encheu os pulmões. Sim. Sentia-se atraída por aquele homem, mas ele não a desejava. O que queria dela não estava muito claro ainda. Talvez no dia seguinte Nicholas respondesse a suas perguntas. Talvez no dia seguinte ela reunisse a coragem para expor



aquele momento, enquanto se aproximava de sua suíte, Sara rezou para não encontrar Nero sentado sobre suas patas traseiras no saguão. Graças a Deus, estava vazio.

Capítulo 4

Sara escutou de novo o uivo quando a noite chegava a seu fim. Arrancou-a de um sono profundo, e se dirigiu para a porta, mas não havia nem rastro de Nero no deserto corredor. O teria sonhado? Não. Tinha sido muito intenso, lastimoso e triste, e tinha encolhido o coração. Tinha estabelecido um laço com aquela criatura, e se algo chegasse a ocorrer, o coração de Sara voltaria a romper-se de novo justo quando tinha começado a curar-se. A inesperada aparição de Nero em sua vida tinha acalmado a solidão de sua estranha situação: casar-se com um marido que não era um marido, que não mostrava o mais mínimo afeto por ela... Que nem sequer queria que o tocasse. Como ia suportar perder agora a reconfortante presença do cão?

Não mencionou Nero durante o almoço. A maior parte da refeição transcorreu em silêncio, embora a ela não passasse despercebido que os expressivos olhos de Nicholas a estavam observando do outro lado da mesa. Ali estava outra vez aquele olhar... Não o tinha imaginado. Havia algo oculto naqueles olhos, algo velado embora profundo, como se estivesse lutando com algum demônio interior. Aquele olhar hipnótico era tremendamente suave e intenso, sedutor e frio tudo ao mesmo tempo. Como era possível? Mas assim era. Se ao menos pudesse decifrá-lo...

A tempestade se esgotou finalmente durante a noite. Ao amanhecer a chuva tinha parado, e o vento se transformou em um murmúrio suspirante. Embora o mar que bramava abaixo na praia seguia tendo uma voz aterradora, tinha parado de subir pelo velho muro de defesa e de lançar espuma para o céu, para os corvos de pedra escavados nos pináculos. O sol era outra questão. Umas persistentes nuvens escuras seguiam pendurando pesadamente sobre o horizonte, contribuindo ao lúgubre ambiente do dia. Sara observou como Nicholas atiçava o fogo da lareira do escritório em uma vã tentativa de espantar a umidade que impregnava a velha casa. Também se deu conta de que a roupa molhada e as botas cheias de barro já não estavam.

—Não precisa estar tão séria —Disse incorporando-se com toda sua altura depois terminar de atiçar o fogo —Não tem nada a temer de mim, Sara. Isto não é a Inquisição, sabe? Confio que quando sair hoje desta sala nos entendamos melhor um ao outro, nada mais.

—Não tenho medo de você, Nicholas —Disse.

Aquilo era verdade pela metade. Tinha muito medo da atração que sentia por aquele homem, porque não era correspondida.

—Foi mais que generoso, e me salvou de uma existência de pesadelo, por isso te estou extremamente agradecida. É só que seus motivos não estão... Muito claros.

—Meus motivos são suspeitos, quer dizer.

—Como preferir.



—Entendo. Tem perguntas. Começemos então por elas, certo? —Nicholas tomou assento ao bordo do escritório, como tinha feito durante seu primeiro encontro.

As cadeiras eram um objeto inútil para aquele homem.

Sara cruzou as mãos sobre o colo e tratou de não enrugar o vestido azul de algodão grosso que tinha escolhido para a ocasião. Confiava em que fosse ele quem comesse. Aquilo ia ser difícil.

—Muito bem —Disse —Me desculpe, mas não parece a espécie de homem que precise escolher esposa em uma prisão para devedores. Com tantas damas formosas e casadoiras como há na temporada de baile, por que eu?

—Não estou interessado em juvenzinhas de cabeça oca que desfilam pela cidade como isca para maridos. Parecem cavalos de corridas dispostos a sair de seus postos.

—E não poderia ser que pensou que alguém a quem tinha liberado de Fleet se inclinaria diante todos seus desejos?

—Isso é insultante, não só para mim, mas também para você.

—E então, do que se trata? Deve admitir que tudo isto é muito estranho, no mínimo.

Nicholas vacilou.

—De acordo —Disse —Se tiver que ser completamente sincero, admito que tem razão em parte. Confiava em que alguém que estivesse em dívida comigo se mostraria mais inclinado a aguentar minha... Idiossincrasia, mas não permitirei que isso me condene. Disse o que procurava em uma esposa. Que a tenha encontrado em Fleet e não em um clube social não tem importância. Encontrei-a... Fim do assunto. Dou por encerrado, há algo mais?

—Sim —Disse Sara com toda a confiança em si mesma que pôde reunir —É difícil aceitar que não queira um herdeiro —Tinha chegado muito longe... Muito longe para deter-se agora —Um aristocrata atraente e próspero como você, um homem com propriedades e riqueza, sem dúvida necessita a alguém a quem poder deixar tudo.

Nicholas voltou a vacilar.

—Meus motivos são... Privados, Sara —Disse.

—Mas estamos casados, Nicholas.

—A pessoa casada se guarda coisas para si mesmo, e isto não é um matrimônio ao uso. Tem que aceitar isso.

—Posso aceitar tudo que seja capaz de compreender —Se atreveu a dizer —E isto não entendo! Vai além de minha compreensão. Permite-me que seja sincera?

Nicholas riu entre dentes sem indício de humor.

—Estou seguro de que o vai ser, tanto se lhe permito isso como se não.

—É pouco afortunado que me obrigue a levar a iniciativa nesta conversa. Isso me ofende e não te perdoarei por isso, estou segura, porque me poderia evitar isso facilmente. Pediu-me que te perguntasse minhas dúvidas...

—Assim é —Respondeu ele —Mas não te prometi que te responderia. Mas não permita que isso te detenha. Fala com liberdade.



—De acordo, já que insiste... Prefere... A companhia dos homens? —Espetou.

Pronto! Havia dito. Talvez a chave para conversar com aquele homem era permitir que a ira se apoderasse de suas palavras.

Nicholas riu então... Foi uma gargalhada rica, profunda e rouca que ressoou pelo corpo de Sara até os pés como a convulsiva vibração de um tambor. Era a primeira vez que o ouvia rir, e fez ilusão apesar de seu sarcasmo.

—Se fosse tão simples... —Disse quando foi diminuindo a gargalhada —Não, Sara —Assegurou —Não prefiro a companhia dos homens.

—Então, o que ocorre? Não se trata só do assunto do herdeiro. Não tem interesse em... Compartilhar a cama com...

—Não disse que não tenha interesse —A interrompeu ele —Disse que isso não formaria parte de nosso acordo.

—Não ande com rodeios comigo, Nicholas. O resultado é o mesmo. Sou tão pouco satisfatória em algum sentido? Não sou o que esperava? Tenho o cabelo muito comprido segundo a moda atual? Tem uma amante?

—O que?

—Pelo amor de Deus, é natural que tenha curiosidade sobre estes assuntos. Tenho que ter muito claro o que posso esperar desta união. Assombra-me que não tenha explicado você primeiro para me economizar a vergonha de ter que tirar eu o tema desta maneira.

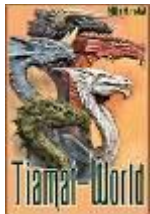
Nicholas desceu da escrivaninha com um movimento que parecia mais animal que humano, e deu um passo para ela. Aquele estranho olhar tinha voltado para seus olhos. Durante um instante, Sara esteve convencida de que ia se jogar sobre ela, assim que levantou de um salto da cadeira e a colocou entre eles.

A postura de Nicholas veio abaixo, e afastou o cabelo da testa. Brilhava pelo suor.

—Não, Sara —Disse —Não é pouco satisfatória em nenhum sentido e não tenho nenhuma amante. Tampouco foi escolhida de Fleet ao azar. Não permitirei que pense isso. Acreditei que tinha deixado claro em meu pedido de matrimônio que nossos pais eram velhos amigos. Confiava em que tranquilizaria sua mente saber que havia uma espécie de vínculo entre nós, embora fosse frágil.

—Mencionou-o, sim, mas, como estava a par disso? Aconteceu antes que você nascesse.

—Assim é. Meu pai levava um diário de suas peripécias na guerra. Quando minha mãe morreu, chegou a minhas mãos junto com o resto de seus bens pessoais. Mencionava em muitas ocasiões a seu pai, o coronel Ponsonby. Meu pai e ele estiveram juntos na Índia no princípio da ocupação Britânica, e em uma ocasião seu pai salvou a vida do meu. Mas essa é uma história... Para outro momento. Quando me inteirei de sua má sorte, caí na conta de quem foi e tomei a liberdade de organizar seu resgate. Se o tivesse sabido com antecedência, nunca teria visto dentro da prisão de Fleet. Assim já vê, já sabia onde me colocava. Não há nenhum... Motivo oculto, a menos que queira considerar como tal o fato de saber que estava fazendo algo que agradaria a meu pai, embora fosse de forma póstuma.



Nicholas meteu os punhos nos bolsos e voltou para a escrivaninha de uma pernada.

—Não estou preparado para te dar detalhes respeito do por que não quero um herdeiro, mas sim te direi isto: tenho um defeito no sangue que não desejo transmitir a futuras gerações. É melhor que a linhagem dos Walraven se extinga comigo.

—Loucura? —Sussurrou Sara.

Isso explicaria muitas coisas. Acabava de terminar com todas suas demais suspeita. Livrou-se delas de um colchão com uma só palavra.

—Não, não é loucura. Por favor, não me olhe assim. Já disse, não tem nada que temer de mim, Sara. Asseguro-lhe, estou tão cordato como você.

—Nicholas... Há maneiras de evitar a concepção de bebês —Murmurou.

Era o mais duro e íntimo que tinha tido que dizer até o momento a aquele homem, e quando aquelas palavras saíram de seus lábios, o olhar do Nicholas resultou tão devastador que Sara teve que baixar o seu.

—Sou consciente disso —Assegurou —Mas prefiro não me arriscar. Terá que respeitar meus desejos no concernente a este assunto... E a minha intimidade. Sinto muito.

Sara guardou silêncio imediatamente. Embora tinha respondido a algumas de suas perguntas, agora estava mais confusa que nunca. Sara seguia tendo suas dúvidas, mas se sentia, em certo modo, aliviada ao saber que Nicholas conhecia coisas do passado de sua família por uma fonte pessoal além do que, sem dúvida teria descoberto Alexander Mallory quando a investigou. Entretanto, no resto dos assuntos não estava sendo claro, e isso a preocupava.

—Agora, se não tiver nada mais, eu gostaria de te fazer eu algumas pergunta —Disse.

—Espera, Nicholas —Pedi ela —Não me conta suas razões do porque não confia em mim?

—Não, Sara, é porque não confio em mim mesmo —Assegurou —Se não me abro à discussão, não me verei tentado de pôr em perigo minha integridade nesta matéria. É melhor que deixemos este tema aqui e agora. Tenho que seguir adiante com isto. Não quero ser descortês, mas a casa e os campos sofreram as consequências da tempestade, e devo avaliar os danos para que possam dar começo os trabalhos de reparação.

—Sinto —Murmurou Sara —Continua.

—Muito bem —Seguiu Nicholas. Estirando as costas, começou a mover-se por diante da lareira com passos lentos e contidos, como se estivesse tratando de tranquilizar-se —Teve já oportunidade de examinar as tapeçarias?

—OH, sim —Exclamou ela —Queria te falar disso antes. São “reconfortantes”, tal e como você disse. Foi muito considerado por sua parte. Vender meus cães me resultou tão doloroso quanto se tivesse tido que me separar de meus filhos... De meus parentes —Se corrigiu.

Não tinha sentido voltar a tirar o tema dos filhos.

—As caçadas anteriores a primavera eram o evento esportivo da paróquia de Yorkshire. Todo mundo estava desejando que se celebrassem. Essas tapeçarias me hão devolvido de novo a casa. Sinto terrivelmente saudades dos animais.

—Me alegre que tenha gostado —Disse ele —Alex vai trazer vários mais quando voltar de



Londres. O que te pareceu meu administrador? Soube se comportar, ou teve que o pôr em seu lugar? Observei que não conseguiu te convencer para que o chamasse por seu nome de batismo. Conhecendo o Alex, isso é significativo.

—Posso falar com franqueza?

—Confiava em que assim fosse —Respondeu Nicholas.

—Não tive que pô-lo em seu lugar. Simplesmente, mantive-o nele.

—Bravo! —Estalou Nicholas deixando de dar passos durante um instante —Alex não seria Alex se não o tentasse. É algo mais que meu administrador, Sara. Somos amigos desde que levamos calças. Fomos juntos ao colégio... Até que se decidiu que eu continuaria com meus estudos aqui em Ravenscliff com um tutor. Sua mãe morreu quando ele nasceu, e minha mãe teve piedade dele antes dela morrer também. Ao ser o segundo filho, ignoravam-no com frequência. O imóvel de seu pai estava perto, e estava acostumado a passar as férias aqui, explorando esta velha casa comigo. Quando partiu a Oxford, não soube dele durante um tempo.

— Na universidade não fazia mais que meter-se em confusões, e finalmente o expulsaram. Seu irmão se casou e foi se viver a América com sua esposa, e seu pai morreu pouco depois. Foi então quando o contratei como administrador. Teria dilapidado sua herança até que não ficasse nem um centavo e teria afogado suas penas em paqueras e bebida. Assim já vê, sou perfeitamente consciente de seus defeitos. Enquanto não interferir com sua situação aqui, não me importou passá-los por alto... Até agora, porque foi um bom amigo e um bom administrador, mas não tolerarei nenhuma falta de respeito com você. Quero que isso fique perfeitamente claro.

—Não me incomodou seu modo direto de ser, e o ignorei —Disse Sara —Acredito que nos entendemos bem o um ao outro.

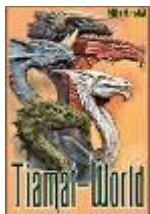
—Bem, me alegro —Replicou Nicholas, que voltou a caminhar acima e abaixo de novo — Falarei também com ele. Quando sabe qual é seu lugar, está acostumado a comportar-se. Entretanto, se chegar a haver algum problema, por muito pequeno que seja, confio em que venha a mim imediatamente. Ficou claro?

—Sim, Nicholas, mas te asseguro que não o haverá.

—Quanto a seu cabelo, pode fazer o que te agrada —Continuou —Mas me sentiria muito decepcionado se o cortasse. É precioso, e te favorece, e supõe toda uma novidade nestes tempos nos que a moda manda e a gente frívola e sem vontade se inclina diante dela.

—Não tinha pensado cortar, só queria estar segura do que passava.

—Bem —Respondeu Nicholas —E agora, quanto às normas domésticas das que te falei ontem à noite... Já havia dito que não quero que perambule por aí quando escureça, e está a par de meus motivos. Quanto a suas... Obrigações como baronesa de Walraven, serão simples e não terá contraprestações, tal e como assinalei quando chegou. Logo terei convidados em casa, e temo que será posta a prova. Estou seguro de que não me decepcionará. Há muito em jogo. E depois, em relação a nossa... Vida íntima, não haverá nenhuma. É jovem e... Uma mulher vital, Sara. Não sou insensível a isso, e como notei... Decepção nesse aspecto de nosso acordo, tem minha permissão para tomar um amante... Sempre e quando for discreta, claro, e sempre e quando não



se tratar de Alex Mallory. Essa é a razão pela que te perguntei sobre ele antes. Isso seria incômodo, porque não tem família e vive aqui quando não está viajando para resolver algum de meus assuntos.

O ar ficou retido na garganta de Sara. Aquilo era a última coisa que esperava que dissesse, e pela primeira vez em seus vinte e três anos de vida, ficou-se sem palavras.

—Surgirão outras questões —Continuou Nicholas —E referiremos a elas quando chegar o momento, se chegar, mas estas são as mais importantes, e são cortantes. —Deteve-se e deixou de rondar pelos arredores da lareira como um predador.

Girou-se para olhá-la.

—Entendemo-nos?

—S... Sim, Nicholas —Respondeu ela em voz baixa.

Desejava gritar: Não quero um amante. Você é meu marido. Quero que me deseje. Mas a garganta fechou sobre aquelas palavras, e teve que fazer um esforço para não romper a chorar.

—Ah, e uma coisa mais —Disse ele —Não se afeiçoe muito com o Nero. Mantenha a distância. Tenho... Planos para ele, e se prosperarem, pode que nos deixe logo. Essa era a razão pela que meu desejo era que não soubesse sequer de sua existência. Não queria que voltasse a sofrer a angústia da separação que já tinha passado com outros animais, e menos com um meu.

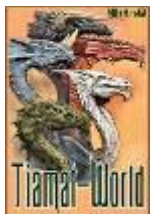
—Isto não é porque... Porque... Eu tenha saído em sua defesa, não é?

—Não —Respondeu Nicholas —Não importa que o faça. Não me enganou ontem com essa história do “livro da biblioteca”. É uma mulher inteligente. Não acredito que terei que te dizer duas vezes onde está qualquer cômodo desta casa depois que tenham indicado onde se encontra. Sabia por que desceu. Sentia-se... Implicada com esse animal em certo modo. Isso estava bastante claro, e não é a razão pela que tirei o tema. Os planos que tenho para Nero estão pensados desde muito antes de sua chegada, Sara. Não há nada que possa fazer para trocá-los, e se soubesse quais são, tampouco quereria fazê-lo. Não se o que te faz pensar que quero fazer mal a esse animal, mas te asseguro que não é assim. Simplesmente, não quero que crie um vínculo do que mais tarde se arrependa. Devo insistir nisto também, já que é uma das normas domésticas... Provavelmente a mais importante. E agora, se me desculpar, devo me ocupar dos assuntos da casa.

Passou então por diante dela com os punhos metidos nos bolsos e desapareceu entre as sombras do corredor que ficava fora.

Sua repentina marcha resultou inesperada, mas bem-vinda. Sara mal conseguiu chegar a sua suíte antes que aparecessem as lágrimas. Como podia lhe oferecer um amante com tanta naturalidade? Tão baixo era o conceito que tinha dela? Por que não tinha respondido nada? Por que não tinha deixado claro ao menos que a sugestão era repulsiva? As palavras de Nicholas tinham paralisado o cérebro. Devia pensar que ela não era melhor que a maioria da sociedade, que considerava que ter amantes, masculinos ou femininos, era uma forma de vida aceitável. O que a tinha afligido tanto não era que tivesse proposto semelhante despropósito, mas sim que parecia pensar que ela aceitaria um acordo assim.

Sara se jogou sobre a cama e chorou até ficar sem lágrimas. Nicholas ia levar o Nero. Que



terrível destino teria pensado para o pobre animal? Não o toleraria. Já era muito tarde para não sentir-se implicada.

“Esconderei Nero antes que Nicholas possa fazer machucá-lo”, decidiu golpeando o travesseiro de plumas com os punhos. O que estava ocorrendo? Nunca tinha sido uma chorona... Não tinha derramado nenhuma só lágrima durante o espantoso vexame que foi estar presa naquela horrível prisão.

Tinha chorado até quase dormir quando Nell entrou para ajudá-la a vestir-se para o jantar. Um olhar no espelho emoldurado de corpo inteiro foi suficiente razão para que se desculpassem. Tinha os olhos inchados e vermelhos, quase fechados pelo inchaço, e a branca pele coberta de rodela. Sempre acontecia isso quando chorava, e essa era uma das razões pelas que não estava acostumado a fazê-lo. Certamente, não podia descer com aquele aspecto. Não se incomodou em enviar suas desculpas. Além disso, Nicholas não jantaria ali certamente, se seu comportamento anterior servia de exemplo. Sara não tinha fome, mas optou de todas maneiras por que levassem uma bandeja à suíte. Se negava a jantar, chamaria a atenção sobre seu desgosto, e talvez provocasse uma visita de Nicholas. Já tinha tido suficiente dele por um dia.

Quando chegou a comida, arrumou para comer a maior parte. Depois, Nell a ajudou a preparar-se para dormir e a seguir a dispensou; a diminuta donzela tinha posto os olhos em um dos criados e estava desejando partir. Era muito cedo para dormir. E Sara não poderia fazê-lo nem se quisesse... Muitos pensamentos sombrios davam voltas por sua cabeça. Mas podia meter-se entre os lençóis e tratar de pôr ordem a esses pensamentos.

Apesar da insistência de Nicholas, ajudaria Nero. Ao parecer ela era a única amiga que tinha em Ravenscliff. Tinha guardado um pouco de jantar e o tinha escondido no guardanapo no caso de vir. Abriu um pouco a porta... O suficiente para que ninguém se desse conta, mas sim para que Nero pudesse abri-la com a pata ou com o focinho e entrar. Sara acabava de meter-se na cama quando bateram na porta, mas não foram os familiares arranhões do animal o que a levou a dar um pulo e sentar-se na cama, nem tampouco foi Nero o que cruzou a soleira. Foi Nicholas.

Sara saltou da cama com um grito nos lábios, deu a volta e colocou o negligê antes de olhá-lo. Enquanto isso, Nicholas estava com os braços cruzados, compondo uma figura chamativa com suas calças negras e as botas de cano alto, fraque negro de corte fino e colete de brocado granada. Uma gravata de laço perfeitamente atada sobre a simples camisa branca desafiava o cabelo negro como a asa de um corvo que frisava ao redor dos lóbulos, e que contrastava com a covinha de seu elevado queixo.

—Tem por costume irromper no quarto de uma dama sem se anunciar? —Espetou Sara, sentindo-se ridícula por ter dito isso, tendo em conta que aquela era sua casa e eram tecnicamente marido e mulher.

—Bati, mas a porta estava aberta, Sara —Respondeu Nicholas —Talvez Nell...

—Não —O interrompeu ela. Não permitiria que jogassem à moça a culpa de algo que não tinha feito —Fui eu, que entrei muito... Depressa antes. Acreditei que a tinha fechado. É evidente que não, mas não importa. Mal estava entreaberta, e como vê, não estou vestida para socializar.



Estava a ponto de me deitar.

—Mmm —Grunhiu ele elevando as sobrancelhas. Aqueles olhos de obsidiana que tinha, e que despediam faíscas vermelhas à luz do fogo, a estavam esquadrinhando entrecerrados e o coração de Sara pulsoou com mais força —Por que não desceu para jantar? Encontra-se mau?

—Mau? —Espetou ela —Não, Nicholas, não é que me encontre mau. Sou muito desventurada!

—Esteve chorando —Observou ele —Essas manchas vermelhas que tem... Costuma sair quando chora? A senhora Bromley é uma perita herborista³. Direi que te prepare um remédio.

—Não se preocupe —Espetou Sara —Não danificarão minha aparição nem te envergonharei diante de seus convidados. Não choro com frequência, só quando estou zangada.

—Fui muito direto —Disse ele desinflando-se.

—Direto? —Repetiu Sara com tom estridente —Meu querido amigo, direto é um termo que não chega nem na metade. Se não tivesse sido tão covarde e não tivesse partido com tanta precipitação antes, sem me dar oportunidade de me recuperar de seu insensível... Insulto... Meu Deus, não há palavras para descrever suas tresloucadas normas domésticas... Haveria te dito exatamente o que penso delas e de você!

—Sara...

—Não! —Exclamou ela —Não, Nicholas. Como pode ficar aí e me dizer que tome um amante? É isso o que acha, por que me comprou... Alguém que saltará à cama de outro homem quando você estale os dedos... Um objeto ornamental que presida suas reuniões e que depois sai em busca de outro para receber prazer? As mulheres assim têm um nome, e não há por que casar-se com elas. Eu não sou assim. Como se atreve?

—Não te comprei —Murmurou ele.

—Não? Não ouviu nada depois disso, não é? E como o chamaria então?

—Certamente não é uma compra, não do modo em que você coloca —Se defendeu —Eu o vejo como um resgate. E eu gostaria que você também o tivesse visto assim. E não pretendia te faltar com respeito —Continuou olhando para o teto para recuperar a compostura.

Eram lágrimas isso que nublavam aqueles magníficos olhos? Certamente, não era o remorso quem as tinha posto aí. Aquele homem estranho com o que se casou era frio e insensível. Entretanto, quando voltou a olhá-la, suas grossas e escuras pestanas estavam úmidas por ter contido as lágrimas.

—Só estava tentando te oferecer uma solução alternativa a... Uma situação delicada que não tem acerto —Assegurou —Se te ofendi o sinto, mas não me condene por isso. Não me retratarei de minha sugestão, e você não deveria rejeitá-la tão depressa. Não se apresse a decliná-la. O matrimônio é para sempre. Com o passar do tempo, talvez te alegre de ter deixado essa porta aberta, Sara.

Nicholas esboçou uma reverência e então partiu dando grandes passos e sem olhar atrás.

³ Pessoa entendida em ervas e plantas.



Seu aroma envolveu a Sara, propagado pelo calor da lareira e pelas correntes de ar que pareciam vir de nenhuma parte e de todas de uma vez. Escutou como fechavam a porta do saguão. Depois de uns instantes, saiu correndo para ela e voltou a abri-la, deixando-a como estava antes. Nicholas não retornaria, mas talvez Nero sim. Sara se meteu na cama e esperou.

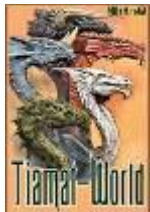
Capítulo 5

Nicholas Walraven rondava pela borda do escarpado na escuridão. O vento uivando havia tornado a levantar-se e brincava com as múltiplas capas de seu capote, levantando e brincando com as lapelas como se fossem os dedos de um menino curioso. Ainda havia lua nova, e à exceção de uma ou outra onda coroada de espuma cavalcando sobre as águas que havia debaixo, a noite era tão escura como a tinta. Nicholas não necessitava lua ou estrelas para que guiassem seus passos até ali. Conhecia de cor cada rocha, cada planta abandonada e cada fibra de grama esmagada pela tempestade. Aquele era o único lugar onde se sentia a salvo, a única constante em sua vida que nunca o decepcionava, aquele precipício que sempre lhe dava a boas-vindas. Ia a sua busca com frequência, com bom tempo e com tempestade, em busca de consolo, como um menino ao peito de sua mãe, como um amante ao de sua amada... Mas não podia deter o pesadelo. Nada podia fazê-lo.

Seu ajudante de câmara estaria agora preparando o banho... Um banho frio. Outra vez. Não afugentaria a loucura, porque isso era. Sara o havia dito, pelo amor de Deus! Uma loucura no sangue, e amaldiçoava seu pai por isso. Devia estar louco ao pensar que aquele matrimônio de conveniência funcionaria, por acreditar que podia viver como o faziam o resto dos homens, ter o que outros homens tinham. Era um engano, e embora percorresse o quebra-mar até o dia do julgamento final, isso não arrumaria as coisas. Teria que fazê-lo ele mesmo, e teria que fazê-lo logo. Tinha chegado a essa conclusão a primeira vez que pôs os olhos em Sara, baronesa de Walraven, antes Ponsonby, a formosa e inocente criatura que tinha o tirado das brasas candentes para jogá-lo num fogo abrasador... Mas, como solucioná-lo? Ela já tinha se metido sob sua pele. Não se atrevia a mantê-la perto, e não podia suportar a ideia de enviá-la longe. Tampouco podia contar-lhe e arriscar-se a ficar ao descoberto. O seu era um segredo muito bem guardado. Não se poria em perigo. As repercussões seriam catastróficas. Nem sequer Alex Mallory sabia, só Mills, seu ajudante de câmara, seu confidente, seu protetor e seu amigo, igual ao tinha sido de seu pai antes dele. Mas Nicholas já tinha jogado à água o ponto que o condenaria. A marejada tinha começado, e não havia forma de impedir que se expandisse.

Elevou a vista para as janelas de Sara. Estavam às escuras. Ela tinha dormido. Por fim. Já podia retornar a salvo, mas, retornar a que? A um banho frio e uma cama vazia, ou de novo à loucura? Aquela era a outra constante, a constante imprevisível, sobre a que não tinha controle.

O banho o estava esperando, como sabia que aconteceria, e Mills estava disposto a ajudar a



meter-se nele. O ajudante de câmara, de costas estirada e cabelo branco, sem idade definida, estava ao lado da cômoda do provador da suíte do barão. O provador estava cheio de toalhas e abarrotado de frascos com ervas. Junto a eles esperava o refresco noturno de Nicholas, composto de escutelária, tilia e lúpulo⁴ aromatizados com mel. Supunha-se que servia para acalmar e o induzir um sono natural. Sua efetividade era questionável, considerando os eventos dos últimos dois dias.

Embora a água estivesse fria, o forte aroma de arruda amassada e o perene e doce prazer do romeiro subiu para ele da banheira. Entrar e sair para purgar-se, esse era o protocolo. Remédios ciganos muito antigos. Acreditou que poderiam funcionar... Até que Sara chegou.

—Vai encontrar-se com a morte nesse escarpado, senhor —Predisse o ajudante de câmara ajudando a tirar a roupa molhada —Se impregnou até a pele.

Mills estalou a língua e deixou a roupa a um lado.

Nicholas conteve o fôlego enquanto se inundava na água. A aquelas alturas já deveria estar acostumado à ideia. Mas em certo modo nunca o estava, e duvidava muito que chegasse a está-lo alguma vez. Tranquilo e frio, tinha que estar tranquilo e frio. E como, quando inclusive a mais mínima imagem de Sara que cruzava por sua mente como um fantasma despertava seu sexo à vida a pesar da água gelada? Em seguida se esquentou com o calor de seu corpo, com a febre de seu sangue, o sangue que provocava a loucura que não era loucura, ao menos não no sentido estrito. Esta podia curar-se, e se não, podia-se conseguir uma cega inconsciência. Não havia alívio para aquela raça de loucura. Isso é o que era: uma raça... Sua ereta virilidade e o pelo de ponta eram a prova disso. Se isso ocorria com o mero feito de pensar nela, o que aconteceria se chegavam a tocar-se? Estava a ponto de açoitá-lo seu traiçoeiro corpo nu quando Mills lhe tirou a esponja.

—Nossa! —Exclamou o ajudante de câmara —Não ficará pele no corpo, senhor.

—A dor é o outro elemento dissuasivo, velho amigo... isso, e a morte.

—Não diga tolices. —O ajudante de câmara torceu o gesto, vertendo uma jarra de água por cima da cabeça —Estamos fazendo progressos.

—Estávamos fazendo progressos —Corrigiu Nicholas sacudindo-se como um cão molhado — Por que pensei que este acordo funcionaria. Fui um estúpido.

O ajudante de câmara sacudiu a cabeça, apartando-se da chuva de água.

—Estava advertido, senhor.

—Você sabe por que este matrimônio... Tinha que ser —Disse Nicholas —As pessoas estava começando a falar, e os rumores chegam até mim inclusive aqui, sepultado como estou neste velho mausoléu cheio de correntes de ar. Cada vez que Alex retorna, volta com mais rumores. Na alta sociedade abundam... Um solteiro casadoiro, com título, com terras e riqueza,

⁴ **Escutelária**- cutelaria costaricana. **Características gerais:** arbusto ereto, atingindo de 50 a 70 cm de altura, apresenta ramos arroxeados e quadrangulares- **Origem:** México e Costa Rica.

Tilia L. é um gênero botânico pertencente à família Malvaceae.

Lúpulo é uma liana européia da espécie *Humulus lupulus*, da família Cannabaceae. O lúpulo é tradicionalmente usado, junto com o malte, a cevada e o levedo, na fabricação de cerveja.



suficientemente agradável para ser atraente na temporada de baile na cidade... Encerrado na selvagem Cornualha. Nem imagina a quantidade de convites a festas, excursões campestres, veladas e danças que rejeitei. Chegam convites todos os dias, e a temporada de baile nem sequer começou. Estremeço-me ao pensar como será quando começar, e não posso voltar a partir para estrangeiro. É muito perigoso. Sem dúvida me descobrirão. Ah! Sara me perguntou se era um sodomita... Não com essas palavras, é obvio, foi da mais diplomática, mas essa era a ideia. Já sabe que não posso colocá-la em minha cama tal e como sou, e ela imaginou que essa era a razão. O que vou fazer, Mills? Não posso permitir que fique, e não posso deixá-la partir... Nem agora nem nunca. É só questão de tempo que me descubra.

—Tomou-lhe carinho —Disse Mills —E muito em breve.

—Pior que isso —Respondeu Nicholas —O sentimento é mútuo. É mais do que me atrevia a esperar, e mais do que posso suportar. Ela é tudo o que sempre desejei... Loira, de pele clara e com os olhos como os jacintos silvestres das Terras Altas. Vi-os uma vez... Quando era menino. Fui menino alguma vez, Mills?

—Ah, senhor —Cantarolou sua ajudante de câmara —Não deve tomar assim. Já sabe aonde o leva isso. Talvez quando o senhor Mallory retorne com seu convidado...

—Ah sim, o bom do doutor Breeden, que certamente pensará que estou mal da cabeça, que sou um excêntrico louco que tem lido seu tratado e pretende aproveitar-se dele ou desacreditá-lo, e Alex não deve sabê-lo. Fiz grandes esforços por mantê-lo à margem, como você bem sabe. Isso seria perigoso. Vai ter que me ajudar com isto.

—Não o tenho feito sempre, senhor?

—Sim, velho amigo, tem-no feito, mas agora é diferente. As coisas são imprevisíveis. Eu sou imprevisível, e Alex está à espreita.

—Da senhora? —O ajudante de câmara conteve o fôlego e abriu seus olhos de aço de par em par.

—Ela diz que controla a situação, mas conheço o Alex e você me conhece. Se não necessitasse que estivesse aqui para ocupar-se de meus assuntos, não me atreveria a deixar este lugar para...

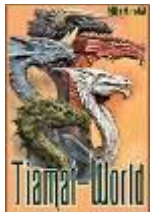
—Ajudarei do modo que seja necessário, senhor, isso preciso nem dizer—Respondeu o ajudante de câmara —Mas... Se me permitir à ousadia de perguntar, que desculpa deu ao senhor Mallory para que traga o respeitado doutor Breeden de Londres?

—Para que avalie minha molesta anemia, que ambos sabemos que não existe, e para que desfrute da hospitalidade de Ravenscliff... Umas férias pagas, se quiser. Estará conosco uma semana... Se tudo sair bem.

O ajudante de câmara vacilou.

—Neste momento, sua... Afecção fica entre nós dois —Recordou —Quanto mais gente a conheça...

—O que outra opção tenho, Mills? —Atalhou-o Nicholas —O doutor Breeden é minha última esperança. Tenho lido seus artigos. Seus créditos o fazem recomendável para minha "afecção". Se



ele não pode me ajudar, ninguém poderá.

—E o que ocorrerá então, senhor?

—Só Deus sabe. O velho está em sua tumba, e eu estou maldito com o legado que me deixou.

—Não foi culpa dela, senhor.

—Acha que não sei? —Espetou Nicholas —Esse conhecimento não faz mais fácil viver com isso. Deveria ter feito quão mesmo eu... Abraçar o celibato. Mas não, ele tinha que ter a seu maldito herdeiro.

—Preocupa-me que esse médico não seja discreto, senhor.

—Assegurarei-me de que o seja antes de confiar a ele, velho amigo. Seu juramento o obriga a manter o segredo entre médico e paciente. Terá que calá-lo que saiba. Romper esse código seria sua ruína profissional. Acredito que estou a salvo.

—Mas isto, senhor...!

—Isto é a razão pela que escolhi a esse homem, Mills. Teremos que esperar e ver.

O ajudante de câmara guardou silêncio imediatamente.

—Falou à senhora da visita do doutor? —Perguntou finalmente.

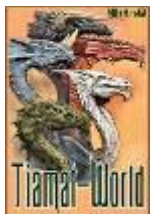
—O tema não chegou a sair, com tudo o que tínhamos que falar —Respondeu Nicholas — Mas me alegro de não ter dito. Essa mulher é curiosa até o extremo, e não teria deixado escapar o tema... Um médico vivendo aqui com todas as coisas estranhas que acontecem? Me acredite, velho amigo, teria se jogado sobre isso como uma tigresa. A verdade é que não estou preparado para me enfrentar a uma descarga de perguntas sobre minha saúde neste momento. Ela sabe que vamos ter um convidado, nada mais.

—O que vai contar, senhor?

—Contarei quão mesmo ao Alex, e não se fala mais do tema.

O ajudante de câmara não disse nada mais, e Nicholas se afundou até o pescoço na água aromatizada pelas ervas, afastando o cabelo úmido dos olhos. Refletiu sobre as mancadas do dia e deixou escapar um comprido suspiro. Não tinha sido sua intenção ferir Sara, mas talvez fosse melhor que se mostrasse brusco. Era preferível despertar sua ira antes que sua paixão. Era melhor manter as distâncias pelo bem de ambos. Entretanto, ia contra sua natureza mostrar-se grosseiro. Ofender sua sensibilidade opunha-se a todos os princípios que faziam dele um cavalheiro, ser o causador das lágrimas de uma dama. Odiava-se por isso e, entretanto, provavelmente voltaria a fazê-lo. Era seu único mecanismo de defesa para não trair a si mesmo, para não expor seu coração... Nem o de Sara a uma esperança que era impossível de alcançar.

Mills o estava observando, seu fiel servidor. O que tinha feito para merecer semelhante amigo e mentor? Sem dúvida não tinha resultado fácil para o ajudante de câmara em um lugar como Ravenscliff, onde as paredes ouviam, e onde dependia dele que não ocorresse nada do que outros pudessem inteirar-se. Por isso nunca falavam abertamente do tema, por isso não pronunciavam em voz alta nenhuma palavra que pudesse ser interpretada mal... Nem sequer ali, no refúgio de sua suíte do terceiro andar tão separada do resto da casa. Essa era a razão pela que,



quando falavam como o estavam fazendo agora, seu discurso resultava em sua maior parte indecifrável. O ajudante de câmara não tinha metido a pata nem uma vez em todos os anos em que levava servindo. Era um mistério e um milagre que as tivesse arrumado para que assim fosse.

Nicholas se apontou mentalmente que devia manter sempre suas conversas com o doutor Breeden fora da casa. Por muito discreto que fosse aquele homem, nunca chegaria a sê-lo tanto.

—Me tire daqui, Mills? —Pedi Nicholas ficando de pé.

A água caiu em cascata por seu corpo e foi parar chapinhando ao chão, formando um atoleiro no chão. Movendo-se com a agilidade de um homem da metade de sua idade, Mills estendeu uma toalha grossa no chão para que a pisasse, e Nicholas saiu da banheira. O ajudante de câmara o envolveu em toalhas, e Nicholas se esfregou para secar-se, dando-se golpes nas ervas que tinham ficado grudadas à pele, estendendo seu aroma, espalhando seus calmantes óleos em seus poros antes de sacudir-lhe com não menos força da que tinha utilizado antes com a esponja.

—Quer que lhe traga roupa limpa ou o penhoar, senhor?

—O penhoar, Mills —Respondeu Nicholas —Já terminei por hoje... Estou exausto.

—Sim, senhor —Disse o ajudante de câmara arrastando os pés para o quarto.

Nicholas seguia esfregando-se com as toalhas quando Mills retornou, e o criado as retirou para o ajudar a vestir o penhoar.

—A bebida, senhor —Recordou agarrando a da bandeja de prata que havia sobre a cômoda.

—Ah, sim, não devemos esquecer a maldita beberagem —Disse Nicholas atando o cinturão com as ásperas mãos.

Agarrou o copo que oferecia e se deixou cair na poltrona ao lado da lareira enquanto Mills recolhia as toalhas e secava os atoleiros.

—Dei-lhe permissão para tomar um amante —Disse.

Necessitava que dessem a absolvição por aquilo, e Mills sempre estava disposto a fazê-lo. Mas esta vez não. O ajudante de câmara deixou de limpar de repente, o olhando boquiaberto.

—Senhor! —Ofegou —Não será verdade...

—OH, sim é —Disse Nicholas jogando a cabeça para trás para tomar a bebida.

Torceu o gesto. Estava amarga apesar do mel.

—O que disse ela a respeito? —Inquiriu o ajudante de câmara.

—Armou-me uma boa —Respondeu Nicholas brincando com o copo vazio —Dizer que me cortou as orelhas por isso seria pouco. Mas é que não queria deixar o tema, e não me ocorreu outra coisa que lhe sugerir.

—Não pode culpá-la por ficar furiosa com você, senhor. Logo que tive oportunidade de vê-la, mas até eu seria capaz de ver que ela não passaria por algo assim... É uma mulher irreprovável, sem dúvida alguma.

Aquela não era a resposta que Nicholas queria escutar, e aspirou com força o ar enquanto deixava o copo vazio na mesinha que havia ao lado da poltrona. O olhar de recriminação de seu ajudante de câmara o obrigou a afastar o seu; podia suportar tudo, exceto a desaprovação daquele homem tão querido. Sentiu como se um punho invisível lhe estivesse apertando o



estômago.

—O que teria sugerido você? —Perguntou.

—Não sei, senhor —Respondeu o ajudante de câmara —Mas certamente, isso não. É um milagre que não lhe tenha quebrado um vaso na cabeça. No que estava pensando?

—Estava pensando, Mills, que lhe devo a liberdade de receber prazer onde o deseje, já que eu não posso lhe oferecer nenhuma sorte conjugal. Pareceu-me que era o mínimo podia fazer.

—E como você se sentiria se ela tivesse aceitado a sugestão, senhor?

—Não posso pensar nisso agora, Mills, ou todo este maldito ritual não terá servido de nada.

—Mmm —Murmurou o ajudante de câmara retomando sua tarefa.

—Essa porta não está fechada, Mills. Ainda pode chegar a ocorrer, e se for assim não poderia impedi-lo. Não tenho direito.

O ajudante de câmara recolheu as toalhas molhadas e se incorporou.

—E se o contasse diretamente, senhor? —Perguntou.

—Sabe que não posso fazer isso —Respondeu Nicholas —Sairia gritando por toda a casa, disso pode estar seguro, velho amigo.

—Mas se... Como disse, o sentimento é mútuo...

—Há algo mais —Assegurou Nicholas ficando de pé —Algo que não te disse.

—Sim, senhor?

—Criou um vínculo com o Nero.

—OH, senhor! —Exclamou Mills —Não pode permitir que...

—Já aconteceu.

—Mas pode lhe pôr freio... Deve fazê-lo!

—Não sei se posso —Murmurou Nicholas —Foi muito longe, e nem sequer estou seguro de querer fazê-lo.

O ajudante de câmara abriu e fechou a boca três vezes antes de que lhe saíssem as palavras.

—Precisamos falar, senhor —Disse fazendo um esforço —Se trata do Nero. houve...
Comentários abaixo.

—Comentários, Mills?

O ajudante de câmara assentiu.

—Já sabe o que pensam os criados do Nero. Até agora os rumores tinham sido virtualmente inofensivos, mas deve tomar cuidado. Falou-se de... Acabar com sua vida.

Nicholas ficou reto de um salto na cadeira.

—Esses vermes insolentes! Como se atrevem a planejar meu assassinato sob meu próprio teto?

—Seu assassinato não, senhor... O assassinato do Nero. Sei o perto que está de... Bem... A situação, mas deve recordar isso. Eles nunca...

—Sim. Sim, sei, Mills. Mas que se confabularam para fazer mal... Para matar algo que é meu... Pago um salário a esses vagos. Como se atrevem?

—Sei, senhor, e certamente não vou defendê-los, mas já sabe o que pensam das repentinas



idas e vindas do animal. São gente singela, e lhes assusta.

—Nero não provocou jamais nenhum mal a ninguém desta casa —Assegurou Nicholas elevando a voz —E suas idas e vindas não podem evitar-se, já sabe.

—Sh, senhor, alguém poderia ouvir! Já sabe quão supersticiosos são os criados desta casa. Sabia que isto iria zangá-lo, mas não carregue contra mim por contar-lhe.

—Não estou carregando contra você, Mills. Carrego contra as circunstâncias. Quanto tempo faz que acontece isto?

—O assunto acaba de chamar minha atenção. Sem dúvida leva o tempo suficiente como para que nos preocupemos, senhor. Estive observando a situação muito de perto, acredite.

—Maldição! Deveria ter ido a mim antes.

—Por favor, senhor, não se irrite. Já conhece os riscos. Confiava em poder controlá-lo, mas não fui capaz. Não queria o carregar com isto tal e como estão agora as coisas, com a chegada da senhora e tudo isso, mas tive que fazê-lo. Deve tomar cuidado com o que Nero come quando está... Fora, senhor. Falaram em pôr o arsênico que utilizam as moços para envenenar aos ratos dos estábulos.

—Maldição! —Bramou Nicholas levantando-se de um salto da poltrona —Quem está por trás desta... Confabulação? Quero saber seu nome! Por Deus que não voltará a ver sair o sol nesta casa. Está despedido... Agora... Esta noite.

—Não pode jogar a toda a servidão, senhor.

—Quero seu nome, Mills —Disse Nicholas pronunciando as palavras com perigosa calma. O ajudante de câmara vacilou.

—Peters é o que mais fala, senhor, mas não teve que convencer muito ao resto. Todos estavam dispostos a isso.

—Peters, diz? Teria que ter adivinhado —Nicholas começou a andar de acima e abaixo do tapete —Isso é muito incômodo. Esse pequeno descarado sente algo por Nell. O que menos necessito agora mesmo é que a donzela de minha mulher esteja mal-humorada, e isso é exatamente o que acontecerá se demito o criado. Não há ninguém entre a servidão capaz de substituir a jovem. Vê! vê de onde vem tudo isto. Nero pegou o moço dormido em seu posto e teve que despertá-lo... Com certa brutalidade. Não me olhe assim, Mills! Nero se limitou a assustar a esse cabeça de vento.

O ajudante de câmara elevou suas povoadas sobrancelhas e a boca curvou nas comissuras.

—É obvio, senhor —Assegurou.

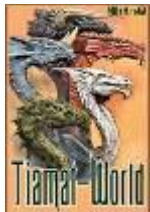
—Sim, bom, você deixe o Peters comigo. Receberá uma reprimenda... Por agora. Tem razão. Não posso me permitir semear o caos agora, aqui tal e como estão as coisas, com a senhora e com o Breeden a caminho.

—Sim, senhor.

Nicholas dirigiu ao ajudante de câmara um olhar fulminante.

—Colocou-me em uma posição impossível com isto —Assegurou.

—Eu, senhor? —Espetou ele.



—Se enfrentá-lo, saberá que você me contou isso, verdade? Que utilidade terá então como meus ouvidos e meus olhos ali em baixo, em? Se você não estiver pendente do veneno para ratos e esse tipo de coisas, o que será de mim? Estremeço-me só de pensá-lo. Atou-me as mãos, mas bem, velho amigo.

—Sim, senhor —Disse o ajudante de câmara com tristeza. Voltou a apertar as mandíbulas para formar as palavras que tanto trabalho custava pronunciar —Se me permite falar com franqueza —Disse finalmente —O que disse antes me preocupa. Não é prudente permitir que a dama se afeição ao Nero.

—Permitir? —Soltou Nicholas —Como não vou permitir, Mills? Como vou negar-lhe um mascote a quem mimar? Olhe de onde vem, o muito que deve sofrer nesse lugar. Não tem nada nem a ninguém exceto o superficial acordo que eu lhe ofereci. Está sozinha. Nunca imaginei que pudesse estar tanto, e eu não posso lhe dar o afeto que deseja. Quero que seja feliz aqui. Que dano pode fazer mimar Nero se isso acalma sua dor e sua solidão? Eu diria que é um consolo muito pequeno por minha parte dadas as circunstâncias. Não tenho nada mais que lhe oferecer.

—Não está pensando com clareza, senhor! —Disse o ajudante de câmara —E se o doutor Breeden tiver êxito e Nero nos abandona?

—Já adverti a Sara dessa possibilidade. Se isso acontecer, superá-lo-á.

—E... Se não acontecer, senhor?

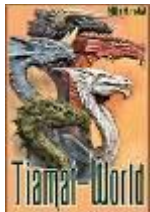
—Não adiantemos acontecimentos.

Capítulo 6

Sara despertou com a primeira luz do dia, embora tivesse ficado acordada até bem passada a meia-noite esperando a visita de Nero. Não tinha ido, e despertou decepcionada apesar do alegre sol que se filtrava pela janela, apanhando as bolinhas de pó que dançavam no feixe de luz como se tivessem um propósito. Nell tinha entrado em silêncio, aberto as cortinas, ascendido o fogo e voltado a sair sem despertá-la; era uma excelente donzela.

Sara bocejou, estirou-se e deixou cair os pés por um lado da cama antes que tudo voltasse a reaparecer em sua mente... Seu enfrentamento com o Nicholas. Como ia enfrentar-se a ele no café da manhã? Ficou de pé de um salto e adotou uma postura reta. Enfrentá-lo-ia sem problemas, e lhe daria exatamente o que ele queria: uma anfitriã. Inundaria-se naquela ocupação, não se esconderia em sua suíte nem iria zangada pelos cantos. Tomaria sua estadia ali como um trabalho, e evitaria a aquele homem o quanto pudesse. Assim devia ser, se queria conservar a prudência, mas primeiro estabeleceria suas próprias regras domésticas.

Quando Nell chegou para ajudá-la a vestir-se, ela já tinha tirado do armário um vestido de musselina cor pêssego com fitas de Bruxelas bordado no decote. A umidade tinha convertido seu cabelo ondulado em uma massa de mechas e cachos que a donzela penteou em cascata para



cima, trespassados com laços de seda em tom pêssego. Depois de várias tentativas falhas de arrumar as mechas ao redor do rosto, Nell elevou as mãos em gesto de derrota. Teria que deixá-los assim. Não importava. Sara não estava tratando de impressionar a seu marido. Não era uma esposa, e sim uma empregada... Com uma vantagem especial. Não importava se ele aprovava seu aspecto ou não. Não podia despedi-la.

O café da manhã resultou tão informal como de costume. Sara estava sentada na sala de café da manhã desfrutando de um prato de ovos escoceses, pequenos, bem cozidos e servidos em carne picada com tomates ao forno quando Nicholas entrou na estadia. Saudou-a inclinando-se e começou a servir-se ele mesmo seu prato. Não levava nem colete nem casaco sobre as calças de cor cinza pomba e a camisa de algodão egípcio, embora tivesse um lenço preso com mestria ao pescoço. Sara o observou enquanto lhe dava as costas. Que os ombros largos tinha e que estreita a cintura. As calças ajustadas, metidas nas botas de cano alto, lhe marcavam cada contorno de suas fortes e musculosas coxas. Deixavam pouco à imaginação, mas Sara não tinha que esforçar-se em imaginar o físico que havia debaixo; tinha visto mais do que tinha direito a ver através de seu robe aberto o segundo dia de sua estadia ali. Não era algo que pudesse esquecer facilmente. O peito forte, levemente coberto de pelo negro que descia até converter-se em uma flecha que descia pela parte inferior de seu ventre, assinalando para a sombra do que havia sob o robe aberto, o brilho de sua forte coxa quando descia pelas escadas. O mero feito de pensar nisso fez que o coração pulsasse com mais força, e uma rajada de sangue quente se amontoou nas bochechas. Tinha os lóbulos das orelhas ardendo. Nicholas deu a volta e ela cravou a vista em seu prato.

—Sara —Disse Nicholas tomando assento no extremo oposto da mesa —A respeito de ontem à noite...

—Não quero falar sobre ontem à noite, Nicholas —O interrompeu ela —Você deixou muito claro sua postura, e acredito que eu também. Podemos deixá-lo assim e seguir adiante com isto ou tirar o tema sem nenhum propósito prático.

—Muito bem —Disse Nicholas dedicando-se à comida que tinha no prato.

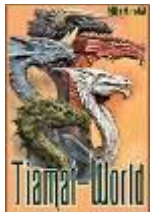
“Ah, assim você não gosta que o mandem calar, barão Walraven”, percebeu Sara com satisfação. “Bem, você começou esta loucura, e a pessoa não deveria começar nunca algo que não possa terminar”.

A comida voltava a ter sabor para ela. Aquela era a maneira de tratar aquele bruto, mas não tinha feito mais que começar.

—Tenho umas quantas “normas domésticas” próprias que eu gostaria de expor antes que sigamos adiante —Disse dissecando seu tomate ao forno.

—Aqui não —Respondeu ele assinalando com a cabeça para o laçao que presidia o bufe.

—Sim, aqui —Insistiu Sara reclinando-se para trás enquanto lhe serviam mais café na xícara —Minhas normas domésticas são muito prosaicas comparadas com as suas. De fato, têm que ver com os criados. Não é necessário as arejar somente atrás das portas fechadas do escritório — Aquela última frase a expressou de forma exagerada por cima da borda da xícara.



—Sara...

—E agora, onde parei? —Entoou—. Ah, sim, minhas normas domésticas. Em primeiro lugar, se for me encarregar da casa, devo ter liberdade de ação para fazê-lo. Isso significa que terei que falar com sua cozinheira para elaborar os menus, com a senhora Bromley em relação a roupa branca, as flores frescas e coisas assim, e é obvio, com os lacaios, para me assegurar de que tudo corra como é devido.

—É obvio —Respondeu Nicholas com voz débil e desmoralizada.

—Em segundo lugar, embora não menos importante —Continuou —Necessitarei que me proporcionem uma lista dos gostos de seus convidados, e de qualquer alimento que não possam comer. Um menu defeituoso seria algo desastroso. Se fosse à cidade mais frequentemente e não enviasse a esses ingênuos a fazer seus recados, saberia.

—Sara, por favor...

—Vejam... Necessitarei um lugar para fazer as entrevistas —Continuou, desfrutando de cada instante do cenho de suas povoadas sobrancelhas e de suas sombrias expressões.

Era a viva imagem da formação de uma tempestade, de um menino petulante, ou de ambas as coisas, perseguindo um de seus ovos escoceses pelo prato com um vingativo garfo. Chegou um momento no que Sara estava convencida de que ia pôr-se a voar e atacar o laçao, que estava tratando de manter o mais afastado possível para encher a xícara de seu senhor. Aquilo era muito melhor que zangar-se e chorar.

—A salinha de manhã, acredito —Continuou ela —Sim, a salinha de manhã será perfeita. Utilizarei-a depois do almoço quando surgir a necessidade, começando por hoje mesmo. Pode avisar aos serventes para que estejam prontos.

—Terminou? —Perguntou Nicholas enquanto dispensava o laçao, que se inclinou respeitosamente e partiu.

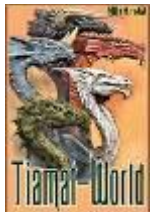
—Terminei? OH, não, absolutamente —Respondeu ela —Foi muito afortunado ao me escolher, Nicholas. Antes que a... Desgraça de meu pai o levasse à tumba e a mim à prisão em Fleet, eu presidia todas nossas celebrações, incluídas as caçadas. Ele era cavaleiro, sabia? Claro, é obvio que sabe, provavelmente sabe o que tomava para o café da manhã, e nós celebrávamos muitos eventos. Assim já vê, tenho muita experiência que contribuir a meu posto.

Nicholas deixou o garfo e o guardanapo fazendo um esforço por controlar-se e agarrou a borda da mesa como se fosse um animal a ponto de saltar. Durante um instante, Sara acreditou que ia pô-la na vertical.

—Já é suficiente, Sara! —Exclamou com fúria —Faz que pareça que é uma simples empregada. Sabe que esse não é o caso.

—É o único “caso” com o que posso viver e que posso suportar. Isto, Nicholas —Assegurou ela —É o que quer de mim, e o farei bem, mas devo estar completamente a cargo de tudo. Isso tem que ficar claro. Não pode haver mais que um par de mãos na massa se quiser que as coisas saiam sem problemas. Entendemo-nos?

—Sim —Disse ele derrotado voltando a agarrar o guardanapo.



—Bem! —Respondeu Sara —Quando chega seu convidado?

—Vou receber um reputado médico, o doutor Mark Breeden. Alex foi a recolhê-lo a Londres. Deveriam chegar aqui na quinta-feira.

—Tão cedo?

—Deveria ter dito antes. O sinto... Aconteceram tantas coisas...

—Não precisa se desculpar; Se dá muito mal. Três dias são poucos, mas acredito que bastarão. Trata-se só do doutor, ou vem alguém mais?

—Só o doutor.

—Quanto tempo ficará?

—Está de férias, temos uma semana pensada, mas isso poderia mudar. Os médicos de seu calibre não revistam tomar-se férias largas. Manterei-te informada.

—Obrigado. Encarregar-me-ei de que preparem um menu flexível, com suficiente variedade nos entrantes e pratos que permitam mudanças, mas deve tirar o tema com ele assim que chegue e me informar de qualquer urgência.

—É obvio —Murmurou Nicholas arpoando por fim seu ovo escocês.

Sara sentiu desejos de aplaudir.

—Muito bem, então —Disse levantando-se.

Não estava disposta a permitir que se comesse aquele ovo... Nem menos enquanto estivesse ainda quente.

Nicholas ficou de pé de um salto.

—Pode informar à senhora Bromley que requeiro sua presença na salinha de manhã esta tarde às duas em ponto. E agora, Nicholas, se me desculpar, tenho muitas coisas que preparar. Bom dia.

Estava a ponto de cruzar a soleira quando ele bloqueou a saída. Estirou a mão para ela, mas a retirou imediatamente, como se pensasse que tinha estado a ponto de jogá-la no fogo, e a meteu no bolso, apertada e com os nódulos brancos. Em seguida fez o mesmo com a outra mão.

—Sara, mereço parte de tudo isto agora mesmo, reconheço-o —Disse —Mas não pode se comportar deste modo quando chegar meu convidado. Quando chegar qualquer de meus convidados.

—Não se preocupe, Nicholas —Respondeu Sara passando por diante dele para sair ao corredor, obrigando aos lacaios que estavam escutando às escondidas a dispersarem-se —Serei a imagem do decoro, boas maneiras e elegância. E agora, não pretendo ser grosseira, mas deve me desculpar. Tenho que me preparar para atender os assuntos da casa.

Girando sobre seus calcanhares, partiu dali, o deixando com a mesma brutalidade que quando saiu de seu escritório.

Nicholas não se reuniu com ela para almoçar, e era melhor assim. Sara não tinha imaginado ainda uma estratégia para sua seguinte reunião. Não tinha tido tempo. Antes que terminasse o dia, reuniu-se com a senhora Bromley; Agnes Knott, que só respondia no nome de “Cozinheira”, e com o Searl e Robbins, os dois lacaios que presidiam as comidas em Ravenscliff.



A senhora Bromley fez algumas sugestões para os menus e lhe proporcionou uma lista das comidas favoritas de Nicholas e do que não gostava. A governanta também mostrou um quarto que havia na sala de jantar no qual se guardava a porcelana e a prata em historiadas vitrines. Havia pratos de café da manhã, de almoço e de jantar, várias baixelas diferentes para cada refeição, cada uma mais bonita que a anterior, e faqueiros de prata para combinar. Também se guardavam ali os cristais. A seleção era assombrosa. A senhora Bromley lhe disse que antes se celebravam umas festas fastuosas em Ravenscliff. Grande parte da porcelana não se usava fazia trinta anos. Bem, pois agora iriam usar, prometeu Sara. Nicholas Walraven ia ter uma surpresa.

Quase tinha anoitecido quando retornou a sua suíte. Nell chegaria em seguida para ajudá-la a vestir-se para o jantar. Sara guardou a tabela que continha suas notas sobre os menus no escritório de sua salinha de estar e se aproximou da janela para contemplar a vista através dos vidros. O mar estava agitado. Ondas cobertas de espumas cresciam ao longo da costa; seu eco suspirante chegava até onde estava ela. Era um som tranquilizador que podia induzi-la ao sono se deixasse.

Dirigiu o olhar para o sul. Uma figura avançava pela borda do escarpado sob a semi escuridão. Era Nicholas, e a Sara deu um tombo no coração enquanto seguia os largos passos com os que estavam percorrendo o quebra-mar. Não havia ira em sua postura, e sim algo mais parecido a um agitado desconforto em seus movimentos. Aquele era um homem lutando contra um demônio ao que ela não saberia pôr nome, e desejava descer correndo pela enorme escada, atravessar o grande salão e sair aos bem cuidados campos que ficavam ao lado de Nicholas para perguntar aquilo; é obvio, era uma fantasia. Nem sequer sabia se seria possível acessar ao escarpado da entrada circular. Não pareceu que fosse assim o dia de sua chegada. Tinha que haver outra entrada, que estaria mais perto da ala oeste da casa e do mar.

“Com certeza Nero a conhece”, pensou caindo na conta. “Estava empapado quando veio me visitar”. Sara encolheu os ombros. Já que o animal não podia falar para contar apontou-se mentalmente perguntar aos criados pela manhã.

Estava a ponto de afastar-se da janela quando Nicholas tomou uma direção diferente. De repente, rompeu o passo e começou a descer escarpado abaixo. Ela não podia ver de onde estava como descia, mas deu por feito que se tratava das escadas escavadas na rocha que levavam a praia. Nicholas tinha advertido contra aquelas escadas. Seria como ele havia dito, que não eram seguras, ou que havia algo mais ali abaixo... Algo que não queria que Sara visse? Ela tinha descido por pendentes semelhantes em Dover e em Lyme e nunca tinha acontecido nada. Tratava-se de descidas traiçoeiras e levantadas, com frequência escorregadias devido aos efeitos da espuma do mar. Poderia descer por aquele pendente também, quando chegasse o momento.

Já não podia continuar vendo o Nicholas, assim que se separou da janela. As notas que tinha tomado durante as entrevistas a levaram ao escritório. Precipitou-se em seu alarde; o certo era que três dias não eram tempo suficiente para preparar-se para um convidado, e começou a fazer listas com as notas que tinha tomado. Ainda estava refletindo sobre elas quando chegou Nell uma hora mais tarde para vesti-la para o jantar.



—Acredito que tomarei uma bandeja aqui em minha suíte —Disse Sara elevando a vista do maço de papéis em que se converteram suas notas —Se encarregue disso, sim, Nell?

—Sim, senhora. Não se encontra bem? —Disse a donzela observando-a com o cenho franzido.

Sara respondeu lhe mostrando um maço de papéis.

—Não, não, é que tenho muito trabalho com isto. Vamos ter um convidado que chega na quinta-feira. Tenho que fazer os menus, pensar em onde o acomodá-lo... enfim, que ocupar-me de tudo. Temo-me que vou ter que ficar aqui encerrada até a chegada do cavalheiro.

—Sim, senhora —Disse a donzela —Quer enviar suas desculpas?

—Ah! —Exclamou Sara agarrando da gaveta uma parte de pergaminho e cera vermelha para selá-lo. Rabiscou umas quantas linhas, dobrou-o, e depois agarrou uma vela e o fechou com um selo que tinha uma “W” em relevo. Claro que enviaria suas desculpas. Não voltaria a cometer o mesmo engano. Quão último desejava era receber outra visita noturna de última hora de Nicholas Walraven.

—Encarregará se de fazer chegar ao Senhor? —Perguntou estendendo —Depois pode fazer o que quiser. Eu me despirei sozinha para me deitar. Tenho que me encarregar de tudo isto antes de me retirar, e não quero que voltem a me incomodar esta noite.

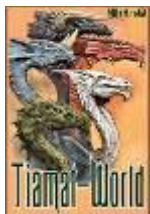
—Sim, senhora —Respondeu Nell.

Esboçou uma reverência e partiu com a mesma discrição com a que tinha entrado.

A bandeja com o jantar chegou pouco depois, e Sara afastou um pedacinho de faisão assado em banha de porco se por acaso Nero fizesse uma visita. Quando levaram a bandeja, correram as cortinas e alimentaram o fogo com troncos novos para a noite, Sara deixou a porta do saguão um pouco entreaberta e retornou ao maço de papéis que tinha no escritório.

Era quase meia-noite quando deixou a um lado as listas de menus e apagou soprando todas as velas, exceto as do candelabro que tinha na mesinha de noite ao lado da cama. Estava esgotada, mas já tinha escolhido a baixela que se utilizaria no café da manhã, o almoço e o jantar durante a estadia do médico, e tinha elaborado um plano viável que cobriria todas as refeições de uma semana. O resto poderia fazê-lo em outro momento. Ao menos agora tinha um produto impressionante que apresentar a Nicholas pela manhã. Levaria com ela quando descesse para tomar o café da manhã. Isso demonstraria ao barão Nicholas Walraven a espécie de investimento que tinha feito ao comprar uma anfitriã como ela. Pensar nisso a fez reviver, e tirou os mocassins de couro marroquino para deixar cair sobre a cama a desfrutar-se em seu êxito. Não era sua intenção ficar adormecida assim, completamente vestida e ainda por cima da colcha, mas o fez. Baixou as pálpebras e depois as fechou, e dormiu assim que ficou de lado e relaxou.

Dormiu profundamente e sem sonhar e, entretanto, algo a despertou a altas horas da madrugada, algo físico. A cama se moveu debaixo dela, e seu corpo também, deslocado por aquele fenômeno que a obrigou a abrir os olhos. Confusa, piscou para despertar. As velas ao lado da cama se consumaram até ficar reduzidas ao mínimo. Algumas tinham extinguido de tudo, e a cera lustrava o suporte, pegando o candelabro na mesinha de mogno com uma massa compacta



de antiestética cera.

Sara piscou para limpar-se e concentrou o olhar no que a tinha despertado. Ali, aos pés da cama, estava sentado Nero como uma esfinge, lambendo a banha do faisão cozinhado em manteiga de porco das bochechas com sua larga e rosada língua sem deixar de olhá-la. Parecia uma estátua tirada de uma das obras do Egito clássico que recriava John Nash, e que estava tão na moda aquela temporada entre a alta sociedade.

—Nero! —Exclamou Sara.

Engatinhando até chegar a seu lado, jogou os braços no pescoço e ele a recompensou lhe lambendo toda a cara. Sara riu. Tinha sabor de faisão e cheirava a limpo, a mar. Despenteou-lhe a grossa e abundante pelagem e plantou um beijo na parte superior da cabeça.

—Disse que teria uma guloseima para ti a próxima vez que viesse —Disse o abraçando de novo —Vejo que já a encontrou. Gostou moço?

Nero uivou por toda resposta e deu um suave golpezinho com seu úmido e frio focinho.

Seus olhos vermelhos como o fogo pareciam quase humanos enquanto a observavam no quarto em penumbra. Além do brilho das brasas da lareira, que dava cor a aqueles olhos profundos e comovedores, agora só ficava acesa uma vela, que projetava um halo de luz trêmula ao redor do corpo do animal.

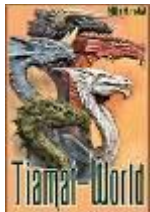
—Esteve fora —Sussurrou Sara —Cheira o cabelo a mar. E posso saborear o sal. Sabe como sair daqui, não é, Nero? E vai me ensinar isso, não é assim? Será nosso segredo.

Os olhos do animal tinham uma expressão de absoluta compreensão, como se tivesse entendido cada palavra. Sentiu como se uns dedos frios lhe percorressem a espinha quando viu o mais parecido a um cenho franzido que tinha visto jamais em um cão cruzar a larga e plana testa de Nero. Foi uma expressão fugaz que se voltou animal imediatamente. Uivando, o cão saltou da cama, saiu pela porta aberta do saguão e desapareceu pelo corredor envolto em sombras antes que Sara tivesse oportunidade de chegar sequer à soleira.

Miúda resposta a sua pergunta; quando chegou ao corredor, quão único encontraram seus olhos foi o espionismo de um muito leve movimento que poderia ter sido a entupida cauda do Nero desaparecendo pelo patamar do segundo andar. Sara nem sequer se deteve pensar ou a agarrar seus mocassins. Movendo-se descalça e sem fazer nenhum ruído, correu pelo corredor coberto de tapetes, chegou ao patamar e desceu a toda pressa a grande escada até chegar à porta verde. Não se via o Nero por nenhuma parte, e Sara estava a ponto de puxar o trinco quando este se girou. Ela se agachou sob a escada que se bifurcava e conteve o fôlego.

A porta se abriu. Um dos criados estava entrando na zona nobre procedente dos quartos da servidão que ficavam debaixo. Não podia ver quem era desde sua posição, completamente pega como estava à parede entre as sombras. Fosse quem fosse, um candelabro com velas iluminava seu caminho, e Sara permaneceu com as costas rígida até que o escorregadio som dos passos do criado se voltou distante e a escada voltou a obscurecer-se a seu redor.

Sara aspirou com força o ar de forma entrecortada e desabou contra a parede, mas não era uma parede, era uma porta! Abriu-se, deixando de sustentá-la, e Sara avançou para trás tentando



manter o equilíbrio antes de que se fechasse em sua fuga com um clique aterrador.

A última sensação consciente que teve foi cair no vazio.

Capítulo 7

Sara gemeu ao despertar um pouco mais tarde na fria e úmida escuridão.

O chão sobre o que estava escorregava pela umidade, e lhe recordou à prisão de Fleet. Gritou com toda a força de seus pulmões para pedir ajuda, mas a única resposta que obteve foi o lastimoso eco de seus gritos elevando-se para cima. Doía-lhe terrivelmente a cabeça, e a vertigem nublava a visão. Os pequenos pontos brancos que davam voltas diante de seus olhos eram a única luz que havia. Tinha um galo na testa. O tocou com cuidado. Dado seu tamanho, pensou que era impressionante. Não seria fácil ocultá-lo. Como ia explicar a Nicholas? Mas o primeiro era o primeiro, pensou. Antes teria que encontrar a forma de sair dali, estivesse onde estivesse. Ficou de joelhos e começou a engatinhar pelo chão.

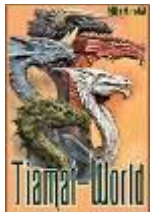
De repente algo lhe roçou o pescoço, e Sara gritou enquanto o golpeava. Tratava-se unicamente das fitas de Bruxelas de seu vestido, que tinha solto durante a queda, e exalou um profundo suspiro enquanto tratava de recoloca-la em seu lugar. Isso, entretanto, era impossível. O vestido estava esmigalhado à altura do ombro, uma das mangas pendurava ali onde o decote estava rasgado, e não havia nada com o que cobri-lo. Apenas lhe tampava o peito.

“Esse é o problema da moda atual”, pensou com pesar. “Fazem a roupa muito fraca para que seja prática”. Embora tampouco fosse pensada para que alguém caísse rodando por umas escadas de pedra, não é? Isso foi o que seus dedos indicaram finalmente... Um degrau estreito, logo outro em cima, e outro. Sara ficou de pé cambaleando-se e encontrou dois mais, e depois um muro. Percorreu cada centímetro dele. Onde estava a porta pela qual tinha caído? Não estava ali!

Aterrorizada, gritou com todas suas forças para pedir ajuda, mas o som retornou a ela em forma de eco, repicando nos ouvidos. O muro era de granito, impenetrável, e Sara se deslizou de novo para o chão e começou a procurar pela escuridão com os braços estendidos, fazendo círculos com as mãos no ar úmido e frio. Depois de riscar vários mais, topou-se com outro muro. Este também era de granito. Se ao menos pudesse ver algo!

Foi apalpando centímetro a centímetro o cubículo que a rodeava, que não era muito maior que um armário, até tropeçar com o que parecia uma cama e com uma pilha de escombros ao lado das escadas. Deu por feito que isso foi o que lhe amorteceu a queda, porque tinha aparecido ali no meio. Tinha economizado uma lesão muito mais grave que o galo que tinha na cabeça, e que evidentemente se fez ao cair ali.

Ao outro lado das estreitas escadas, tropeçou com um arca pequena que estava apoiada contra o muro. Tocou a parte superior e retirou as mãos cobertas de mofo, embora não antes de encontrar uma pequena arca em um dos cantos. A umidade a tinha deixado presa até fechá-la, e



levou um pouco de tempo, mas por fim conseguiu abri-la. Dentro havia uma vela e um isqueiro. Podia atrever-se a confiar em que o isqueiro estivesse o suficientemente seco para arder? Rezou para que a pequena arca de metal o tivesse protegido o suficiente, e esfregou a pederneira até conseguir umas pequenas faíscas que finalmente prenderam. Acendeu com elas a vela. Era curta e grossa. Colocou-a em cima da arca com ajuda do sebo escorrido e se girou para examinar sua prisão. Conteve o fôlego. Tratar-se-ia de uma daquelas câmaras secretas nas que se escondiam os sacerdotes católicos durante a consolidação do protestantismo? Se a casa se construiu com antecedência à conquista dos normandos, era muito provável. Esse tipo de habitáculos tinham sido normais ao longo dos tempos, e a maioria dos castelos e casas antigas os tinha.

Ravenscliff reunia as condições em ambos os casos.

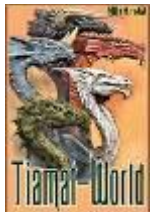
De repente, calafrios gelados se apoderaram de seu corpo, pondo o coração em um punho. Tinha escutado histórias de homens que morriam em buracos escondidos como aquele, asfixiados ou de fome, aos que se emparedava dentro e se esquecia, às vezes deliberadamente. Aquelas construções eram inescrutáveis. Os muros daquela deviam ter uma grossura de mais de um metro. Nunca se ouviriam seus gritos de cima. E se a ninguém ocorria procurá-la alguma vez ali? Voltou a olhar a seu redor. A grossa e intacta capa de mofo que o cobria tudo indicava que a câmara não se utilizou durante anos. Saberia alguém sequer que existia? Só podia rezar para que assim fosse.

Sara olhou com consternação seu vestido esmigalhado. Estava coberto com o pó e o limo procedentes da umidade que impregnava aquele lugar. Tinha as mãos e os braços nus negros devido a isso. Estava gelada, e abraçou a si mesma para entrar em calor, esquadrinhando a sala com olhar ansioso em busca de algo que pudesse utilizar para cobrir-se. Finalmente seus olhos se posaram em uma pilha de lençóis velhos que havia no canto, e tirou uma peça de tecido que talvez no passado se utilizasse como roupa de cama. Era tão velha que se rasgou quando se cobriu com ela. Mas teria que servir.

Olhou para a vela. Tinha a chama alta e reta. Não havia corrente. O coração deu um tombo. Isso significava que não estava entrando nada de ar. Também significava que tinha que guardar a vela para emergências. Ficava muito pouco dela. Além disso, não se atrevia a deixá-la acesa e arriscar-se a consumir oxigênio, assim percorreu rapidamente a estadia e memorizou as dimensões da cela e seu conteúdo.

Não tinha sentido esbanjar energia e pulmões antes do amanhecer. Não havia ninguém aí fora que pudesse ouvi-la. A única coisa que podia fazer era esperar e confiar em que o ruído dos serventes movendo-se por cima lhe indicasse que se fez dia, e então poderia voltar a pedir ajuda a gritos. Não podia faltar muito. Sara jogou uma última olhada ao redor e apagou a vela.

Nicholas tomou o café da manhã sozinho pela manhã. Sara não apareceu, e não tinha enviado suas desculpas. Ia de caminho à suíte de sua esposa quando se cruzou com Nell, que descia do patamar do segundo andar.



—OH, senhor, estava-lhe procurando —Choramingou —Aconteceu algo à senhora, sei!

—Se acalme, Nell —Pedi ele —A que se refere com que algo lhe ocorreu?

—Não está, senhor. Não dormiu em sua cama, e seus sapatos estão acima, no chão. Onde poderia ter ido descalça na metade da noite?

—Mostre-me isso —Disse dirigindo-se de um salto às escadas que tinha diante.

—Esse cão sarnento também esteve ali —Continuou a donzela correndo atrás dele —Ela deve ter dado algo de comer de sua bandeja do jantar. O guardanapo vazio estava no chão, todo cheio de banha.

Nicholas soltou uma fileira de maldições entre dentes e irrompeu na suíte das tapeçarias sentindo o peito pesado pela raiva. A raiva era perigosa. Tudo era perigoso naquele momento, em realidade, e aspirou com força o ar em respirações profundas enquanto entrava no quarto.

—Quando a viu por última vez, Nell? —Inquiriu.

—Quando levei a bandeja —Respondeu a donzela —Acendi o fogo e corri as cortinas enquanto ela jantava. Depois disse que não queria que a incomodassem... Que ela mesma se prepararia para deitar-se, assim que a deixei com suas coisas.

—A que hora ocorreu isso aproximadamente? —Insistiu Nicholas.

—Não sei, às sete, às oito... Mais ou menos quando você tomou assento na sala de jantar.

Nicholas recolheu os sapatos de Sara do chão e os observou com o cenho franzido.

—Isto é o que me preocupa também —Disse Nell —Não pode ter ido muito longe sem mocassins. Tem que estar em algum lugar da casa, mas, onde? Procuramos de cima abaixo, senhor.

—De acordo, Nell —Disse Nicholas —Quero que fique aqui nesta suíte até que indique o contrário no caso de retorne. Se isso acontecer, avise-me imediatamente. —Nicholas balançou os mocassins —Levo isto. Se por acaso a encontro.

—Sim, senhor —Respondeu Nell estirando a enrugada cama —Vê isto? —Perguntou sacudindo os cabelos negros e curtos misturado com prata da superfície tecida —Esse cão esteve aqui, tal e como lhe disse... Justo em sua cama. —Estalou a língua —Também manchou a colcha de baba.

—Sim, bom, darei uma boa reprimenda ao Nero —Respondeu Nicholas —Mas no momento, deixa aberta a porta do saguão. Se o animal volta... Segue-o. Se esteve ontem à noite aqui, tal e como diz, pode que saiba onde foi a senhora.

—Sim, senhor —Disse Nell —Mas me permita que o diga, senhor, Nero... Não é um cão adequado para uma casa tão fina como esta. É desalinhado, de aspecto selvagem e todo pele e ossos. Parece meio esfomeado. Isso tampouco é nossa culpa. A metade do tempo nem sequer come o que lhe deixamos. Dá medo, essa é a verdade, sempre espreitando entre as sombras. Sei que não me corresponde dizê-lo, mas não sou quão única o pensa... O diz todo mundo abaixo. Tem que livrar-se desse animal, senhor.

—Bom, sim, esse é o plano, Nell —Assegurou Nicholas —Com um pouco de sorte, não terá que seguir preocupando-se do Nero... Mas por agora vejamos se conseguimos que ganhe o



sustento, de acordo?

Por muito que o tentasse, Sara não conseguia escutar nenhum som procedente de cima. Era difícil calcular o tempo que levava ali na escuridão. Seguro que já devia ser de dia. Tinha que tentar algo, o que fosse, para sair daquele frio e úmido cubículo, ou ficaria louca pensando no que poderia acontecer se nunca chegassem a encontrá-la.

Quanto tempo demoraria para morrer ali? A atmosfera já estava muito carregada. Quanto tempo ficava antes que ficasse sem ar para respirar? Seria uma morte lenta e terrível. Sara subiu os degraus e começou a gritar enquanto esmurrava com ambos os punhos o muro que uma vez foi uma porta. Depois se deu conta da inutilidade daquele gesto. Não transcorreu muito tempo antes que sua delicada pele estivesse machucada e ferida por seus ataques contra o áspero granito, e desceu os degraus de novo, tirou o isqueiro da arca e começou a golpear o muro com ele.

Gritou uma e outra vez com todas suas forças até que quebrou a voz e esta se converteu em ásperos suspiros, depois atacou o muro com o isqueiro até que escorregou das mãos e caiu no chão. Sara gemeu e se desesperou. Necessitava do isqueiro para acender a vela. Como ia encontrá-lo na escuridão?

Tudo parecia inútil, e Sara se deixou cair no degrau com a cabeça entre as mãos. Depois de uns instantes, recuperou o ritmo da respiração e pôs em ordem seus pensamentos. Tinha que haver algo que ela pudesse fazer. Talvez outra olhada com a luz da vela pudesse mostrar algo que antes tivesse passado, assim desceu a provas os degraus e começou a procurar pelo chão. Quando por fim encontrou o isqueiro entre os escombros que havia ao lado das escadas, o coração deu um tombo. Quebrou ao cair, e a pederneira e a isca tinham desaparecido.

Não servia para nada. A garganta de Sara ardia de tanto gritar pedindo auxílio. Doía-lhe a cabeça, o galo da testa pulsava como se fosse o pulso e tinha as mãos cortadas e ensanguentadas. A vertigem ameaçava fazendo perder a consciência. Quanto tempo tinha transcorrido desde que se precipitou por aqueles degraus? Quanto tempo esteve inconsciente depois? Se ao menos aquela cela não fosse tão pequena, se não fosse tão asfíxiante, se ao menos houvesse alguma corrente de ar como as que atravessavam cada greta do resto da casa.

Sara tinha ouvido em alguma parte que ao mover-se em espaços confinados se gastava o oxigênio a maior velocidade. Já era muito tarde para pôr em prática aquele conhecimento. O esforço tinha minado suas forças. Mal podia respirar. Apoiou a cara no frio degrau de granito e fechou os olhos.

—Quando não quero nem ver essa condenada criatura, aparece a toda velocidade — Protestou Nicholas percorrendo de cima abaixo o tapete de seu provador —E em troca, quando é vital...

—Não tome assim, senhor —Disse Mills recolhendo a roupa do Nicholas enquanto este a tirava —Acredita que há algo que ele seja capaz de fazer e que você não possa? Encontrá-la-á, senhor.

—Como? —Bramou Nicholas jogando o colete no chão. Desatou o lenço do pescoço e



também o atirou —Procuramos por toda a casa, de cima abaixo, cada maldito cômodo. Deus todo-poderoso, inclusive desci para procurar pela praia. Necessito de Nero! Mas não posso controlá-lo, não é? Não, ele controla a mim! Por que acontece sempre assim? Por que não posso recordar nunca todo o acontecido? Ninguém viu a Sara desde ontem a hora de jantar, Mills. Nero não apareceu após tampouco. Isso foi faz mais de vinte e quatro horas. Se estiver ferida em algum lugar...

—A senhora e você... discutiram, não é verdade? —Perguntou o ajudante de câmara agarrando a camisa de Nicholas antes de que caísse no chão —Tome cuidado, senhor! Esteve a ponto de ir parar ao fogo —Exclamou acrescentando a camisa ao vulto de roupa antes de continuar —É possível que partiu de Ravenscliff?

—Sem sapatos, Mills? Não me parece provável. Há um comprido e íngreme percorrido até chegar ao caminho, e a porta sempre se fecha ao anoitecer; já sabe. Além disso, não foi uma briga tão forte, e Nell disse que Sara estava trabalhando nos menus para a visita do doutor Breeden quando a viu por última vez. Não me parece que tivesse pensado fugir deste lugar, embora não poderia culpá-la em caso de que assim fosse. Meu Deus, tenho que encontrá-la.

—Quer a banheira, senhor?

—Nada de banhos frios esta noite —Grunhiu Nicholas deixando cair na poltrona de orelhas —Estendeu os pés —Me tire estas malditas botas.

—Talvez um banho quente, senhor? —Sugeriu Mills colocando-se escarranchado sobre a perna estirada.

—Não —Respondeu Nicholas.

Plantou o outro pé no estreito traseiro de Mills, puxou, e o ajudante de câmara tirou a bota de cano alto com um grunhido.

—Quão último preciso é me relaxar.

—Irei procurar seu robe, senhor —Ofegou Mills depois conseguir tirar a outra bota.

Colocou-a debaixo do braço com o resto.

—Não —Disse Nicholas tirando as calças e depois a roupa interior —Deixa isso em cima da cama.

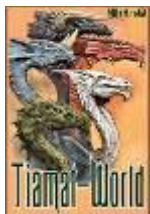
—Senhor? —Perguntou o ajudante de câmara boquiaberto enquanto Nicholas voltava a caminhar de cima abaixo na frente do fogo completamente nu.

—Deixa isso aí e vá à cama! —Espetou Nicholas. Agarrou os mocassins de couro marroquino de Sara do tamborete que estava ao lado do fogo e os observou como um sabujo que seguisse um rastro enquanto caminhava a grandes pernadas de cima abaixo.

—Mas senhor, e sim...?

—Sei onde te encontrar se te necessitar, Mills —O interrompeu Nicholas —Vá à cama. Ao menos um de nós tem que descansar algo esta noite.

Sara despertou agonizando para respirar na escuridão. Tinha despertado um som de arranhões. Ratos! A prisão de Fleet! Não, não estava em Fleet, isso teria sido o paraíso comparado com isto, sua tumba nas vísceras da mansão de Ravenscliff, onde ninguém poderia encontrá-la



exceto os ratos. Sentiu uma onda de adrenalina atravessando-a. Estavam dentro... Ou fora? Não havia maneira se soubesse sem a vela, e voltou a subir com estupidez os degraus, gritando com todas as forças que ficavam.

Os arranhões se detiveram. Os teria imaginado? Agora não havia nenhum som, e se arrastou de novo escada abaixo até derrubar-se sobre o frio e viscoso chão. Para então o tempo já não tinha nenhum significado. Tinha perdido completamente a noção do mesmo. Estava perdendo também a consciência. Uns estranhos sonhos se apoderaram de sua mente até que já não foi capaz de separá-los da realidade. Então lhe chegou um som chiante que ressoou por todo seu corpo, provocando um grande calafrio, e uma repentina rajada de ar fresco entrou, de repente, em meio um raio de luz. Cheirava a mofo e a ranço, mas, OH, que maravilhoso resultava voltar a respirar de novo! Tratava-se de uma alucinação; estava ficando louca. Tinha que ser isso.

Uns braços fortes a agarraram imediatamente, e umas pernas poderosas a tiraram da tumba. Sara apoiou o rosto quente contra aquele robe borgonha familiar. Cheirava a limpo, a mar, a ele, sensual e animal. O coração que pulsava baixo aquele robe ressoava contra seu ouvido em um ritmo tremente, tranquilizador e ao mesmo tempo aterrador. Sara se apoiou contra ele, aconchegando na seda, e dormiu.

Capítulo 8

Nicholas resistia a deixar Sara. Desesperava-se deixá-la ir. Mas sabia o que aconteceria se a tocava do modo em que desejava fazê-lo, assim que tudo tinha que ser impessoal entre eles. Tinha que tratar-se de um acordo profissional. Não havia outra alternativa.

Que suave e dócil a sentia em seus braços, que bem cheirava apesar da terrível experiência que tinha vivido naquela rançosa cela. Nicholas aspirou seu aroma até que encheu com ele suas fossas nasais e sua memória: alecrim e alhelí⁵, fragrâncias ancestrais de madeira, de terra, com um toque sensual de rosa. Bebeu dela, daquele néctar dos deuses do que se viu privado durante tanto tempo.

Deixou-a sobre a cama e separou da testa o cabelo banhado pelo sol. Que suave era, tal e como ele tinha imaginado, tão etéreo como os tecidos de aranha matinais visíveis sob a luz que o amanhecer tinha depositado ao longo da janela. Nicholas não podia evitar acariciar-lhe, sentir sua suavidade entre os dedos. Ao afastá-los sentiu o galo da testa, no que se estava formando um hematoma. Tinha as mãos cortadas e inchadas, e sua fina e translúcida pele estava sulcada de uma sujeira que cobria o rosto, os braços... E o peito, apenas coberto pelo esmigalhado vestido.

Nicholas tinha a virilha acesa em fogo e pulsava com doloroso calor, seu afiado instinto estava completamente em sintonia com a febre de seu sangue, agudo como o de um animal

⁵ Planta da família das crucíferas cultivadas para ornamento: o alhelí é típico da região do Mediterrâneo. A flor dessa planta, simples ou duplas, múltiplas cores e cheiro agradável



selvagem. A corrente sexual que fluía entre eles era evidente e Nicholas a envolveu na colcha como se fosse um casulo em uma vã tentativa de atenuar essa corrente. Ao ver que não o conseguia, ficou de pé.

—Quero que selem essa maldita câmara oculta antes do pôr do sol! —Bramou furioso sem ser consciente até esse momento de que Nell e Mills estavam muito perto —Deixa de choramingar, moça! —Espetou à donzela —Vá procurar os sais! Diga à senhora Bromley que suba imediatamente para avaliar seu estado. Tem que haver algum tipo de remédio ou de poção que possa preparar com essas suas malditas ervas para administrar à senhora até que chegue amanhã o médico. Quero que a meta em uma banheira quente assim que recupere a consciência, e que depois a deite nesta cama. E ficará nela até que eu ordene outra coisa, embora tenha que atá-la. Ficou claro?

—S... Sim, senhor —Choramingou Nell.

Girando sobre os calcanhares, saiu a toda pressa do quarto. Suas negras saias foram varrendo o chão de madeira.

—Vamos, senhor —Urgiu o ajudante de câmara colocando uma mão amável no ombro de Nicholas, que estava duro como uma rocha —Este... Desgosto não é bom para você.

A risada exaltada de Nicholas foi a única resposta. Escapou da mão de Mills e ajustou com brutalidade o cinturão do robe.

—Volte para seus aposentos, senhor. Prepararei-lhe o banho. Eles cuidarão da senhora. E então, quando tiver descansado... Quando estiver outra vez tranquilo...

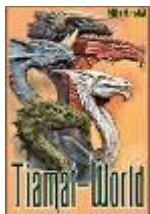
—Nunca voltarei a “estar tranquilo”, Mills —Disse Nicholas apertando os dentes.

E passando por diante dele, cruzou a porta e desapareceu entre as sombras do vazio corredor.

Não tinha sido um sonho. Ele a tinha subido pelas viscosas escadas para tirá-la da câmara oculta como se não pesasse mais que um punhado de plumas. Que forte era, e que terno seu abraço, como se ela fosse algo frágil que pudesse romper-se. E ao mesmo tempo a estreitou contra si como se sua própria vida dependesse disso. Sara se rendeu a seus braços, tinha fantasiado com que a abraçasse desde que pôs pela primeira vez os olhos em Nicholas Walraven, seu marido que não era um marido. Seria. Embora fosse a última coisa fizesse na vida... O seria.

—Tem que agradecer a esse velho cão sarnento que a tenhamos encontrado —Disse Nell esfregando com sabão os tecidos de aranha e o pó do cabelo. Aquele banho quente suavizado com óleos de rosas e romeiro amassado era o paraíso —Ninguém havia retornado a ver essa criatura em dois dias, e de repente esta manhã aparece correndo pelas escadas escavando o tapete justo na porta oculta desse buraco e começa a escavar, a arranhar e a uivar, fazendo ruído suficiente para levantar os mortos. Depois se foi a toda velocidade, e deve ter despertado o senhor, porque chegou imediatamente, descalço e em robe, assim chegou.

—Os arranhões —Disse Sara. Era a segunda vez que confundia aquele ruído —Escutei os arranhões. Pensei que eram ratos.



—Bom, já saiu dali, e bem a tempo. Mal podia respirar encerrada durante trinta e seis horas seguidas nessa cela não maior que um armário. Tem sorte de estar viva, senhora, isso é um fato. O senhor está agora mesmo abaixo com o velho Gibbs, o encarregado de manutenção. Estão selando a câmara, isso é o que estão fazendo.

—Onde está Nero? —Murmurou Sara.

—Não sei, senhora —Respondeu a donzela —Ninguém tornou a vê-lo depois. O senhor diz que lhe mostrou onde devia procurar e depois saiu como uma flecha. Assim é esse Nero, ronda por toda parte, aproxima-se sigilosamente das pessoas e desaparece igualmente depressa. Eu não gosto de muito, reconheço-o. Dá-me medo, se quiser que diga a verdade. OH, nunca mordeu ninguém nem nada parecido. São esses olhos com os que olha fixamente. Parecem humanos —Estremeceu —Me assusta, essa é a verdade. Assusta a todo mundo pelo modo com que entra e sai... Como um fantasma —Sussurrou finalmente.

Sara reprimiu um sorriso.

—Não é um fantasma, Nell, isso asseguro —Assegurou —Os fantasmas não comem faisão.

—Sei —Respondeu Nell —Tampouco lhes cai o cabelo, nem vão deixando pelas colchas. Digo-o por seu aspecto. Eu gostaria de lhe dar um bom banho, faria-o, mas ninguém pode o apanhar. O senhor ia livrar se dele. Não me importa dizer que todos dormiremos mais tranquilos se o fizer, mas não sei se o fará agora que o cão é um herói e tudo isso. Na parte de abaixo da casa não estão muito contentes.

—OH, espero que não o faça, Nell —Disse Sara —Tomei muito carinho ao Nero, e quero que deixe a porta de meu saguão entreaberta todas as noites no caso de vem a me visitar.

—Sim você o diz, senhora... Mas...

—Eu o digo —Insistiu Sara.

Talvez não fosse uma esposa de verdade para o Nicholas Walraven ainda, mas sabia como levar uma casa e como manter à servidão em seu lugar.

—Sim, senhora.

—Acredito que já me banhei bastante —Disse Sara —Eu gostaria de sair já, se me trouxer a roupa.

—OH, não pode colocar sua roupa, senhora. Só a camisola.

—Como diz?

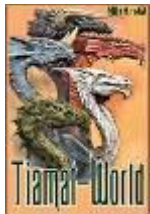
—São ordens do barão, senhora —Continuou Nell —Tem que ficar na cama até que ele diga o contrário.

—Isso é absurdo —Assegurou Sara —Mal é a hora do café da manhã. Não posso ficar todo o dia na cama. Estou ótima, Nell, são só uns cortes e uns machucados; nada sério.

—O barão diz que é o médico quem deve decidi-lo. O doutor chegará amanhã de Londres.

—Mas não posso ficar na cama com um convidado a ponto de chegar. Há coisas que preparar: os menus, as disposições... Tenho que me ocupar de tudo!

—Eu me encarregarei —Disse a senhora Bromley entrando com um unguento, uma terrina de que apareciam umas compressas e ataduras de linho cuidadosamente colocadas em uma



bandeja.

—Mas...

—Vamos, vamos —Insistiu a governanta —O barão jogará a todos se não se comportar. Deixou-me a cargo de tudo, e terá que cuidar-se ou me repreenderá. Nell a ajudará a sair da banheira. Secaremos-la com as toalhas, poremos a camisola e secaremos seu cabelo ao lado do fogo enquanto eu cuido desses cortes de suas pobres mãos. Depois se meterá nessa cama com este unguento na testa para baixar o galo. Eu mesma o preparei com acedera vermelha e óleo de rícino. Isso ajudará a sarar a ferida e baixará o inchaço. Depois subiremos uma boa tigela de sopa de rabo de boi e pão torrado com geleia de groselha, que têm muito ferro, para voltar a pôr seu sangue em ordem. Estará como nova em menos do que canta um galo.

Nicholas fez sua aparição depois do jantar. Embora Sara o estivesse esperando, quando entrou no quarto o coração começou a pulsar com tanta força que estava convencida de que ele podia observar como subia e baixava seu peito sob a camisola e o negligé. Que bonito estava com aquelas calças negras, pegas à pele, que marcavam as fortes pernas e as coxas. Que largos luziam seus ombros com aquele fraque de tecido de grande qualidade e o colete branco bordado que enfatizava sua estreita cintura e o largo e musculoso peito. Sara viu com a imaginação o que havia debaixo. Não o tinha visto quase nu? Em duas ocasiões.

A princípio Nicholas não falou. Ela levava todo o dia temendo sua visita. Preparou-se para a iminente briga. Não tinha defesa. Tinha acontecido exatamente o que ele disse que ocorreria se perambulava sozinha pela casa. Não podia olhar seus olhos negros e acesos que refletiam o brilho da lareira, e quando Nicholas falou, ela cambaleou como se tivessem disparado.

—Como se encontra? —Perguntou aproximando-se.

Então Sara elevou os olhos bem a tempo de ver como enrugava a testa enquanto observava o galo de sua cabeça e as mãos enfaixadas.

—Confiava em que grande parte do que vi antes tivesse desaparecido. Que estúpido fui.

A Sara caiu a alma aos pés. Estava outra vez frio e distante. Mas não tinha imaginado aquela reação quando Nicholas a tirou daquela cela; então havia calor, doçura e ardor naquele homem. Também havia paixão. Não só do tipo que nascia da raiva, embora sem dúvida Nicholas tinha inclinação para ela. Uma paixão em ebulição que ardia lentamente se ocultava sob a superfície disposta a fazer explosão. Sara não tinha confundido a ternura com a que a abraçou, o ritmo de seu coração estremecendo-se contra ela. Nicholas sentia algo. Por que tinha medo de demonstrá-lo?

—Os remédios da senhora Bromley são extraordinários —Disse Sara —Mas realmente não é tão grave como parece.

—Deixaremos que seja o doutor Breeden quem diga isso quando chegar amanhã — Respondeu ele.

—Nell me disse que levou meus sapatos —Disse Sara —Pode devolver isso, por favor?

—Até que o médico me dê permissão para te deixar sair da cama, não —Respondeu



Nicholas.

—Tenho outros sapatos, senhor —Espetou ela.

—Nicholas —A corrigiu —Acredito que esse golpe na cabeça não lhe tenha afetado a memória. Temos um trato, recorda?

—Como poderia esquecê-lo?

—Não vou repreendê-la. Acredito que tenha aprendido a lição —Assegurou Nicholas — Fechei com cimento a cela secreta, mas há outros perigos na casa. Deve respeitar meus desejos e evitar ir de um lado para outro explorando por sua conta. O que estava fazendo ali em baixo? Como fez para cair através desse tabuleiro giratório?

—Isso não importa agora —Replicou Sara.

—OH, claro que sim importa —Respondeu ele —O que estava procurando? Foi outra vez atrás desse animal? Quero que me diga a verdade, Sara. Não tem por que andar rondando por esta casa. Se necessitar ajuda para algo, não tem mais que pedi-la. Tive em conta que vem de uma prisão, mas Ravenscliff não é nenhum cárcere. Aqui não deve temer dizer o que pensa. De fato, te dá muito bem fazê-lo. Não há nada que temer além do perigo no que você mesma te põe ao ignorar minhas diretrizes.

—Suas “normas domésticas”, querera dizer —Observou ela.

—Se quer expressá-lo assim, de acordo. Não troque de tema. O que estava fazendo ali em baixo?

Deveria dizer a verdade? Estava o suficientemente zangada. Nicholas tinha razão, nunca tinha dado medo expressar o que pensava... Até que chegou em Ravenscliff.

—Estou esperando —Recordou Nicholas —Se trata do Nero, não é?

—Não exatamente —Disse ela —Não foi ele quem me guiou até ali em baixo, se for isso o que está pensando. Conhece muito bem a casa, e muitas vezes está molhado e cheira a mar. Eu gostaria de ir dar um passeio pelo escarpado algum dia. Me ocorreu pensar que ele devia conhecer outra saída por volta do mar, e minha intenção era seguir para ela...

—Em meio da noite? —Interrompeu-a Nicholas.

—Não para sair, e sim para ver onde estava a porta.

—Não te ocorreu pensar em nenhum momento que algum dos criados, ou eu mesmo, teríamos estado encantados de te mostrar essa saída?

—Mostrar-me isso sim, mas não me permitir me aventurar a sair por ela sozinha.

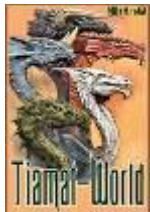
—OH, entendo.

—Não o entende, mas estou muito cansada para explicar isso.

—Eu gostaria que o tentasse —Disse Nicholas cruzando os braços sobre seu imenso peito.

—Há momentos nos que prefiro estar sozinha, e me proporciona um grande prazer me comunicar com a natureza. Você mais que ninguém deveria entendê-lo, dada sua paixão pela solidão. Acredito que essa é de fato sua única paixão.

Não acreditava realmente nem por um instante, mas não fazia falta que Nicholas soubesse... Ao menos no momento.



—Isso demonstra o pouco que me conhece —Respondeu ele percorrendo o tapete de cima abaixo aos pés da cama com passos lentos e pausados e com os punhos apertados sob as abas do fraque.

—Não me deu oportunidade de te conhecer, Nicholas.

—Está desviando o tema uma vez mais —Replicou ele —Seguiu ao Nero. E depois o que?

—la muito depressa para mim. Perdi-o entre as sombras do corredor e desci para ver se podia encontrá-lo quando alguém, acredito que um dos serventes, abriu a porta que comunica com a zona da servidão. Não queria ser descoberta ali a essas horas da noite, assim que me escondi sob as escadas, me ocultando entre as sombras até que se fosse. Quando me apoiei contra o muro e se moveu.

—Poderia ter morrido ali em baixo —Assegurou Nicholas —Essa câmara oculta foi construída faz séculos, Sara. Não se utilizou há mais de cem anos. Embora eu conhecesse sua existência, nunca estive ali em baixo. Há mais de uma nesta casa e, além disso, um labirinto de túneis e de passadiços ocultos percorre a parte inferior. Utilizavam-se como via de escape durante os tempos da invasão, e mais tarde, como meio de acesso para piratas, contrabandistas e corsários que entravam e saíam com seus roubos. Eu não cheguei a ver todas. Entende agora por que não quero que vá rondando por aí sua sozinha? Se Nero não tivesse captado seu aroma, eu nunca teria te encontrado ali em baixo.

—Agora já não se livrará dele, não é, Nicholas? —Suplicou-lhe.

Ele deixou de percorrer o tapete e se girou para olhá-la com olhos ausentes e inquietantes.

—Nicholas... Por favor.

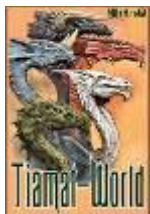
—Talvez não tenha opção, Sara —Assegurou —Pode que algum dia tenha que escolher entre um dos dois.

Capítulo 9

Embora o doutor Breeden assegurasse que Sara estava o suficientemente bem para sair da cama, Nicholas insistiu em que seguisse em seus aposentos durante uns dias. Precisava passar tempo a sós com o médico, entretanto, Sara não era sua única preocupação nesse sentido. Alexander Mallory andava também por ali agora e, ao ardiloso administrador, não se podia confinar com tanta facilidade.

—Desculpe-me que tenha me aproveitado de suas habilidades tão logo chegou, doutor —Disse Nicholas do outro lado da mesa da sala de jantar enquanto o laçao mostrava o salmão ao vapor —Temo que foi inevitável. Darei-lhe o mesmo conselho que dei a minha mulher: por favor, não perambule sozinho por esta quinquilharia para evitar que seja vítima de um percalço parecido.

—Estou encantado de lhe ser de utilidade, barão Walraven —Respondeu o médico —E não



tem do que preocupar-se, andarei com supremo cuidado.

—Há inclusive uma masmorra aí abaixo —Interveio Mallory reclinando-se para trás para que o laçao pudesse deixar na mesa o prato de salmão.

Depois se girou para o Nicholas.

—Recorda o verão que a encontramos? Deus, que idade tínhamos então? Éramos uns meninos. Os normandos eram uns tipos muito imaginativos. Ravenscliff está infestado de exemplos de sua criatividade. —Desviou sua atenção para a cadeira lavrada —Nicholas, como ela chego a...?

—Terá mais cuidado no futuro —Respondeu Nicholas ignorando a pergunta enquanto lançava ao administrador um olhar que o silenciou.

Além do som dos talheres de prata sobre a porcelana, o silêncio prevaleceu até que serviram o prato de lombo de cordeiro assado. Nicholas mastigava cada parte com impaciência. Estava tão ansioso por consultar o médico que suas emoções tinham começado a avisar de que havia perigo. Não podia baixar a guarda diante do administrador, mas havia alguns temas que sim podia tratar diante de terceiras pessoas, e decidiu começar por eles.

—Tenho entendido que passou muito tempo na Índia, doutor —Começou.

—Vivi muitos anos ali —Respondeu Breeden —Foi na Índia onde escrevi o artigo que logo se publicou nos periódicos de Boston e ao que aludia em seu convite. Um país fascinante.

Nicholas não temia que o médico o delatasse sem dar-se conta. Em seu convite deixava clara a necessidade de manter o segredo em relação à verdadeira natureza de sua visita, inclusive para Sara, e especialmente para Alexander Mallory.

—Meu pai também esteve ali —Disse Nicholas por cima da borda de sua taça de vinho —Formou parte da primeira ocupação sob o comando de Warren Hastings. Quando a partilha da Índia de Lorde North entrou em vigor em 1773 e o Parlamento se fez com o controle da Companhia das Índias Orientais, o país ficou sob o comando do governador geral. Quando isso ocorreu, a política britânica se exerceu com firmeza na Índia. Hastings, o primeiro governador geral, era um dos melhores amigos de meu pai. Uniu-se em seguida a ele na Índia, na primavera de 1774, e retornou a Inglaterra em 1776, um ano antes de que eu nascesse.

—Entendo —Disse o médico. E a julgar por sua expressão, ao Nicholas não coube nenhuma dúvida de que estava começando a fazê-lo.

O doutor Mark Breeden era um nome que dobrava em idade e que possuía os olhos prateados mais expressivos que Nicholas tinha visto em sua vida. Brilhavam com uma luz interior de entendimento que era ao mesmo tempo inquietante e tranquilizadora. Esses olhos o estavam observando agora, e Nicholas estava convencido de que viam mais do que parecia com simples vista.

—E diz que se deu baixa depois só dois anos, e em um momento tão crítico... Durante as primeiras campanhas da ocupação? Resultou ferido?

—Sim, mas não em combate. Mordeu-lhe um animal... Um lobo. A ferida nunca sarou. Infectou-se, ulcerou-se, e essa úlcera se estendeu. Envenenou-lhe o sangue, e ao final acabou por matá-lo. Morreu pouco depois de que eu nascesse.



—Entendo —Disse o médico —Que tragédia. E sua mãe?

—Minha mãe morreu quando eu tinha doze anos. Nunca voltou a casar-se; jamais se recuperou da perda de meu pai. Estavam muito unidos.

—É filho único?

—Sim —Respondeu Nicholas.

Aquela resposta pareceu produzir alívio na expressão do médico, e agora foi Nicholas o que começou a observá-lo.

—Mills, meu ajudante de câmara, foi também de meu pai quando esteve destinado na Índia e ocorreu o acidente. Cuidou dele virtualmente até que morreu, e depois fez o mesmo comigo quando era menino, sobre tudo quando mamãe morreu. Não poderia havê-lo conseguido sem ele.

—Bem, além disso, é muito difícil encontrar um criado leal nestes tempos —Disse o médico pondo especial ênfase na palavra “leal”, indicando que tinha sabido ler entre linhas.

—Sim —Disse Nicholas —O entendeu perfeitamente. Compartilhá-lo-emos durante sua visita, já que viajou sem ajudante de câmara. Estou seguro de que encontrará muito satisfatório seu serviço.

—Não me cabe nenhuma dúvida —Assegurou o médico.

—Quanto tempo viveu na Índia, doutor? —Perguntou Mallory captando os olhares de ambos.

—Mais do que vivi na Inglaterra —Respondeu o médico —Nasci ali e ali passei minha infância. Depois me eduquei aqui e retornei a viver na Índia até que minha mãe faleceu, faz quinze anos. Era mestiça. Meu pai era um trabalhador britânico da Companhia das Índias Orientais. Os fanáticos religiosos o mataram enquanto eu estava estudando em Oxford.

—Agora entendo que esteja tão familiarizado com essa cultura —Disse Mallory elevando sua taça de vinho.

Os lacaios tinham começado a recolher a toalha de linho da mesa e a trazer os vinhos doces e as sobremesas. O silêncio voltou a prevalecer uma vez mais até que deixaram disposto uma seleção de geleias sortidas e cremes, pudim de rum e maçã e bolo francês com cobertura.

—Deus Santo —Disse o médico aceitando um pedacinho de fragrante pudim —Vou cair doente de gota e se isto seguir assim. Minhas felicitações à cozinheira, senhor.

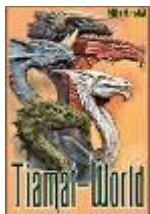
—As farei chegar, doutor —Assegurou Nicholas —Mas é à baronesa a quem tem que felicitar pelo menu. Está muito dotada para a arte de receber convidados, como logo comprovará.

—É uma pena que não tenha podido reunir-se conosco —Disse o médico —Está em boas condições. Os efeitos secundários da contusão demorarão um tempo em desaparecer, mas isso não deveria ser um problema, sempre e quando tomar cuidado.

—Reunir-se-á conosco amanhã de noite —Afirmou Nicholas —Quando puder estar completamente seguro de que não vai realizar excessos. Esta é a primeira vez que recebemos visitas desde que nos casamos, e sei quão importante é para ela.

—Por isso parece, deram muito bem, não é assim? —Perguntou Mallory.

—É obvio —Respondeu Nicholas —Por que não seria assim?



O administrador se encolheu de ombros.

—Por nada —Disse terminando o bolo —Senti certa... Apreensão por sua parte quando viemos até aqui, isso é tudo.

—Apreensão, Alex? A que se refere?

—Talvez essa seja uma palavra um pouco forte —Se corrigiu Mallory fazendo um gesto para pedir mais vinho —Mas bem diria desconforto. Os nervos de antes das bodas, suponho. Algo normal, tendo em conta que poderia... Reconsiderar sua situação.

O médico estava observando a conversa com interesse. Nicholas lamentava que o administrador tivesse tirado o tema, mas sabia por que o tinha feito. Alexander Mallory era um livro aberto. Estava desejando que as coisas não funcionassem entre eles. Estava esperando o momento de dar um passo adiante quando o acordo falhasse. A ira se converteu então na inimizade de Nicholas. Arrepiou-lhe o pelo da nuca, e quando falou, dirigiu sua resposta diretamente para o médico.

—Casei-me com a baronesa por procuração, doutor —Disse —Alex ocupou meu lugar, dado que... Circunstâncias além de meu controle me impediram de fazer a viagem a Londres para celebrar umas bodas apropriadas.

—OH, céus, eu disse algo errado? —Disse Mallory deixando a um lado o guardanapo.

—Absolutamente —Se forçou a dizer Nicholas.

A raiva seguia nele. Teve que fazer um esforço por não saltar em cima da mesa. Aspirou com força o ar várias vezes.

—Não sabia que na Inglaterra podiam seguir celebrando-se bodas por procuração. —Disse o médico.

—Não se pode —Confirmou Mallory —Tivemos que viajar até Escócia para celebrá-la. Uma viagem espantosa. Fazia um tempo horrível.

—Anos atrás, quando era permitido, —Disse Nicholas —tudo o que era necessário fazer era que a parte ausente se apresentasse no Registro local com o substituto para finalizar a união.

Soltou uma risada gutural; aquilo era justo o que necessitava para romper a tensão.

—Quando nos demos conta de que já não podiam celebrar-se esse tipo de uniões, Mills foi o encarregado de fazer as honras por mim no registro de Truro. A devoção deste homem pela casa de Ravenscliff não conhece limites.

Uma ronda de gargalhadas seguiu a suas palavras.

Tinham terminado de jantar quando Nicholas se levantou da mesa.

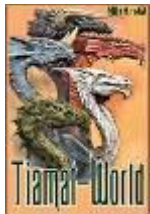
—Vamos ao escritório tomar uma taça de brandy, cavalheiros? —Sugeriu.

—Eu devo me desculpar —Respondeu o administrador —Com sua permissão, Nicholas, irei apresentar meus respeitos à baronesa antes de me retirar e me deitar cedo. Foi uma viagem exaustiva.

Nicholas vacilou.

—Como deseja —Disse finalmente —Não a fatigue, Alex.

A ideia de que o administrador fizesse uma visita a Sara o fazia sentir um tanto incômodo,



mas não havia nenhum perigo real. Nell estaria perto. Conhecia a postura de Sara no que se referia a Alexander Mallory, e estava desejando passar um momento a sós com o médico.

—OH, não o farei. Boa noite, Nicholas. Doutor Breeden... —Fazendo uma reverência, partiu.

Nem Nicholas nem o médico falaram até que estiveram dentro do escritório com a porta fechada. Uma vez acomodados com seu brandy, foi Nicholas quem rompeu o silêncio entre eles.

—Desculpe-me, doutor —Disse —Nesta casa não podemos falar do tema de nosso... Mútuo interesse. As paredes têm ouvidos, e é muito importante mantê-lo em segredo. Talvez amanhã, se o tempo o permitir, possamos dar um passeio pela praia. O mar guardará nossos segredos. Conservou o meu desde que fui capaz de me pôr em pé sem que me fraquejassem os joelhos.

—Compreendido —Respondeu o médico.

—Não pretendo ofender, mas há muito em jogo... Tenho garantias de sua confidencialidade? O médico sorriu.

—É obvio, senhor, isso não faz falta dizê-lo. Meu juramento é sua garantia... Mas embora não fosse assim, se formos chegar onde acredito que vamos chegar com isto, quem me acreditaria se o contasse? A metade da Inglaterra me considera um excêntrico, e o resto está convencido de que sou um lunático exímio. —Elevou sua taça em gesto de saudação —Seu segredo está a salvo comigo.

Quão último Sara esperava quando bateram na porta de sua salinha era a visita de Alexander Mallory. Agradecendo à providência ao fato de que estivesse ainda vestida, fez-lhe entrar e voltou a tomar assento em seu escritório colocando-se meio de lado com uma atitude que, esperava, o fizesse ver que o tinha interrompido era muito mais importante que ele.

—Lamento o percalço que sofreu, senhora —Disse ele dirigindo-se ao divã —Posso me sentar? Só ficarei um momento. Já vejo que está... Ocupada.

Sem esperar que o convidassem, tomou assento e deixou cair o braço pelo respaldo do divã com atitude informal.

—Sim, estou —Afirmou Sara —Não pretendo ser mal educada, senhor Mallory, mas é tarde, e devo terminar isto antes de me retirar.

—Não teria que estar na cama? —Perguntou ele —Nicholas me disse que sofreu uma grave queda.

—Estive na cama, senhor Mallory —Espetou Sara —E tenho permissão do doutor para reatar minhas atividades. E agora, devo insistir em...

—Eu gostaria que cedesse e me chamasse Alex —A interrompeu ele —Aqui somos todos uma família feliz.

—Sim, bom, tenho minhas dúvidas a respeito, senhor Mallory. E agora, se me desculpar, tenho que terminar isto.

—Nicholas me deu permissão para subir, se for isso o que a preocupa —Assegurou marcando as palavras —Não vai irromper de repente pela porta como um marido ciumento com uma pistola em mãos.



OH, assim que lhe deu permissão, não é? Aquilo tocou a fibra sensível. Tão pobre era a opinião que tinha Nicholas dela para permitir que o administrador a colocasse em semelhante posição? Se assim era, mostrava tão pouco respeito por ela como Mallory. O sangue quente amontoou nas têmporas. Aquele homem era um professor em enviar sinais contraditórios.

—Não tem razões para fazê-lo —Espetou ficando de pé.

Roçou o escritório com o vestido, e um dos menus nos que tinha estado trabalhando caiu flutuando até o chão. Mallory se levantou rapidamente do divã e se inclinou para recolhê-lo ao mesmo tempo que o fazia Sara. Seus rostos estavam muito perto, e as mãos de ambos tratavam de agarrar o pergaminho do tapete. Nenhum dos dois recuou. Mallory cheirava a azedo, a licor forte misturado com vinho doce. O resultado era nauseabundo. Estaria bêbado? Se não era assim, ia a caminho de está-lo.

—Me permita —Disse o administrador.

—Já o tenho, senhor Mallory. Por favor! Já prolongou muito sua estadia aqui. Não posso ser mais clara.

—Acredito que a senhora protesta muito —Disse Mallory citando uma frase de Shakespeare.

Aquela expressão era uma indiscutível tentativa de sedução, e Sara arrebatou o disputado pergaminho da mão, rasgando-o no processo, se levantou tanta pressa que uma vertigem a ameaçou fazendo-a perder o equilíbrio. Embora as compressas da senhora Bromley tivessem reduzido o inchaço da testa, o hematoma permanecia, assim como os efeitos da contusão. A última coisa que precisava era cair direto nos braços daquele homem, assim fez um esforço para sustentar-se.

—Está muito confuso, senhor —Assegurou —Cheira a álcool. E embora isso não desculpa sua conduta, farei uma exceção... Sempre e quando sair imediatamente de minha suíte!

—É uma mulher muito desejável, Sara —Cantarolou Mallory incorporando-se. Colocou o colete em seu lugar e estirou os ombros. Sara pensou que tinha todo o aspecto de um galo de briga pavoneando-se —Não lhe fará justiça —Continuou —É frio como o gelo, assim é Nicholas. Suponho que a estas alturas já se deu conta. Eu, por minha parte, sim que valho à pena.

Sara se dirigiu para a porta e a abriu de par em par. Mallory elevou as mãos e avançou para ali.

—De acordo, parto-me, querida —Disse —Só recorde que quando estiver preparada para um homem de verdade, já sabe onde me encontrar.

Sara deu uma portada quando ele saiu e se apoiou contra a porta. Deveria contar ao Nicholas, tal e como tinha pedido que fizesse? Tratava-se aquilo de alguma espécie de prova? Se assim era, não lhe daria aquela satisfação. Não se merecia uma obediência cega. Os olhos se encheram de lágrimas, mas se negou a deixá-las cair. O que esperava? O que podia esperar depois casar-se por procuração com um homem que nem ao menos tinha visto alguma vez e depois acompanhar a um autêntico desconhecido ao fim do mundo para cumprir com sua obrigação marital? Que respeito podia gerar uma atitude assim... Embora Nicholas fora quem o tivesse planejado tudo? Ele levou a cabo a proposição; quão único Sara fez foi aceitá-la, e Nicholas sabia



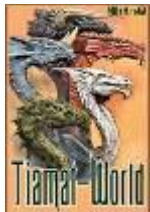
por que. Estava claro o que Alexander Mallory pensava de todo aquele assunto. Não tinha modo de saber que não se produziu a consumação do matrimônio. Considerava-a uma fresca, uma prostituta ou não muito melhor que isso. Em caso contrário não se comportou nunca daquela maneira... Bêbado ou sóbrio. O homem ao menos tinha um verniz de cavalheiro, embora fosse uma capa magra e descascada, sem dúvida com as gretas de anteriores conquistas. Bem, pois ela não seria uma mais.

Sara observou o menu rachado que tinha na mão. O resto estava enrugado sobre o tapete, onde Mallory o tinha deixado depois de sua fracassada tentativa de sedução. Sara o recolheu e alisou as partes na parte superior do escritório. Teria que voltar a copiá-lo, mas não aquela noite; Nell já tinha recolhido a bandeja do jantar.

Estava a ponto de chamar à donzela para que viesse a prepará-la para meter-se na cama quando a jovem apareceu e a ajudou a colocar a camisola. Sara estava esgotada e a despediu. Nell parecia encantada de partir em busca de seu criado. Melhor assim. Sara não estava de humor para bate-papos instanciais.

Tirou a parte de cordeiro que tinha pegado da bandeja do jantar, envolveu-o cuidadosamente no guardanapo e o colocou sobre o tapete, aos pés da cama, onde o tinha deixado a última vez, com a esperança de receber a visita de Nero. Não tinha aparecido desde a noite da queda. Teria Nicholas se desfeito do animal apesar de suas súplicas? Não podia suportar ao menos considerar aquela possibilidade. Dirigindo-se para a porta do saguão, deixou-a entreaberta como levava fazendo desde o início, se por acaso Nero resolvesse fazer uma visita. Depois apagou as velas do candelabro que tinha ao lado da cama e se meteu entre os lençóis tratando de encontrar sentido à situação, mas seus pensamentos não queriam ordenar-se. Retornavam uma e outra vez para as mesmas perguntas: por que Nicholas tinha se casado com ela se quão único procurava era uma anfitriã? Qual era a autêntica razão pela que não queria um herdeiro? Era capaz de sentir uma paixão arrebatadora. Estava dentro dele quando a tirou daquela câmara oculta, quando a estreitou entre seus braços e a acalmou com tal ternura que Sara desejou que não cessasse nunca; como podia tratá-la com tanta indiferença depois daquilo, deixá-la a mercê de alguém como Alexander Mallory? Sentia-se atraída por Nicholas, apesar de sua valente decisão de separar de si os sentimentos que já não podia seguir negando. Tinha tratado de transferir parte daqueles sentimentos para o Nero. Agora ele também partiu, e Sara começou a dormir, imaginando-se aconchegada de novo nos fortes braços de Nicholas, imaginando aquele aroma animal e salino que desprendia de sua pele... Ou era a essência de Nero? Eram tão parecidos, e por que não seriam, misturados como estavam em seu estado sonolento? Queria-os aos dois, não era assim?

Os braços que tinha conjurado a estreitaram com mais força, mas o aroma que subia por suas fossas nasais não era limpo, como o do Nicholas, como o ar banhado pela chuva que caía sobre o mar; era um aroma azedo... Podre de brandy e vômito. Sara abriu os olhos de repente. Aquilo não era um sonho, Mallory a estava agarrando... Manuseando-a através da camisola de seda cor pêssego.



—Sabia que tudo era uma farsa, uma atuação para a donzela que dorme no quarto do lado, sem dúvida. Sabia —Sussurrou perto do ouvido arrastando as palavras com voz vacilante —Já não está aqui, não é? Claro que não, e deixou a porta entreaberta para mim, como sabia o que faria, não é verdade, senhora? Não te arrependerá...

Sara gritou, mas a mão que cobriu a boca a cortou em seco, enquanto que a outra mão de Mallory tateava a provas por sua camisola. O grito apanhado em sua garganta ficou reduzido a um chiado desesperado, e Sara o chutou enquanto cravava as unhas na mão que estava silenciando seus gritos. Ao ver que aquilo não funcionava, mordeu-a com força e Mallory a soltou proferido um alarido que coincidiu com outro som aterrador, um grunhido gutural que deixou Sara paralisada.

Ocorreu em um abrir e fechar de olhos. O corpo negro rajado de prata de Nero atravessou voando o ar e seus afiados dentes se cravaram no antebraço de Mallory, jogando o administrador da cama ao chão com um ruído surdo que ressoou na estadia. A colcha se tingiu de sangue. Nero ia matá-lo! Por que não vinha Nell? Seguiria com o criado?

Sara tratou de gritar, mas o medo lhe fechou a garganta a qualquer som... Medo de que Nicholas se desfizesse agora sem dúvida de Nero.

Não podia permitir que isso ocorresse. Não podia gritar e fazer vir os criados ou o próprio Nicholas e arriscar-se. Aquela era a segunda vez que Nero a salvava.

Olhou para um lado, além da cama. Mallory se estava defendendo como podia, mantendo afastado de Nero com o candelabro que estava sujeitando a pressão entre os dentes do animal e seu próprio pescoço, mas se estava enfraquecendo. Quando Sara conseguiu falar, fez-o com um terror em estado puro.

—Nero, não! —Gritou —O Solte. Meu Deus, O solte!

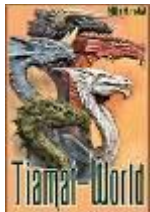
Como se saísse de um transe, o animal vacilou, olhando nos olhos como se a tivesse entendido... O tempo suficiente para que Mallory ficasse de pé cambaleando-se e se dirigisse a toda pressa à porta, agarrando o antebraço ensanguentado enquanto o sangue manchava o tapete a seu passo.

—Vou matar a esse vira-lata sarnento! —Assegurou apertando os dentes —Não esqueça minhas palavras, não viverá para ver amanhecer!

Nero olhou para ele, com as patas abertas, o pelo arrepiado, os olhos brilhando dilatado, vermelhos à luz do fogo. Mostrando as letais presas, deu um passo para o administrador, e depois outro, cravando as unhas no tapete conforme avançava. De suas bochechas pendurava espuma manchada de sangue. Um grunhido de advertência saiu de sua negra boca, e depois um latido áspero e vibrante que emitiu com a cabeça elevada, depois abaixou e voltou a avançar. Outro grunhido levou o administrador a sair pela porta do saguão.

—Recorda o que te disse —Disse Mallory com voz estridente —Este animal está morto!

Sara estava paralisada de joelhos em meio da cama de mogno com dossel com as mãos na boca, observando como Nero dava a volta e levantava a perna, marcando seu território uma e outra vez em semicírculo ao redor da cama. Quando teve terminado, sacudiu-se, elevou sua



peluda cabeça e lançou aquele lastimoso uivo dele que atravessou a Sara como uma fêmea.

Ela abriu os braços e Nero subiu à cama para refugiar-se neles, lhe roçando o cabelo com seu frio e úmido focinho, lambendo as lágrimas do rosto, agitando sua esponjosa cauda enquanto ela o acariciava. Rodeava-o um forte aroma metálico a sangue. Ambos estavam cobertos dele, o sangue de Mallory. Tinha salpicado a camisola, e o cabelo de Nero estava coberto com ele.

—Esconderei-o aqui —Disse Sara —Se ele não te matar, seguro que Nicholas se desfaz agora de você. Tem fome, moço? Olhe, guardei-te um regalo. —Assinalou o guardanapo do tapete, e Nero saltou e se dirigiu para ali, abrindo o guardanapo de linho com o focinho enquanto Sara descia da cama para colocar o candelabro em seu lugar.

Nero tinha começado a devorar o cordeiro quando Mallory apareceu cambaleando-se na soleira agarrando uma pistola com tanta força que tinha os nódulos brancos.

—Se afaste! —Bramou apontando.

—Nãoo! —Gritou Sara lançando o candelabro que tinha na mão.

Não acertou, e Nero entrou em ação saltando pelo ar. Escutou-se um disparo ensurdecador, do cano da pistola saíram faíscas e o ar se encheu com o forte aroma da pólvora. O animal uivou e caiu com força sobre o chão pelo impacto com o sangue emanando do corpo. Foi só um instante, em seguida ficou outra vez a quatro patas com passo tremulo, gemendo de dor. Girou a cabeça para olhar a Sara, que estava atrás agarrada a um dos postes da cama. O brilho do metal sob a luz do fogo captou sua atenção, e conteve o fôlego. O administrador tinha outra pistola! Ela a viu antes que Nero.

—Corre, Nero, corre! —Gritou, e o animal passou como um raio pela porta com o Mallory pisando nos calcanhares, murmurando entre dentes uma enxurrada de maldições.

De repente se escutou outro disparo. Outro uivo ressoou com o passar do corredor, e depois se sossegou.

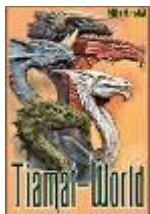
—Não, Nero, nãoo! —Soluçou Sara.

E então se fez o silêncio.

Capítulo 10

Sara estava segura de que ia encontrar Nero morto sobre o tapete do saguão. Correu para a porta e olhou no corredor, mas estava vazio; não havia nem rastro do Mallory nem do animal. Soluçando, voltou a entrar e fechou a porta atrás dela. Estava muito triste por Nero. Queria a ajudar, a proteger. Tinha propiciado o disparo do administrador para tirar de sua suíte; estava convencida disso, e se lançou sobre a cama para chorar até ficar sem lágrimas.

Foi um curto consolo. De repente, uma chamada frenética à porta se abriu caminho entre seus soluços. Umas vozes gritavam seu nome, e Sara se levantou da cama, colocou o negligé e foi abrir. Quando abriu a porta, Nell e a senhora Bromley entraram precipitadamente, gritando a



pleno pulmão. Havia outros criados agrupados na soleira, e chegaram mais ainda, alagando o saguão. À frente estava Smythe, o mordomo. Havia vários lacaios que levavam candelabros acesos, e mais gente do que Sara jamais tinha visto. Nicholas não estava entre eles.

Sara sob a vista se deu conta do que era o que havia desesperado Nell e à governanta. A camisola que levava sob o negligé aberto estava manchada de sangue, igual o seu rosto e suas mãos. O alvoroço resultava ensurdecedor. Ressoava dentro de sua cabeça, deixando-a tonta, e Sara fez um esforço em vão para não desmaiar.

De repente, um criado ao que conhecia só de vista abriu passo entre o mar de serventes boquiabertos e se aproximou dela. Tinha um rosto agradável, embora seus olhos, que eram como prata fundida, observaram-na com atenção durante um comprido instante sob suas sobrancelhas franzidas.

—Está ferida, senhora? —Perguntou. Sua voz soava como se procedesse de uma habitação tirada o som —Necessita que venha o doutor?

—N... Não estou ferida —Assegurou —Você é...?

—Mills, senhora —Respondeu ele —O ajudante de câmara de Sua Senhoria. Seguro que não necessita ao médico? —Seus olhos percorreram a camisola manchada de sangue.

—E... Estou segura —Afirmou Sara —O sangue... Não é meu. É do senhor Mallory. Ele... Ele... —Não foi capaz de dizê-lo.

—Sei, senhora —Disse o ajudante de câmara —Sabe onde está agora o senhor Mallory?

—N... Não —Vacilou —E Nero? Está... Morto? O senhor Mallory estava bêbado. Queria matar o Nero!

—Outra vez esse maldito animal! —Exclamou o mordomo —Teria que havê-lo imaginado. De acordo, que todo mundo volte para seus postos. Retomem suas tarefas. A senhora está bem.

Um coro de murmúrios foi a única resposta enquanto a multidão se dispersava obedecendo a ordem de Smythe e retornava a suas obrigações... Todos menos Nell, Bromley e Mills, que ficaram onde estavam.

—Onde está Sua Senhoria? —Perguntou Sara ao ajudante de câmara.

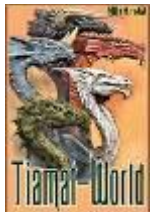
—Sua Senhoria teve que sair por um assunto urgente, senhora —Respondeu ele —Por isso vim... em seu lugar. Quando Nell e a senhora Bromley a tenham acomodado, devo insistir em que feche a porta e permaneça esta noite em sua suíte. O senhor Mallory segue estando na casa. A bebida o leva a ser... Imprevisível, e Sua Senhoria não me perdoaria isso nunca se sofresse algum dano.

—Mas Nero...!

—Nero pode cuidar de si mesmo, senhora —Assegurou o ajudante de câmara.

—Mas o senhor Mallory atirou nele, Mills. No ombro, acredito... Ou na pata. OH, não estou segura! Tudo aconteceu muito rápido. Estava sangrando muito. Temos que encontrá-lo, nos ocupar dele!

—Não se aflija, senhora —A tranquilizou Mills —Eu cuidarei do Nero. Ocuparei-me disso imediatamente. —Girou-se para a governanta —Talvez uma bebida, senhora Bromley —Disse —



Algo de seu armazém de ervas para ajudar à senhora a descansar. Depois se encarregue, por favor, desta porta.

—Mas, e se Nero retornar? —Gritou Sara —Se a porta estiver fechada, não poderá entrar. Está ferido, Mills.

—O animal não retornará esta noite, senhora —Assegurou o ajudante de câmara —O encontraremos e cuidaremos dele, mas me ocuparei de que Smythe aposte em um dos criados diante de sua porta... se ele voltar, para que esteja mais tranquila.

Partiu dali arrastando os pés, e Nell e a senhora Bromley agarraram a Sara pela mão e fecharam a porta atrás delas.

Nicholas estava envolto em um lençol ensanguentado, nu de cintura para acima e deitado no divã do provador enquanto o médico trabalhava com mãos peritas e rápidas para tirar a bala do ombro. Seus olhos, que refletiam uma grande dor, estavam cravados na porta. Quando Mills a cruzou rapidamente, deu um inclinação brusca que provocou que ao médico lhe escorregasse a mão.

—Tome cuidado, senhor! —Exclamou Breeden —Já perdeu muito sangue.

Nicholas não prestou atenção.

—Sofreu algum dano, Mills? —Perguntou apertando os dentes enquanto o doutor continuava com a cura —Diga que não! Me diga que Alex não há...

—Sabe que não sofreu nenhum dano, senhor —Respondeu Mills sem fôlego —Nero o evitou. Esqueceu-o?

—Não, não o esqueci —Espetou Nicholas —Como ia esquecê-lo, Mills? Onde está esse desgraçado agora?

—O senhor Mallory segue ainda aqui, senhor —Respondeu Mills.

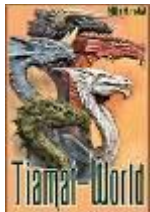
—Não se foi de minha casa?

—Eu diria que não, senhor —Disse o ajudante de câmara —Estava bêbado como um gambá, disparando pela casa —Mills vacilou —Me permita assinalar que estava apontando ao Nero, senhor... Não ao barão Walraven.

—Bom, se Nero tivesse arrancado o escroto se a senhora não tivesse intercedido pela vida desse homem. Agora essa tarefa me toca, não é assim, Mills? Alex vai lamentar a hora, o minuto exato no que liberou os espíritos que tomaram conta dele esta noite.

—Não posso fazer nada se não ficar quieto e deitado —Protestou o médico pressionando a ferida sangrenta com uma toalha de linho dobrada. Girou a cabeça para olhar o ajudante de câmara —Suponho que não haverá clorofórmio, não é? Tenho láudano para depois, mas tenho que reservá-lo para esse momento. Enquanto isso, tenho que anestesiá-lo. A bala está alojada no osso, e tenho que passar perto da artéria para tirá-la. Se voltar a mover-se como acaba de fazer...

—Não temos clorofórmio, doutor, mas as ervas da senhora Bromley são legendárias. Os cirurgiões dos arredores lhes têm fé cega, e ela tratou a nossos doentes com seus unguentos



durante anos. Sem ir mais longe, o mês passado preparou um chá de gomos de martírio⁶ secos para anestesiá-lo a um dos criados e que pudesse extrair um dente infectado. Poucas vezes temos que chamar um cirurgião em Ravencliff.

—Então, que o prepare —Disse —Isto é grave.

—Não pode implicar os criados! —Grunhiu Nicholas —Ninguém deve saber... Ninguém!

—Ninguém saberá, senhor —Assegurou Mills cruzando a porta —Direi que o unguento é para o Nero. Tem lógica que terei que anestesiá-lo o cão antes que o curem...

—Não é um cão, Mills, e sim um lobo agindo como um cão —O corrigiu Nicholas —Você sabe que a dose necessária para um cão não seria suficientemente forte para anestesiá-lo ao Nero.

—Por favor, deixe isso comigo, senhor. Falhei alguma vez? —Perguntou o ajudante de câmara —Sabe que não. E agora, vejamos se pode ficar deitado, quieto e obedecer ao doutor enquanto eu me ocupo do que for necessário.

Nicholas relaxou tudo o que era possível com a faca do médico, apertando os dentes para suportar a dor. Não se atrevia a gritar; alguém poderia ouvi-lo. Naquelas circunstâncias, não sabia quando voltaria a ter lugar a transformação, e ninguém a tinha presenciado nunca exceto Mills. Não tinha nunca posto a prova em uma situação como a que estava vivendo agora mesmo. E se a mudança ocorresse durante a operação? Não tinha discutido o tema ainda com o doutor Breeden. Como reagiria o homem? O que pensaria? Não se atrevia nem a imaginar.

Não era assim que tinha que ter acontecido. O plano era levar o médico ao esculpado, longe dos ouvidos curiosos, e consultar em relação à situação. Isso já não podia ser assim. Fazê-lo na casa supunha arriscar-se muito a que os ouvissem. Acaso não tinha estado Sara a ponto de golpear na cabeça a dois lacaios que estavam escutando na porta quando saiu da sala de jantar na noite anterior?

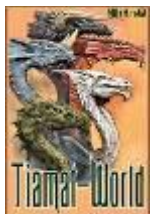
Ninguém, e menos Sara, ia acreditar na explicação que Mills e ele tinham inventado para desculpar sua ausência da casa até que se recuperasse o suficiente para voltar a ser visto. A servidão sabia que nunca saía de Ravencliff. Alexander Mallory também sabia. Essa era a razão pela que tinha contratado o administrador. Que possível razão tão urgente poderia fazer Nicholas sair de casa com um convidado recém-chegado, quando não tinha sido capaz sequer de sair para casar-se com sua esposa? Era uma desculpa muito fraca, mas, que outra opção havia? Não podia arriscar-se que o vissem assim.

O que devia pensar aquele reputado erudito, aquele renomado doutor, ao ver-se envolto naquela situação em sua primeira noite na casa? Primeiro Sara, e agora isto! Não poderia culpar o homem se retornasse precipitadamente a Londres na primeira carruagem que partisse da costa.

—Sei que a dor é insuportável —Disse o doutor Breeden interrompendo seus pensamentos —Já não fica muito. Quando tivermos a beberagem, tirarei a bala rapidamente.

—A dor... É a última... De minhas preocupações —Gemeu Nicholas retorcendo-se sob a pressão da firme mão do médico, que tentava reter o sangue com toalhas de linho limpas.

⁶ planta com o nome científico de *Euphorbia milii* Des Moulins, que, de acordo com a Wikipédia, é conhecida no Brasil pelos nomes de **Martírios**, **Coroa-de-cristo**, **Dois Irmãos**, **Bem-Casados**, **Coroa-de-Espinhos**.



—Então não tem com o que se preocupar —Assegurou o médico com seus olhos prateados como furadeiras —Seu segredo está completamente a salvo comigo. Essa é, depois de tudo, a razão pela que vim, não é assim?

Nicholas assentiu.

—Eu... Não posso controlá-lo —Reconheceu —Se chegasse a ocorrer agora...

—Se chegasse a ocorrer, enfrentaríamos isso —Afirmou o médico —Me olhe nos olhos e escute minha voz. Escute minhas palavras. Concentre-se nelas enquanto as pronuncio. As repita em sua cabeça como um eco. Não pense em nada mais, em nada mais que em minha voz. Tem que acalmar-se, senhor, como eu estou. Está perdendo muito sangue. Respire. Isso... Mais profundamente... Bem. E agora olhe a chama da vela. Não afaste os olhos dela. Vê como dança com a corrente de ar? Observe seu centro. Devo lhe perguntar antes que Mills volte, ele sabe?

—Sim —Respondeu Nicholas —Mas ninguém mais, e ninguém mais deve saber. Se for me deixar inconsciente, isso tem que ficar muito claro. Mills se ocupou que mim do começo deste pesadelo quando eu não era mais que um menino. Se eu não estiver acordado, pode confiar em seu julgamento em todos os aspectos.

—Entendido. Confia em mim, senhor?

Nicholas deixou escapar uma risada.

—Acaso tenho escolha?

—Todos temos escolhas.

—Todos menos eu neste instante —Respondeu Nicholas.

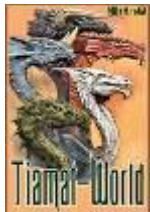
—Já veremos —Disse o médico —Já veremos.

Ao Nicholas pareceu que tinha transcorrido uma eternidade até que Mills retornou com o chá de martírio. Estava forte, mas não o suficiente para adormecê-lo imediatamente, como ele imaginava. Não o permitiria. A confiança era um luxo que não podia permitir-se. O que faria seria rondar pela borda da dor, embotá-lo em certo modo, mas não aliviá-lo de tudo. Gemeu, decompôs a expressão e apertou os dentes enquanto o médico tirava a bala, mas Nicholas não soltou nenhum grito, e quando o médico cauterizou a ferida, desmaiou.

Quando voltou a despertar com um gemido, o sol se filtrava através das janelas de seu provador, derramando cegadores fachos de luz nos que dançavam as bolinhas de pó. Nicholas entreabriu os olhos para defender-se da claridade, e Mills se apressou a correr as cortinas. A imagem imprecisa do doutor Breeden dormido na poltrona ganhou foco... Teria passado toda a noite naquela quinquilharia tão incômoda? Isso parecia.

Nicholas voltou a gemer. Tinha o ombro coberto com um unguento e enfaixado com linho branco. Coberto de *Ragwort* e *chickweed*⁷, a julgar pelo aroma, um dos remédios favoritos da senhora Bromley para prevenir as infecções. Conhecia-o bem. Tinha o braço em tipoia, e voltou a gemer ao trocar de postura.

⁷ **ragworts ou Senecio** - é um gênero da margarida família (Asteraceae) que inclui **ragworts** e **groundsels**
Chickweed – planta comum na Europa, comestível e usada como remédio.



—Já acordou, senhor —Disse Mills umedecendo-os lábios secos —Muito em breve poderá levantar-se, sempre e quando seguir as instruções do doutor.

—Há... Tornou a ocorrer? —Murmurou Nicholas.

—Não, senhor —Respondeu Mills com os olhos úmidos —Nada... Adverso aconteceu.

Nicholas deixou escapar um áspero suspiro de alívio.

—Assim que o doutor o permita o levaremos a cama —Disse Mills —Não pode ficar neste velho e duro divã. Assim nunca se curará.

—Agora já não posso falar com o doutor na praia, Mills. Tenho que fazê-lo de uma vez, e devo fazê-lo neste refúgio, longe dos ouvidos dos habitantes da casa. Há menos possibilidades de que me escutem no provador que em meu quarto.

—Eu vigiarei se for necessário, senhor —Disse Mills —Agora tem que deixar-se ajudar. Deve recuperar-se rapidamente. Enganar à servidão é uma coisa, mas a senhora é outra completamente diferente... Já está fazendo perguntas. Nero não retornou, e ela está fora de si. Durante quanto tempo acredita que aceitará que se foi de viagem de negócios com um convidado em casa? E não podemos mantê-la confinada em sua suíte indefinidamente. Já sabe de cor a loucura que supõe tentá-lo sequer.

—Onde está Alex?

—Ninguém tornou a vê-lo desde o... incidente, senhor.

—Tem uma dentada, Mills. Nero arrancou uma boa parte do braço desse canalha. Sabe o que isso significa?

—Não, senhor, não sei, e você tampouco. Essa é a razão pela que veio o doutor.

—Além disso, Alex necessita atenção médica. Disso não cabe nenhuma dúvida.

—O senhor Mallory é um homem de recursos. Uma vez que esteja sóbrio...

—Uma vez que esteja sóbrio e se de conta do que tem feito, só Deus sabe o que fará. Ela vai deixar essa maldita porta entreaberta se por acaso tem lugar uma visita do Nero, e voltará a repetir-se tudo!

—Quem tem a culpa disso, senhor?

—Eu, sei, mas admiti-lo não serve para negar o perigo. Não temos tempo agora para alimentar a culpa. Tenho que me pôr de pé.

—Então descanse e cuide-se —Disse o médico, fazendo que ambos os homens girassem a cabeça.

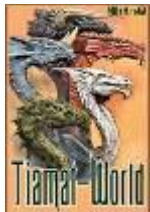
O doutor se estirou, levantou-se com rigidez e se dirigiu com passo lento para o divã. Pôs a mão na frente de Nicholas e franziu o cenho.

—Tem febre. Mirtilo⁸ ou suco de groselha negra deveriam baixá-la, pode falar com a governanta, Mills? Não é muito grave... A menos, é obvio, que não se trate.

—Irei agora mesmo —Assegurou Mills.

—Mirtilo ou suco de groselha negra para um cão? —Apontou Nicholas —Nunca acreditarão.

⁸ O **mirtilo**, também conhecido como **uva-do-monte** ou **Billberry** (*Vaccinium myrtillus*) ("blueberry" é uma outra fruta) é um arbusto que pertence à família Ericaceae (família da azálea).



O doutor assentiu com a cabeça.

—Por que não? —Disse —Os cães feridos também têm febre. E já que vai, traga um pouco de caldo limpo, Mills. Terá que roubar toda a comida que possa da cozinha quando Sua Senhoria esteja o suficientemente recuperado para come-la, mas por agora, servirá com o caldo.

—Sim, doutor.

—Descubra se alguém tem notícias de Alex —Pedi Nicholas —Vá olhar nos estábulos com o Watts. Descubra se pôde tomar uma carruagem, ou um dos cavalos. Não descansarei até saber onde está esse maldito.

—OH, claro que descansará, senhor —Disse o médico oferecendo uma colher a cheia —Abra a boca!

—O que é isto? —Inquiriu Nicholas.

—Láudano —Respondeu Breeden —Não posso ajudar a um cadáver, e lamentaria ter vindo até aqui para nada. Abra a boca e engula.

Capítulo 11

—Aconteceu-me pela primeira vez quanto tinha doze anos —Disse Nicholas contando sua história ao doutor Breeden.

Estava recostado na cama com ajuda de uns travesseiros, enquanto que o médico estava sentado em uma cadeira Chippendale ao seu lado, o suficientemente perto como para que pudessem conversar em voz baixa. Embora Mills fazia guarda fora da suíte do senhor, decidiram ser precavidos se por acaso alguém os escutava.

—Acredito que a morte de minha mãe foi o impacto emocional que desencadeou as transformações. Antes disso, não tinha nenhuma só preocupação no mundo dentro de minha sorte de pré adolescente.

—Disse que um lobo mordeu seu pai.

—Na Índia, sim.

—Sofria de manifestações similares?

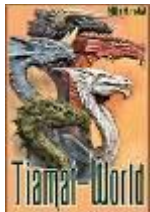
—Não sei, doutor. Eu era um bebê de berço quando ele morreu. Por isso me preocupa o senhor Mallory. Não tenho nem ideia de como vai afetá-lo essa mordida. Transformará-se em alguém como eu ou... Em algo pior, como o lobo que mordeu a meu pai?

—Nero mordeu alguém mais antes?

—Não, e esse é outro assunto que me preocupa. Está se convertendo a manifestação em algo... Mais?

—Foram meus artigos sobre licantropia os que levaram a me convidar, não é?

—Sim. Li-os com muito interesse, do mesmo modo que devorei cada fragmento de informação que se escreveu alguma vez sobre o tema.



—Não é um licântropo, senhor. Entretanto, isso não significa que o lobo que mordeu seu pai não fosse um homem lobo. Oxalá soubéssemos mais a respeito.

—Mas... Nero atacou Alex. Quis matá-lo, doutor. Acredite, sei.

—Nero estava protegendo a sua mulher. Se a licantropia tivesse tido algo que ver, teria se jogado também no pescoço dela. Há muitos informes documentados sobre os homens lobo por todo mundo. Em alguns deles, as vítimas só se imaginam que os transformam... Quer dizer, a transformação só tem lugar em sua mente. E em outros, tem lugar uma autêntica transformação física. Há mais casos do primeiro suposto, sem dúvida, mas em ambos os cenários há um denominador comum: violência desenfreada e indiscriminada e sede de sangue. Nero não é um assassino. Se fosse, teria se jogado sobre a baronesa no momento em que partiu seu administrador e o deixou sem sua presa, não teria ido a ela em busca de mimos e recompensa. Pelo que sei, a baronesa não temeu nenhuma só vez por sua vida na presença do Nero. Isso, senhor, não é de maneira nenhuma característico de um licântropo.

Nicholas pensou nisso.

—Então, o que é?

—Chegaremos ao fundo desta questão —Assegurou o médico —Mas primeiro preciso saber o que desencadeia estas manifestações. Estão conectadas por acaso com as fases da lua?

—Não, podem ocorrer com lua nova ou quando cheia, e durante todas as fases intermédias... Inclusive a plena luz do dia. Acontecem-me quando estou zangado, sensível... E excitado. O terrível é que não posso as controlar. Controlam-me elas.

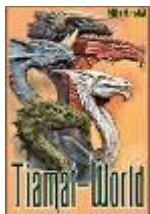
—Teve alguma vez lugar a transformação durante um encontro sexual? Desculpe-me, mas preciso fazer algumas perguntas um tanto pessoais.

—Não, até o momento não —Respondeu Nicholas —Mas houve poucos encontros sexuais ultimamente... Desde que os incidentes se voltaram mais frequentes. Levei uma vida bastante celibatário durante estes últimos anos.

—Então, por que diabos se casou? Tenho entendido que suas núpcias se celebraram recentemente.

Nicholas deixou escapar um suspiro irregular que fez prostrar-se e enviou uma onda de dor pelo ombro. Só tinham transcorrido dois dias desde que tiraram a bala. Não contaria ao médico o da dor para não arriscar-se a que voltassem a administrar láudano. O tema de que estavam falando tinha que tratar-se agora, custasse o que custasse, antes que voltasse a levantar-se da cama.

—A alta sociedade me persegue para que entre no mercado do matrimônio —começou a dizer —Cada dia chegam montões de convites que devo declinar. Sem esposa, sem amante... As pessoas estavam começando a falar. Tive que dizer a meus criados que se despeçam de visitantes bem intencionados que vinham decididos a me arrastar ao torvelinho social. Não posso sair de Ravenscliff por temor a que esta loucura se apodere de mim em algum momento inoportuno, em um baile, na ópera, ou em um mercado ao ar livre. Viajei ao estrangeiro, doutor, tratando de levar uma vida normal, e estive a ponto de me encontrar nesta situação. Essa é a razão pela que me



converti em uma espécie de ermitão. Precisava me casar para pôr fim à perseguição para que me converta em um membro ativo da sociedade, e não pude fazê-lo mais que por procuração.

—Mas, enviar a seu administrador? —Disse o médico —Que classe de mulher...?

—Não, não, Sara está perfeitamente à altura —O interrompeu Nicholas —É a filha de um cavalheiro, sir Jacob Ponsonby, um coronel do exército que ao morrer a deixou na ruína. Não havia herdeiro varão, nem nenhum que pudesse designar-se. A Coroa ficou com as terras, e seus objetos pessoais não era suficientes para evitar que ingressasse em Fleet. O coronel Ponsonby serviu com meu pai na Índia ao princípio da ocupação, como contei. O que não disse, e a ela tampouco, é que estava com meu pai quando lhe mordeu o lobo, e que foi ele quem matou o animal e salvou a vida de meu pai. Eram amigos íntimos... Companheiros militares. Meu pai o menciona repetidamente em seus diários, incluído o incidente do lobo. Pode lê-los se o deseja, embora eu o tenha feito uma e outra vez e não encontrei nenhuma chave para este pesadelo que me assola.

“Quando me inteirei da desgraça de Sara, ofereci-me imediatamente para me casar com ela. Não estava em posição de negar-se. Aproveitei-me disso, confiando em que, se estava em dívida comigo, isso bastaria para mantê-la ao meu lado uma vez que deixasse claras minhas intenções e fosse consciente dos benefícios do acordo. A prisão de Fleet é um lugar horrível. Meu pai teria gostado que fizesse algo assim pela filha de seu amigo, mas meus motivos foram mais egoístas que filantrópicos, doutor. Estou... Muito sozinho.”

—Quais foram os termos do acordo, senhor, se me permitir a ousadia de perguntá-lo? —Inquiriu o médico.

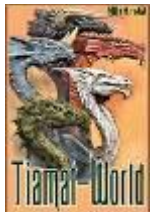
—Foi um pedido honorável. Expliquei-lhe que queria me casar pelas razões que já lhe contei... Queria uma anfitriã que presidisse as reuniões de Ravenscliff, como sua visita neste caso, e como não quero um herdeiro, compartilhar cama não formava parte do acordo. Além disso, seria tratada como uma rainha, não lhe faltaria de nada e conseguiria terras e um título. Tenho outras propriedades que não dependem deste imóvel. Era uma oferta muito atraente, doutor. Sou um homem de posses, e também generoso.

—Desculpe-me, mas não precisava casar-se. À exceção do título como parte do pacote, poderia ter tomado uma amante. Londres nestes dias é um viveiro de perspectivas... Filhas de cavalheiros, damas peritas, viúvas respeitáveis... Todas estariam à altura, e se mostrariam encantadas de formar parte de um acordo semelhante.

—Não —Respondeu Nicholas —Uma amante teria esperado relações sexuais, e não posso me arriscar. Além disso, tendo em conta como se alardeia dos amantes nestes tempos na cidade, tomar uma não me teria liberado do mercado do matrimônio. Me teria feito ainda mais desejável.

“Pensei absurdamente que compartilhar a cama comigo seria uma preocupação. Contava com que Sara se sentiria aliviada ao saber que não havia a trazido aqui para ser devorada por um autêntico desconhecido, e que isso me ajudaria a superar este obstáculo. Confiava em que uma vez deixássemos atrás esse campo tão incômodo, poderíamos ter uma espécie de relação platônica benéfica para ambos. Mas as coisas não estão saindo exatamente assim.”

—Esperava que ela também levasse uma vida celibatária? —Perguntou o médico,



claramente desconcertado.

—É obvio que não —Assegurou Nicholas —Disse que não poria objeções a que se buscasse um amante, sempre e quando fosse discreta e não se tratasse de Alex Mallory. Passa muito tempo aqui, e isso teria resultado incômodo. Reprovou-me abertamente que lhe tivesse feito semelhante sugestão.

—Não é de estranhar.

—O que outra coisa podia fazer? Acreditava que estava oferecendo uma solução prática a um problema no que não tinha pensado. A isso terá que acrescentar que ela não entende por que não quero um herdeiro. Inclusive questionou minhas inclinações sexuais. Sem dúvida você pode ver por que não posso ter filhos. Não posso me arriscar a transmitir este... O que seja a outra geração. A loucura deve morrer comigo. Não pude dizer isso a ela, é obvio. Conte-lhe que tinha um problema sanguíneo que não desejava transmitir. É uma verdade pela metade, mas duvido que tenha acreditado. Só Deus sabe o que acredita.

—E entretanto, ficou —Refletiu o médico.

—Por desgracia, existe uma atração mútua —Disse Nicholas.

—Por que supõe isso uma desgracia?

—Sem dúvida se dará conta de que algo assim é impossível. Sou consciente da atração que ela sente por mim, e tenho feito todo o possível para que não se dê conta de que é mútuo... Inclusive cheguei a comportamentos grosseiros que me desgostam.

—Está se apaixonando por ela.

—Isso é algo com o que tampouco contava.

—O amor conquista muitas coisas.

—Esta não.

—Não menospreze o amor, barão Walraven.

—Há... Algo mais —Disse Nicholas.

Não se atrevia a olhar o médico nos olhos. Aquele homem via mais com aquele olhar prateado do que tinha direito qualquer homem.

—Afeiçoou-se a Nero —Murmurou.

Fez-se um comprido silencio. Sentia-se na escuridão. Nem sequer o sol brilhava naquele momento. As nuvens que se levantaram antes com o vento, o tinham oculto, e embora fosse meio-dia, a suíte estava envolta na penumbra.

—Como chegou a ocorrer? —Perguntou finalmente o médico.

—É minha culpa —Confessou Nicholas —Era a única maneira em que podia estar perto dela... Junto a ela... Suportar seu contato... Tocá-la também. É uma tortura. Vivo com seu aroma. Está sempre comigo. Está dentro de mim. Ela está dentro de mim. Nero me proporciona o pouco que poderei ter dela... O amor inocente e incondicional da proprietária de um cão por seu mascote.

—Isso deve parar.

—Tentei-o.



—Um homem esteve a ponto de morrer. Não conheceremos a gravidade de sua ferida até que o encontremos, e esse é o menor dos perigos de semelhante relação. Já só a desesperança... Como o suporta? A baronesa acredita que Nero está morto. O suplico, deixe que seja assim.

—Esteve a ponto de acontecer, não é, doutor? —Murmurou Nicholas.

—Sempre recorda o que ocorreu durante as transformações quando já passaram?

—A maior parte sim... A partes, segundo sua importância, igual a se recordam partes de um sonho.

—O que acontece habitualmente?

—Nada memorável —Disse Nicholas —Nero escapa fugindo da emoção que tomou conta dele. Ele e eu temos uma grande afinidade com o mar, e ele o persegue... Corre pela praia, através das ondas, por cima das rochas, de um modo que eu adoraria fazer, mas nunca pude. Banha-se nas poças criadas pelas marés e compete com o vento, livre como eu nunca poderei sê-lo enquanto sigamos unidos.

“Às vezes ronda pela casa, observando os criados e Alex. Surpreenderia-se ver o que conduzem esses momentos. Nero deita a seu lado, totalmente ignorado, e tem acesso a todo tipo de informações escandalosas. Através dos olhos de Nero, sei quem está enganando a quem, e a quem gostaria de fazê-lo. Em quem se pode confiar e em quem não. O que pensam realmente os criados, e como conseguem, crivam e afinam os fragmentos de informação que recolhem para suas fofocas. Todos os imóveis do reino deveriam ter um Nero rondando por elas, doutor. Evitariam-se muitos comportamentos desonestos, o garanto.”

—Quanto tempo leva Nero vivendo nesta casa?

—Nero teve muitas encarnações ao longo dos anos... E muitos nomes, mas segue sendo a mesma criatura, meu alter ego. Somos um. O que sou, doutor: homem ou animal?

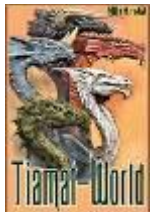
—Teria que ver esta manifestação com meus próprios olhos para fazer um julgamento de valor sobre sua... Afecção —Disse o médico —Mas pelo que me conta, dá a impressão de que uma parte do lobo foi transferida a você através do sangue de seu pai durante a concepção. Você não foi mordido, assim que a contaminação é mais fraca em seu caso. Em minha opinião, o molde se quebrou e você é, segundo meu ponto de vista, é o que se conhece como um metamorfo não violento. Os homens lobos também são metamorfos, qualquer que troque de forma entraria nessa categoria, mas não todos os metamorfos são homens lobo. O termo abrange um amplo espectro de entidades, e o homem lobo é a criatura mais escura e violenta, tão diferente de você em sua afecção como a noite do dia.

—Pode me ajudar, doutor?

—É muito cedo para sabê-lo —Respondeu o médico —Não existe nenhuma cura, se for isso o que pergunta, mas há outras formas de... Lutar com o problema. Terá que ser paciente, e terá que confiar em mim.

—Só me diga que há esperança.

—Sempre há esperança, mas por agora deve descansar e recuperar-se. Não me enganou, sabe? Sofre dores. Administrarei-lhe uma dose de láudano, retirarei a minha suíte e lerei esses



diários dos quais me falou, se me permitir isso. Dá-me permissão para dizer à baronesa que Nero está morto?

—Não, doutor —Murmurou Nicholas o olhando nos olhos —Isso não posso fazê-lo.

O doutor processou sua resposta sem dizer nada. Desta vez, Nicholas manteve seu olhar de mercúrio com a intenção de acentuar e sublinhar suas palavras e que não houvesse dúvida de sua determinação. Foi o médico o que rompeu o contato visual.

—Muito bem, senhor —Disse —Embora suplico que pense nisso... Objetivamente. Voltaremos a discutir o tema de novo, quando tiver tido tempo para considerar as consequências.

O médico lhe administrou a dose e partiu dali com suas entupidas sobrancelhas franzidas em gesto meditabundo. Assim que saiu da suíte, entrou Mills, e Nicholas fez um gesto para que se aproximasse. O láudano estava começando a fazer efeito, e precisava lhe dizer algo antes de que o deixasse dormido.

—Do que se trata, senhor? —Perguntou Mills.

—Sabe-se algo de Alex? —Perguntou.

—Não, senhor. Parece que desapareceu sem deixar nem rastro.

—Isso é impossível. Foi aos estábulos perguntar ao Watts, como te disse que fizesse?

—Sim, senhor. Todos os cavalos e carruagens continuam ali, e Watts nem sequer estava a par de que o senhor Mallory tivesse retornado, e muito menos desaparecido. Chegou na diligência.

—Isso é impossível. Tem que estar em alguma parte. Não pode ter desaparecido no ar sem mais. —Sacudiu a cabeça em uma vã tentativa de acautelar os efeitos do remédio —Breedon me administrou uma boa dose, Por Deus —Grunhiu —Não estou conseguido ficar acordado.

—Precisa descansar, senhor. Está fazendo tudo o que pode. Tem que recuperar-se para voltar a tomar o comando.

—Procurou pela casa?

—Sim, senhor, uma busca a consciência de cima abaixo.

—Volta a procurar! Ele conhece a maioria das habitações secretas. Está escondido em uma delas... Tem que estar. Deve ter deixado um rastro de sangue. Tem uma mordida grave. Seguiu-o? Essa teria que ter sido a primeira medida a adotar, Mills.

—Peço desculpas, senhor, mas Nero também deixou um rastro de sangue. Um dos rastros terminava aqui, e o outro no patamar. Deve ter coberto a ferida de alguma forma.

—Olhe outra vez. Talvez tenha sangrado em algum outro lugar. Terá que encontrá-lo, Mills. Não sabemos como o afetará a mordida de Nero. Pode ser como eu, ou talvez muito pior. Não há modo de saber. Entende o que estou dizendo?

—Deus Todo-poderoso, senhor! —Gemeu o ajudante de câmara —Imagina que...

—A senhora está protegida? —Interrompeu-o Nicholas.

—Os criados, Peters, Clarke e Gibbons fazem turnos em sua porta, senhor, tanto se estiver em sua suíte como se não. Está vigiada dia e noite. Têm ordens de nos avisar imediatamente se o senhor Mallory se aproximar da suíte das tapeçarias. O que devemos fazer com ele se aparecer,



senhor? Você não pode o ver tal e como está.

—Pega essas... Malditas pistolas, para começar —Disse Nicholas arrastando as palavras à medida que o láudano ia tomando conta dele —E depois o jogue daqui... Não, não pode... Não estou pensando com clareza. Deve ficar até que saibamos. Terá que... Confiná-lo em algum lugar até... Até que possa enfrentar ele. Faz-o, Mills... Como pode. Tudo depende disso.

Capítulo 12

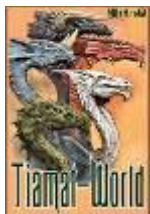
Algo estava errado, muito errado. Tinham transcorrido três dias e Nicholas ainda não tinha retornado... Nem tampouco Alex Mallory nem Nero. Sara estava fora de si. Nenhum dos criados dizia nada. Seguiu confinada em sua suíte seguindo instruções de Mills, que agia em nome do Nicholas. A razão que tinham dado era que Alexander Mallory estava, sem dúvida, transtornado e era perigoso, e até que o prendessem e o desarmassem, estava mais segura em sua suíte.

Deveria estar na sala de jantar oferecendo sua hospitalidade a seu convidado na ausência de Nicholas. Queria luzir-se diante de seu estranho marido, que sem dúvida sentia por ela a mesma consideração que por uma peça de mobiliário. O que o tinha levado para longe de Ravenscliff? Que “assunto urgente” era mais importante que agarrar um carro rumo a Londres para casar-se com sua noiva? Não podia imaginá-lo. Como podia ter se enganado tanto durante aquele delicioso e despreparado momento em seus fortes braços?

O doutor Breeden tinha a ido ver várias vezes durante seu confinamento. Nessas ocasiões, mostrou-se amável e tranquilizador, e havia dito que não se importava jantar sozinho e retirar-se a seus aposentos depois, para olhar algum dos volumes da impressionante biblioteca de Nicholas. Não devia reprovar-se nada. Tudo ia sair bem. Nicholas retornaria logo. Com sorte, já teriam encontrado o senhor Mallory, e as coisas voltariam à normalidade... Fosse qual fosse. Sara não tinha vivido nenhuma só experiência normal desde que entrou na mansão de Ravenscliff.

Entretanto, o que mais a preocupava era a ausência de Nero. Ninguém o tinha visto desde o tiroteio. Tinha resultado gravemente ferido, e não tinha retornado a sua suíte. Tinha medo de que tivesse se arrastado a algum lugar para morrer. O doutor Breeden não a tinha animado muito. Embora dissesse que com frequência os cães se arrastavam para lamber suas feridas quando estavam feridos e às vezes sobreviviam, também assegurou que quanto mais prolongada fosse a ausência, menos probabilidades tinha que assim fosse. Não era um bom presságio, e ao final do quarto dia de confinamento, Sara tinha memorizado cada um das tapeçarias de sua suíte, como se esperasse que Nero se materializasse entre os cães de caça que povoavam suas paredes. Tinha que fazer algo. Tinha que sair daquela suíte se não quisesse ficar louca.

Era tarde. Fazia tempo que Nell havia se retirado. Lá fora tinha elevado um vento sinistro, e o som das ondas furiosas rompendo contra a praia rochosa e subindo pelo escarpado, era música para seus ouvidos. Aquele ruído cobriria qualquer som que pudesse fazer ao sair da suíte. Haveria



um servente postado fora. Esperava que estivesse cochilando, ou que Peters estivesse de guarda e que tivesse escapado para uma das visitas noturnas que acostumava a fazer a Nell. Aquilo foi o que ocorreu. Quando abriu a porta, o banco que ocupavam os sentinelas quando trocava o turno estava vazio.

Bento fosse o moço! Sara saiu ao corredor, deixando a porta entreaberta para o Nero. No caso dele vir.

Não tinha nenhum plano. O mero feito de sair da suíte a tinha encorajado até o ponto da imprudência, e, por que não? Era a baronesa de Walraven, não é? Quem ia detê-la? Certamente, não seu ausente, enigmático e desconsiderado marido. Cheia com aquele pensamento, dirigiu-se a bom passo ao corredor do segundo andar, ganhando confiança a cada proibido passo que dava.

Continuava vestida. Tinha rejeitado a ajuda de Nell quando veio a prepará-la para ir dormir. A semente de sua fuga levava vários dias germinando, esperando o momento perfeito para brotar. Entretanto, deveria ter colocado a capa sobre o fino vestido de musselina branca. Havia muita corrente de ar nos corredores, e a umidade era penetrante. Seria assim também durante o verão? Sara se estremeceu ao perguntar-se.

Ao chegar a grande escada, deteve-se vacilante no patamar e elevou a vista para o restringido terceiro andar. De repente lhe ocorreu que agora, durante a ausência de Nicholas, era o momento perfeito para dar uma olhada no interior dos aposentos de seu marido com a esperança de achar alguma chave, algum fragmento de informação sobre o homem com o quem se casou. A curiosidade se apoderou dela, e a fez subir pelo lance de degraus atapetados que levavam a terceiro andar sem fazer nenhum ruído.

Não se importava não saber qual era a suíte de Nicholas. Encontraria-a, embora tivesse que abrir uma a uma todas as portas até dar com ela. Além de que se tratava de uma torre situada na ala oeste, o que a situaria na parte oeste do corredor que dava ao mar, não tinha nem ideia de por onde começar. Nunca tinha estado no esculpado nem tinha visto Ravenscliff do lado do mar, assim só podia especular onde estariam as suítes da torre. A escada se bifurcava e dividia a casa nas alas norte e sul, assim girou à direita e começou sua busca.

Acabava de aparecer a cabeça na segunda suíte do lado esquerdo do corredor —Outra suíte cujo mobiliário estava coberto por lençóis holandeses —quando se abriu uma porta situada na metade do corredor, projetando um atoleiro de luz procedente de um candelabro sobre o tapete cor carmesim. Sara se escondeu de novo na suíte em que acabava de estar, e deixou a porta aberta só o justo para ver quem passava por diante caminho das escadas.

Pulsava-lhe com força o coração, ressoava com ruído surdo contra as costelas. Apoiada contra a fresta da porta, conteve nervosamente a respiração. Pesados passos que se foram aproximando não correspondiam, sem dúvida, a nenhum dos criados, que estavam treinados para mover-se sem fazer nenhum som. Não, aqueles passos não mostravam nenhum interesse pela discrição, e seu proprietário estava cansado e farto. Quando passou a sua frente, Sara conteve o fôlego. Era o doutor!

O que significava aquilo? A suíte do doutor estava no segundo andar, não no terceiro. Ela



mesma as tinha escolhido, e a senhora Bromley as tinha preparado. Sara esperou a que desaparecesse entre as sombras do patamar que havia abaixo antes de voltar a sair ao corredor. Nenhuma luz alagou o corredor da suíte da que ele tinha saído, só um fino feixe prateado se deslizava sob a porta. Sara se aproximou dela sigilosamente.

Teria retornado Nicholas e não o tinha feito saber? Teria esperado, em vão, pacientemente sua volta para poder sair de sua suíte? O sangue amontoou nas têmporas, e a onda de calor que sentiu a obrigou a entrecerrar os olhos. Não chamaria. Agarrou o trinco, abriu a porta... E ficou paralisada, cambaleando-se no saguão de uma salinha bem mobiliada. Nicholas estava de pé ao lado do fogo, nu de cintura para acima, e tinha uma taça de brandy na mão. O ombro direito estava envolto com uma grande bandagem. Quando se girou para olhá-la, a expressão de seus olhos, metade horror, metade raiva contida, a teria feito recuar se não estivesse cravada ao chão.

—Entra e fecha a porta —Disse deixando a taça sobre o suporte da lareira.

—O que... O que te ocorreu? —Ofegou Sara aproximando um passo mais com a vista cravada na bandagem do ombro.

—Fique onde está! —Bramou ele —Não dê um passo mais!

—Quando retornou? —Perguntou Sara detendo-se sem fôlego ao escutar suas palavras enquanto ele voltava a agarrar a taça, agitando o licor de seu interior como se queria extrair dali a resposta.

—Não fui —Disse finalmente tornando-se à garganta um pouco de licor.

—Não... Não o entendo —Murmurou Sara.

—Não deveria estar aqui —Disse Nicholas voltando a vista para ela.

Contemplan aqueles hipnóticos olhos de obsidiana era uma tortura, mas Sara não podia afastar o olhar. Sua boca sensual tinha formado uma linha reta, e se percebia o pulsar de seus músculos sob a mandíbula. Para ela foi uma bênção que voltasse a observar a taça de novo.

—O que quer dizer com que não saiu de casa? —Perguntou.

—Exatamente isso.

—Como se feriu?

Nicholas vacilou.

—Alex me disparou —Disse olhando-a de novo nos olhos.

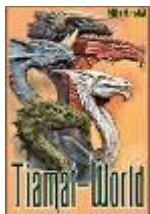
Sara conteve o fôlego e levou a mão aos lábios.

—Não queria te preocupar —Assegurou ele acabando o brandy e deixando a taça a um lado

—O doutor Breeden esteve tratando, e como pode ver, recupero-me bem sob seus cuidados.

—É justo isto? Estive esperando sua volta para poder sair do confinamento ao que você me submeteu, Nicholas.

—E ali é onde deveria estar agora mesmo —Espetou ele —O que está fazendo aqui em cima a estas horas? Disse que não podia subir aqui. Alex está ainda na casa, Sara. Corre perigo, e ainda não estou o suficientemente forte para te proteger. Estará a salvo em sua suíte, sob custódia, até que solucionemos todo este assunto. Devo insistir em que retorne a elas imediatamente, e que permaneça ali até que eu vá pessoalmente e te de permissão para sair.



—Diz que o senhor Mallory te disparou? O senhor Mallory disparou no Nero, senhor.

—Houve... Dois disparos —Assegurou Nicholas.

—Ninguém tornou a ver o Nero depois —Se lamentou Sara —Acredito que ele também saiu ferido no ombro. Sangrava profusamente, mal era capaz de correr... E entretanto, tirou o senhor Mallory de minha suíte. Se você demorou todo este tempo em voltar a se pôr de pé, apesar dos peritos cuidados do doutor, o que terá sido dele sem ninguém que o cuide? Está morto, Nicholas? Há algo mais que me esta ocultando?

Nicholas voltou a vacilar uma vez mais.

—Nero pode cuidar de si mesmo, Sara —Assegurou.

—Isso disse Mills, mas não vejo como. Para que sobrevivesse teriam tido que tirar a bala, igual à você.

—Se estivesse morto já o teriam encontrado —Disse Nicholas —O fato de que não tenha sido assim é bom sinal. Tire o Nero da cabeça. Afeiçoou-se muito a ele. Adverti-te que não era conveniente.

—Sim, fez-o, mas de toda maneira, não descansarei até que volte a vê-lo —Replicou ela — Posso me sentar? Não estou acostumada a me preocupar com facilidade, mas tudo isto me deixa bastante inquieta.

—Não —Respondeu Nicholas —Não pode ficar aqui. Eu disse tudo o que tinha que dizer. Irei procurar meu robe e acompanharei a sua suíte. Vai ficar nela, Sara, até que eu diga o contrário. Irei visita-la agora que já posso, e quando achar conveniente, irei pessoalmente te buscar para te acompanhar às refeições. Sinto ter te enganado, mas sabia que não ficaria em sua suíte se tivesse sabido que me tinham... disparado. Só Mills e o doutor estão sabendo. Tinham que ocupar-se de minha ferida. Aos outros, assim como a você, lhes disseram que estou fora, e assim deve seguir. Todos os criados têm ocupações que atender, e não podem andar te vigiando para evitar que acesse mais muros e caia.

Sara ficou em silêncio. Viu-o caminhar descalço por uma sala adjacente que levava ao quarto e captou um vislumbre da gigantesca cama alta coberta com suntuosas colchas e brancos lençóis de linho. Nicholas agarrou o robe do divã que havia ao lado da outra lareira, que também estava acesa, e retornou a salinha tentando colocar o objeto de seda sobre o ombro enfaixado.

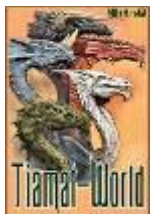
—Deixa que te ajude com isto —Disse ela estendendo as mãos de forma instintiva para o robe que ficou retorcido ao tentar colocá-lo com uma mão.

—Não! —Nicholas apertou os dentes.

Mas já era muito tarde. Como se as mãos de Sara tivessem vontade própria, deslizaram-se do enrolado robe até seu largo peito, e seus dedos se afundaram no sedoso arbusto de pelo negro. Sentiu o coração de Nicholas pulsando grosseiramente, estremecendo-se sob as palmas de suas mãos abertas, e sua respiração agitada se fez mais rápida enquanto a olhava fixamente nos olhos. Tinha o olhar vidrado e dilatado à luz do fogo.

—Meu Deus, Sara, não... —Murmurou.

Sara mal podia ouvi-lo por cima da batida de seu próprio coração. Aquilo tinha chegado



muito longe como para que pudesse deter-se. O aroma de Nicholas a atormentou. Saía de seu cabelo e de sua pele úmida, cheirava a sal, a limpo e a animal, tudo misturado com brandy. Como poderia chegar a esquecê-lo alguma vez?

Rodeou-o com seus braços. No que estava pensando? Esse era precisamente o problema; não estava pensando. A proximidade de Nicholas era como uma droga que a arrastava, apagando os limites do que estava bem e o que estava mau, nublando a razão.

Cada tendão do comprido e forte corpo de Nicholas respondeu a seu contato, embora a firmeza com que agarrava o antebraço de Sara supunha uma valente tentativa de resistência. Era como acariciar um cão resmungão que movia a cauda. Quem iria acreditar? A prova física de sua excitação se apertava contra suas calças de cor bege, roçando e pressionando levemente contra o ventre de Sara através do fino tecido de musselina branca, e isso deixava sem validade sua decisão. De repente, Nicholas gemeu. Rodeou-lhe a cintura com o braço ferido. Estreitando-a contra si, segurou sua cabeça com a outra mão na base do pescoço, abatendo-se sobre ela como uma ave de rapina, e abriu os lábios, com sua boca perita, em um beijo que a deixou sem sentido.

A língua sedosa de Nicholas irrompeu em sua boca, atraindo-a para a sua. Sara saboreou o brandy que ele acabava de beber, quente, rústico e misterioso em sua língua, embora mais misterioso fosse o próprio homem. Sua mesma essência estava agora dentro dela, mas queria mais, queria tudo dele, todas as promessas daquele corpo dinâmico, e o queria não só durante um instante, mas também para sempre.

Nicholas afundou a mão em seu cabelo e a beijou mais apaixonadamente... Foi algo primitivo, animal; todas as coisas selvagens que existiam sob o céu estavam ali. Como um mendigo faminto em um festim, devorou-a com aqueles lábios acariciadores, embora ao mesmo tempo houvesse uma ponta de ternura nele, uma contenção ensaiada fluía sob a superfície de sua paixão como um animal adormecido. O que se necessitaria para despertar àquela besta? Estava a ponto de descobrir.

Nicholas afastou as mãos de seu cabelo, que tinha caído pelos ombros, e procurou seu seio e o duro mamilo que se havia posto rígido, apertando-se contra o sutiã de musselina bordada. Sara gemeu, e abaixou a manga fofa, abriu o decote e deixou exposto seu seio estremecido debaixo daqueles lábios que a tinham deixado fraca e tremula entre seus braços. Um gemido profundo e gutural escapou da garganta de Nicholas quando se inclinou. Sua língua rodeou em círculos o endurecido mamilo, atraindo-o para sua boca, seduzindo-o sem piedade até que o sexo de Sara ardeu em ondas com uma sensação proibida que provocou que tremessem os joelhos. Mas, era proibido? Depois de tudo, estavam casados. Então Nicholas se incorporou e voltou a possuir seus lábios de novo, e ela se apoiou em sua ereção até que respondeu à pressão de seus ondulantes movimentos, fazendo-se ainda mais dura. Era como se Nicholas estivesse ardendo em chamas e tivesse acendido também a ela, criando línguas de fogo brando ao longo da corrente sexual que fluía entre eles. Era algo mágico... Até que se rompeu o feitiço.

Jogando a cabeça para trás, Nicholas emitiu o mais parecido ao uivo de um cão que ela tinha escutado jamais, e a soltou. A Sara recordou o uivo lastimoso de Nero. O som a fez se arrepiar e a



deixou tremendo sem os quentes braços de Nicholas rodeando-a.

—Nãoo —Gemeu finalmente ele —Não, Sara... Não!

Sara mal foi capaz de recuperar o fôlego enquanto o via lutar para retomar a compostura. O peito subia e descia com rapidez, e afastou o cabelo de ébano da suarenta testa com mão tremula enquanto tentava controlar a respiração.

—Por que, Nicholas? —Murmurou ela.

Cobriu o seio, ainda umedecido por seus lábios, e deu um passo adiante.

—Eu disse que não —Repetiu Nicholas recuando à medida que ela avançava —Mantenha-se afastada. Não... se aproxime mais.

—Mas por que, Nicholas —Suplicou Sara —Me deseja. Sei que me deseja. Posso sentir agora mesmo o quanto me deseja. Como pode ficar aí e negá-lo?

—Sim, desejo —Murmurou ele apertando os dentes enquanto enchia a taça vazia. Bebeu o brandy de um brusco e só gole —É uma mulher muito desejável, Sara, e eu certamente não sou de pedra, mas não posso te ter... Agora não... Talvez nunca. Não seria justo para nenhum dos dois viver com falsas esperanças. É melhor que nos voltemos ao acordo original.

—Não entendo.

O ar que Nicholas tinha retido saiu de seus pulmões em forma de comprido e vazio suspiro.

—Já sei que não —Disse —E o sinto. Isto que acaba de acontecer... Não devia ter acontecido nunca. E não voltará a acontecer, asseguro-lhe isso.

—Mas eu te desejo —Murmurou ela estremecendo-se —Se não quiser ter filhos...

—Não é tão simples, Sara —A interrompeu Nicholas.

Seus olhos nublados eram dois escuros lagos de fogo vermelho que captavam brilhos da lareira, e sua pele úmida brilhava pelo suor.

—Todo este acordo foi um engano —Reconheceu ele —Agora me dou conta. Se acha que não pode te rodear a ele, tomarei medidas necessárias para te liberar. Será melhor que o façamos agora, antes que as coisas... se compliquem. Antes que vamos muito longe.

—Já é tarde para isso —Disse Sara —Se ao menos pudesse se explicar. Durante todo este tempo pensei que havia algo em mim que te repelia.

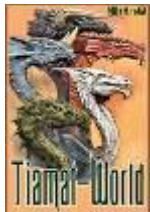
Sua risada enlouquecida e carente de alegria a interrompeu.

—Acreditava... Até esta noite, Nicholas. Agora não poderia me convencer nunca disso. Pelo amor de Deus, do que pode se tratar?

—Deus não tem nada que ver com isso, Sara —Espetou ele.

Tinha começado a passear pela borda do tapete persa situado diante da lareira tal e como já tinha feito várias vezes em sua presença, só que agora estava tremendo e notava. Seria devido à ferida que o tinha consumido tanto, ou ao que acabava de acontecer entre eles? Sara não disse nada enquanto o via percorrer o tapete tecido durante o que pareceu uma eternidade, até que se deteve sobre seus passos e a olhou.

—De acordo —Disse —Como não vai facilitar para que terminemos com isto, terei que tomar a iniciativa. Devo-te uma explicação, é certo, mas não posso dar isso ainda. Antes que possa



pensar sequer em cruzar contigo essa porta e te levar a minha cama, teremos que falar, e terá que me assegurar de que guardará o que te conte no mais absoluto segredo, que o que te confesse será para ti algo sacrossanto... Inviolável.

—Feito —Disse ela.

—Não, não é tão fácil, Sara. Tenho que estar seguro disso. Neste momento não o estou, ou o teria compartilhado contigo faz muito tempo.

—O que posso fazer para te convencer?

—Nada! Essa é a parte terrível, e uma conversa semelhante entre nós não pode sequer se considerada até que se resolva todo o assunto do Alex. Deve ter paciência. Se não for capaz, farei que Watts traga o carro de quatro portas para que se mude imediatamente a outra de minhas propriedades até que busque um lugar permanente em outro lugar.

Sara ficou pensativa. Algo escuro e perigoso aparecia nas entre linhas, mas não era capaz de lê-lo. Talvez fosse melhor assim. A única coisa que sabia naquele momento era que não permitiria que a enviasse para longe dali, fossem quais fossem as consequências.

Não poderia suportar não voltar a vê-lo de novo, não voltar a sentir aqueles braços fortes, seus lábios famintos, a ansiosa pressão de sua virilidade apoiando-se com força contra ela. Inclusive com aquele largo espaço de tapete entre eles, o fantasma de sua ereção a espreitava, enviando ondas de calor que percorreram as partes mais privadas de seu corpo. Um novo fluxo de sangue quente subiu às têmporas ao dar-se conta do poder que aquele homem exercia sobre ela inclusive à distância. Já não precisavam tocar-se; tinha-o dentro da alma.

—Muito bem, Nicholas —Disse com voz firme apesar de que naquele momento era um molho de nervos —Serei paciente, mas não durante muito tempo. Isso seria cruel.

—Nunca te farei mal, Sara —Assegurou —Essa é a razão pela que estamos tendo este pequeno bate-papo. Não sou um homem cruel. Quero resolver esta situação tanto como você. Estamos de acordo?

—Sim, Nicholas.

—Bem —Disse ele inclinando-se para recolher o robe, que até aquele momento tinha estado atirado no chão feito um novelo.

Assim que o agarrou, Sara se aproximou um pouco com o propósito de ajudá-lo, mas Nicholas elevou a mão e voltou a deixar cair o robe.

—Ah, não! —Exclamou —Já foi suficiente! Acompanharei a sua suíte tal como estou. Vamos.

Quando saíam da suíte, Nicholas agarrou uma pistola da mesa dobradiça que havia ao lado da porta e a levantou. Sara não se deu conta de que estava aí até aquele momento, e um calafrio estremeedor percorreu a espinha. Suspirou.

—Só por precaução —Disse dirigindo-a ao corredor sem tocá-la —Fique perto de mim. Neste andar não tem criados, o que me lembra... como conseguiu passar pelo Peters? Aposto que estava fora da porta da sua suíte na hora, não é? Estava outra vez cochilando? Não seria a primeira vez... Babaca folgado.

—Não vi ninguém na porta de minha suíte, Nicholas —Assegurou Sara.



Não trairia o Peters. Fazê-lo poderia trazer consequências também para Nell. Que Nicholas guardasse seus segredos, ela manteria os dela. Esperava que Peters seguisse encerrado com a donzela quando chegassem à suíte das tapeçarias, e se manteve perto de seu marido, lamentando-se por ter prometido que manteria a distância. O corredor estava muito escuro, e o coração voltou a pulsar com força, embora desta vez não devido à excitação.

Já quase tinham chegado ao patamar quando algo se moveu por eles procedente da ala sul, que estava tenuemente iluminada. Ambos se detiveram. O coração de Sara paralisou durante um instante, até que o familiar som de quatro patas sobre o tapete que tanto tinha desejado ouvir durante aqueles últimos dias ressoou dirigindo-se para onde eles se encontravam.

—Nero! —Exclamou quando o animal se materializou entre as sombras.

Ao vê-los, deteve-se sobre seus passos e mostrou lentamente as presas.

Para sua surpresa, Nicholas a colocou atrás dele e levantou a pistola.

—Fique aí! —Ordenou apertando o gatilho.

—Nãoo! Está louco? —Gritou Sara impedindo que apontasse.

Agarrou-lhe o pulso com ambas as mãos e desviou o tiro para o teto quando se descarregou a pistola. Ressoou de maneira ensurdecadora. O aroma da pólvora penetrou as fossas nasais e uma descarga de chamas saiu disparada do cano da pistola, abrasando a pele enquanto algumas partes de gesso da parede e fragmentos do suporte de um candelabro destruído caíam sobre eles. Soltando um uivo gutural, o animal se ergueu e retornou por onde tinha vindo, desaparecendo no escuro corredor da ala sul.

—Estúpida! —Bramou Nicholas enquanto corria atrás do cão —Volta para sua suíte imediatamente e passe o ferrolho! Esse não é Nero!

Capítulo 13

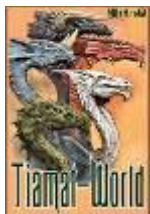
O disparo fez que Mills sáísse correndo em camisa de noite balançando sua própria pistola, que entregou a Nicholas em troca da sua descarregada. O doutor Breeden, que ia em robe e sapatilhas e levava um candelabro, reuniu-se com eles uns minutos mais tarde, e os três se dispuseram a iniciar a busca pelos quartos da ala sul.

—Bem, já não temos que seguir especulando sobre os efeitos da mordida de Nero, doutor — Disse Nicholas —Vi com meus próprios olhos o que parecia ser o muito mesmo Nero, e ambos sabemos que isso é impossível. Não há outros lobos em Ravenscliff.

—Estava apontando para matar?

—Não, é obvio que não. Quando nos mostrou as presas, minha única intenção era feri-lo, pôr fim a esta loucura, e o teria feito se a baronesa não tivesse impedido.

Smythe e os lacaios chegaram correndo, colocando as libreas, com as perucas inclinadas e as meias e as calças má colocadas. Mills se voltou para trás e se encontrou com eles no patamar



enquanto seguiam saindo mais criados através da porta verde de baixo.

—Não aconteceu, não aconteceu nada —Exclamou para que ouvissem Smythe e outros.

Nicholas e o médico se esconderam dentro do quarto mais próximo; não estaria bem que o pegassem com uma pistola recém disparada em mão quando se supunha que não estava em casa.

—Estava limpando a pistola de Sua Senhoria e se descarregou por acidente —Explicou o ajudante de câmara —la descer agora mesmo para tranquiliza-los.

O ruído surdo de uns murmúrios descoordenados foi a réplica a suas palavras, e os criados voltaram para seus quartos. Depois de um instante, Nicholas voltou a sair ao corredor.

—Veja o que pode fazer com este desastre, Mills —Disse assinalando com a mão os pedaços de forro quebrado que cobriam o tapete —E substitui o suporte do candelabro. Esses vagos cabeças de vento não se fixarão no teto nunca, estão muito ocupados inclinando-se para apoiar-se nas portas e poder espiar melhor. Só te leve o mais óbvio.

—Sim, senhor.

—Quando tiver terminado, quero que procure o Peters e o envie ao Smythe. Quero que esse moço se vá. Isto já foi longe demais. Além disso, já havia dito o que aconteceria se voltasse a cometer outro engano nesta casa. Se encarregue disso. Abandonou seu posto esta noite, e a senhora estava comigo quando... Isto ocorreu. Smythe conhece as consequências de me desobedecer. Se ocupe de que alguém se coloque imediatamente à entrada da suíte das tapeçarias. Se assegure de que quem quer que substitua o Peters compreenda que correrá o mesmo destino se a senhora voltar a ficar sem vigilância, uma só vez! Depois se reúna comigo em minhas suítes.

—Sim, senhor —Disse o ajudante de câmara ficando em movimento.

Nicholas e o médico foram abrindo uma a uma todas as portas da ala sul e olharam em cada suíte, mas não havia nem rastro do animal. Parecia ter desaparecido no ar.

—Onde pode ter ido? —Perguntou Breeden quando saíram do último quarto.

—Esta casa esta infestada de rotas de escape —Respondeu Nicholas —Os contrabandistas a ocuparam durante séculos antes de que os Walraven chegassem em Cornualha. Poderia ter se escondido em qualquer delas, ou ter fundido com as sombras e passar por diante de nós quando entramos nas suítes. Nestes momentos poderia estar em qualquer lugar da casa. Desde menino está obcecado com os esconderijos.

—O que vai fazer?

—Alex tem quartos aqui, os que ocupa quando não está fora encarregando-se de meus assuntos. Examinaram-nas uma dúzia de vezes, mas eu ainda não. Quero entrar agora nesses quartos. Saberei se tiver estado nelas.

—Então vamos lá de uma vez.

—OH, não, não posso lhe impor mais carga esta noite, doutor —Disse Nicholas —Desde sua chegada não houve mais que caos nesta casa.

—Não vou poder dormir de todas as maneiras —Assegurou o médico —Além disso, a julgar por seu aspecto, excedeu-se e sem dúvida me necessitará antes que termine a noite. É um jovem



temerário, não é? Não está ainda suficientemente preparado para nenhum heroísmo no momento. Deixe que vá com você, e depois falaremos. Preciso saber o que acaba de acontecer aqui.

—Então irei procurar meu robe —Disse Nicholas —Devo ocultar minha ferida. O barão de Walraven retornou, se estiver “suficientemente bem” ou não.

Sara se lançou sobre a cama, sossegando seus soluços na colcha. O que tinha querido dizer Nicholas com isso de que não era Nero? É obvio que era Nero, e tinha estado a ponto de lhe disparar. Sua intenção era matá-lo, e o teria feito se ela não o tivesse evitado. Uns minutos antes a estava estreitando entre seus braços, aqueles braços incríveis, conduzindo-a ao bordo do êxtase. Por que tinha parado? Que segredo guardava, e por que não o confiava a ela?

Seguia sem haver nem rastro de Peters, e ninguém tinha vindo substituí-lo. Sara desceu da cama e entreabriu a porta ligeiramente. Não cabia dúvida de que Nero necessitava refúgio com o Nicholas perambulando por aí com uma arma, e rezava para que fosse a ela. Tampouco havia nem rastro de Nell, assim que se despiu sozinha, colocou a camisola cor crua e se meteu na cama. Estava esgotada, e assim que apoiou a cabeça no travesseiro caiu adormecida acompanhada do gemido do queixoso vento.

A princípio não reconheceu o som que a despertou. Não até que os familiares passados do animal entraram em seus inquietantes e estranhos sonhos, dissolvendo-se na presença daquele som amado, e Sara se levantou na cama. O cão estava marcando outra vez seu território, levantando a pata e percorrendo o tapete com o mesmo arco semicircular ao redor da cama que tinha esboçado com antecedência. Quando teve terminado se sacudiu, esticando todo o corpo, do cabelo grosso e alvoroçado com listras prata que rodeava o pescoço até a entupida cauda.

—Nero! —Gritou estirando os braços para ele.

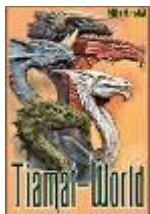
Mas passou por diante dela e se estirou no tapete frente ao tênue fogo da lareira, lambendo-a ferida e o sangue seco da pata esquerda.

—Teria jurado que tinham ferido mais acima... no ombro —Murmurou Sara, embora se encolheu de ombros —Tudo aconteceu muito depressa, devo ter me enganado —Desceu os pés no chão —Pobrezinho... Parece infectada. Deixa-me dar uma olhada? —Sussurrou aproximando-se dele.

O animal deixou de lamber a ferida. Não grunhiu, mas curvou os lábios para baixo, deixando ao descoberto umas presas de aspecto feroz. Nunca antes tinha mostrado os dentes, e Sara se deteve sobre seus passos.

—Sei, moço —O tranquilizou —Meus cães tampouco queriam que os incomodassem quando estavam feridos. Um deles esteve a ponto de me morder em uma ocasião quando tentei ajudá-lo, mas você não faria algo assim, não é, Nero? Não se preocupe, não contarei ao Nicholas que apareceu. Não podemos nos arriscar depois do que esteve a ponto de fazer esta noite.

O animal não se moveu. Estava posicionado para sair correndo, embora Sara não podia



acreditar que fosse fazê-lo. Entretanto, tinha o pelo da nuca arrepiado em sinal de perigo. Mostrava as unhas curvadas, procurando tração no grosso e nodoso tapete, os tendões das patas dianteiras se sobressaíam em chamativo relevo. Pela primeira vez desde que conhecia seu canino amigo, teve medo... O suficiente para encaminhar-se para a cama. No momento em que voltou a sentar-se de novo na borda, o animal se centrou de novo na pata ferida. Não se escutava mais som que o rítmico lambe de sua larga e rosa língua.

Sara não disse nada mais. Voltou a meter-se na cama com cuidado de não fazer nenhum movimento brusco. Nero estava sofrendo e sem dúvida estava fora de si. Seguiu cada um dos movimentos da Sara com seus olhos escuros e brilhantes como o fogo. Subindo a colcha até o queixo, fechou seus olhos, mas não voltou a dormir até que o animal se levantou e saiu de seu quarto pouco antes do amanhecer.

Nicholas e o doutor Breeden retornaram à suíte do barão depois procurar nos aposentos de Alexander Mallory. A cama do administrador estava sem desfazer, e não havia sinais de que não tivesse estado assim desde fazia dias. Como não estava Mills para vigiar que não houvesse bisbilhoteiros, voltaram para provador de Nicholas, onde o médico examinou a ferida e pôs uma bandagem limpa de linho.

—Estique-o muito —Murmurou Nicholas apertando os dentes.

Embora estivesse curando, a ferida continuava doendo, e ele tinha que pagar por isso.

—Não podem ver a bandagem através da roupa.

—Não deveria estar levantado e andando por aí ainda. Esta ferida não está, de forma alguma, curada de tudo, ainda mais depois do que passou esta noite. Se não se tranquilizar, terei que lhe administrar uma dose.

—Não, láudano não —Protestou Nicholas —Agora preciso ter todos meus sentidos alerta. Não há nenhuma dúvida de que é o Alex a quem estive a ponto de disparar esta noite. Vi o sangue seco na perna onde eu... Onde Nero o mordeu. Isto não cheira bem, não é, doutor?

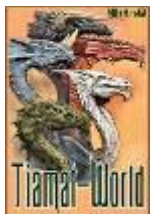
—Elimine a possibilidade de que sua infecção esteja unicamente em sua mente —Disse o médico —Mas isso já sabíamos; não é assim?

Nicholas assentiu.

—O que me preocupa é que não vimos o Alex depois incidente. Seria possível que não possa voltar a recuperar a forma humana?

—Tudo é possível. É difícil saber o que lhe transmitiu, ou a que é receptivo. Nestes casos, parece que há uma norma comum. A diferença dos homens lobo, os metamorfos não violentos tendem a adquirir a personalidade de seu anfitrião humano. Quer dizer, tal como é em sua forma humana, assim será na encarnação animal... Com os poderes, as fraquezas e as habilidades extraordinárias dessa encarnação, é obvio. Que espécie de homem é Alexander Mallory?

—Alex é um pouco bêbado, doutor. É bastante amistoso quando não bebe, mas quando o faz não se sabe o que pode chegar a fazer. Não bebe com frequência, ao menos não o tem feito no passado enquanto atendia meus assuntos. Em caso contrário o teria despedido faz muito tempo



embora seja amigo da infância. O álcool tira o pior dele. Também é um pouco mulherengo. Não sei o que lhe provocou esta vez, mas ambos os vícios se puseram esta noite em seu contrário.

—O ciúme —Disse o médico.

—Como diz?

—Sua esposa, senhor, é uma jovem muito formosa. A menos que me equivoque, sente-se completamente atraído por ela e adoraria ser ele o noivo. Sem dúvida pensa que, dado que entre você e a baronesa não existe uma relação longa e considerando que são virtualmente uns desconhecidos, ele tem possibilidades de ganhar seu afeto.

—Ela me deu a entender que havia algo que não estava bem, mas me assegurou que o tinha controlado.

—Está claro que não é assim —Disse o médico rindo entre dentes sem indício de humor.

—Diz que esse animal adquire a personalidade de seu anfitrião humano. Nero estava cego de raiva quando atacou Alex. Poderia influir isso no que se converteu Alex? Não poderia tê-lo feito.... Mais violento?

—Não —Disse o médico —Qualquer animal que ataca está furioso. O homem ao que mordeu não pode voltar-se violento pela dentada, a menos, é obvio, que já seja violento por si. Os traços inerentes que tenha em sua essência são os que mudaram à forma animal. É como se fosse algo hereditário. Se o homem for bom e amável, assim será o lobo. Se for brutal e desumano, assim o será o lobo. A personalidade do homem será a personalidade do lobo, a menos que estejamos falando de homens lobo. Nesse caso, o lobo se converte no que seu agressor é, um predador sedento de sangue. Já estabelecemos que você não é um licântropo.

—Quem dera soubesse mais coisas de meu pai —Disse Nicholas.

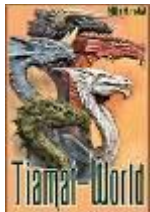
—As investigações deste... Fenômeno são quando menos especulativos —Disse o médico — A maioria dos eruditos estão de acordo em que para que alguém se converta em homem lobo tem que ser mordido por um deles. Há exceções para toda regra, é obvio, mas você não é uma delas. Nem tampouco o senhor Mallory. O que transmitiu seu pai durante a concepção foi uma forma enfraquecida do que ele era... Uma variação alterada, se quiser. Sempre será o que é. Nunca o que foi ele, fosse o que fosse; nem tampouco transmitirá o que ele foi a ninguém mais. Esta afecção não é progressiva. Aqui não há licântropos. Soube no momento em que sua carta me chegou com o correio. Seu caso é único entre meus estudos. Embora na Índia abundam histórias deste tipo, nunca antes me encontrei com um caso similar. Por isso estava desejando aceitar seu amável convite para vir aqui. Embora só seja por isso, deve estar tranquilo de que nem você nem o senhor Mallory são nem serão nunca homens lobo.

—Então, Alex será sempre... Como eu?

—Seguirá sendo no que se converteu, sim, senhor. O que vai fazer se reaparecer? Expulsará-o daqui?

—E permitir que faça a outra pessoa o que Nero tem feito a ele? Como poderia fazer algo assim?

—Então, o que?



—Talvez... O que possa fazer por mim consiga ajudar a ele também, isso dando por feito que possa fazer algo por mim —Seu tom era suplicante, mas o médico não respondeu.

—Está convencido de que Nero não mordeu nenhuma vez a ninguém mais, senhor? Pense-o cuidadosamente.

—Não... Nunca.

O médico suspirou.

—Precisa confiar na baronesa —Assegurou —E tem que fazê-lo em seguida.

—Não posso fazer isso —Espetou Nicholas —A perderei! Talvez inclusive revele minha situação.

—Isso não sabe.

—Não posso me arriscar.

—Ela acreditava que o lobo de esta noite era Nero. E se ele a morder? Disse que deixa a porta entreaberta. Precisa sabê-lo.

Nicholas sacudiu a cabeça.

—Ainda não —Disse —Terá que vigiá-la... Eu a vigiarei. Não me separarei de seu lado até que tenhamos resolvido o problema de Alex.

—Desculpe-me, mas isso lhe parece inteligente?

—O que quer dizer?

—O que ocorreu esta noite entre vocês antes que aparecesse o lobo?

Tão transparente era, ou é que aquele homem era também vidente?

—Vamos, vamos, não posso ajudar a menos que me deixe —Disse o médico.

—Estive a ponto de perder a cabeça —Disse Nicholas —Me deixei levar pelo coração, e quase me transformo ali diante dela. Não posso detê-lo, mas sempre sei quando vai ter lugar... Quando preciso me despojar de minha roupa e deixar que aconteça, assim como também sei quando vou voltar a mudar. Se não fosse por isso, me teriam descoberto faz muito.

—E também sabe o que desencadeia os ataques?

—Sim. Esta noite estava excitado.

—Como controlou a transformação?

—Rompi o contato, recuperei o sentido e a separei de mim antes que se iniciasse a transformação. Não... Não podia permitir que visse o que ocorria.

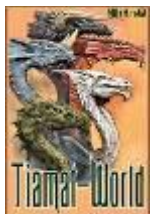
—Isso é ter controle. Pode fazê-lo; só necessita ajuda para aperfeiçoá-lo.

—Meu Deus, me ajude então... Custe o que custar... Faça o que possa.

—Existem vários caminhos, e o tentarei com todos eles. Para começar, Mills me disse que lhe prepara cada noite uma bebida de ervas com escutelaria, tilo e lúpulo.

—Prepara-o a senhora Bromley. Mills se encarrega de que tome. Supõe-se que me relaxa e me deixa calmo.

—Isso pode seguir assim, mas eu a prepararei a partir de agora —Assegurou o médico —Tem uma horta de plantas aromáticas?



—Sim. A senhora Bromley cuida muito dela.

—Para começar, necessitarei meimendro⁹ e Angélica¹⁰ —Disse o médico —Não há necessidade de incomodá-la. Conhecerei-as se ver, igual às demais ervas que necessito. Prescindiremos do lúpulo na bebida. Embora seja conhecida a muito tempo como uma cura para os excessos sexuais descontrolados, está claro que não funciona com você. Conta com excelentes propriedades para induzir ao sono, entretanto, o que resultaria benéfico. Sugeriria-lhe uma aplicação externa. Um travesseiro herbal, talvez, cheia de lúpulo misturado com lavanda que colocaríamos dentro do travesseiro de sua cama... Muito efetivo. Direi à senhora Bromley que prepare uma. Enquanto isso, provará com a Angélica como substitutivo para ajustar sua libido, muita Angélica, e veremos que tal vai. Mas não tomará com a bebida, e sim à parte, misturada com vinho. Não ponha essa cara de pânico. Tudo isto é temporário. Tem rosas? Rosas mosqueta, em concreto?

—Sim, contamos com muitas variedades —Disse Nicholas, que seguia pensando na Angélica —Não conheço seus nomes, mas temos um jardineiro excelente, Henry Gibbs. O apresentarei. Cuidou do imóvel desde os tempos de meu pai. Sente-se especialmente orgulhoso das rosas. Estão em um roseiral cercado e separado do jardim, resguardado dos temporais, embora o vento espalhe seu perfume por toda a casa quando estão florescendo.

—Bem —Disse o médico —Os antigos celtas utilizavam a raiz da rosa mosqueta para curar as mordidas dos lobos neles mesmos e em seus animais, e houve um tempo em que a apresentava como cura para a raiva e se utilizava usualmente no Oriente... E na Índia. Suas propriedades serão benéficas. O que terá que ver é até que ponto. A baronesa também deve tomá-la. Sugiro um chá de escaramujo¹¹, com um mínimo ao dia de oito “frutos”, como se chama, bem repousado e adoçado com mel. Darei instruções à senhora Bromley. O sabor é muito agradável e...

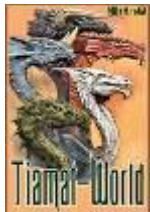
—Isso se pode conseguir que tome sem contar a razão —Interrompeu Nicholas.

—Eu me encarregarei de que o faça —Disse o médico —O prescreverei como um tônico para que se recupere depois da terrível experiência na câmara oculta. A dose sua será mais potente, combinada com a bebida. Administrarei-lhe mais ervas com o tempo, mas não devemos provar muitas de uma vez. Devemos ver como o afeta cada uma delas até que alcancemos uma combinação satisfatória. Digo tudo isto porque quero que esteja a par de meus métodos. Quero que saiba o que estou utilizando e por que.

⁹ Esta planta foi utilizada desde os tempos remotos, aparecendo no Papiro de Ebers como remédio para dor de dente. Foi um veneno famoso, sendo citado na obra de Shakespeare, que fez o pai de Hamlet morrer com o suco de Meimendro deitado no ouvido. Tanto o Meimendro quanto a beladona são indicados no tratamento da bradicardia sinusal (por exemplo, após o infarto no miocárdio); na dilatação pupilar no Parkinsonismo; na prevenção de cinetose; como pré-medicação anestésica para ressecar secreções; em doenças espásticas do trato biliar, cólico-ureteral e renal, entre outras indicações.

¹⁰ **Angelica archangelica** L.- arcangélica, erva-de-espírito-santo, jacinto-da-índia, polianto, raiz-do-espírito-santo; angélique (francês); ch'ien-tu (chinês); echte engelwurz (alemão); angélica, hierba de los ángeles, hierba del espíritu Santo e archangelica (espanhol), angelica (inglês), angelica arcangelica (italiano), archangelicae (latim).

¹¹ **Escaramujo** - O **hip rosa**, também conhecido como **gabanzo tapaculos**, em especial o rosa selvagem. Normalmente, cor vermelho-alaranjada, mas em algumas espécies podem mudar para roxo escuro e preto.



—De verdade acredita que algo disso funcionará?

—Se acredito, não —Disse o médico —Estabelecemos que sua afecção não está unicamente em sua cabeça, senhor, mas sua mente não está isenta dela.

Demonstrou-o no modo em que antecipa a transformação. Depois devemos ensinar a essa mente a como pensar, mas não esta noite, ou deveria dizer esta manhã? Logo vai amanhecer e temos muitas coisas que fazer, mas primeiro precisa descansar, e eu tenho que dar um passeio pela horta, se me indicar onde está. É melhor pegar as ervas quando estão ainda cobertas de orvalho.

Nicholas assentiu e ficou de pé para acompanhar ao médico.

—Precisamos encontrar Alex, doutor —Disse quando saíram da suíte —Antes que faça mais dano.

—É obvio, senhor.

—Há um quarto de armas debaixo das escadas. Direi a Mills que lhe consiga uma pistola. Se for andar por aí sozinho, temo que terá que ser armado. Pelo que tenho lido, necessitam-se balas de prata. Por desgraça, não temos nenhuma. Temo que terá que bastar com o chumbo.

—Não necessitaremos balas de prata para nos defender dos lobos desta casa, senhor; só são necessárias em caso de homens lobo. Por desgraça para você, neste caso, só precisa uma bala normal de pistola para matar a um metamorfo.

Capítulo 14

Sara despertou quando rompeu a alvorada ao escutar uns suaves soluços procedentes de seu trocador, onde Nell estava preparando a roupa. Aconchegando-se em seu negligé, seguiu o som e encontrou à moça com o rosto avermelhado e os olhos chorosos enquanto aparava o vestido de musselina com desenho de espiga que Sara ia vestir para o café da manhã. Ao olhá-la, a afligida moça rompeu a choramingar.

—O que aconteceu, Nell? —Perguntou Sara sentando-a no divã —Que aconteceu?

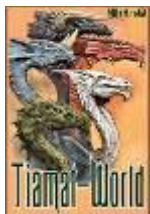
—Despediram-no —Gemeu a jovem —O senhor voltou para casa e disse que se fosse antes que saísse o sol, e tudo é minha culpa.

—A quem despediram?

—A meu Jeremy... Você o conhece como Peters, senhora. Tinha que ter feito guarda na sua porta ontem à noite, mas você se retirou a descansar e ele escapuliu para estar comigo. Agora não voltarei a vê-lo nunca!

—Está claro que Sua Senhoria não está a par de sua implicação neste assunto, ou teria te despedido também —Assegurou Sara.

—Quem dera o tivesse feito! —Gemeu a moça —OH... OH, senhora, eu não queria.... Não é que não queira ser sua donzela... E realmente necessito o salário. É só que... O amo, senhora!



—Sei, Nell —Disse Sara.

Podia compreender o desgosto da jovem. Deixando à parte o lado físico, ela também se estava apaixonando por seu estranho e melancólico marido. Já estava, já o tinha admitido. Deu-se conta no momento em que entrou em seu *sacrossanto santuário* e o encontrou ferido... Então soube que poderia ter saído morto, que talvez não voltasse a vê-lo mais. Como teria podido suportá-lo?

Eles também estavam separados, mas sua separação era mais cruel. Estavam o suficientemente perto para tocar-se, beijar-se, abraçar-se, fazer amor, mas entre eles havia uma barreira, um escudo invisível que Nicholas tinha levantado, e ela não sabia por que se escondia atrás dele nem como atravessar a barricada que tinha colocado entre eles. Não tinha a habilidade para fazê-lo. Era muito inexperiente, e ele era um homem do mundo, muito sofisticado para sucumbir às transparentes mutretas de uma penosa e inexperiente estúpida como ela no que aos assuntos do coração se referia. O pior era saber desde aquela noite que ele também sentia algo por ela... Algo que obviamente não queria sentir, algo que não se permitia. Mas, por quê? Não o tinha imaginado. Estava em seus beijos, em seus fortes braços estreitando-a com força, na grande pressão de sua ereção apoiada contra ela, em sua própria respiração, quente e fumegante sobre sua pele.

—Não o dirá, não é, senhora? —Soluçou a donzela, devolvendo-a de repente ao presente.

As mãos de Sara tremiam, tinha as palmas úmidas, e suas regiões mais íntimas, aqueles cantos secretos que Nicholas tinha despertado até o mais fundo, palpitavam com a mera lembrança daquele breve abraço.

—Não, não o direi —Disse —E há algo que você tampouco deve dizer.

—De o que se trata, senhora?

—Tem relação com o Nero.

—Esse maltrapilho cão velho? Que horror, senhora! Ninguém o viu nem a ele nem ao senhor Mallory desde que tiveram aquela briga. Pelo que sabemos, foi arrastando-se até morrer por culpa da ferida, e ainda bem que nos liberamos dele, digo eu!

—Não está morto —Disse Sara —O vi ontem à noite.

—Bom, pois será melhor que o senhor não ponha os olhos em cima. Smythe diz que certamente se livrará para sempre desse cão depois do que ocorreu com o senhor Mallory.

—Sim, bom, isso não ocorrerá enquanto eu viva —Assegurou Sara —Se Nero quer me visitar, será bem recebido aqui em minha suíte. Tenho intenção de deixar a porta de meu saguão entreaberta se por acaso venha, e não quero que Sua Senhoria saiba. Tratam a esse animal de forma vergonhosa nesta casa. E tudo porque é magro como uma sombra. Parece um lobo meio faminto, em vez do mascote de um barão.

—O barão me esfolará se descobrir —Protestou a moça.

—Não descobrirá, Nell, a menos que você o diga.

—Mas os criados têm que seguir vigiando dia e noite, senhora —Disse a donzela —Se veem aproximar-se desse cão velho, serei despedida desta casa sem dúvida nenhuma!



—Deixe os criados comigo —Disse Sara —Eu me encarregarei de distraí-los de suas obrigações. Este será nosso pequeno segredo, Nell. Você guarda o meu... E eu guardo o seu. Trato feito?

Sara se aborrecia por ter que utilizar semelhante de tática, mas aquelas eram circunstâncias extraordinárias. O barão Nicholas Walraven não ia disparar mais a seu amado Nero, se dependesse dela.

—Nell? —Disse ao ver que a donzela guardava silêncio —Eu já cumpri minha parte do trato. Perguntaram-me sobre Peters. Eu sabia onde estava, e com quem. Sabia desde o começo que escapuliam para se encontrar, mas não disse nada. Deve-me o mesmo. Agora volto a perguntar, trato feito?

—S... Sim, senhora —Miou a donzela.

—Bem! Agora, mais te vale secar esses olhos e me ajudar com o vestido antes da chegada de Sua Senhoria para me acompanhar a descer, para tomar o café da manhã.

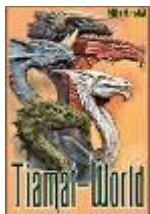
A donzela tinha terminado de colocar o último laço de seda verde no cabelo de Sara quando Nicholas bateu na porta e a moça escapuliu a toda pressa pela porta do saguão. Sara a tinha deixado aberta na noite anterior, quando o animal partiu? O coração lhe deu um tombo. Nicholas a abriu com o dedo antes que a moça chegasse, respondendo assim a sua pergunta. Apesar de tudo, Sara estirou os ombros e o olhou com a melhor de seus sorrisos, embora ele tivesse os lábios apertados. Passaram por diante do novo criado que estava postado na porta de sua suíte como se não existisse, embora ela desejasse entrar a fundo naquele assunto, tampouco falaram durante o caminho para a sala de café da manhã, só trocaram as cortesias mais elementares.

Sara esteve atenciosa durante o café da manhã, agindo como a perfeita anfitriã; as sobrelhas elevadas de Nicholas, em mais de uma ocasião enquanto comiam, era a prova de que não tinha sido enganado naquele sentido. Era uma vitória minúscula, mas uma vitória a final, e ela a reclamou como um troféu reluzente. Não começou a perder brilho até depois.

O doutor Breeden se desculpou em seguida. A senhora Bromley tinha deixado espaço em seu herbário para preparar suas misturas, e estava desejando ocupar-se de suas amostras recém colhidas antes de que os efeitos do orvalho da manhã se esumassem. Sara estava encantada. O escritório de Nicholas era seu domínio. Ela tinha ganhado suas vitórias na luminosa sala do café da manhã, com seus vasos cheios de flores, as impecáveis toalhas de linho e a assustadora vista dos jardins através das janelas com desenhos geométricos em forma de diamantes. Aceitou uma segunda xícara e ajustou sua posição na cadeira como se estivesse preparando-se para o ataque violento de uma das habituais tempestade de Cornualha.

—Há algo do que quereria falar com você, Nicholas —Disse dando um grande sorvo a sua xícara —Disse que se tinha alguma pergunta ou alguma dúvida me dirigisse diretamente a você... Antes.

Aquela última palavra o levou a levantar as sobrelhas e deixar suspensa a xícara no ar. Por que sempre parecia um animal disposto a lançar-se sobre ela quando falavam de temas sérios?



—Sim? —Perguntou ele com um tom de voz beligerante.

—Tem que ver com os criados que há fora de minha suíte. Quero que os tire.

—Isso é impossível, Sara —Disse Nicholas.

—Por que? —Insistiu ela —É minha suíte, não é? Não quero ter um guarda armado aí dia e noite. Sinto-me como uma prisioneira. Tinha mais liberdade em Fleet!

Nicholas se levantou de um salto da cadeira lavrada, colocou-se atrás dela e jogou o guardanapo no prato vazio.

—Por favor, nos deixem a sós —Pediú aos lacaios —Fechem a porta ao sair, e se os volto a pegar outra vez com a orelha pega a ela, podem recolher todas as suas coisas. Está claro?

A resposta foi um murmúrio monótono enquanto os lacaios se retiravam saindo um atrás do outro. Nicholas voltou a ocupar seu lugar na mesa com expressão sinistra.

—Isso não era necessário, Nicholas —Assegurou Sara —Todos sabem que estou sob custódia.

—Sim, mas não sabem por que, e prefiro que não estejam a par de... certos assuntos. Já têm suficiente material para suas fofocas com as coisas como estão. A sala de café da manhã não é lugar para esta conversa, Sara.

—OH, sei —Reconheceu ela —Mas parece ser o único lugar da casa onde podemos conversar de igual a igual. Se isso é devido ao bisbilhotismo dos lacaios, então eu digo que Deus os benza por isso!

—Terá criados postados em sua porta até que encontremos Alex e solucionemos este assunto —Disse Nicholas —Isso não é negociável agora, nem o será tampouco no futuro. Já se esqueceu o que aconteceu em sua suíte?

—Não confia em mim, e isso é insultante.

—Não confio nele, e certamente você não é rival para sua destreza. E isso vai mantê-lo em seu lugar.

—Isso não é justo. Estava completamente adormecida quando ele... Quando...

—Quando tratou te incomodar?

—Estava bêbado, Nicholas.

—E tivesse te violado se não tivesse sido pelo Nero. Como conseguiu entrar Alex, Sara? Eu te direi como, deixou a porta entreaberta... Tal e como eu a encontrei quando fui te buscar para descer para tomar o café da manhã. Acreditava que tinha aprendido a lição... Ao menos...

—Não se atreva a terminar a frase, Nicholas Walraven, não se atreva!

Nicholas deixou escapar um suspiro gigantesco.

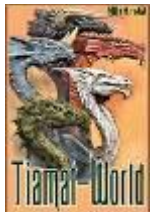
—Sara —Disse com aquela sensual voz de barítono que a fazia derreter-se até a medula.

Podia enfrentar a sua ira, mas não àquela suavidade profunda e ressonante que tinha a capacidade de excitá-la do outro lado da habitação.

—Esta não é uma situação permanente —Continuou ele —Quando encontrarmos o Alex...

—Então o encontre! —Gritou Sara ficando de pé de um salto.

Tinha que voltar a sentir ira. Era sua única defesa contra aquele homem tão paradoxal que



tinha arrebatado o coração.

—Porque te digo aqui e agora que não vim a Ravenscliff para ser uma prisioneira. Para isso teria ficado onde estava!

Ele estremeceu? Tremiam-lhe os músculos da larga mandíbula e se pôs de pé outra vez, mas não fez nenhum movimento em sua direção, assim Sara seguiu falando aproveitando que tinha vantagem.

—Não voltarei a ficar em um lugar no que estou prisioneira... Nunca mais! —Bramou furiosa jogando o guardanapo —E não se esqueça de que ontem à noite o vi, Nicholas. Esteve a ponto de matar a esse pobre animal. Os criados desta casa têm os corações igualmente duro nesse sentido. Ouvi-os falar. A própria Nell insiste em livrar-se dele cada vez que abre a boca. Não sei o que está ocorrendo aqui, mas o advirto... Recorda minhas palavras, nada vai acontecer a Nero nesta casa nunca! Enquanto eu viva nela.

Girando sobre os calcanhares, saiu da sala de cafés da manhã. Desta vez não havia nenhum laçao à vista.

—Sara! —Gritou Nicholas atrás dela, jogando o guardanapo.

Não houve resposta, assim rodeou a mesa e saiu a toda pressa pelo corredor. Ela já tinha chegado ao patamar do segundo andar. Através da penumbra que presidia os corredores, captou o brilho da musselina confundindo-se com as sombras quando se girou para a suíte de Sara. Saiu a toda pressa atrás dela, mas o som da aldrava¹² da porta dianteira ressoou pelo corredor, o detendo sobre seus passos.

“Quem diabos pode ser?”, perguntou-se. Voltaram a bater. Soava urgente. O estrondo provocou que Smythe aparecesse arrastando os pés pelo corredor, estirando a casaca e queixando-se entre murmúrios.

O mordomo apenas o reconheceu quando passou por diante dele, e Nicholas penteou o cabelo para trás, com o olhar oscilando entre Sara, que partia, e o som de umas vozes elevadas que se escutavam com o passar do grande salão que ficava a suas costas. Estava disposto a sair correndo, mas, em que direção? Balançando-se como um pêndulo para os lados, ficou ali cambaleando, tentando decidir.

—Ao diabo com isso! —Murmurou finalmente.

Girando sobre os calcanhares das botas, correu pelo corredor para a porta da entrada.

Smythe estava na soleira discutindo com três homens vestidos com apagadas calças cinza, casacos curtos e chapéus de aba larga e taça baixa. Guardas do regimento?

—Que demônios está acontecendo aqui, Smythe? —Inquiriu Nicholas Aproximando-se —Os ouvi da sala de café da manhã.

—Sou o capitão Renkins, senhor —Respondeu um deles tirando o chapéu, antes que o mordomo pudesse responder —Seu criado não parece entender. Tivemos que vir. Houve uma queixa.

¹² Aldrava – peça de metal para chamar às portas.



—Que espécie de queixa? —Disse Nicholas sentindo um buraco no boca do estômago.

Do que se tratava agora?

—Viemos por um cão selvagem —Disse o capitão.

—Outra vez esse animal? —Grunhiu o mordomo em voz baixa.

—Isso é tudo, Smythe. Eu me ocuparei disto —Disse Nicholas apertando os dentes. Despedindo com um olhar que não deixava lugar a queixa, girou-se para os guardas —Me acompanhem, cavalheiros?

Levou-os ao escritório. Não tinha sentido que todos os habitantes da casa se inteirassem desta nova notícia, embora não cabia dúvida de que as vigas retumbariam com ela assim que Smythe chegasse às habitações de serviço. Urgiu aos guardas a entrar, fechou a porta quando passaram e tomou assento atrás da mesa do escritório.

—E agora, cavalheiros —Disse —O que é tudo isso do cão?

Os três homens estavam rígidos como estacas diante dele. O capitão, que estava no meio, parecia ser o único que tinha língua. Outros permaneciam como postes a seu lado. Nicholas não os convidou a sentar-se.

—O moço diz que poderia ter raiva —Disse o capitão —Todo o povoado é um clamor por este assunto, senhor. As pessoas não descansarão a gosto até que saibamos. Teremos que ver o animal para nos assegurar.

—Que moço? —Perguntou Nicholas, sentindo-se empalidecer.

Abriam-se as fossas nasais, e o pelo da nuca se arrepiou enquanto um calafrio percorria a espinha dorsal.

—Um homem chamado Jeremy Peters. Diz que formava parte de seu serviço até que o despediu. Disse que se sentiu obrigado a dar notícia de todos os modos porque o animal o atacou. As pessoas não estão a salvo com uma criatura assim rondando por aí.

—Ah! Isso o explica —Respondeu Nicholas com toda a autoridade que foi capaz de reunir —Peters foi despedido por pular com uma das donzelas quando se supunha que devia estar em seu posto... Mas isso não é assunto da Guarda Real. A queixa que receberam não é mais que a vingança de um criado ressentido, pura e simplesmente. —Nicholas ficou de pé —E agora, se isso for tudo, devem me desculpar. Tenho assuntos urgentes que atender esta manhã.

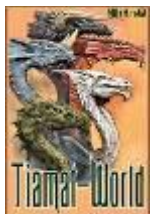
Dirigiu-se para a porta, mas a voz resmungona do capitão o fez dá-la volta.

—Talvez seja assim, senhor —Disse Renkins —Mas temos que dar uma olhada no animal de todas maneiras.

—Não há nenhum cão! —Assegurou Nicholas elevando a voz.

A fúria provocou que uma onda de sangue quente amontoasse nas têmporas, e apertou os punhos aos flancos até que os nódulos se puseram brancos enquanto pensava no quanto gostaria de pôr as mãos em cima a aquele criado traidor. Aspirou com força ar várias vezes em uma vã tentativa de sufocar a raiva que crescia dentro dele. Não se atrevia a sucumbir à ira e arriscar-se a sofrer uma transformação diante do capitão.

—Isso não é o que disse seu mordomo —Respondeu o capitão —Acabo de escutar agora



mesmo com a claridade do dia.

—Senhor, a mente de meu mordomo se tornou torpe com a idade. Mantenho-o aqui por compaixão. Sou o senhor desta casa, e se eu disser que não há nenhum cão, é que não há nenhum cão. E se o houvesse e estivesse raivoso, estaria aqui negando-o, pondo a meu pessoal em perigo? Não teria sido isso o primeiro que teria saído da boca de meu mordomo quando abriu essa porta? Asseguro-lhes, cavalheiros, que se houvesse um cão raivoso em Ravenscliff, eu mesmo teria ido buscá-los.

—Não se trata só de seu mordomo, senhor. Todo o povoado é um clamor pelas histórias que seus criados contaram sobre o animal que guarda aqui.

—Então Peters tinha que dizer, em vingança. A pequena travessa com a que pula continua trabalhando para mim. Será a donzela da baronesa até que encontre uma moça adequada para substituí-la. Então haverá mais rumores, não me cabe dúvida, porque também despedirei a garota. E agora, cavalheiros, não quero ser mal educado, mas tenho que me ocupar de meus assuntos.

—O jovem Peters diz que o cão que tem aqui mordeu seu administrador, e que não o viu depois. O que tem que dizer a isso, senhor?

—Despedi meu administrador faz uma semana —Disse Nicholas sem vacilar —Sim, sofreu mordidas... Mas do álcool, não por parte de um cão, o asseguro. Quando passar a bebedeira e arrastar seu traseiro até aqui para recolher o resto de suas coisas, direi que vá vê-los e conte ele mesmo.

Os três homens ficaram onde estavam, o observando. Acreditavam? As sobrancelhas franzidas do capitão e seus lábios apertados não eram bom sinal.

A transformação era iminente. Entre a discussão com Sara e este episódio, só era questão de tempo que Nero o fizesse ficar como um mentiroso. As terríveis palpitações tinham dado começo em seu interior; a náusea que o deixava tonto e a visão imprecisa que sempre advertia de que tinha chegado o momento de tirar a roupa para preparar-se, porque o fenômeno tinha começado. Aquilo não podia acontecer ali, diante de três guardas do regimento, assim fez uma reverência exagerada e abriu o braço em uma última tentativa de livrar-se deles antes que fosse muito tarde.

—Muito bem, cavalheiros —Disse —Como vejo que não encontraremos a paz até que submeta a esta ridícula afronta, sejam bem-vindos. Procurem por toda a casa, do porão até o telhado se for necessário; qualquer coisa, de forma que eu possa me ocupar de meus assuntos. Tenho um convidado em casa, um proeminente médico londrino. Esta manhã prometi que daria uma volta pelo imóvel, e já estou atrasado. Vai pensar que aqui na costa somos uns bárbaros: criados que fazem correr mentiras escandalosas, guardas esmurrando nossa porta ao amanhecer. Se preferem acreditar na palavra de uma doninha ressentida antes que a de um barão, vamos. Não me interponha em seu caminho, mas se afastem do meu. E se encontrarem um cão em minha propriedade, pedirei à cozinheira que o asse com uma maçã na boca e comerei isso de jantar. Estão vocês convidados, cavalheiros. E bem, o que esperam? Vamos, então.

Nicholas alcançou a porta em três pernadas, e a abriu de par em par.



O capitão, que até então tinha permanecido imóvel, saiu do estado de transe no que parecia estar e se dirigiu para a porta. Outros o seguiram. Iam aceitar sua provocação? Nicholas conteve a respiração enquanto o capitão se girava na soleira para olhá-lo.

—Não será necessário, senhor... Por agora —Assegurou —Mas se escutar mais queixa, pode apostar o que quiser que retornaremos, e se houver um predador rondando por aqui, abatê-lo-emos sem hesitar... Tenha quatro patas ou duas pernas.

—O que se supõe que quer dizer isso? —Perguntou Nicholas.

—Quer dizer, senhor, que não sou tão ingênuo como pareço. Há algo em tudo isto que não se enquadra, e se tiver que voltar aqui para descobrir do que se trata, não descansarei até dar com isso.

—Que assim seja —Disse Nicholas com voz glacial —Se houver alguma adversidade à espreita, eu mesmo insistirei em que assim seja. Mas se Peters encontrou com um cão, deve tratar-se de um vira-lata de rua, não é meu. E se lhe ponho a vista em cima, não vou necessitar que vocês acabem com ele, o asseguro. Posso arrumar isso com ele e com todos os cães raivosos da comarca. Cães raivosos a mim! E agora, bom dia, cavalheiros.

Nicholas fechou de uma portada sua suíte com força suficiente para tira-la de seu marco, provocando que Mills saísse de seu quarto, que estava ao lado, com a escova da roupa e o melhor traje de noite de Nicholas na mão.

—Aconteceu algo mau, senhor?

—Mau? Pode estar seguro disso, Mills —Assegurou Nicholas —Acabam de vir uns guardas do regimento.

—Uns guardas, senhor? —Perguntou Mills —O que queriam?

—Parece que Peters vai contando o conto de que Nero atacou e mordeu ao Alex.

—OH, senhor! O que vamos fazer?

—Nada, Mills —Afirmou Nicholas —Se foram... Por enquanto. Mas voltarão, não me cabe nenhuma dúvida. Toda a servidão esteve contando pelo povoado a intriga de que temos um animal raivoso aqui.

—Convenceu-os do contrário, senhor? —Perguntou Mills.

—Não estou seguro disso. Disse que entrassem e investigassem o lugar, e eles recusaram.

—Isso foi um gesto inteligente, senhor? Imagine que tivessem feito conta. Eu não voltaria a tentar uma estratégia semelhante tal e como estão as coisas agora, se interessar minha opinião.

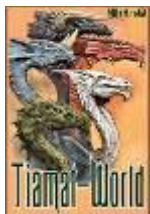
Nicholas apenas escutou.

—Vou chamar a atenção da servidão por isso, asseguro —Disse isso passeando como um animal enjaulado —Quando tiver terminado, desejarão não ter aberto suas traiçoeiras bocas. Ninguém voltará a sair desta casa até que tenha falado com cada criado que vive em baixo. Faz correr a voz.

—S... Sim, senhor —Disse Mills.

—E isso não é o único que me aconteceu esta maldita manhã!

—Há algo mais, senhor?



Nicholas assentiu.

—A senhora quer que deixe de colocar os criados em sua porta. Você sabe que não posso fazê-lo. Segue deixando essa maldita porta entreaberta, e não se atreva a perguntar de quem é a culpa, ou que Deus me ajude...

—Não disse uma palavra, senhor —Se defendeu o ajudante de câmara.

—Não, mas não é necessário. Estava pensando. É como um livro aberto, velho amigo.

—O que vai fazer, senhor?

—Ela pensa que quero fazer mal ao Nero —Disse Nicholas passeando pelo tapete persa — Não posso explicar Mills. Não acreditaria se o fizesse. Nem sequer sei ao que enfrentamos. Como diabos vou pretender explicar isso a ela? Está convencida de que em quem estive a ponto de disparar foi em Nero, e sua intenção é protegê-lo. Ama a esse animal.

—A você também ama —Disse o ajudante de câmara em voz baixa.

—Isso não me ajuda, Mills —Grunhiu Nicholas —Só piora as coisas, se é que isso é possível. Além disso, acredito que se equivoca... Reza para que seja assim. Acredito que pensaria de forma diferente se a tivesse ouvido falar aí abaixo agora mesmo.

—Desculpe, senhor, mas, não poderia restringir as visitas de Nero a sua suíte durante algum tempo?

—Já conhece os limites do controle que tenho sobre Nero. É muito tarde para isso, em qualquer caso. Ela vai procurá-lo de todas as maneiras. E isso seria catastrófico agora, com o Alex rondando por aí e sua tendência a encontrar todas as armadilhas de Ravenscliff. Sara tem razão. Terá que encontrá-lo, e depressa —Nicholas rebuscou no interior de seu colete e tirou uma pequena pistola, ignorando o gesto de surpresa do ajudante de câmara —Tive que me ocupar de que o doutor Breeden fosse armado —Continuou, exibindo a arma —Não posso permitir que o homem ronde por aí desprotegido. Enquanto o fazia, escolhi esta para mim. Não posso ir por aí me arriscando a que me de um tiro com uma pistola em qualquer momento. Esta é o suficientemente compacta para poder levá-la oculta.

—Está... Carregada, senhor?

—Não serviria de muito se não fosse assim, não é verdade, velho amigo?

—Suponho que não. Só me preocupa que...

—Quão único tem que preocupar-se, Mills, é que me encontre cara a cara com o Alex sem ela. Agora, me traga meu capote... O dos bolsos.

—Vai sair, senhor?

—Preciso dar um passeio pela praia —Respondeu Nicholas tirando a fina jaqueta cor azul e o colete bordado branco, que entregou ao ajudante de câmara. Depois desabotoou a camisa até a metade —Acredite, mas vale que ande depressa.

—S... Sim, senhor —Disse o ajudante de câmara saindo dali a toda pressa. Retornou uns instantes mais tarde com capote embuçado e ajudou ao Nicholas a colocá-lo.

—Se assegure de que alguém acompanhe à senhora à sala de café da manhã quando chegar o momento —Disse Nicholas guardando a pistola no bolso do casaco —Duvido muito que eu



retorne a tempo para o almoço.

Sara deveria ter ficado trabalhando no o resto dos menus para a estadia do doutor Breeden, mas estava muito inquieta para ocupar-se disso. Aproximando-se e afastando-se da janela de sua salinha, tratou de pôr em ordem seus pensamentos. A tempestade tinha cessado, mas o vento ainda soprava com força. Embora o sol permanecesse oculto depois de uma densa capa de nuvens, as correntes de ar que se filtravam através das janelas pareciam mais suaves, se é que aquilo era possível.

O criado estava postado fora. Como odiava estar prisioneira, porque assim era como ela via sua situação. Não se tinha arrumado nada. Teria que ter insistido até conseguir sua liberdade. Agora teria que enfrentar Nicholas uma e outra vez sobre esse tema. A atitude de Sara se veio abaixo. Ele nunca se renderia, mas ela tampouco. Nero tinha que ter acesso a ela. Aquela pobre criatura faminta necessitava comida, e amizade; alguém em quem confiar. Mas não trairia Nell; a donzela tinha razão em que a culpariam se fossem descobertas. Assim que os criados tinham que ir-se.

Ao passar ao lado da janela, Sara baixou a vista bem a tempo para ver Nicholas descendo pelos degraus de pedra lavrados no escarpado com seu capote estendido ao vento. Sara chamou Nell. Foi só questão de minutos que chegasse a moça e fizesse uma reverência, mas Sara pareceu uma eternidade. Tinha a vista cravada no lugar no que tinha visto por última vez ao Nicholas no escarpado.

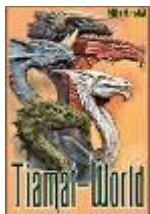
—Vá procurar minha capa —Ordenou a jovem.

—Não pode sair, senhora! —Gemeu a moça —O criado a verá.

—Verá-nos as duas, Nell —Replicou Sara —Vamos dar um pequeno passeio. Isso me está permitido, sempre e quando for acompanhada. Farei um comentário em referência às correntes de ar deste mausoléu para justificar que não leve o negligé para que o ouça meu carcereiro no corredor. E agora, ande depressa. Vai me mostrar como chegar a esse escarpado.

Capítulo 15

Protestando, Nell guiou Sara para uma porta lateral que estava em uma curva. Era como a da câmara secreta, e estava situada depois das escadas posteriores. Coberta com tapeçarias, a saída ficava bem dissimulada, um remanescente dos tempos dos contrabandistas, pensou Sara. Ela nunca a teria encontrado por si mesma. Um estreito passadiço a conectava com uma entrada traseira que levava às habitações dos criados e que ela não sabia sequer que existia. Era uma autêntica entrada de serviço que não tinha nenhum sentido a menos que um fosse contrabandista, porque o escarpado não era acessível da entrada principal. Só se podia chegar ao escarpado da parte dianteira da mansão de Ravencliff através de uma estreita porta. Esse portal,



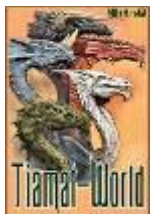
feito de grosas e secas vigas e entrecruzado com barras de ferro, como se pertencesse a um castelo medieval, estava sempre fechado como medida de precaução, ou isso disse Nell. Sara despediu da moça e saiu a uma estreita plataforma de só uns metros de largura, adornada aqui e lá com brotos de ervas daninha escavada sobre a Lisa superfície de rocha de granito, e se elevava da casa para o lúgubre céu. Uma grade baixa feita de pedras empilhadas parecida com a que bordeava o escarpado do caminho que levava a Ravenscliff era a única coisa que protegia a borda, que também estava em mal estado, crivado de buracos escavados com o tempo pelo mar. Uma estreita abertura revelava os degraus profundamente lavrados na face do escarpado que levavam a praia que ficava debaixo. Tinha uma queda assustadora, suavizada unicamente por uma gradual inclinação a meio caminho na parte inferior. Um penhasco saliente à esquerda oferecia certo resguardo contra o vento, e havia uns ocos convenientemente escavados nos que, dependendo do tempo, a pessoa que estivesse descendo podia agarrar-se para não fazê-lo na rocha viscosa, umedecida pelas algas e os refugos jogados ali pelo mar. A rochosa parede continuava agora úmida pela neblina do amanhecer, e Sara se perguntou se alguma vez se secaria.

Deteve-se um instante na borda com a capa ao vento tal e como tinha acontecido antes o capote embuçado de Nicholas, e observou a borda de baixo em ambas as direções, mas não havia nem rastro dele. Tinha que estar ali, em alguma parte, e aquele era o lugar perfeito para terminar sua discussão, sem olhos que os espiassem nem ouvidos que escutassem. Quando voltou a olhar para baixo de novo, entendeu por que tinha advertido que não fizesse o que estava fazendo agora, mas não podia evitá-lo. Tinha que descer. Talvez não voltasse a ter uma oportunidade semelhante de novo. Aspirando com força o ar salgado, levantou a barra de seu vestido de musselina com desenho de espigas e começou a descer.

Multidão de aves planavam por cima de sua cabeça, pelicanos, andorinhas e gaivotas entre elas. Havia algumas espécies que não foi capaz de identificar, mas todas compartilhavam a mesma plumagem nas asas, em diferentes tons de branco, marrom e cinza.... A cor do céu obsessivo que se abatia sobre ela. Formavam um bando de irmandade terra adentro: uma massa agitada e barulhenta sobre a plataforma de pedra que ficava acima. Voaram com elegância por cima do muro e ultrapassaram a entrada para ir pousar no pátio, como tinha visto fazer em outras ocasiões quando se aproximava o mau tempo. Vinha outra tempestade a caminho.

Agachando-se para esquivar dos pássaros que voavam baixo, Sara chegou à praia sem incidentes e se deteve para recuperar o fôlego. A borda rochosa, rodeada de areia, formava um arco semicircular para o norte para desaparecer depois da escarpada face de outro velho penhasco. A praia se fazia mais estreita para o sul, embora ali estivesse definida por vários elementos: rochas caídas, piscinas de água corrente formadas em riachos, diques naturais e resíduos devolvidos ao penhasco pelo mar.. Era uma faixa de terra acidentada, solitária e desolada e, entretanto, possuía uma beleza etérea que a atraía como um ímã.

Ainda havia maré morta. Ainda faltavam uns dias para que a lua cheia trouxesse o ímpeto das marés vivas. Seria seguro dar um breve passeio pela praia. Nicholas não teria descido se houvesse algum perigo. Pensando aquilo para fortalecer sua coragem, começou a caminhar com o



passar do muro de areia para o sul, todo o longe que pôde das ondas que lambiam a borda e passavam por cima dos afiados cascalhos. As ondas foram fazendo-se mais altas à medida que Sara avançava, mas ela apenas se deu conta disso. Algo negro colocado sobre um montículo meio escondido entre as rochas de uma pequena baía situada a várias jardas da praia captou sua atenção, e decidiu investigar do que se tratava.

Levantou-se um vento que balançava o objeto, que elevou pelos ares algo branco que tinha ao lado e que saiu rodando pela areia até que se enganchou em outra rocha. Sara correu para ali, abrindo-se passo com dificuldade sobre as rochas que formavam um dos espigões naturais, e passou por diante do que reconheceu como um capote de homem, o capote de Nicholas, metido a pressão entre dois vultos. Puxou o objeto branco. Era uma camisa. A aproximou do nariz e aspirou o aroma de Nicholas. Aquela evocadora fragrância era inconfundível. Mas seguia sem haver nem rastro dele, e quando se levou a camisa com o capote descobriu as calças, as meias e a roupa interior também espalhada por ali. As botas estavam entre as algas, um pouco mais ao oeste, e subiu em cima das rochas para recolhê-las e as unir ao resto dos objetos. Aquilo levou um pouco de tempo, porque as rochas estavam escorregadias, meio escondidas entre as algas, e Sara se desequilibrou em mais de uma ocasião as retirando.

Para quando chegou à pilha que estava formando, o vento tinha açoitado as ondas até as converter em algo aterrador que se aproximava cada vez mais e deixava anéis escuros debruados de encaixe sobre a areia. Sara não emprestou atenção. Tinha perdido a noção do tempo. Onde teria ido Nicholas sem sua roupa? Teria ido nadar em um dos charcos que tinha formado a maré? Estavam em maio, e fazia mais calor, mas nem tanto calor, e o vento mordida com força. Não fazia tempo para nadar. De fato, as lareiras estavam ainda acesas na casa, e certamente o estariam durante algum tempo. Perguntou se todos os habitantes de Cornualha seriam tão rudes. Sem dúvida, Nicholas devia estar louco.

Retornou a sua tarefa. A roupa sairia voando de novo se não a segurava bem entre as rochas, e se dispôs à tarefa de colocá-la de tal maneira que evitasse que desaparecesse.

De repente se deu conta do que estava fazendo. Aquele homem ia perambulando por aí nu. E se retornava e a encontrava? Observou a praia de cima abaixo. Seguia sem haver nem rastro dele, e Sara moveu um pouco mais depressa as mãos enquanto ordenava a roupa.

Colocou tudo em uma pilha ordenada e levantou o capote com a intenção de colocá-lo sobre os outros objetos, mais leves, e depois segurar o conjunto com as botas. Era muito pesado. Ao tentar dobrá-lo, encontrou-se com um dos motivos... Tinha uma pistola no bolso. Esteve a ponto de deixá-la cair, dando-se conta de qual era sua utilidade. Nicholas seguia pensando em matar Nero! Deveria pegá-la? Nicholas tinha uma armaria bem provida. Só teria que pegar outra, mas isso lhe levaria tempo. Deveria ou não deveria? Enquanto se debatia dando as costas ao mar, não prestou atenção ao gemido do vento, nem ao bramido das ondas rompendo na costa. Até que um jorro da água salgada não tivesse coberto seus pés ela não tinha se dado conta de que estava prisioneira. Estava apanhada... Isolada pelos espigões. Tinha o acesso para o norte cobertos pelas ondas que rompiam, e que a deixavam flutuando com a água até a cintura. Uma água gelada que a



deixou sem respiração. A capa fazia força para baixo, e começou a inundar-se até que tentou deixar-se levar pelo fluxo da maré e fluir com a corrente de água. Não podia deixar-se vencer pelo pânico. Quando pegou o ritmo do mar, tentou subir quando a água recuou, mas a areia que havia sob as ondas parou seus pés, arrastando-a de volta ao mar... Para a ressaca. Não se atreveu a ir longe o suficiente para que a apanhasse, porque então se afogaria com certeza.

Não estava mais conseguindo se segurar a rocha. Quando começaram a falhar as forças, algo a puxou para o espigão natural... Algo que pareciam umas mandíbulas afundadas profundamente em sua empapada capa. Sacudindo o cabelo molhado dos olhos, os entrecerrou, porque ardiam devido ao sal. Piscou, clareando-a visão, esperando encontrar-se com o Nicholas abatendo-se sobre ela, mas não era Nicholas. Ali, com as garras cravadas nas algas e na rocha, com as afiadas presas afundadas na lã virgem de sua capa, estava Nero, no espigão, puxando-a, afastando-a da crescente maré.

Parecia ter adotado a mesma estratégia, aproximando-a mais de si enquanto as ondas recuavam até que Sara conseguiu agarrar-se às rochas e ele pôde tira-la da baía e levá-la à praia. As condições ali não eram menos traiçoeiras. Tinha acontecido exatamente o que Nicholas disse que aconteceria. A praia se alagou em questão de segundos, deixando-a isolada, e não estava ainda fora de perigo. Os degraus de pedra pareciam estar muito longe. Como podia ter alcançado aquela distância? Como poderia retornar? As ondas iam agora mais depressa, levantando-a mais alto, esmagando-a contra o escarpado muro de Ravenscliff.

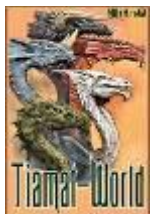
Nero continuava agarrando-a pela capa. Tinha-a destruído e continuava puxando com esforço, mas não a soltava. Estava diante dela, apoiando-a, arrastando-a para um lugar mais alto, para os degraus.

—Meu Deus, Nero, não me solte! —Gritou quando ele diminuiu a pressão dos dentes para segura-la com mais força.

O lanzudo pescoço, de cabelo com listras de prata, que rodeava a cabeça estava esmagado e molhado contra sua cabeça; e seus olhos, aqueles olhos escuros e penetrantes, não se separavam de seu rosto enquanto a arrastava para a salvação. Nero gemeu como em resposta, tendo grande cuidado em não morder, com aquelas presas fortemente apertadas, outra coisa que não fosse tecido.

—Às vezes acredito que é mais humano que qualquer criatura de duas pernas que habita neste lugar deixado da mão de Deus —Comentou Sara permitindo uma risada ligeira agora que a salvação estava virtualmente ao alcance da mão.

Sem deixar de gemer, o animal continuou dirigindo-se para os degraus, abrindo as fossas nasais ao respirar. Seu largo peito se expandia e se contraía visivelmente. Parecia como se a caixa torácica o fosse explodir pelo esforço, mas não a soltou até que chegaram à escada de pedra. Então latiu. Era a segunda vez que Sara escutava aquele latido, e a deixou cravada no lugar. A primeira vez que o ouviu foi quando ameaçou Mallory. Agora se tratava de um som de triunfo. Profundo e sonoro, gutural e antigo, soava mais como o latido de um lobo que como o guincho de um cão. Então Nero se sacudiu, e quando rodeou seu pescoço com os braços, agradecendo o



esforço, o animal lambeu o sal do rosto com sua larga e rosada língua.

—Amo-te, valente —Murmurou —Já vejo que esta manhã está de melhor humor. —Tratou de ver a ferida, mas tinha o peito e as patas dianteiras cobertas de algas, barro e sangue.

Guiou-a para os degraus, e Sara começou a subi-los pensando que a seguiria, mas não o fez. Nero voltou a latir, Depois se virou e fez correndo o caminho de volta através das brancas ondas e a espuma voadora. Depois desapareceu terra acima por cima da baía, deixando detrás de si seu lastimoso uivo. Foi então quando Sara se deu conta de que o mar tinha arrebatado os mocassins.

Começou a subir. A roupa úmida pendurava do corpo, e o cabelo o tinha um desastre feito. Os laços do vestido caíam sem vida pelos ombros. Tinha tanto frio que os dentes batiam, mas quando sua pele arrepiou e se deteve metade de caminho do escarpado, não foi pelo frio. O que tinha sido de Nicholas? Teria ficado também apanhado pela tempestade? Não, era muito inteligente para isso. Devia conhecer outro modo de chegar a casa. Entretanto, sua ausência a inquietava, e continuou subindo, desejosa de chegar a Ravenscliff antes dele para tranquilizar-se antes de ter que enfrentar-se de novo a sua presença.

Nell estava esperando-a ao lado da porta da entrada de serviço, retorcendo o avental sem piedade quando Sara avançou descalça pela rochosa plataforma.

—OH, senhora! —Soluçou a moça com as lágrimas escorregando pelo rosto —A tinha dado por morta.

—Retornou o barão? —Ofegou Sara cruzando a soleira justo antes que começasse a cair a chuva.

—Não sei, senhora —Assegurou a donzela —Não o vi.

—Obrigado, Nell. Quanto tempo leva aqui?

—Desde que apresentei suas desculpas ao doutor para o almoço, senhora. O fiz assim você que partiu.

—Então tem que haver outro modo de subir da praia ate aqui. Ninguém teria podido sobreviver nestas condições. Se não tivesse sido pelo Nero, teria me afogado. A praia desapareceu em questão de segundos, Nell.

—Esse maltrapilho velho cão, senhora?

Sara assentiu.

—Assim é.

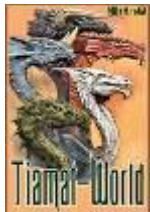
—Como vai passar por diante do criado assim? —Choramingou a donzela.

Sara pensou nisso durante um instante.

—Não terei que fazê-lo —Disse —Vá recolher minha capa com capuz. Finge que vai levar para baixo para estirá-la com a prancha de ferro ou algo assim, se alguém te perguntar. Depois retorna e distrai o que está na porta... afaste-o dela, da maneira que te ocorra, para que eu possa retornar a minha suíte.

—Mas, como, senhora?

—Estou segura de que te ocorrerá algo, Nell. Como arrumou isso com Peters? Tente fazer com que não a peguem desta vez. Não foi muito inteligente então. Se houvesse sido, Peters



seguiria aqui contigo. Eu soube desde o começo e não disse nenhuma palavra a Sua Senhoria sobre sua relação com esse moço. Cumpri minha parte do acordo, tal e como disse que faria. Não preciso te recordar que me deve algo em troca... Além das visitas de Nero. Se me falhar agora e tudo sai à luz, porque sem dúvida assim ocorrerá, não terei mais remédio que contar a verdade. A mim não pode despedir, mas te despedirá em um abrir e fechar de olhos.

Sara se arrependeu daquelas palavras, assim que saíram de sua boca; a expressão aflita da moça era mais do que podia suportar. Não era próprio dela se mostrar tão mesquinha, mas se Peters não tivesse escapulado para ver a donzela, nada disto estaria ocorrendo. Tinha ido muito longe.

—Sinto muito, Nell —Disse —Estou alterada. Estou molhada até os ossos e preciso me colocar em uma banheira quente para evitar pegar uma pneumonia. Isto é o que vamos fazer... Diga a esse moço, como se chama...

—Desculpe senhora, chama-se Wallace.

—Muito bem, pois diga a Wallace que vá buscar água para meu banho. Diga que você fará guarda até que ele retorne. Assim que tenha desaparecido de sua vista, recolhe minha capa e a traz... Mas não aqui. Não posso ser vista pelos corredores desta porta. Alguém contará ao barão sem dúvida. Esperarei na salinha que está ao lado das escadas. E agora ande depressa. Sua Senhoria pode retornar em qualquer momento.

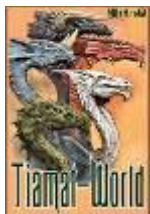
A moça saiu correndo, e então Sara avançou sigilosamente pelo corredor e esperou entre as sombras. Uns minutos mais tarde, Wallace saiu pelo saguão para cumprir sua missão, e Nell apareceu pouco depois com sua capa. Uma vez a salvo na suíte das tapeçarias, Sara se encerrou em sua salinha, longe dos olhares dos criados, enquanto subiam por turnos com a água para encher sua banheira.

No exterior, a tempestade tinha piorado. Uma chuva horizontal se deslizava, como um lençol, pelos cristais, e as rajadas de vento faziam vibrar os vidros. Sara mal podia ver alguma coisa abaixo, embora forçasse a vista e limpasse a embaçada janela com a esperança de vislumbrar o negro capote de Nicholas ondeando ao vento, mas o saliente pavimento que havia abaixo e a cerca de pedra que continha os degraus, estavam vazios.

Nell foi procurá-la quando a banheira estava cheia e Sara cruzou a suíte, vacilando no saguão. Não. Não fecharia a porta. Deixaria-a como sempre, sem fecho, mas não aberta de tudo. Os sentinelas não estavam custodiando-a contra intrusos de quatro patas, só para os de dois. Contra Alexander Mallory em particular. Nero tinha salvado a vida em duas ocasiões. Se queria procurar refúgio em sua suíte, era bem-vindo. Decidido aquilo, dirigiu-se para seu trocador para entrar na banheira que a estava esperando.

—Maldita seja! —Bramou Nicholas irrompendo em seu trocador, onde Mills estava preparando o traje para o jantar daquela noite.

—OH, senhor! —Gemeu o ajudante de câmara afastando-se dele —Onde está sua camisa... As calças e as meias? E o que aconteceu com sua bandagem? OH, olhe seu capote! Não



conseguirei tirar a terra.

Nicholas olhou o que ficava de sua roupa e jogou as botas no chão. Ficou ali de pé, descalço, vestido unicamente com as cueca sob o capote que pendurava do ombro e que roçava o chão, sujo com os restos da praia.

—Teria retornado antes que se desencadeasse a tormenta se não tivesse sido pela baronesa

—Disse —Talvez deveria pedir que faça as coisas que não desejo que faça. Possivelmente assim teríamos ordem em vez de caos nesta maldita casa.

Procurou em um dos empapados bolsos do capote e tirou a pistola. Do outro surgiram os mocassins de couro marroquino da Sara e os jogou sobre o divã.

—A senhora desceu à praia? —Perguntou Mills. Não acreditava.

—Assim é, e se não fosse pelo Nero, teria se afogado ali mesmo.

—Nero, senhor?

—Não podia enfrentá-la nu, velho amigo, você não acha? Isso me atrasou, e tive sorte de escapar com vida, então o que menos importa, são as cueca —Assegurou tirando o capote —Onde está o doutor Breeden? —Inquiriu jogando as botas de lado.

—No herbanário, preparando sua bebida —Respondeu Mills inclinando-se para recolher o casaco e as botas.

—Gostará de saber que essa maldita beberagem parece estar funcionando, caso contrário tudo teria terminado ali mesmo.

—OH, senhor! Conseguiu controlar a transformação?

—Em certo modo sim —Disse Nicholas —Até que seus malditos sapatos chegaram na crista de uma onda e me golpearam a cabeça —Assinalou com um gesto os empapados mocassins de couro marroquino.

—OH, mas esta é uma grande notícia, senhor!

—Foi muito pontual para qualificá-lo de boa notícia, velho amigo. Vejamos como progride e deixemo-lo estar por agora, de acordo?

—Quererá tomar um banho, senhor —Disse Nicholas arrastando os pés para ocupar-se de sua roupa molhada —Me encarregarei de que o preparem em seguida.

—Nada de banhos —Assegurou Nicholas, provocando que o ajudante de câmara se detivesse sobre seus passos —Acredito que já tive suficiente água fria no momento. Me alcance uma toalha e meu robe —Pedi enquanto tirava a cueca —Vou ter umas palavras com a senhora. Não posso permitir que isto fique assim, Mills. É muito grave.

Mills estendeu a toalha.

—Não deveria vestir-se primeiro, senhor? —Perguntou-lhe.

—Não há tempo —Respondeu Nicholas agarrando os sapatos de Sara do divã —E agora me traga o maldito robe, e pelo amor de Deus, ande depressa!



Sara estava congelada até os ossos. Apesar da vaporosa camisa de gaze com a que se colocou no banheiro, estava tremendo embora a água perfumada estivesse quente.

—Não serve de nada, Nell —Disse —Vou sair já. Duvido muito que volte a recuperar o calor.

Ficou de pé na banheira justo no momento em que Nicholas cruzava pela porta do trocador. Um gemido assombrado escapou da garganta quando chegou até ela com grande rapidez, jogou seus sapatos e lhe agarrou os antebraços com as duas mãos.

—Esta é a segunda vez que tenho que te devolver os sapatos, senhora —Exclamou furioso — Se voltar a me tropeçar com eles, ficarei com eles —Olhou para a donzela —Nos deixe sozinhos! —Espetou.

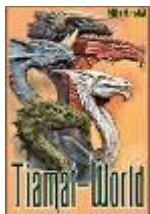
Nell saiu correndo com um grito nos lábios, olhando para trás enquanto Nicholas tirava a Sara da banheira.

Sara tirou as mãos de seus braços e tentou, sem êxito, cobrir todos seus encantos de uma só vez. A fina e úmida gaze era transparente, e se atava aos contornos de seu corpo como uma segunda pele, enquanto a água caía por toda ela, marcando cada curva. Nada ficou oculto aos olhos de Nicholas, que se cravaram em seu corpo como os de um animal faminto.

Sara baixou a vista para ver o que o tinha tão cativado. Os seios tinham estirado o tecido úmido e os mamilos eram claramente visíveis, escuros e grandes, aparecendo através do objeto. A camisa estava aberta na frente, e o olhar entreaberto de Nicholas seguiu a porção de pele que levava a montículo de pelo dourado que ela tinha entre as pernas e que não tinha podido tampar por falta de mãos. Sara ficou sem fôlego e tratou de fechar a bata, mas resultou inútil. Era como se estivesse nua.

O que não entendia era por que estava se tampando. Aquela era a oportunidade perfeita, não é? A julgar pelo modo em que a estavam devorando aqueles sensuais olhos de obsidiana, não demoraria muito para seduzir Nicholas. Tinha estado a ponto de ocorrer em seu anterior encontro, quando os dois estavam razoavelmente vestidos. Agora ambos se encontravam virtualmente nus. Nicholas não levava nada debaixo daquele robe. O tinha preso com descuido, deixando-a entrever um brilho do pelo escuro que tinha debaixo da cintura, e o rastro de uma ereção desafiava à seda cor borgonha.

Sara voltou a conter a respiração e agarrou se mais na camisa molhada. Não serviu de nada. Não podia seguir enganando-se. Não era nenhuma sedutora. Não saberia por onde começar... Mas ele sim. O notava nos olhos, na velocidade com a que subia e descia seu largo peito, em sua cálida respiração, que exalava contra seu rosto enquanto se abatia sobre ela. Seu aroma viajou até Sara e filtrou-se através de suas fossas nasais, rodeando-a, penetrando-a. Bebeu dele, tão embriagada por sua proximidade como um cavaleiro o estaria depois tomar umas taças. OH, como gostaria de ter mais experiência! Como desejaria abrir seu robe e deslizar as mãos por debaixo dele, afundar os dedos no pelo suave e sedoso, que tinha sonhado voltar a acariciar desde a noite em que enfrentou Nicholas em sua suíte. A única coisa que podia fazer era ficar ali, olhando com



desejo e almeçando que aquele corpo magnífico se unisse ao seu.

De repente, a atitude de Nicholas mudou. Parecia como se acabasse de despertar de um transe. Voltou a lhe agarrar os antebraços e a sacudiu. Sara gritou, porque não estava preparada para que a sujeitasse com aquela rudeza, mas não fez ameaça de soltá-la.

—Disse-te que não descesse à praia —Espetou.

—Como pode saber onde estive? —Desafiou-o ela —Você nunca está por aqui quando se necessita. Agora deu ordens de que me sigam cada vez que saia de minha suíte?

—Vi-a... Quando subia de volta —Assegurou Nicholas —E se não tivesse sido assim, algum dos criados teria me contado isso. Eles estão muito a par dos perigos, embora você não esteja. Poderia ter se afogado.

—Mas não o fiz, graças a esse pobre cão que você está tentando matar —Lançou ela —O que estava fazendo ali abaixo, Nicholas? Tem por costume nadar no mar com semelhante clima?

—Vivi aqui toda minha vida —Respondeu ele —Estou acostumado a... me banhar em todo tipo de condições climáticas, mas agora não estamos falando de meus costumes, mas sim de sua obediência.

—Minha obediência? —Gritou Sara —Como se atreve a me tratar com menos respeito ainda que a esse cão?

—Sara, sua segurança é muito importante para mim, e já te expliquei que a confiança é primitiva nesta relação. Obediência cega é confiança. Esteve de acordo com isso quando aceitou meu pedido.

—E sem dúvida você me olha com desprezo por tê-lo feito. Temia que o fizesse. Alexander Mallory certamente o fez. Por que deveria esperar algo mais de você?

—Não me inclua —Grunhiu Nicholas.

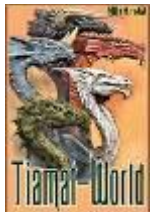
—Foi um engano vir aqui... esperar seu respeito.

—Sabe que não é assim. —Nicholas a segurou com menos força, mas não a soltou.

—Eu não sei de nada! Trata-me como a um de seus criados... Alguém a quem pode dar ordens... Alguém abaixo de você. Talvez isso seja certo, mas certamente não sou uma criada. Sou a filha de um coronel do Exército Real de Sua Majestade, um cavalheiro, e um herói reconhecido pela Coroa, que caiu no vício do jogo e morreu infestado de dívidas. Não me meça pela mesma medida. O único jogo ao que me submeti em minha vida foi ter vindo aqui. Como pode ver, não tenho talento para jogar.

—Por que concordou com isto? —Murmurou Nicholas.

—Estava morrendo naquele lugar —Assegurou ela —Comia mantimentos podres e tinha que me defender de predadores de duas patas, quando não dos de quatro. Não teria durado muito tendo que abrir caminho a dentes a cada dia, cada hora, sem esperar nada mais. OH, teria podido suportá-lo em um sentido físico, suponho, mas isso teria me transformado em alguém como os outros, alguém em quem não teria suportado me transformar, alguém em quem teria que ter me convertido à força para sobreviver. Seu... Convite chegou no momento mais apropriado. Foram selecionar garotas para os bordéis entre as prisioneiras mais jovens. Sem dúvida teriam me levado.



Pagam-se mais alto pelas virgens. Os carcereiros teriam-se mostrado encantados de livrar-se de mim em troca de uma generosa recompensa. Sua carta foi como uma resposta às minhas preces, como se meus sonhos fossem feitos realidade. Mas esses sonhos se transformaram em um pesadelo.

Algo terrível vivia nos olhos de Nicholas; uma raiva e um terror além do suportável, e Sara afastou o olhar. Estava a beira das lágrimas, mas não lhe daria aquela satisfação.

—Por que desceu à praia? —Perguntou Nicholas.

—Estava te seguindo.

—Por quê?

—Para terminar nossa conversa anterior. Aproveitei-me da presença dos criados na sala do café da manhã para deixar clara minha postura, mas há algumas coisas que decidi não discutir diante deles. Queria falar com você a sós. Pareceu-me o lugar perfeito para fazê-lo.

—O que queria me dizer, Sara?

—Isso já não importa.

—Por quê?

—Porque não é importante. Quero que me deixe ir, Nicholas. Procurarei emprego como governanta ou como dama de companhia, qualquer posto respeitável que possa encontrar. E te devolverei cada peni que gastou comigo, embora isso tome o resto da minha vida. Só te suplico que não me devolva àquele lugar. Prefiro morrer antes que ser vendida a um bordel.

—É minha esposa, Sara. Não posso deixá-la ir —Disse ele.

—Então, aqui estou, prisioneira depois de tudo!

—Não —Grunhiu Nicholas.

—Então o que, Nicholas? O que sou? Não sei o que o que quer. Única coisa que sei claramente é que não me quer. Sou uma mulher casada que não é esposa, uma companheira que nem sequer é amiga. Quero ser ambas as coisas, mas você não me deixa, e não quer me dizer por que. Como se atreve a me falar de confiança? Como se atreve?

Nicholas tinha os olhos cravados nela... Aqueles olhos terríveis que contavam com o poder de derreter sua determinação. Não podia olhar neles. De repente se viu entre seus braços. Apertando-a contra ele, tomou seus lábios com boca faminta e os abriu com sua língua perita em uma rápida investida. Sara ficou sem respiração. Segurando sua cabeça com a mão, saboreou-a profundamente, alimentando o gemido de sua garganta, acompanhando-o com seu próprio grunhido animal que parecia surgir do mais profundo de seu ser, e que ressoou pelo corpo de Sara de um modo que a deixou com os joelhos tremendo.

Nicholas deslizou a mão ao longo de seu arqueado pescoço e abriu mais a camisa. Depois tirou o cinturão de seu robe e a atraiu para sua nua ereção. Sara conteve o fôlego. Agarrando sua mão, Nicholas a guiou para seu sexo. Ela exalou um grito sufocado através dos lábios apanhados sob a boca de Nicholas quando respondeu a sua carícia vibrando como o batimento do coração. Ele deixou cair a cabeça para trás tragando ar com seus olhos entrecerrados dilatados pelo desejo.

—Parece-te que não te desejo, Sara? —Ofegou envolvendo os dedos dela ao redor de seu



intumescido membro —Mal posso resistir... Me custa evitar fazer amor contigo, mas tenho que fazê-lo e o farei, porque é o que devo fazer. Não posso me permitir o luxo de te possuir desse modo.

—Mas por quê?

—Não posso te dizer a razão... Ainda não... Talvez nunca. Isso está ainda por ver.

Soltou-lhe o pulso. Sara tinha a pele ardendo. Sentia como se tivesse lava derretida fluuando através de seu ventre e das coxas, umedecendo o montículo de entre as pernas que pulsava como um coração ao ritmo da virilidade de Nicholas... A essência de sua vida estremecendo-se entre seus dedos. Sara deixou cair a mão e ele se inclinou para trás, fechando o robe.

—Estou te pedindo que confie em mim —Continuou Nicholas —Que faça como te peço e me dê tempo. Já te disse em uma ocasião que acredito que isto seja temporário.

—Não te envergonharei diante de seu convidado —Murmurou ela, tratando de aparentar que tinha o controle de suas descontroladas emoções.

Mas soou pouco convincente. Como Nicholas ia acreditar se ela mesma não acreditava? Era um desastre andante, envergonhada e morta de frio ali de pé com uma camisa molhada e grudada ao corpo. Todo seu corpo ardia pelo de Nicholas, uma paixão que ele negava. Por quê? Tinha chegado o momento de forçar o tema.

—Procurarei um trabalho em seguida —Assegurou.

—Não pode fazer isso —Espetou Nicholas —A baronesa de Walraven não pode dedicar-se ao serviço. Sabe que não pode sugerir uma coisa assim.

—De acordo, talvez não, mas tem até a partida do doutor Breeden para se explicar, senhor —Respondeu Sara —Porque se não o fizer, partirei com ele quando chegar sua carruagem.

—E aonde irá? —Perguntou ele.

—Não tenho nem ideia, só sei que devo fazê-lo. Se até então não puder me dar uma resposta, ver-me-ei obrigada a chegar à conclusão de que ou eu tenho razão, ou que você está louco. Em qualquer caso, se ficar tornarei-me louca. Já disse o que tinha que dizer. Agora concerne a você desenredar a meada, Nicholas.

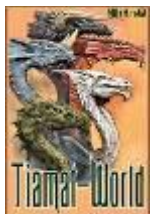
Ele pegou uma toalha da cômoda.

—Se tampe. Vai morrer de frio —Disse como se acabasse de dar-se conta de que estava descalça em uma piscina de água aromatizada com uma camisa que seguia gotejando sobre o chão —Me desculparei em seu nome. Não pode descer em semelhante estado. Direi à senhora Bromley que te leve uma bandeja com o jantar e um chá de ervas para te fazer entrar em calor. O doutor Breeden te tem prescrito um tônico de chá de hibisco para que se fortaleça depois da traumática experiência na câmara secreta.

—Não preciso “me fortalecer” —Espetou ela.

—Você fará o que eu te diga —Respondeu Nicholas sem vacilar —Não carregarei a responsabilidade de que adoeça sobre minha consciência.

—Tomando emprestada sua frase favorita, trato feito, Nicholas? —Perguntou Sara



agarrando com força a toalha.

—Sara...

—E quero que os criados partam imediatamente de minha suíte —Continuou ela —Não viverei sob vigilância.

—Isso já está feito —Respondeu Nicholas com um suspiro —Cedi nesse ponto, mas só se você mantiver as portas fechadas. Alex não apareceu ainda. Enquanto ronde por aqui, corre perigo. Sei que não o entende, mas deve obedecer... deve me dar razão nisto.

Nicholas atou o robe na frente. Continuava excitado, e afastou o cabelo úmido da testa.

Sara avançou um passo para ele.

—Não! —Rugiu Nicholas recuando —Não me toque! Não volte a me tentar nunca... Nunca mais!

—Muito bem, Nicholas —Disse ela —Mas há mais uma condição. Nem te ocorra fazer mal a esse cão. Não levantará um dedo contra ele de novo ou chamarei os guardas. Partirei unicamente com a roupa que tiver posta. Pode ficar com tudo que me deu, mas quando for, Nero irá comigo.

Nicholas girou então sobre seus calcanhares e saiu a toda pressa do provador. Sara estremeceu ao escutar a portada, embora tivesse visto como ele a fechava de repente. Paralisada no lugar, ficou olhando durante um longo momento o lugar por onde tinha saído. Quando avançou um passo para a campainha para chamar Nell, seu pé tropeçou com algo. Era o cinturão do robe de Nicholas. Recolheu-o e atravessou correndo a suíte, cruzando o quarto para sair ao saguão, embora se detivesse em seco ao chegar à soleira. A porta estava totalmente aberta, e ali, feito um monte a seus pés, estava o robe atirado no corredor. Não havia nem rastro de Nicholas.

Nero caminhava em círculos frente à lareira do provador da suíte do barão. Seu lastimoso uivo ressoava por cima da voz da tempestade. Saltava cada vez mais e mais rápido, suas unhas afiadas repicavam sobre a soleira que rodeava a lareira e seus passos ressoavam no tapete persa à medida que seu percurso se ia fazendo mais amplo, esquivando de Mills, que estava esperando com um lenço de tecido preparado.

Nero voltou a uivar, uma súplica lastimosa que foi arrastada pelo vento. Uma imagem imprecisa de cabelo desalinhado e tendões se expandiu até cobrir a altura completa do Nicholas, surgindo em uma massa suarenta de carne nua e músculos, cujos nervos se estiravam como a corda de um arco. Ofegando e resfolegando como o animal que tinha deixado atrás, Nicholas caiu de joelhos frente à lareira com a despenteada cabeça inclinada.

Havia tornado a acontecer. Duas vezes em um dia. Uns soluços secos e um gemido surgiram de sua garganta, e golpeou o soalho que ficava ao extremo do tapete com os punhos fechados.

—Fique calmo, senhor —Disse Mills cobrindo com o echarpe —Já passou.

Uma risada enlouquecida e disforme foi a única resposta de Nicholas. O ajudante de câmara lhe agarrou por braço.

—Vamos, me deixe ajudá-lo.

—Deixei meu robe em sua suíte —Gemeu Nicholas enquanto ficava de pé.



—Tem outros robes, senhor —Respondeu o ajudante de câmara o acomodando na poltrona —Irei lhe buscar outro agora mesmo.

—Esse não é o problema —Respondeu Nicholas —Como vou explicar?

—Não sei, senhor. Acalme-se, não há nada que se possa fazer a respeito agora. Não demorarei nem um instante.

Nicholas apoiou a cabeça contra o tecido nodoso do respaldo da poltrona e deixou escapar um comprido e prolongado suspiro. Nenhum canto de seu corpo se livrou da dor da estressante transformação, nenhum tendão ficou isento dos agonizantes efeitos do estiramento. Para piorar as coisas, tinha a libido carregada, como estava acostumado a acontecer sempre que estava esgotado. Agora estava mais à frente do esgotamento, e não tinha encontrado alívio. Seu sexo ainda pulsava de desejo por Sara. Nicholas se retorceu incômodo na cadeira.

Mills cruzou a soleira arrastando os pés e levando um robe bordado de seda azul que o ajudou vestir. A bebida o esperava na cômoda, e o ajudante de câmara a levou.

—Beba senhor... Toda —Disse oferecendo a beberagem de forte aroma.

—Agora é muito tarde para esta maldita cura —Respondeu Nicholas recusando o copo.

—Talvez por esta vez sim —Insistiu o ajudante de câmara —Por favor, senhor, está-o fazendo muito bem.

Sua resposta foi outra risada enlouquecida, e depois de um instante, Nicholas agarrou o copo e tomou a bebida com uma careta de desgosto.

—Não deveria desanimar-se, senhor.

—Não deveria? —Grunhiu Nicholas —Disse aos criados saiam de sua suíte, e fiquei como um estúpido porque tinha jurado que não o faria.

—Foi uma decisão inteligente, senhor?

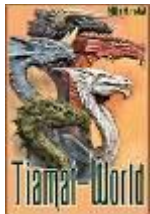
—Era necessário —Respondeu Nicholas —Caso contrário, algum deles teria visto o que me aconteceu agora mesmo. Quando descí já sabia que corria o risco de sofrer uma transformação. Por isso não podia me arriscar a descer vestido de tudo. Foi uma sábia decisão. Quase não consigo ao menos sair de sua suíte, Mills. Sei que não vai fechar essa porta, e agora está desprotegida. Terei que vigiá-la eu mesmo cada vez que possa, e isso não será fácil enquanto o doutor Breeden esteja nesta casa. Descuidei-o de forma vergonhosa com tudo isto.

—Acredite, ele o compreende, senhor. Além disso, está encerrado dia e noite nesse herbanário que há escada abaixo. Não veio aqui para socializar. É consciente disso.

—Quero que me faça a cama na suíte verde que está do outro lado do corredor, frente aos aposentos da senhora, e que leve ali minhas coisas. Estou muito longe aqui acima para ser de utilidade no caso de surgir alguma emergência, uma conclusão previsível considerando sua trajetória passada nesta casa. Faça-o você mesmo. Não quero que a servidão fique sabendo. Só serviria para levantar suspeitas e dar mais isca aos criados para alimentar histórias que agora não podemos nos permitir.

—Sim, senhor.

—Durante o dia me atenderá aqui, como de costume. Na suíte verde terei que me valer por



mim mesmo, assim se encarregue de que tenha tudo o que necessito. Não podem vê-lo entrando e saindo.

—Sim, senhor. Encarregar-me-ei disso enquanto estiver jantando.

—A senhora não se reunirá a nós na sala de jantar. Vão levar uma bandeja a sua suíte. Cuide de que não te veja, e esteja à espreita. Não preciso te recordar de que Alex ainda não apareceu. Estarei encerrado com o doutor nesta suíte durante bastante tempo depois do jantar. Talvez deva ficar na suíte verde até que eu vá para lá. Sara me deu um ultimato. Tenho um prazo até que o doutor se vá para me explicar ou ela partirá também. Não posso permitir que o faça, Mills. Não tem para onde ir, e terminará nesse cárcere, de onde a levarão a um bordel.

—Muito bem, senhor —Disse o ajudante de câmara —Peço desculpas, mas, não acredita que deveria contar que o doutor Breeden está aqui para resolver suas preocupações e...

—Contar o que, Mills?

—Seu verdadeiro papel nesta loucura. Depois de tudo, essa é a razão pela qual a escolheu. Porque pensou que de todas as mulheres do reino, esta poderia terminar o entendendo, que poria fim a sua solidão. Meu coração está com você, senhor, mas tem que tomar a iniciativa e confiar em alguém. Não pode esperar confiança por parte dela e não lhe der confiança em troca.

—Se conto toda a verdade e falo da implicação de seu pai em todo este assunto, terei que lhe explicar o resto.

—Não necessariamente, senhor. Não poderia contar o suficiente para apaziguá-la, só... Algo? Não pode deixá-la partir, senhor. A ama, e ela o ama também.

—Bem, isso não é tão singelo, velho amigo, porque ela ama a alguém mais.

—Senhor?

Os lábios do Nicholas se curvaram em um sorriso irônico.

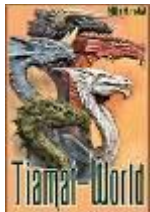
—Acaba de me informar que quando partir levará Nero consigo.

Capítulo 17

—A técnica que eu gostaria de tentar não é minha —Disse Breeden —A aprendi sob a tutela de Anton Mesmer faz mais de quarenta anos. Eu não tinha nem vinte anos, era muito inexperiente e me sentia intimidado por aquele grande teosofista, não podia acreditar em minha boa fortuna ao poder estudar em sua casa e no hospital de Landstrasse, em Viena. Ao princípio ele utilizava objetos magnéticos para curar e teve muito êxito, mas pouco depois de que me uni a ele, seus métodos mudaram. Começou a fazer uso do que ele chamava “o magnetismo animal” durante suas práticas, e temo que isso foi o princípio de sua queda.

—Magnetismo animal? Não houve algum tipo de escândalo respeito de Mesmer e suas práticas?

O médico assentiu e deu um sorvo a sua taça de xerez. Estavam sentados na salinha da suíte



do Nicholas, onde o médico tinha reunido um grupo eclético de objetos sobre a mesinha auxiliar.

—Sim, assim foi —Disse Breeden —E segue havendo. Segundo Mesmer, o “magnetismo animal” é uma substância, um líquido invisível se o preferir, que não pode ver-se, sentir-se, cheirar-se, tocar-se nem saborear-se, e que todos os homens possuem em diferentes graus. Essa substância pode utilizar-se para curar... E para ajustar a consciência, de modo que o receptor da terapia pode receber estímulos que provocarão uma mudança de conduta.

—Mas já desprezamos a teoria de que minha afecção existe unicamente em minha mente.

—Sim, assim é —Reconheceu Breeden —Entretanto, a mente pode treinar-se para superar todo tipo de comportamentos físicos.

—E acredita que...

—Acredito que alguma das teorias de Anton Mesmer possa resultar benéfica para você. O que não saberia dizer é até que ponto. Tem razão em relação ao do escândalo. Parece-me justo advertir de que foi acusado de enganador na Áustria por sua terapia do magnetismo animal. Mudou-se a Paris, onde escreveu um artigo, com a esperança de redimir-se, no que afirmava que o magnetismo animal não era uma espécie de cura secreta para tudo, como temiam os austríacos, e sim um fenômeno científico, que desejava estudar para beneficiar à humanidade.

Suas curas resultaram fantásticas. Os clérigos, é obvio, atribuíram-no tudo ao diabo, mas a aristocracia francesa o reverenciava como a um santo. Teve muito êxito e obteve o favor da rainha da França, mas o rei ordenou uma investigação. O comitê designado não encontrou falhas nos resultados de Mesmer, mas não podiam aprovar algo muito ilusório para ser recebido pelos cinco sentidos, e voltaram a denunciá-lo. Então chegou a revolução. Sem fama nem fortuna, deixou Paris e se assentou em algum lugar perto de Zurich. Dois anos atrás se mudou para Meersburg, onde em morreu março passado, enquanto trabalhava com os pobres. Digo-lhe tudo isto porque não quero utilizar métodos que você aprove. Minha teoria é que esse homem a frente de seu tempo, e que algum dia seus métodos serão valorizados, inclusive reverenciados. Não há dúvidas de que funcionam; o que nos resta saber é ate que ponto o farão em seu caso.

—Usou esses métodos com outros? —Perguntou Nicholas.

—Sim, mas nunca em um caso tão particular como o seu.

—O que devo fazer?

—Relativamente pouco —Disse o médico —Não muito mais do que já tem feito.

—Não entendo...

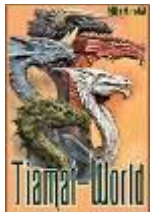
—Quando atiraram em você e estava sofrendo, enquanto esperava a que Mills trouxesse o remédio da senhora Bromley, usei meus “poderes”, se quer chamá-los assim, de magnetismo animal, que o doutor Mesmer me ajudou a desenvolver durante meu treinamento para paliar a dor. Recorda-o?

—Lembro que me dizia que me concentrasse em suas palavras, sob a luz da vela.

—E o que aconteceu quando fez o que pedia?

—A dor diminuiu. Tivemos uma conversa virtualmente normal.

O médico assentiu.



—Estava tentando descobrir se seria receptivo a meus métodos.

—E fui?

—Até certo ponto —Assegurou o médico —Tem uma força de vontade muito poderosa; mais forte que a da maioria. Lutou contra o chá de passionaria até o final com o propósito de manter o controle, e sofreu incisivamente por isso. Acredito que a única razão pela que meu método obteve algum êxito foi porque você não era consciente do que estava fazendo, e porque sofria uma grande dor. Falta por ver se posso tratá-lo sendo você completamente consciente do processo. Tem que aprender a confiar.

—Isso diz também Mills —Respondeu Nicholas depois exalar um suspiro cansado —Levo muito tempo confiando só em mim mesmo, não me vejo capaz de delegar o controle completo a outra pessoa, nem sequer nele, e ele viveu comigo este pesadelo desde o começo.

—Tinha-me contado que Mills foi também o ajudante de câmara de seu pai, verdade?

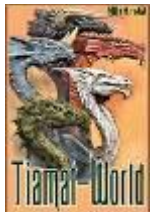
—Sim.

—E não pode nos contar nada mais do que aconteceu depois do seu pai ter sido mordido na Índia?

—Só que meu pai sofria umas dores de cabeça terríveis e que se voltava irritável com frequência. A ferida nunca se curou, e ao final de sua vida passava mais tempo longe de Ravenscliff que aqui. Fosse qual fosse seu estado, não confiava em ninguém, e essa foi provavelmente a razão pela que Mills insinuou que conhecia meu problema do primeiro momento. Tinha a sensação de que algo estava muito errado. Meu pai o excluiu, e Mills ficou destroçado quando morreu. Acredito que nunca se recuperou da culpa por não ter sido capaz de ajudar meu pai enquanto vivia. Estava decidido a que isso não ocorresse comigo.

Acredito que tenha notado que nossa relação é algo mais do que a normal entre um ajudante de câmara e seu senhor, e que em muitas ocasiões permito falar quando não corresponde. Além do óbvio, Mills foi como um pai o substituto, um confessor, um mentor, um protetor e um amigo para mim desde que pude me pôr de pé, e no que a ele se refere, não sigo as normas convencionais. Os criados estão acostumados a isso, mas pode ser estranho para alguém alheio, que esteja habituado a uma interação mais formal entre as classes superiores e seus criados, e essa é a razão pela qual o menciono. Não tenha temor em contar com ele para seus métodos, e sinta-se livre em perguntar o que queira em qualquer momento. Eu estou muito comprometido na situação para ser objetivo, e suas opiniões podem ser de grande ajuda. Ele foi testemunha da maioria de minhas transformações, a última teve lugar esta mesma tarde.

—Tirarei partido dele, é óbvio —Disse o médico —Enquanto isso, há várias coisas que gostaria de tentar. —Fez um gesto para a mesinha auxiliar —Pus aqui vários objetos que eu gostaria de usar junto com o magnetismo animal. Como verá, há um singelo ímã e outros objetos de metal que também foram magnetizados. Os vou utilizar seguindo o mesmo método que usei quando atiraram em você —Disse colocando os dedos na testa e as têmporas do Nicholas a modo de exemplo —É muito relaxante, e isso é exatamente o que se necessita se queremos alcançar algum êxito.



—E essas taças daí? —Perguntou Nicholas assinalando várias taças de brandy que continham diversos níveis de água.

—Uma gaita de cristal —Respondeu o médico —Um pouco primitiva, reconheço-o, mas efetiva em qualquer caso. O doutor Mesmer conseguiu resultados assombrosos com a gaita. Não é mais que um instrumento musical, e Anton Mesmer amava a música a cima de tudo. Era um consumado pianista e violoncelista. Não é de estranhar que encontrasse a maneira de utilizar um instrumento como a gaita para suas práticas. Quando uma pessoa umedece o dedo e percorre com ele o bordo da taça, produz-se um tom em função da quantidade de água que contenha. Portanto, as taças que guardam diferentes quantidades de água produzem diferentes sons. O resultado é um tipo de música. Utilizarei todos estes métodos para induzi-lo a um estado de transe temporário, durante o qual introduzirei uma sugestão hipnótica em sua mente que com sorte chegará até seu estado consciente quando despertar.

—Isso é tudo?

—Isso é muito. Se tivermos êxito, e falo em plural porque não posso fazer isto sozinho, terei ordenado a sua mente que rejeite a transformação. O que tem que fazer é baixar o guarda e confiar em que vou obtê-lo. Não conseguiremos nada a menos que você acredite que será assim.

Nicholas deixou escapar um suspiro receoso e pensou nisso.

—O que estou dizendo, é que deve ficar completamente em minhas mãos.

—Sei o que está dizendo —Assegurou Nicholas —E é obvio, farei tudo o que possa para contribuir a seu êxito, mas...

—Nosso êxito —O interrompeu o médico —E não pode haver mas. Ou aceita ou procederei a agir sem seu conhecimento para provocar em você um estado que possa alcançar-se mediante a autossugestão. Ou isso, ou lhe agradecerei sua amável hospitalidade e deixarei tal e como encontrei. A escolha é sua, e essa é a razão pela qual expliquei tudo a fundo. Não existem riscos. Ou triunfamos ou fracassamos. O pior pode ocorrer é que continue como está... Sem mudanças.

—Não há opção, doutor —Disse Nicholas —Proceda com seus experimentos e vejamos que tal vai, de acordo?

—Como desejar.

—Se tivermos êxito, existe alguma possibilidade de que me cure? —Quis saber Nicholas.

—Não há cura —Respondeu o médico —Nem sequer sabemos o que é o que estamos tratando de curar. O máximo ao que podemos aspirar é a deter as transformações; o menos, a ser capazes de controlá-las satisfatoriamente, de modo que possa desfrutar de uma vida, de certo modo, normal.

—Inclui isso a coabitação com minha esposa? Desculpe minha franqueza, mas este é um assunto que preciso saber.

O médico vacilou.

—Sem o tratamento de magnetismo animal, não tem nenhuma possibilidade —Assegurou com franqueza —Sua atuação de hoje é um exemplo disso, apesar da nova bebida que proporcionei e que estava pensada para apaziguar nesse sentido. E por cima de tudo, o filho que



resultaria de sua união herdaria a mesma afecção, embora talvez o fizesse em menor grau. É impossível sabê-lo com certeza.

—Mas... Haveria possibilidades de consumir o matrimônio?

—Até arrisco de me repetir, volto a dizer que tem que contar a sua esposa. Precisa estar preparada. Se estiver disposta a arriscar-se, isso poderia aliviar a tensão que provoca suas transformações nesse tipo de circunstâncias. Por outro lado, se estiver disposta a seguir sendo sua esposa sem consumir o matrimônio sabendo quais são suas circunstâncias, isso daria outra opção. Se não o estiver, ou se a situação for repugnante, precisa saber de uma vez, antes que as coisas entre vocês vão muito longe.

Nicholas suspirou profundamente.

—Deu-me um ultimato. Tenho que dar uma explicação antes que você se vá, caso contrário pensa partir para Londres com você. Não posso dizer a verdade e me arriscar que vá contando histórias sobre mim se decide deixar Ravenscliff, e se não o conto, a perderei. E ainda há mais. Já sabe, é obvio, que está convencida de que foi em Nero que disparei. Acredita que quero me liberar dele de um modo ou outro, e tem intenção de levá-lo com ela quando partir.

—Isso é impossível, senhor!

—Mas ela não sabe.

—Uma razão a mais para que o conte.

—Mills pensa que não devo contar toda a verdade, só algo para apaziguá-la enquanto nós resolvemos esta confusão.

—Uma verdade pela metade?

—Exato.

—Ou também pode deixá-la partir, reconhecer que cometeu um grande engano e deixar atrás todo este desafortunado assunto.

—É muito tarde para fazer isso. Não esperava me apaixonar por ela. Isso não formava parte do acordo, e tenho feito tudo o que estava em minha mão para desanimá-la. Permitted que me visse como um tirano grosseiro e como um bárbaro. Insultei sua inteligência, feri seus sentimentos. Não tem nem ideia da espécie de homem que sou, de que sou um cavalheiro, e entretanto...

—O amor, senhor, segue a direção que marcaram. As flechas de Cupido nunca se detêm diante os obstáculos que encontram em seu caminho. Se for amor verdadeiro, resistirá à verdade. Se for uma ilusão, ficará no caminho.

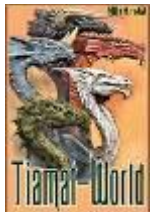
—Mas, a que preço?

—Seja qual for o preço, nunca será muito para comprar a verdade. Nenhuma união pode construir-se sobre os alicerces da mentira.

—Todos meus instintos me advertem para que guarde silêncio.

—Então deve seguir esses instintos, mas ao menos os examine profundamente.

—Há algo mais do que devemos falar antes de começar —Disse Nicholas —Tive que dispensar o servente que fazia guarda na porta da baronesa. Caso contrário, teria me visto transformar esta tarde. Eu ocuparei seu lugar.



—Você, senhor?

—Vou dormir na suíte verde que fica em frente à suíte das tapeçarias até que se resolva todo este assunto do Alex. Temos que encontrá-lo, e agora mesmo só podemos buscá-lo Mills, você e eu. Transcorreu muito tempo, doutor. Pode ter voltado a transformar-se a estas alturas se tiver querido. A menos que me equivoque, acredito que segue na forma de lobo. Não podemos esperar que a baronesa feche sua porta com chave. Quer proteger Nero de mim, e isso a converte em presa vulnerável para ele. Duvido muito que eu consiga dormir, mas estarei mais preparado para ajudá-la dali do que se estivesse longe, e a baronesa tem que estar controlada.

—Uma decisão sábia.

—Ninguém deve saber disto exceto Mills e você, doutor. Não posso permitir que os criados deem voltas à ideia e tirem suas próprias conclusões. Esta manhã vieram os guardas por culpa dos falatórios que estenderam pelo povoado sobre o Nero, e Mills me contou que na zona de serviço se está incubando um plano para matá-lo diretamente. Não devem saber nada das atividades que vamos levar a cabo.

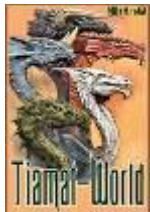
—Compreendo-o perfeitamente.

—Mantenha a pistola carregada e pronta. Encarregar-me-ei de que Mills também vá armado. Mas vigie a que lobo dispara.

Nicholas estava muito inquieto para que funcionasse o tratamento magnético. O tinha advertido ao médico; tinha muitas ideias lhe rondando pela cabeça para permitir que a suave voz de Breeden penetrasse nela. Os ímãs não apresentavam suficientes estímulos exteriores para atrair ou captar sua atenção. A única coisa em que podia pensar era em Sara e em quão perto tinha estado de consumir seu matrimônio com ela. Seu membro se agitava pelo desejo de terminar o que tinha começado, o coração se interpunha no caminho do sentido comum, e em sua cabeça aconteciam os dilemas, cada um maior que o anterior.

Entretanto, com a gaita foi diferente. O médico tinha preparado as taças de modo que proporcionavam uns tons prazenteiros não muito diferentes aos suaves acordes de uma canção de ninar. Além do fogo da lareira, cada vez mais escasso, um único candelabro estava aceso sobre a mesinha auxiliar. As pálpebras de Nicholas começaram a fechar na tênue semi-escuridão, enquanto permanecia reclinado no divã escutando como os peritos dedos do doutor Breeden extraíam música de elementos tão simples como o cristal e a água.

—É isso —Murmurou Breeden. Sua voz tranquilizadora parecia fluir na estranha melodia — Escute a música. Deixe que o transporte. Espere para ver aonde o leva. Imagine a você mesmo flutuando sobre as tranquilas águas de uma poça formada pela maré. Deixe que a água mantenha a flutuação... Deixe que o sustente. Agora está indo à deriva, livre de toda preocupação. Seus problemas estão drenando, fluindo por volta do mar. Já quase os perdeu que vista. Já não pode reconhecê-los. Não vão voltar. A música bloqueia o caminho. Vai sentindo cada vez mais leve enquanto flutua na água. Está protegido como um menino no ventre de sua mãe. Deixe-se levar, senhor... Só... Deixe-se levar...



—Alguns dos dois pode me dizer o que está acontecendo aqui? —Perguntou uma voz suave atrás deles.

Era Sara que estava na soleira com o cinturão e o robe Borgonha de Nicholas pendurados no braço.

Capítulo 18

Nicholas saltou do divã ao ver Sara, e os dedos do doutor Breeden emitiram um chiado discordante quando agarrou a borda da taça em que estava fazendo círculos. A taça se fez pedacinhos, lhe rasgando o polegar.

—Isto é seu, senhor —Disse Sara a Nicholas colocando o robe em uma cadeira antiga de estilo inglês que havia ao lado da porta —O deixou na soleira de minha porta.

Nicholas engoliu seco. Tinha-o pegado. Olhou de esguelha ao médico, mas não encontrou ajuda nele. Breeden estava cobrindo o polegar ferido com seu lenço.

—Que diabos está fazendo aqui a estas horas, senhora? —Espetou Nicholas. A ira tinha sido sempre sua melhor defesa contra ela. Confiava em não ter perdido sua habilidade, mas estava ainda um pouco adormecido devido ao experimento do médico e, portanto, em clara desvantagem —Poderia ter chamado a um dos serventes para que me trouxesse isso. Não ouviu nada do que te disse antes? Há perigos dos que não sabe nada.

—Bom, acredito que já vai sendo hora de que saiba algo —Respondeu ela batendo os pés no chão —Começando por isso —Assinalou o robe —Tem certa propensão a andar por aí nu, senhor. Esta é a terceira vez que tropeço com sua roupa sem que você a leve posta. Se importaria de me explicar isso.

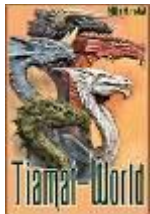
—Não o farei —Espetou ele.

Três vezes? Só podia recordar duas ocasiões, ambas naquele mesmo dia. Quando teve lugar a terceira?

—Dispensei os criados de sua porta de boa fé —Continuou dizendo —Posso voltar a instalá-los ali com a mesma facilidade. As normas da casa são muito simples. Por que não pode acatá-las? Se machucou em duas ocasiões por desafiar minha autoridade e ignorar minhas diretrizes. Acreditava que a estas alturas já estaria disposta a seguir os ditados do sentido comum, senhora! Há perigos que...

—Sim, sim, perigos dos que não sou consciente. Já me disse isso. Não posso dar crédito a esses “perigos” sem uma explicação; Se não forem o suficientemente graves para que me esclareça, não têm importância para mim, senhor, e não posso... Não, não tomarei a sério. E bem? Estou esperando, Nicholas. Conte-me que perigos rondam e me espreitam em sua casa.

Justo então apareceu Mills na soleira e se deteve. Sua chegada fez que Nicholas elevasse as sobrancelhas.



—Bem feito, velho amigo —Disse com a voz afiada pelo sarcasmo.

O ajudante de câmara torceu o gesto e depois olhou a seu redor antes de centrar a atenção no médico, que ainda estava encarregando-se de seu polegar ferido.

—Está sangrando, senhor —Disse —Deixe que o ajude.

—Não é nada, Mills —Assegurou Breeden —Se trata só de um arranhão.

—Como se cortou? —Perguntou Sara girando o pescoço para a mesinha auxiliar —Estava jogando os dois a algum tipo de jogo de mesa justo antes que eu entrasse? Um jogo perigoso, diria eu, se termina sangrando.

—Talvez devesse partir —Sugeriu o médico —É tarde, e tenho que cuidar disto. Continuaremos amanhã.

—Agradeceria se ficasse, doutor —Pedi Nicholas —Mills, o acompanhará a meu provador e o ajudará com a ferida. —Olhou a Sara de rabo de olho —Isto não levará muito tempo.

—Sim, senhor —Respondeu Mills guiando o médico para a porta.

Nicholas se girou para sua mulher.

—Ficou louca? —Perguntou furioso —Assim que Mills saia desse provador, farei com que a acompanhe a sua suíte, e ali vai ficar.

—Não sem uma explicação —Respondeu Sara tomando assento no divã.

Por que se inclinava para frente daquela maneira? O pescoço de seu vestido de musselina branco pérola era um problema. A última coisa que Nicholas precisava era que o recordasse do que ficava oculto debaixo daquele atraente decote.

—Deu-me um ultimato, e concordei em me submeter a ele em seu momento, não aqui em minha suíte, com... Com público, pelo amor de Deus! Perdeu o sentido do decoro?

—Eu prefiro chamar de “desafio” o nosso pequeno acordo. Mas você o anulou ao se despojar de seu robe em minha porta. Quero algumas respostas, e não vou sair deste quarto até que as obtenha.

Nicholas começou a caminhar pelo tapete. Mills tinha razão. Tinha que lhe contar algo, mas, o que? Aquela mulher era extremamente inteligente. Não poderia enganá-la com facilidade. Havia um consolo, entretanto, e Nicholas esteve a ponto de rir em voz alta quando lhe veio à cabeça. A resposta que Sara procurava com tanto afã era tão estranha que a mesma inteligência que a tinha levado até ali nunca aceitaria o que estava apresentando. Também custava trabalho acreditá-lo, e o fato de que o doutor sim o fizesse se devia unicamente a suas crenças teosóficas. Se tivesse tratado de um médico convencional, Mark Breeden tivesse certificado que Nicholas era um lunático; disso estava seguro.

—Estou esperando —Disse sua esposa.

—Não... Não estou bem, Sara —Assegurou ele detendo-se frente a ela ao sentir-se inspirado.

—Me parece que está perfeito —Respondeu Sara deslizando o olhar pela longitude de seu corpo.

Pousou com desconforto no vulto de suas calças cor bege.

—As partes essenciais se encontram em ordem —Concluiu.



—Minha enfermidade não pode observar-se a simples vista. Trata-se de um problema interno, e a visita do doutor Breeden não é um fato exclusivamente social, algo que sem dúvida já deverá ter adivinhado. Está aqui para tentar corrigi-lo, e talvez tenha que ampliar seus dias de visita se continuarem estas interrupções —Aquilo era uma verdade pela metade, mas uma verdade afinal.

—Fala a sério —Murmurou ela escurecendo a expressão —É algo... Grave?

—Poderia sê-lo, e essa é a razão pela que necessito privacidade neste instante.

—De que espécie de enfermidade se trata, Nicholas?

—OH, não é contagiosa —Respondeu ele —Sofro de... lapsos, e com frequência não posso recordar do que aconteceu durante esses períodos, depois.

A musa a que tinha cortejado em busca de inspiração continuava ainda ali. O resultado tinha sido uma autêntica genialidade, a seu modo de ver. As tinha arrumado para despachar os dois assuntos de uma tacada... Ou não? Por que o estava olhando Sara assim? Sua euforia se desvaneceu de um colchão.

—E não podia ter me contado tudo isto antes? —Perguntou ela —Não acredito, Nicholas. Há algo mais, tem que havê-lo. Não existe nenhuma razão para que não me tenha dito isto desde o começo. Não sou nenhuma estúpida. Quero que me conte a verdade.

Nicholas elevou as mãos para o céu.

—Tenho-o feito! —Bramou —Mas você não reconheceria a verdade nem que se aproximasse sigilosamente e mordesse seu bonito traseiro.

—Desculpa, como diz? —Ofegou Sara.

—Voltarei a repetir isso sofro de lapsos. É uma afecção... Hereditária. Está acontece normalmente quando estou zangado ou excitado, e não sou nem um santo nem um eunuco, e essa é a razão pela qual não posso permitir que continue o que ocorreu entre nós com anteriormente. Nunca haverá nada... Físico entre nós. Disse isso desde o começo. Deixei isso muito claro. Esta é a verdade. Já que não acredita em mim, acreditaria no doutor Breeden?

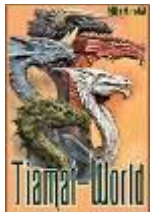
—Sim —Respondeu ela com firmeza cruzando-se de braços.

—Tudo é certo —Disse o médico entrando com o Mills através do quarto adjacente de Nicholas com o polegar envolto em um pano de linho. —Sua Senhoria não queria preocupá-la, senhora, nem tampouco deseja despertar suas esperanças —Exibiu o polegar e o girou para a taça quebrada que Mills estava tentando recolher —Esse artefato é parte de meus métodos —Explicou —Uma gaita de cristal, seguindo o exemplo do doutor Anton Mesmer.

—Esse enganador?

O médico sorriu.

—Esse mesmo —Assegurou, provocando que Sara elevasse as sobrancelhas —Foi denunciado em duas ocasiões, é certo, e também acusado de praticar magia negra, mas foi uma vítima de mentes estreitas, algo que está acostumado a acontecer com frequência aos gênios. Seus métodos são revolucionários, senhora, mas demonstraram ter êxito. Eu triunfei com seu uso, e algum dia suas práticas assombrarão ao mundo. Disso não me cabe nenhuma dúvida.



—Para que serve e armou... essa coisa? —Inquiriu ela.

—Relaxa o sujeito de modo que o médico possa dirigir-se a seu subconsciente com a esperança de aliviar os problemas existentes em seu estado consciente.

—Soa a magia negra —Murmurou Sara.

—Para os leigos, suponho que sim —Reconheceu o médico —Relaxe a mente, senhora. Seja quais forem suas diferenças com Sua Senhoria, as deixe a um lado por agora. Dificultarão o processo. Sua mente deve estar limpa e livre de tensão se quero ter êxito. Deve confiar em que o que estamos fazendo aqui é para o bem, e permitir que o levemos a cabo em privado.

—Tudo isto está muito bem —Disse Sara levantando-se —Mas ainda não sei quais são esses “perigos” que me mantêm prisioneira em minha suíte. Que visão pode me dar a esse respeito, doutor?

—Nenhuma, senhora —Respondeu ele —Não estou qualificado para isso. Minha experiência não se estende aos assuntos domésticos.

—Eu posso responder a isso —Interveio Nicholas —Mas duvido que a senhora deseje que o faça diante dos outros.

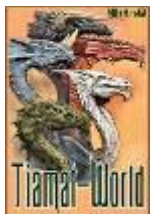
—Ao contrário —Assegurou Sara —Vamos. Não tenho nada que esconder.

—Muito bem, mas conste que a adverti —Respondeu isso Nicholas —Alex Mallory tem planos para você, Sara. As circunstâncias de nosso matrimônio o impulsionaram a agir de acordo a eles. Sabia que você e eu éramos uns estranhos, e evidentemente, deu por feito que dado que nossa relação não era amorosa, poderia ter uma oportunidade para ganhar seus favores. Sem dúvida pretendia se transformar em seu amante. Você mesma me contou que durante a viagem se mostrou excessivamente atento. Também me disse que tinha a situação controlada, e eu acreditei. Isso foi um engano por minha parte.

—Nicholas...

—OH, não, você queria ouvir isto, e assim será —A interrompeu —Alex, a quem tinha “sob controle”, irrompeu em seu quarto bêbado e se aproveitou de você enquanto estava adormecida. Subiu a sua cama, pôs as mãos em cima apesar de sua resistência, e esteve a ponto de te violar. Não o viu depois, e não saiu de Ravenscliff. Está escondido em algum canto desta casa, sem dúvida ganhando tempo até que possa continuar te buscando ou possa vingar-se de você por tê-lo rejeitado. Se não recordar, sofreu uma grave mordida no processo. Se o que digo não fosse o caso, senhora, já teria aparecido para suplicar humildemente nosso perdão por ter se comportado como um imbecil por ter bebido, e isso teria sido o fim da história.

“Conheço Alex a muito mais tempo que você, Sara. É um bêbado reconhecido, embora nunca tivesse permitido anteriormente que o álcool influísse em sua situação aqui. Sabe que não o consentirei, porque sei o mal que fica quando está sob a influência do álcool. Quando digo que há um perigo, pode confiar em minha palavra. O fato de que não tinha especificado esse detalhe antes foi, simplesmente, porque não queria te assustar, mas talvez seja melhor que o faça. Esta é uma casa enorme. Há muitos lugares nos que pode ter se escondido. Estamos fazendo tudo o que está em nossas mãos para encontrá-lo e arrumar as coisas com ele, mas até que o consigamos,



devo insistir em que se atendas às minhas regras. Estão pensadas para sua proteção. Se continuar deixando a porta aberta, estará convidando-o a voltar e a que faça algo pior. Essa é a razão pela qual entrou em seu quarto a primeira vez. Ao encontrar a porta entreaberta deu-lhe a entender que havia feito um convite. Ele mesmo disse isso!”

“Bom, já é muito tarde. Mills acompanhará a sua suíte e se assegurará de que a feche para passar a noite. Eu mesmo irei te buscar na hora do café da manhã. Assim será até que tenhamos solucionado o assunto do Alex. —Deu uma ordem silenciosa com a cabeça a Mills, que imediatamente se colocou ao lado dela —E agora, boa noite, Sara.”

Ela não disse nada enquanto o ajudante de câmara a guiava. Tinha o rosto de um vermelho escarlate, e seus formosos olhos azuis olhavam para baixo. A alma de Nicholas caiu aos pés. Odiava a si mesmo por tê-la envergonhado. Todos seus instintos o levavam a correr atrás dela, estreitá-la entre seus braços e rogar seu perdão. Mas se manteve em seu lugar, rígido como uma vassoura e com as mãos tão apertadas a quão custados tinha os nódulos brancos.

—Que me parta um raio! —Murmurou apertando os dentes.

—Bem feito —Disse o médico.

—Acredita que me acreditou?

—Eu acreditei. Não se reprove. Contou a verdade, só que não inteira.

—Quem dera compartilhasse sua mesma segurança —Disse Nicholas —Mas havia algo em seus olhos que me congelou os ossos. Não está convencida. Estou seguro disso.

—Terá que tirar tudo isso da cabeça agora e voltar para o que estávamos —Pedi o médico —Estou muito animado. Antes da interrupção se encontrava muito perto de me permitir o acesso a seu subconsciente. Voltaremos a tentá-lo amanhã.

—É grave a ferida? —Perguntou Nicholas assinalando com a cabeça para o dedo enfaixado do doutor.

—Não é nada. Mills é muito capaz. Os médicos são os piores pacientes, temo-me. Ele me ajudou a enfaixá-lo convenientemente.

—Desculpa que o tenha obrigado a ficar. Não perdi todo rastro de cavalheirismo, embora não entendo por que, tendo em conta o maldito papel de ogro que me vejo obrigado a representar para manter Sara afastada de mim. Sabia que ela nunca aceitaria uma explicação apoiada unicamente em minha palavra.

—Compreendo perfeitamente. Mills e eu escutamos grande parte da conversa do outro quarto. E simplesmente, fiz minha entrada a tempo. Descanse um pouco. Começaremos cedo pela manhã, e veremos como vai.

—Duvido que consiga descansar muito, doutor —Disse Nicholas —Quando tiver falado com Mills e tenha dado tempo a minha esposa para ficar cômoda, darei uma olhada no quarto da suíte verde, só para me assegurar.

A porta de Sara parecia um pouco mais aberta de como ela recordava tê-la deixado quando Mills e ela chegaram à suíte das tapeçarias. Entretanto, estava muito confusa para forçar seu



cérebro a pensar. Além disso, tudo parecia estar em ordem quando Mills apareceu a cabeça e olhou a seu redor.

—Onde está Nell, senhora? —Perguntou.

—Dei-lhe a noite livre —Respondeu ela —Sua Senhoria despediu do Peters. Era seu namorado, e ficou muito triste. Era o mínimo que eu podia fazer.

—A Sua Senhoria não vai gostar disso —Disse o ajudante de câmara.

—Não me importa muito se a Sua Senhoria gosta ou não, mas estou convencida de que você irá correndo a contar.

—Somente nos preocupamos com seu bem-estar, senhora.

—Então vá contar o que queira e me deixe descansar. Acredite, já tive suficiente aventura por um dia.

—Sim, senhora —Disse o ajudante de câmara. Fazendo uma reverência, deu a volta para partir. Já quase tinha fechado a porta atrás de si quando Sara voltou a chamá-lo.

—Espere, Mills —Pedi —Se fizer uma pergunta, responderá-me com a verdade?

—Tenho por costume dizer sempre a verdade, senhora —Respondeu ele.

—A enfermidade de Sua Senhoria é grave... Quero dizer, muito grave?

—Esperemos que não, senhora —Respondeu Mills —O Doutor Breeden é um reconhecido médico. Devemos pôr nossa fé e nossa confiança nisso, e permitir que faça seu trabalho sem interferências.

Tinha respondido sem responder. Aquele homem era um exemplo de diplomacia. Não havia ninguém nessa casa que pudesse falar de uma maneira firme e direta?

—O que quero saber, Mills, é se sua afecção é preocupante ou não. Não sou uma senhorita de porcelana. Não me faço pedacinhos durante uma crise, e poderia ser de ajuda se fosse necessário.

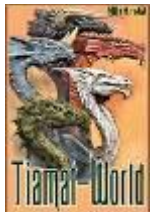
—A afecção de Sua Senhoria o acompanha desde menino —Disse o ajudante de câmara — Não é preocupante. É... Desagradável, e ele confia em que os tratamentos do doutor o ajudem a suportá-lo melhor. Em realidade não há nada que você possa fazer. Em qualquer caso, transmitirei sua preocupação e seu amável oferecimento de ajuda.

—Obrigado, Mills —Disse Sara enquanto ele voltava a inclinar-se e fechava a porta ao sair, dando por finalizada a conversa.

Sara deu a volta. Apesar da eloquente explicação de Nicholas, teria que desembaraçar a meada ela mesma. Não é que não acreditasse, mas não podia livrar-se da sensação de que estava ocultando algo, de que todos o estavam fazendo.

Sara bocejou e se estirou. Era perto de meia-noite. Tinha sido um dia muito comprido. Estava a ponto de entrar no quarto quando se lembrou da porta e se aproximou dela para deixá-la entreaberta para Nero. Uma vez feito isto, apagou as velas e cruzou pela porta do quarto, detendo-se em seco diante uma pilha de roupa sua jogada no chão pelo tapete e diante o visitante que estava em cima de sua cama.

—Nero! —Repreendeu —Este desastre é obra sua? Que cão tão mau. Desça daí. Essa é



minha cama, não a sua.

Era uma reprimenda brincalhona, e o animal não se moveu. Reclinado sobre o travesseiro, continuou olhando-a enquanto ela se movia pelo quarto.

—Já vejo que a porta do armário está aberta. Nell deve ter deixado-a assim. Tirou tudo isto de dentro? Com certeza que sim. Que vergonha, Nero. Isto não é próprio de você absolutamente.

Sara se aventurou a aproximar-se mais com os braços cruzados. A pata parecia ter melhorado. Talvez aquilo explicasse sua arrogância, ou possivelmente estava só esgotado e carente pelo esforço que tinha feito na praia. Embora não ficava nenhum rastro de que tivesse estado ali. Tinha secado o peludo casaco, e não cheirava tão limpo como seria de esperar depois acabar de retornar do ar salgado.

—Pergunto-me se me entende —Murmurou Sara —Às vezes parece que sim, e em outras ocasiões, como agora, é como se tivesse saído da natureza selvagem. Não sei por que isso deveria me surpreender, tendo em conta o mal que o tratam nesta casa.

O animal piscou e depois continuou olhando-a fixamente.

—Bem, pois eu não te abandonarei —Continuou ela —Pode contar com minha proteção, e agora mais que nunca. Ele quer te matar, Nero. Leva uma pistola... O vi. Pretende atirar. Deve tomar cuidado quando vier aqui. —Deixou cair as mãos aos lados —OH, o que estou dizendo, não é mais que um cão. Não tem nem a mais remota ideia do que estou falando, não é, moço? Não, é obvio que não. Bom, não pode passar a noite em minha cama. Nem tampouco deveria perambular por aí. Não é seguro. Deveria ir onde quer que seja que vá, antes que o descubram. Sentiria-me mal se ocorresse isso por minha culpa. Certamente partirei logo de Ravenscliff, e quando o fizer te levarei comigo, mas não esta noite. Desça, moço.

Sara deu um passo para frente, mas quando se aproximou para tirá-lo da colcha, o cão ficou em pé e encurvou o lombo. Com o cabelo arrepiado, curvou os lábios e deixou ao descoberto umas presas aterradoras, soltando um grunhido gutural que a deteve sobre seus passos. Seus olhos frágeis se cravaram sobre ela, injetados em sangue. A respiração de Sara ficou retida na garganta. Parecia disposto a saltar sobre ela.

O medo arrepiou toda a pele do corpo e começaram a tremer as mãos. Aquela era a segunda vez que se revolia contra ela. Não havia voltado a ser o mesmo desde que Alexander Mallory atirou. Não podia culpar o pobre animal por isso, mas só podia haver um código quando se tratava de cão e dona. Tinha suficiente experiência com animais para saber que tinha que levar a voz cantante. Havia uma bacia de porcelana com sua jarra de água no lavabo que havia ao lado da cama, e Sara agarrou a jarra justo quando o animal se lançou sobre ela, esvaziando todo o conteúdo na cabeça no momento em que saltou. O grunhido se transformou em um gemido e o cão saltou da cama, saindo como um raio pela porta do saguão enquanto se sacudia.

As mãos de Sara tremiam. O som de seus dentes afiados se chocando contra a jarra de porcelana, a escassos centímetros de seus dedos, ainda ressoava em seus ouvidos. Deixou a jarra em seu lugar e tirou a colcha molhada da cama. Secaria-a diante do fogo e ninguém saberia de nada. Teria feito com o comando? Não estava segura. Talvez no momento fosse assim, mas



precisava que houvesse outro gesto de desaprovação por sua parte para que nãooubessem dúvidas. Sara fechou a porta do saguão. Só por aquela noite. Então, quando Nero estivesse calmo e quando ela pudesse controlar seu medo, para que ele não pudesse cheirá-lo, voltaria a abrir a porta.

O quarto parecia um desastre, mas não se atreveu a despertar Nell e contar o que tinha acontecido. Dispôs-se a ordená-lo ela mesma. As últimas roupas que recolheu foram a camisola e o negligé de seda cor pêssego que pôs a noite em que Alexander Mallory tentou incomodá-la. Tinham-na lavado e tirado as manchas de sangue, e Nell a tinha deixado preparada antes de retirar-se. Ao parecer, Nero as tinha espalhado por todo o quarto e as tinha marcado como tinha feito com o tapete, assim Sara as jogou no fogo. Voltar vê-las tinha feito recordar de tudo. Estremeceu-se, agarrou outra camisola da cômoda e se preparou para deitar.

Apagou a vela com um sopro e subiu à cama de quatro colunas. Enquanto isso, as mortijas brasas da lareira tinham tornado a cobrar vida, alimentadas pela seda cor pêssego que tinha jogado nas chamas. Sara suspirou e tratou de esquecer as imagens daquela outra noite, o terror que tinha sentido sob o corpo exigente de Alexander Mallory, o fedor forte licor de sua respiração, e as palavras que tinha pronunciado ao ouvido: “deixou a porta entreaberta para mim, como sabia que faria, não é verdade, senhora? Não se arrependerá...”

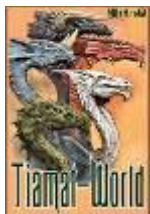
As pálpebras começaram a fechar, mas aquelas palavras não se esfumavam. Ressoavam uma e outra vez por sua memória, sem dar descanso até que de repente se incorporou bruscamente na cama de mogno com o coração pulsando nos ouvidos.

—Como pode saber Nicholas que Alexander Mallory me disse isso...? —Murmurou.

Capítulo 19

O tempo melhorou no fim de semana, e o mesmo ocorreu, de certa forma, com os ânimos. Sara se mostrou reservada, dividindo seu tempo entre seus aposentos e a imensa biblioteca de Ravenscliff durante o dia, examinando atentamente qualquer volume que pudesse encontrar ali capaz de esclarecer algo mais sobre a misteriosa afecção do Nicholas. O doutor Breeden tinha retomado o tratamento, e Nero não fez mais visita os aposentos de Sara embora ela houvesse voltado a deixar a porta entreaberta na manhã posterior ao incidente. Estava começando a temer que seu castigo tivesse sido muito severo. Ninguém tinha visto Nero fazia dias. Parecia como se tivesse desaparecido no ar.

Sara terminou os menus para a estadia do médico, que já estava algo mais que mediada. No que a ela se referia, não tinham respondido a seu ultimato. Nicholas estava ocultando algo; estava convencida disso. Se não desse uma explicação acreditável nos próximos dias, veria-se obrigada a cumprir sua palavra e deixar Ravenscliff, algo que romperia seu coração. Também o romperia se ficava tal e como estavam as coisas entre eles: O amando e desejando sem nenhuma esperança.



Tinha apostado numa medida drástica, e tinha falhado, a menos que Nicholas aceitasse satisfazer suas exigências e contasse o que acontecia realmente e por que não queria fazer amor, quando era óbvio que estava desejando tomá-la entre seus braços e consumir seu matrimônio.

Também se perguntava por que queria fazer mal a Nero. Uma coisa era querer livrar-se de um cão buscando um lar em outro lado, mas Nicholas queria matar o animal, algo que Sara não permitiria fazer. Levaria Nero com ela se chegasse fosse o caso, mas não podia fazê-lo se não o encontrava, e o tempo ia passando.

Quando Smythe chegou aquela tarde para dizer que Nicholas desejava vê-la em seu escritório, Sara agarrou os menus e o seguiu escada abaixo, dando por feito que era isso o que queria ver. Encontrou-o caminhando na frente da lareira apagada. Pela primeira vez desde que tinha chegado àquela casa, fazia suficiente calor para não ter que acender o fogo durante o dia, embora tivessem advertido de que pelas noites e com mau tempo, devia contar com que se acendessem as lareiras ao longo de todo o verão para paliar a umidade da velha mansão.

—Por favor, Sara, sente-se—Pedi ele assinalando o divã com um gesto.

—Trouxe os menus —Disse ela deixando-os sobre o escritório antes de sentar.

—Disso queria falar com você —Respondeu Nicholas —Vamos necessitar mais... Muitos mais, a verdade. O doutor vai ficar conosco uma temporada.

—Uma temporada longa?

Sara esperava que acontecesse algo assim, e aquilo demonstrava sua teoria. Nicholas estava escondendo algo. Se sua afecção não podia tratar-se no transcurso de uma semana, então era realmente grave.

—Aceitou ficar até que esteja convencido de ter feito todo o possível por mim, e até que se solucione o assunto do Alex.

—O que é esse “assunto” do senhor Mallory, Nicholas, e o que tem que ver com o doutor Breeden?

Nicholas vacilou. Não se atreveu a olhá-la nos olhos, embora ela inclinasse a cabeça até que não teve mais remédio que fazê-lo ou dar a volta, que foi o que fez. Era uma pergunta das mais simples. Por que custava tanto esforço?

—O doutor Breeden aceitou amavelmente ficar até que encontremos Alex —Disse —Nero o mordeu, como suponho que recorda. Precisará cuidados uma vez que apareça.

—A mordida não foi tão grave para reter aqui o médico, Nicholas. Eu estava lá. Não foi profunda.

—Qualquer ferida de cão é grave —Insistiu ele.

A Sara deu um tombo no coração. Preocuparia que Nero pudesse ter a raiva? Sua mente recordou o comportamento do cão nas últimas ocasiões. Isso poderia explicar sua estranha atitude, e também a de Nicholas. Seria essa a razão pela que tinha tentado matar Nero e pela que ia armado? Sara custava acreditar e menos ainda falá-lo.

—E esperas que deixe minha vida paralisada indefinidamente por culpa disto? —Perguntou.

—Fez um trato, Sara.



—E você também.

—E o cumpri —Assegurou Nicholas virando-se para olhá-la —Te disse o que queria saber, e te pedi que confiasse em mim.

—O que está acontecendo realmente aqui, Nicholas? —Murmurou ela —E como é possível que não tenham encontrado o senhor Mallory em todo este tempo? Em uma casa cheia de criados com nada que fazer, como é possível que ninguém tenha descoberto algo? Estão ao menos procurando?

—É obvio que estamos procurando —Espetou Nicholas —E os criados desta casa têm muitas coisas que fazer. Uma casa deste tamanho não se leva sozinha.

A expressão de seus olhos era desoladora. Havia algo sob a superfície daquele olhar entrecerrado que apertava o coração como se fosse um punho. Nicholas não tinha posto nem colete nem jaqueta, embora levasse sob a modesta camisa de botões o lenço atado ao pescoço de forma perfeita, emoldurando a sombreada covinha do queixo. Respirava depressa e de maneira audível, o peito bem musculoso subia e descia, estirando até o limite sua camisa de algodão egípcio. Seus olhos se encheram do resto dele; as mãos apertadas ao lado, as calças negras ajustadas à pele, que não deixavam nada à imaginação, estavam metidas nas botas altas e polidas. Parecia um animal a ponto de saltar, como sempre que estavam juntos. Sara desejava correr para seus braços, senti-los fortes e quentes abraçando-a de novo, apertando-a contra aquele magnífico corpo que lhe era negado, pondo fim ao desejo de obter mais dele. Se ao menos nunca a houvesse tocado, se não a tivesse permitido saborear o que nunca poderia ter. Mas o tinha feito, e nunca o perdoaria. Sara ficou de pé e lutou contra a abrasadora dor que sentia no coração utilizando a língua, afiada como a folha de uma faca.

—Bom, fica claro que a servidão não está procurando com muito afinco —Disse —Talvez necessitem ajuda. Eu estaria encantada de lhes dar uma mão. Qualquer coisa para terminar com este desafortunado assunto. Vejamos. —Deu-se um golpezinho no queixo com o dedo do meio —Definiu o senhor Mallory como um bêbado. Têm adega aqui?

—É obvio que sim.

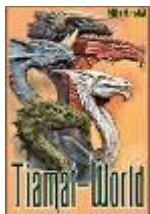
—Procuraram ali?

—Estou seguro de que terá sido o primeiro lugar da lista.

—Mas não sabe com certeza —Respondeu Sara rebatendo sua resposta —Muito bem, deixemos isso no momento. Parece-me que escutei o senhor Mallory falar dos múltiplos passadiços e cantos ocultos desta casa. Parecia ter conhecimento deles, inclusive de uma masmorra que há debaixo das escadas. Falou disso constantemente em nossa viagem da Escócia até aqui. Suponho que esses lugares terão sido também “os primeiros da lista”.

—Sara...

—Vamos, vamos, não são perguntas muito complicadas. O que parece ser difícil são as respostas, o que acho bastante revelador. A que se deve? Poderia ser que realmente não queira encontrar o senhor Mallory? Pelo que sei, estando presa em minha suíte sem mais liberdade que a que tinha em Fleet, poderia tê-lo encontrado e ter lutado com ele faz muito, senhor. Não poderia



estar utilizando-o como desculpa para me manter aqui? Trata-se disso, não é? Não tem por que responder. Posso vê-lo em seus olhos. Bem, pois não vai funcionar. Nada disto faz parte do acordo que fiz com você quando vim aqui, mas não vai matar a esse pobre animal! Vou levá-lo comigo, Nicholas. Quer se liberar de Nero? Considera-o feito. —Girou-se para partir, mas Nicholas elevou a voz para detê-la.

—Aonde vai, baronesa de Walraven? —Perguntou —Uma baronesa não pode trabalhar no serviço, e não pode voltar para Fleet. Paguei uma fabulosa soma para te liberar desse terrível lugar. Isso não significa nada para você, senhora?

—É um tipo empreendedor. Estou segura de que têm amigos nas altas instâncias, conexões que podem recomendar sua petição ao arcebispo de Canterbury, a Corte de Arches a alguma instância similar que aprove a nulidade. Talvez possa conseguir o divórcio no Parlamento dado que nosso matrimônio é uma farsa, e assim eu poderia aspirar a um posto de governanta, ou de dama de companhia, ou talvez me casar com um marido adequado e te pagar com o tempo essa “fabulosa soma”.

—Essas coisas levam seu tempo, Sara... Anos. Nem sequer sei se...

—E quanto aonde irei enquanto isso —Continuou ela sem dar a oportunidade de responder —Não estou tão necessitada, senhor. Tenho uma prima longínqua em Shropshire, a viúva de um vigário, uma parenta com a que não tenho muito trato, é certo que não a vejo desde menina, mas estou convencida de que me aceitará de bom grado e se alegrará de ter companhia.

Nicholas ficou a sua altura com grande rapidez.

—Não me deixe, Sara —Murmurou estreitando-a entre seus braços. Tremiam-lhe as úmidas e cálidas mãos, e os olhos nublados que a olhavam resultavam suplicantes e tristes —Só te peço tempo... isso é tudo, um pouco de tempo.

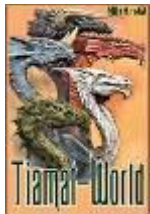
—Já teve tempo, Nicholas —Disse ela defendendo-se contra aqueles braços que estava desejando que a sustentasse —Deixe-me ir, só está piorando as coisas.

—Nunca te deixarei partir. É minha esposa, Sara. Nunca haverá outro “marido adequado” para você, nunca!

—Não se dá conta de que tudo isto é inútil? —Insistiu ela empurrando o duro peito com ambas as mãos.

O coração de Nicholas pulsava com força contra seus dedos, e ela deslizou as mãos pelo suave pelo que tinha sob a camisa. A escura sombra era visível sob o fino algodão. Recordou sua suavidade sedosa contra sua pele. Seu aroma a alagou por completo, seu aroma salgado e animal misturado com o licor que tinha tomado para fazer-se forte naquele encontro, embora fosse Sara a que estava embriagada. Nicholas possuía o poder de embebedá-la com um só olhar. Seu contato era uma deliciosa agonia.

—Só te peço um pouco mais de tempo —Murmurou perto de seu ouvido. A cálida respiração de Nicholas em seu cabelo e em sua pele provocou calafrios de fogo gelado no sangue. O coração e a mente de Sara foram a toda velocidade, atirando em direções opostas. Nicholas tinha tudo o que sempre tinha desejado em um homem, à exceção de seu secretismo, aquela barreira que os



mantinha separados. Além disso, não cabia fazer nenhuma recriminação. Aquele homem exsudava honra, força e amabilidade, todas as qualidades que alimentavam o amor, mas o que mais a atraía nele, por cima de todo o resto, era aquele ar de trágica vulnerabilidade que o envolvia, aquela mística própria dos guerreiros poetas de antigamente. Derretia seu coração. Mas não se atrevia deixar que Nicholas o visse, ao menos nesse momento.

—Sara, por favor... —Sussurrou ele.

—Maldição, agora sim a incomodei! —Disse uma voz compungida da soleira.

Era o doutor Breeden. Sara nem sequer o tinha escutado chamar.

Afastando o cabelo com mão tremula, Nicholas a soltou. Sara deixou escapar um gemido que ressoou por todas as emoções encontradas que batalhavam dentro de seu corpo, girou sobre seus calcanhares e saiu a toda pressa.

—Sinto muito —Disse o médico —Bati na porta, e poderia jurar que escutei como me convidava a entrar.

Tinham entrado na biblioteca, onde Nicholas estava mostrando alguns tomos que tinha ido recolhendo com o tempo porque poderiam ser interessantes para sua afecção. Já tinham repassado dois terços da coleção, detendo-se primeiro na parte mais informativa. O que ficava não era muito promissor, mas Nicholas estava decidido, e o doutor se mostrava disposto a examinar atentamente toda leitura relacionada com aquele campo em questão.

—Tudo bem, doutor —Assegurou Nicholas —Talvez tenha feito mais bem do que mau. Sara quer me deixar, e não posso culpá-la por isso, mas não posso deixá-la partir. E, tampouco posso contar —Ele acrescentou em resposta ao olhar do médico —Nem sequer me peça isso. Ela acredita que estou usando a ausência de Alex como desculpa para retê-la aqui. Nem sequer acredita que o estejamos procurando. Como vou dizer que verdadeiramente não estamos procurando ele, e sim o lobo no que se transformou?

—Isso é a única coisa poderíamos encontrar. Transcorreu muito tempo.

—Logo terei que correr a voz de que o despedi e dar ordem de deter a busca. Só Mills e você continuarão buscando-o e, é obvio, eu. Já contei essa historia aos guardas. Estive postergando unicamente por Sara, mas não posso continuar impedindo-o durante muito mais tempo. Também acredita que quero matar Nero, e tampouco posso negar isso.

—Nero a tem visitado ultimamente? —Perguntou o médico.

—Não... Se ao menos pudesse estar seguro, mas ainda é muito cedo. Estamos fazendo progressos, ou os estávamos fazendo até agora. Esteve a ponto de acontecer no escritório. Se não você entrasse quando o fez, Sara teria se encontrado de frente com seu querido Nero.

—Lamento escutar isso —Reconheceu o doutor com gesto desalentado —Estava muito animado. Talvez o que faça falta é uma bebida mais potente; encarregarei-me disso agora mesmo.

—Sara é tudo o que me estive negando todos estes anos —Disse Nicholas —Tudo o que sempre quis. O que mais admiro nela é seu espírito indomável. Acredito que me apaixonei por isso antes que seu corpo me tentasse, porque somos muito parecidos nesse sentido. Lutamos pelo que queremos, pelo que deveria ter sido nosso, mas nos foi negado por circunstâncias além de nosso



controle e sem que fosse culpa nossa. Deslumbrou-me esse espírito aceso muito antes que o fizesse a doce pele que o guarda. Apesar das terríveis humilhações que sofreu naquele lugar, não perdeu o aprumo nem a elegância. Não saiu da situação endurecida, nem amargurada pela experiência, só agradecida por ter se liberado dela.

—É uma dama.

—No mais amplo sentido da palavra; soube desde o começo. Uma mulher frívola se lançaria sobre meu pedido, teria me aceito por minhas posses e se mostraria encantada em tomar um amante para o resto, conformando-se em me resultar indiferente. Apesar de seus medos, porque também os tem, Sara se comportou como um coelhinho assustado em nosso primeiro encontro. Aceitou-me para salvar-se de ser vendida a um bordel. Eu representava o menor dos dois maus, e embora aceitasse o desafio com entusiasmo, quando chegou aqui não estava absolutamente resignada. O mais terrível é que nunca esperei que pudesse apaixonar-se por mim, nem que eu me apaixonasse por ela. Isso não fazia parte do plano. A nossa devia ser uma relação platônica, amistosa e mutuamente benéfica que parasse os pés da alta sociedade que estava me perseguindo. Estava pensada para acabar com minha solidão por meio de sua companhia neste insuportável exílio e, em troca, ela contaria com minha eterna gratidão e tudo o que seu coração pudesse desejar. Fui um estúpido ao pensar que o aspecto físico não despertaria com a mulher adequada. Nunca imaginei que encontraria à mulher adequada presa nesta tumba, e não estou preparado para isso. Não é necessário dizer que minha experiência com o sexo oposto foi em sua maioria no estrangeiro, e com um tipo de mulher diferente, que não exigia nada do ponto de vista pessoal, só do monetário. Nunca corri o risco de me apaixonar.

—O que fez você para evitar a concepção naquelas ocasiões?

—Não era uma preocupação. Você é médico. Deve saber que elas são peritas na arte da contracepção. Ocupam-se elas mesmas, sua sobrevivência depende disso.

—E não houve nenhuma transformação durante aqueles momentos de intimidade? — Inquiriu o doutor.

—Não.

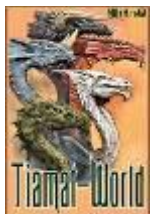
—Então, por que tanto temor de que aconteça agora?

—Não existe pressão nem angústia quando coração e sexo vão por caminhos diferentes — Disse Nicholas —O ato sexual não era mais que uma função orgânica... Uma forma de alívio que, de certa forma, acredito que ajudava à situação, como extrair água de uma torneira. Isto é diferente. Trata-se de um fogo abrasador que acende a loucura, e se pode provocar que experimente a mudança sem chegar a consumir, estremeço-me ao pensar quais poderiam ser os resultados se levasse a cama a essa magnífica criatura que tenho por esposa.

—Será que parte desse fogo não está é na emoção? —Perguntou o médico —Talvez o risco de que ocorra, o temor que a transformação a espante seja o catalisador, ou se preferir, a isca, que o acende.

—E se fosse assim?

—Precisa contar para ela. Todos os caminhos levam a essa direção.



Nicholas negou com a cabeça.

—Não se trata só disso —Disse —Como já disse antes, e mantenho. Não posso transmitir este pesadelo a nenhum de meus descendentes. Preferiria cortar meus genitais antes de arriscar a que isso ocorra.

—Agora mesmo devemos deixar esse assunto de lado; há outros modos de enfrentar isso —Disse o médico —Temos que nos concentrar em minhas beberagens e nos tratamentos para que sua mente rejeite as transformações e nos preocupar em relação à transmissão da afecção quando tivermos conseguido isso.

—O que “outros modos”? —Quis saber Nicholas.

Pela primeira vez desde que tinham dado começo os tratamentos, havia autêntica esperança em seu coração e em sua voz.

—Paciência —Disse o médico —Não deixaremos nenhuma pedra sem remover, asseguro. Voltaremos a falar deste assunto, mas primeiro temos que nos ocupar do tema que temos entre mãos antes de nos mover para outra direção.

—O que seja —Assegurou Nicholas —Não posso perdê-la, doutor. Não é nenhuma cabeça oca. Conhece as leis. Quer que solicite a nulidade diante o arcebispo de Canterbury, ou que peça um acordo de divórcio diante o Parlamento.

—Pode fazer você isso? Conta com os contatos necessários?

—Sim —Reconheceu Nicholas —Mas de todas formas seria um processo longo e difícil. Poderia levar anos. Enquanto isso tem intenção de ir-se com uma prima longínqua que tem em Shropshire e trabalhar como governanta ou como dama de companhia, ou inclusive voltar a casar-se quando todo o processo tenha terminado para poder me devolver o que gastei com ela. Não posso deixá-la partir. Se o fizer, não voltarei a vê-la nunca. Não poderei ir atrás dela. O que vou fazer, doutor?

—O melhor será que nos ponhamos a trabalhar —Disse o médico —Só há uma coisa que se possa fazer para evitar esse plano; tem que conseguir que não queira deixá-lo. Tem que consumir seu matrimônio, e depressa.

Capítulo 20

—Se não vir comigo, irei sozinha —Disse Sara a Nell, que tinha se negado terminantemente a mostrar mais esconderijos da mansão normanda —Não existe risco de que nos pegue, Nell. Sua Senhoria e o doutor Breeden se colocaram na biblioteca justo depois de jantar. Estarão ali, fechados, a metade da noite, e é impossível fazer isto durante o dia. Há muitos criados ao redor.

—O senhor me despedirá para sempre se descobrir, senhora. Supõe-se que tenho que estar vigiando-a para que não sofra nenhum dano.

—E isso é justo o que vai fazer, porque vou sair e explorar com ou sem você, assim, se quer



cumprir suas ordens, será melhor que venha comigo agora mesmo. Ninguém mais nesta casa parece interessado em encontrar o senhor Mallory, e dado que meu futuro depende disso, devo me responsabilizar eu mesma.

—Depende disso, senhora? —Perguntou a donzela desconcertada.

—Não importa. Você faz o que te digo.

—E se encontrar o senhor Mallory?

—Deixa que eu me preocupe disso. Agora pega o candelabro e ilumina nosso caminho.

Sara não suspeitava o alcance da missão que tinha empreendido até que transcorreu uma hora e ainda não tinham descido do primeiro nível dos serpenteantes corredores de Ravenscliff e seu labirinto de quartos. Evitaram completamente o terceiro piso, assim como a ala que estava a biblioteca. Não lhes convinha tentar o destino.

A maioria das salas ocultas estavam ao lado do mar, e a todas elas se acessavam através de paredes falsas, lareiras de imitação ou inclusive um armário roupeiro cujo painel do fundo era o acesso. Escurecido pelo alto quebra-mar, discorria paralelo e um tanto estreito, sob o passadiço situado ao fundo dessas salas ocultas, as unindo como elos de uma cadeia que levava ao escarpado através de outra entrada traseira da casa. Sara se deu conta que aquele era um dos túneis dos contrabandistas dos quais Nicholas tinha falado. A casa era literalmente um labirinto de lugares ocultos. Quantos mais haveria? Daria alguma vez com todos?

Descobriu várias câmaras secretas mais no caminho. Embora estivessem situadas ao nível da entrada, não afundadas como a que ela tinha caído. De qualquer forma, aproximou-se com precaução, e não se aventurou a passar da soleira. A última, entretanto, impressionou-lhe por ser o esconderijo mais perfeito de todos, já que era virtualmente invisível ao estar escavada no arco de uma minúscula sala oculta. Marcava a entrada de um túnel profundo e negro como o carvão que se abria para baixo. Nell se deteve em seco quando chegaram a ele.

—Não, senhora —Disse —Não darei um passo mais. A masmorra está aí abaixo, e a habitam fantasmas e demônios. —Inclinou-se para aproximar-se dela, sussurrando —Às vezes os ouvimos das salas do serviço, assobiando como o vento e uivando como lobos. Não conseguirá que eu desça aí. Antes darei aviso!

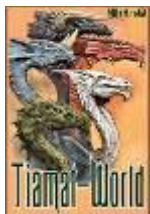
—Isso é ridículo, Nell —A repreendeu Sara —Essas coisas não existem. Se escuta sons procedentes de baixo, trata-se sem dúvida de correntes de ar que se filtram do interior. Não as sente? Eu tenho os tornozelos congelados.

—Não vai conseguir com que eu desça aí, e se puser um pé nesse túnel, irei diretamente procurar ao barão, juro-o, farei-o.

Sara deixou escapar um suspiro exasperado. Não havia nenhuma dúvida de que aquela moça assustada e falava a sério. Não podia arriscar-se. Agora que conhecia o caminho, iria sozinha. Prometendo que isso é o que faria, fingiu uma falsa derrota e retornou pelo corredor.

Não tinham passado ainda a câmara secreta quando o estrondo de um ruído destoante saiu do túnel. Tratava-se de um uivo aterrador e horripilante.

—Nero! —Gritou Sara —então aqui é onde está.



Nell percorreu a toda pressa em sentido contrário o caminho que tinham feito pelo corredor com o candelabro na mão. De sua garganta não paravam de sair gritos. Sara levantou a barra da saia e foi correndo atrás dela enquanto ainda podia ver. Havia muitos giros e corredores no passadiço para arriscar-se a separar-se da donzela e ficar na mais profunda escuridão. O coração pulsava com força contra o peito. Quando alcançou a jovem, deu-lhe a volta e tampou a boca com a mão.

—Cale-se! —Disse sacudindo-a —Vai fazer que desça toda a casa. Só é Nero. Não há nada que temer.

Voltou a escutar o uivo, desta vez mais distante.

—Viu? Assustou mais ele que ele a você. Fez que entre mais profundamente. Agora mal posso ouvi-lo.

—Esse asqueroso cão velho! —Bramou Nell —quem dera o senhor se dê pressa em atirar nele. Faz uns dias veio atrás de mim, sabia? Saía correndo de sua suíte justo quando eu subia da sala dos criados. Estava completamente ensopado. Gritei que fosse, e se aproximou de mim. Mostrou-me os dentes e me grunhiu, fez isso. Estava babando por todo o tapete, além disso. Eu estava segura de que ia me morder, mas partiu correndo e rugindo quando dei um chute no chão diante dele.

Sara sentiu calafrios percorrendo a espinha. Isso devia ser a noite que jogou água no Nero, nisso tinha ficado a lição que tinha querido lhe ensinar.

—Tornou a vê-lo depois? —Perguntou a Nell.

—Não, senhora, mas vou contar ao senhor na primeira ocasião que tenha. Esse cão estava acostumado a ser um aporrinho, saindo de um nada e nos dando a todos sustos de morte, mas nunca tinha feito mal a ninguém. Agora se tornou mau, e isso poderia ser perigoso.

—Não conte ao senhor —Pedi Sara —Nero não voltou a ser o mesmo desde que o senhor Mallory lhe disparou. Estou segura de que é só isso. Você também te encontraria mal se tivessem te disparado. Não tive oportunidade de me aproximar o suficiente para ver se a bala segue alojada em seu corpo. Certamente sofra muitas dores.

—Poderia ser, mas sigo pensando que o senhor deve sabê-lo.

—Deixe o Nero comigo —Disse Sara —O que o barão precise saber, eu contarei. E agora, será melhor que nos apressemos. Não se atreva a sair correndo e voltar a me deixar para trás! As velas do candelabro podem apagar-se com um movimento brusco, e não é apetecível a ideia de andar a cegas por estes passadiços na mais absoluta escuridão.

Choramingando, Nell saiu disparada pelo frio e úmido corredor apesar da advertência de Sara. Acaso a moça não tinha ouvido nenhuma palavra do que havia dito? As velas começaram a piscar, sua fraca chama afogando-se na cera fundida por culpa da precipitação da donzela. Salpicou vestido de Sara e a pele nua do braço e o antebraço quando puxou a manga de Nell para que fosse mais devagar. Foi muito tarde, uma das velas se apagou, e depois outra, propagando o desagradável aroma de fumaça e sebo queimado. Só ficava uma vela acesa, e Sara sacudiu a jovem para que se estivesse quieta.



—Olhe o que fez —Espetou tentando segurar o candelabro na tremula mão de Nell —. Não! Não o incline! O sebo apagará a chama.

—OH, senhora, está se extinguindo! —Gemeu a moça.

—Fica quieta! —Gritou Sara furiosa —me dê isso —Tirando o de suas mãos, segurou o candelabro muito reto observando com atenção a decaída chama.

A vela estava desaparecendo no atoleiro de cera da base. Ficava muito pouco tempo, e o passadiço estava às escuras.

—Por que não pegou um candelabro com velas novas? —Repreendeu Sara.

—Estavam novas quando saímos, senhora —Se defendeu a donzela.

—Não importa —Disse Sara —Onde estamos agora? Através de qual destes painéis passamos? Todos me parecem iguais.

—Acredito que foi por este —Disse Nell —Não... Por aquele da esquerda. OH, não sei, senhora. Estou totalmente confusa!

—Bem, pois será melhor que se esclareça rapidamente, moça. Está anoitecendo e dentro de um momento não haverá luz aqui embaixo, e a esta última vela ficam só segundos!

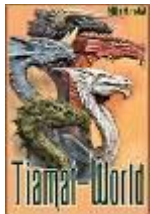
Nada podia tranquilizar a donzela. Estava claramente paralisada pelo terror, gemendo e tremendo, cravada no chão. Escutou-se outro som atravessando o silêncio que deteve a mão livre de Sara no meio do ar quando ia tocar o muro úmido em busca de uma saída do passadiço. Um grunhido grave e gutural a obrigou a girar-se para encontrar-se com dois olhos vermelhos e dourados que brilhavam sob a luz que a vela projetava um instante antes que seu movimento a apagasse. Nell gritou e começou a correr. A última coisa que Sara viu foi o brilho de umas presas afiadas. E a última coisa que ouviu foram as patas do animal, suas longas unhas repicando pelas lisas pedras que tinha debaixo, antes de lançar-se atrás da histérica donzela, pegá-la pelo braço e guiá-la através do painel que tinha estado procurando. Abriu-se à segurança de uma das câmaras interiores, fechando-se imediatamente atrás delas. Por cima dos gritos de Nell, Sara seguia escutando os gemidos e os grunhidos do outro lado e um frenético arranhar, como se o animal estivesse tratando de abrir caminho escavando um buraco com as patas.

Sara apoiou-se contra a porta e se deixou cair. O candelabro ficou em algum lugar do outro lado, onde ela o tinha soltado. Já não importava. Não serviria de ajuda agora que todas as velas tinham apagado.

—Quer deixar de gritar de uma vez? —Brigou com Nell sacudindo seu braço —Isso é grave. Não tenho nem ideia de como chegar ao outro lado. Você me trouxe até esta câmara secreta. Tem que se acalmar e nos tirar daqui!

—Não... Não posso ver! —Choramingou a moça —Está escuro como a noite. Tenho medo da escuridão, senhora.

—Isso é muito inoportuno —Disse Sara —Não há nada na escuridão que possa te fazer mal, Nell. Deixamos o perigo para trás. E outra coisa: nunca saia correndo de um animal ameaçador. Nunca mostre seu medo. Esse pobre cão está sofrendo. Está claro que estes são seus domínios, e nós o violamos. Os cães podem chegar a ser muito territoriais, mas Nero nunca me faria mal. Mas



ao que parece, você não tem tanta sorte, já que diz que tentou te morder em uma ocasião. Certamente sentiu o cheiro do seu medo. Sabe que eu não tenho medo e que não quero machucá-lo.

—Então, por que está arranhando e grunhindo desse modo, senhora? —Perguntou Nell.

—Não posso me colocar na cabeça de um cão enlouquecido pela dor —Respondeu ela — Certamente esta tentando chegar até mim. Sou a única amiga que esse pobre animal tem nesta casa. Mas não há tempo para adivinhá-lo. Deixa de choramingar! Temos que sair deste labirinto de esconderijos de contrabandistas e retornar a casa antes que nos sintam falta.

Sara tirou o sapato e o deixou no chão, apoiado contra o painel de que acabavam de sair.

—Começa a caminhar ao redor do muro —Disse —Quando chegarmos a minha sapatilha, saberemos que temos feito um círculo completo. Ao menos assim descobriremos onde está uma das saídas.

—A mim, isso pouco importa, senhora —Espetou a donzela —Não voltarei nunca para os domínios desse cão!

—Então me ajude a encontrar o caminho de volta a sala de fora —Disse Sara urgindo-a a mover-se.

A estadia mal estava mobiliada, mas cada vez que se chocavam com uma mesa ou um banco, os gemidos de Nell se transformavam em gritos. Fazia tempo que Sara tinha deixado de tentar que a jovem ficasse em silêncio. Até que não chegaram à parte de atrás do armário pelo que tinham saído anteriormente e o cruzaram para chegar à habitação a moça não se calou. A luz da lua cheia alagava a sala, e enquanto Nell mantinha o painel do armário aberto, Sara correu para pegar seu sapato.

—Ande depressa, senhora! —Gritou Nell —Por favor, depressa.

Sara não necessitava que a apressasse. Já estava tarde. Só podia pensar em voltar para sua suíte antes que um dos criados ou o próprio Nicholas a pegasse. Uma vez a salvo dentro, a mão de Sara vacilou, abatendo-se sobre o trinco.

—Não estará pensando em deixá-la aberta, não é, senhora? —Ofegou Nell —Depois de tudo o que acaba de passar!

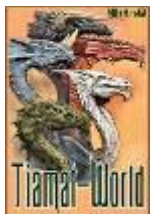
—Sim vou fazer —Disse Sara —Isto não é de sua incumbência, Nell.

Olhou seu próprio vestido. Estava sujo e coberto de mofo e pó. O mesmo acontecia com suas mãos e seus braços, imaginava qual seria o estado de seu rosto e seu cabelo, que se pendurava do lado que tinham caído os prendedores.

—Sei que é tarde, mas quero dar um bom mergulho. Faz com que encham a banheira e depois pode se retirar. Esta noite já não te necessitarei, me arrumarei sozinha. O vestido terá que ir diretamente ao lixo. Não tem solução.

—Peço-lhe desculpas, senhora —Disse Nell estirando-se de tudo —Mas não voltarei a entrar nesses passadiços outra vez por mais que diga que o devo. Antes darei aviso disso, ou pode me despedir se o desejar.

—Agora que conheço o caminho, já não te precisarei —Assegurou Sara.



A moça conteve o fôlego.

—Está dizendo que pretende voltar aí? —Gritou.

—Se for necessário sim, mas não esta noite. O único lugar ao que penso ir agora mesmo é tomar um banho quente e agradável, e depois à cama.

O óleo de rosas nunca tinha cheirado tão doce, e a água aromatizada com a almiscarada fragrância do romeiro nunca tinha sido tão deliciosa como aquela noite. Sara esteve a ponto de dormir na banheira. Não gostava nada de ter que sair, e não o fez até que a água começou a esfriar. Nell tinha deixado uma pilha de toalhas na cômoda, e Sara secou o corpo e depois fez o mesmo com seu cabelo. Mas quando deu a volta para pegar a camisola e o negligê, deu conta de que tinha público. Nero estava sentado na entrada com a cabeça inclinada para um lado e sua larga língua rosa pendurando de tal maneira que quase parecia que estivesse sorrindo.

—Nero! —Exclamou ela emocionada.

Embora tivesse deixado a porta entreaberta, não esperava por aquilo. Agora parecia dócil, mas, devia atrever-se a confiar naquela enganosa imagem? Deu um passo para frente com precaução.

—Acalmou-se? —Cantarolou com doçura —Sim, já vejo que sim.

Atreveu-se a dar outro passo e ele se levantou, agitando sua larga e peluda cauda sem mover do lugar.

Sara tirou a toalha que rodeava seu corpo e colocou a camisola, um objeto de seda cor manteiga tão fina que era quase transparente. Agachou para acariciar a pelagem úmida e abundante de Nero.

—Esteve fora, não é? —Perguntou —Parece que o ar salgado te calma. Também tomou outro caminho para retornar a casa. Conhece todos, não é, moço?

O animal gemeu e se sacudiu, tocando com o focinho a mão e lambendo com sua língua suave e cálida.

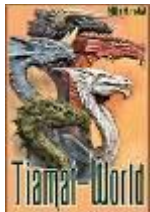
Sara se aventurou a dar uma olhada à ferida. Deslizando os dedos pela pata, subiu a pelagem e a encontrou mais acima.

—Tem-na no ombro —Se maravilhou —Nossa, já está quase curada. Não dói, não é? Então, que diabos aconteceu antes? Era por Nell? Não te cai bem, não é, Nero? Pergunto-me por que. Talvez perceba que não te tem muito carinho —Sara ficou de pé —Bom, mas isso não é desculpa para ser grosseiro. Assustou-a muitíssimo. Não vai voltar a fazê-lo, não é, moço?

Se um cão podia parecer desconcertado, sem dúvida era aquele. Sua expressão provocou na Sara o mais parecido a uma risada que se apareceu em seus lábios em dias, e alvoroçou o grosso cabelo do pescoço.

—De acordo, se faça de bobo —Disse —Mas me vale não ter à mão uma jarra de água quando voltar a fazê-lo. Tem que aprender maneiras, moço, embora não me surpreende seu comportamento, tendo em conta o bom exemplo que seu amo para você.

Sara o separou de si e se dirigiu para o quarto. Nero foi atrás dela, olhando-a de um modo



estranho antes de emitir o uivo mais lastimoso que ela tinha escutado em sua vida. Provocou-lhe calafrios por todo o corpo e pôs os pelos em pé. De repente, Nero deu um salto e saiu a toda pressa para a salinha para depois desaparecer pela porta aberta do saguão.

Sara já tinha se perambulado bastante por aquele dia, mas não obstante apareceu a cabeça pelo corredor para segui-lo com o olhar. Para seu assombro, não se dirigiu diretamente ao patamar, como tinha feito as outras vezes, mas sim desapareceu pela suíte verde que ficava no outro lado.

Sara ficou olhando fixamente o ponto no que tinha desaparecido. Que diabos estaria fazendo ali? Deveria investigá-lo? Só tinha que cruzar o corredor. Trocou o peso de um de seus pés nus ao outro, deliberando durante uns instantes antes de jogar pela janela a precaução e aventurar-se a sair ao vazio corredor. Só teve que dar uns passos e logo entrou na escura suíte. Encontrou-se em uma salinha bem mobiliada. A luz difusa e suave que saía do quarto que ficava mais à frente deixava claro que a habitação estava vazia, e seguiu aquele feixe de luz de lua com passos lentos e compassados.

—Nero? —Chamou-o.

Sua voz não era mais que um sussurro rouco. E se Mallory estivesse escondido ali? Esteve a ponto de voltar diante aquele pensamento, mas já era muito tarde para isso. Assim, cruzou a soleira do quarto só para encontrar-se de repente com a imagem de Nicholas no meio do tapete persa. Estava nu e excitado.

Capítulo 21

Sara conteve o fôlego. Nicholas ficou imóvel no lugar, com seu olhar de obsidiana cravado nela.

—NE... Nero? —Gaguejou ela —Onde...?

—Se foi —Disse Nicholas —O expulsei.

—O que... O que está fazendo aqui... Assim? —Perguntou tropeçando em cada palavra.

—Me preparando para ir à cama —Espetou ele agarrando a camisa do chão, em uma vã tentativa de cobrir sua nudez.

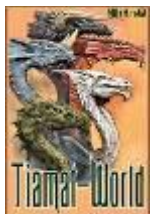
—Aqui? —Disse Sara —Mas, por que aqui? Por que não se prepara para ir à cama em sua própria suíte?

—Porque em minha própria suíte não posso te vigiar —Afirmou ele.

—OH! —Exclamou Sara.

Nicholas deu a volta e se dirigiu a toda pressa para a porta, mas jogou a camisa e se aproximou dela com grande rapidez girando-a para ele.

—Acha que não necessita que a vigiem? —Perguntou aproximando-se de seu rosto —. Se Olhe! Vagando pelos corredores meio nua com essa camisola. É transparente como um tecido de



aranha. Em todo o caso é como se estivesse nua. E se encontra com o Mallory?

—É curioso que você fale de ir por aí nu, senhor! —Espetou ela retorcendo-se entre seus braços —Você mesmo parece estar separado, mais uma vez, de suas roupas. E não estava vagando pelos corredores. Só saí ao corredor porque vi Nero entrar aqui. Acabava de estar comigo, se por acaso quer sabê-lo, e me perguntei o que estaria tramando. Não foi o mesmo ultimamente, e estou preocupada com ele. E menos mal, porque ninguém mais parece está-lo. Todo mundo quer livrar-se dele. Você quer atirar nele. Não se atreva a negá-lo! Vi, recorda? Talvez já te tenha desfeito do pobre animal. OH, Meu deus, se tiver feito mal a esse cão...

—O que quer dizer com que não foi o mesmo ultimamente? —Interrompeu-a Nicholas.

Sara ficou boquiaberta. Ali estava ele, completamente nu, agarrando os antebraços como um louco, como se não tivesse a mínima ideia de que estava nu em pelos, e o que era o que tinha chamado a atenção? O comportamento estranho do Nero.

—Me responda, Sara! —Exigiu-lhe ele sacudindo-a brandamente.

—Nicholas, por favor... —Murmurou ela.

Guiando-a para uma poltrona que havia ao lado da lareira apagada, sentou-a nela.

—Não se mova —Advertiu.

Agarrou sua camisa de dormir da cama e a pôs com brutalidade.

Mas já era tarde demais. Sara já tinha visto o que havia debaixo: os ombros largos, o peito coberto de um suave pelo, a cintura estreita e as pernas musculosas, o esplendor de seu sexo. O corpo de Nicholas estava gravado a fogo em sua memória, igual o seu aroma. Seu instinto gritava que se levantasse daquela cadeira e saísse correndo, mas não podia fazê-lo, não o faria. Seu corpo ardia em chamas por ele.

—O que tem Nero de... Diferente? —Insistiu Nicholas de pé frente a ela com os braços cruzados.

O amplo peito subia e descia pesadamente.

—A maior parte do tempo esteve brincalhão e carinhoso —Assegurou Sara —Não há dúvida de que me protege. Mas desde que recebeu o disparo parece que houve uma mudança.

—Que espécie de mudança?

—OH, não é que tenha mudado completamente. O que acontece é que agora em ocasiões me assusta. Antes nunca o fazia.

—Como te assusta? Vamos, vamos, Sara, preciso sabê-lo.

—Por quê? —Espetou-lhe ela —Quer que te proporcione mais munição? Quer que carregue a arma com o que vai matá-lo? Não o farei, senhor.

—Maldição! —Bramou Nicholas —Nero é meu. Se ele não estiver bem, a senhora Bromley pode preparar um remédio. Por que insiste em que tenho intenção de matar esse animal?

—Porque te vi tentá-lo! —Respondeu-lhe Sara —Ou isso aconteceu durante um de seus “lapsus”?

Nicholas não disse nada. Parecia abatido e seus braços penduravam inertes aos lados. Parecia tão perdido naquele momento que sentiu que ia se derreter. Depois de pensar



cuidadosamente, decidiu que contaria, mas não por isso, mas sim porque talvez pudesse servir de ajuda ao Nero.

—Começou com coisas pequenas —Disse —O modo em que tratou de apoderar-se de minha suíte, ou como curvava os lábios para trás em um grunhido silencioso. Não me deixou examinar a ferida, e, entretanto agora mesmo me permitiu retirar o pelo, inclusive tocá-la.

Nicholas ficou tão branco como a luz da lua que se filtrava através do vidro chumbado. Abriu a boca várias vezes como se fosse dizer algo, mas não o fez, e Sara não pôde ler seu pensamento. O corpo de Nicholas voltou a ficar tenso. As veias de seu pescoço se sobressaíam em chamativo relevo, e os músculos da mandíbula iniciaram um ritmo frenético.

—Uma vez o encontrei em cima de minha cama —Continuou ela —Tinha tirado algumas coisas de meu armário e as tinha espalhado. Quando o repreendi e tentei de lhe obrigar a descer da cama, avançou em mim.

—Não te mordeu? —Interrompeu-a Nicholas dando um passo para ela.

Por um instante, Sara acreditou que ia lançar-se sobre ela como tinha feito Nero.

—N... Não —Murmurou contendo o fôlego, porque seu repentino movimento a tinha desarmado —Jo... Joguei-lhe a água da jarra que tinha ao lado de minha cama. Fechou os dentes sobre a jarra, não sobre mim. E depois, a seguinte vez que o vi, estava igual a esta noite, como o antigo Nero, ao que nunca teria medo. Ao que amo. Eu pensava que estava sofrendo pela ferida e que isso o tinha irritado, mas a um momento não parecia, absolutamente, que fosse assim.

—Quando foi a última vez que te pareceu que estava... Estranho? —Murmurou Nicholas.

Sara guardou silêncio. Se respondesse a aquilo, teria que falar da exploração pelas câmaras secretas. Isso implicaria Nell, e não podia fazê-lo.

—Não... Não me lembro —Dissimulou Sara —Mas não tinha ocorrido nada parecido até que o senhor Mallory disparou.

Nicholas a levantou da poltrona e a segurou entre seus braços. Não podia lhe ver a cara, mas quando falou, tinha a voz tinta sombria.

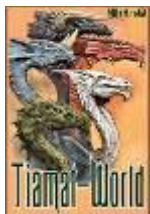
—Sara, devo te pedir que confie em mim —Disse —Por favor, me acredite quando te digo que não pretendo fazer nenhum mal a esse animal. Forma parte de mim, tanto como estas mãos que estão te segurando.

—Mas você disse que não deveria afeiçoar-me ao Nero, que poderia partir, e então você... Você...

—Sei o que disse —A interrompeu ele —E sim, talvez tenha que nos deixar, mas não do modo em que você me está acusando. Deve manter a porta de sua suíte fechada, se estiver dentro ou não, até que encontremos ao Alex e... Nos encarreguemos de Nero. Tinha que ter me contado tudo isto há muito tempo. Corre perigo, mais perigo do que eu pensava —Acrescentou com ar ausente.

—Como posso estar em perigo se me vigia sem descanso? —Espetou Sara.

—Sara, Nero é metade lobo —Assegurou ele —Os lobos são imprevisíveis. Deve me obedecer. Te prenderei antes de vê-la sofrer algum dano.



—Desde o começo pensei que o era! —Exclamou —Nunca vi um lobo, é obvio, mas vi imagens deles nos livros da biblioteca de meu pai. Agora compreendo a beleza de Nero. Tem uma pobre estampa como cão, reconheço-o, mas como lobo é magnífico.

—E poderia ser perigoso. Me prometa que fará o que te peço.

—Nicholas...

Estreitando-a entre seus braços, agarrou-lhe o rosto com sua gigantesca mão e a olhou nos olhos. Parecia estar memorizando cada centímetro de sua face, cada poro de sua pele, que estava acesa sob seu escrutínio. A vibração tinha começado em seu interior, golpeando como o batimento de um coração e umedecendo seu sexo. Por que a estava olhando assim, com aqueles olhos nublados, dilatados pela luz da lua? Quando falou não rompeu o feitiço, mas sim o intensificou, levando-o a um plano mais íntimo, alimentando o fogo que tinha acendido uma paixão que Sara não sabia sequer que pudesse existir. Ali estava o autêntico perigo, em aproximar-se muito a esse fogo, em permitir que a marcasse, que a queimasse, que a arruinasse e a encadeasse a um amor sem esperança. Entretanto, permitiu que as chamas se apoderassem dela e que a engolissem.

—Por Deus, Sara, se algo chegasse a te acontecer acredito que ficaria louco —Murmurou contra seus lábios antes de beijá-la.

Nicholas tinha sabor de sal e vinho doce quando sua perita língua entrou nela e lhe abriu os lábios, entrando mais profundamente, extraíndo o gemido que esperava em sua garganta para ser liberado. Misturou-se com o rugido de sua própria garganta, e Nicholas o devorou, do mesmo modo que devorou sua determinação e suas inibições, despojando-a delas.

A mão de Nicholas deixou sua face e deslizou para baixo, seus dedos mal roçavam seu pescoço arqueado. Foi descendo enquanto procurava o pulso, o sangue trepidante que pulsava ali, e deslizou a boca para aquele ponto. Sua língua de seda procurou o fluxo palpitante até que ela estremeceu. A sombra da dura barba incipiente de seu rosto contra sua suave pele provocou repentinos espasmos através de seu sexo. O que tinha despertado nela? Cada fibra de seu ser morria por ele, suspirava por ele. Sem dúvida Nicholas podia sentir sua paixão. Discorria dentro dela ao mesmo ritmo que o estremecido coração que pulsava dentro de seu peito, apertado contra ela.

Nicholas desatou, com dedos trêmulos, o laço de seda que mantinha fechado o colarinho de seu negligé, abrindo-o todo, logo a acariciou no ombro e depois no seio, cuja redondeza cobriu com a palma aberta. Segurou o duro mamilo entre o polegar e o indicador e depois o levou a boca; chupando-o, mordiscando-o, arrancando um e outro surdo gemido do mais profundo de seu ser. O som que emitiu Nicholas a atravessou com um calor abrasador misturado, ao mesmo tempo, com calafrios gelados. Parecia saído da garganta de Nero e não da sua.

Nicholas deslizou sua camisola até que essa caiu a seus pés. Então, ele tirou sua camisa de dormir e pegou-a entre seus braços musculosos, duros como rochas. Parecia que os tendões fossem se partir. Tombando-a sobre a cama, atraiu-a para si.

Nenhum homem tinha visto o corpo nu de Sara antes, nem muito menos o havia tocado. Um



ligeiro rubor percorreu toda a pele, da cabeça à ponta dos pés. Uma vaporosa rajada de sangue quente acompanhava a emoção da experiência, especialmente quando a perita mão de Nicholas se entreteve sobre o montículo de pelo suave e úmido que Sara tinha entre as pernas. Estavam legalmente casados e, entretanto, havia um brilho de algo proibido em seu abraço. Teria Nicholas metido em sua cabeça, com tanta insistência, que seu acordo não incluía contato físico? Seria por sua inexperiência, por seu pudor de donzela, ou aquilo não parecia real devido a que se tratava de um matrimônio celebrado por procuração? Sara não quis dar mais voltas à causa. Fosse o que fosse, aumentava o efeito além do imaginável. Aquela faceta do proibido se fez chamadas, apanhando-a em uma tormenta de fogo impossível de sufocar.

Nicholas tomou uma mão, a levou os lábios e beijou a úmida palma antes de pôr seus dedos ao redor de seu sexo; Sara ficou sem fôlego e ofegou ao ver como respondia a seu contato. Voltou a ofegar quando a boca de Nicholas abriu a sua e quando seu profundo e animal gemido ressoou no interior dela. O coração deu um tombo ao escutá-lo fluir por seu corpo, mais animal que humano.

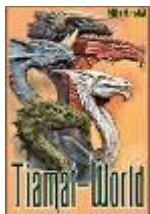
Sara afundou a mão em seu cabelo. Que suave era, parecia seda entre seus dedos. Nicholas tinha o fino pelo da nuca arrepiado, e também o do resto do corpo. Todos seus tendões estavam tensos. Parecia que o coração fosse sair do peito a julgar pelo modo em que pulsava contra as costelas.

—Que Deus me ajude —Murmurou ele.

Abriu pernas de Sara e começou a lhe acariciar o sexo. Aqueles dedos tão suaves, tão hábeis e ágeis que percorriam seu cheio sexo arrancaram um soluço seco de Sara. Ela não se deu conta sequer de que tinha escapado até que ressoou em seus ouvidos. Parecia provir de uma câmara isolada situada na distância, igualmente impactante foi o uivo de Nicholas. Não havia outra palavra para definir o som que emitiu. Era mais próprio do mundo selvagem que de uma cama. Seus olhos eram como duas partes de carvão negro que a olhavam fixamente, obscurecidos pelo desejo, resplandecentes sob a luz da lua. Havia algo naquele olhar que a excitava e a aterrorizava ao mesmo tempo. Uma paixão feroz tomou conta dele e, entretanto, estava-a contendo. Que delicioso seria se a deixasse livre. Sara não se conformaria com nada menos, e arqueou as costas para ele.

la doer. Estava preparada para isso. Para o que não estava preparada era para os movimentos lentos e tentadores daquele amante experiente que parecia decidido a evitar até a mínima dor. Cada investida de seus dedos a aproximava mais e mais do êxtase que desejava, o alcançou com as mãos estendidas sobre seu peito levemente coberto de pelo que se transformava em uma estreita linha que descia por seu plano ventre e apontava como uma flecha a grossa ereção de seu sexo. Nicholas respondeu a suas carícias movendo-se com a sigilosa elegância de um gato montês, e quando ela abriu mais as pernas, e ele se acomodou entre elas, Sara conteve o fôlego diante da emoção de sentir sua vida movendo-se dentro dela, enchendo-a, completando-a.

De repente, um grito dilacerador ressoou no corredor exterior, misturado com o grunhido gutural de um animal selvagem. Voltou a escutar o grito, e depois outro. Um montão deles,



ensurdecedores e agudos, que se foram fazendo mais longínquos, igual aos grunhidos. Então um uivo lastimoso e profundo ressoou pelo corredor. E depois se fez o silêncio.

O coração de Sara se apertou.

—Nell! —Gritou —Era Nell!

Nicholas ficou paralisado no lugar durante um décimo de segundo antes de saltar da cama e pegar a camisa de dormir do chão, onde a tinha deixado cair.

—Fique onde está —Ordenou —Não se mova da cama!

Nicholas não deu a sua esposa oportunidade de replicar. Agarrando a pistola da mesinha auxiliar, saiu a toda pressa do quarto, apesar dos gritos de Sara, e correu pelo corredor em direção aos gritos de Nell. Encontrou-a estendida em um atoleiro de sangue ao lado da porta de seu quarto e se ajoelhou a seu lado com um gemido. Os criados se estavam aproximando; suas vozes ecoavam baixas e fizeram que Nicholas voltasse a ficar de pé. Não se atrevia a ficar. Não havia nada que pudesse fazer. Tampouco podia retornar à suíte verde sem ser visto. Aquilo era o pior de tudo. Sara estava sozinha e desprotegida. Mallory vagava pelos corredores de Ravenscliff em forma de lobo e ela pensava que se tratava de Nero. A intensidade da paixão com a que tinha estado a ponto de consumir seu matrimônio e o impacto de encontrar-se com que a donzela tinha sido brutalmente atacada era mais que suficiente para provocar uma transformação, além do medo por sentir-se impotente para proteger a Sara. Não podia trocar de forma diante dos criados, nem tampouco de Sara. Não devia transformar-se e ponto. Não podia aparecer como Nero quando todo mundo na casa estaria buscando-o com uma arma. Subiu saltando as escadas de trás, a beira da loucura por tudo o que estava ocorrendo, e chegou bem a tempo para irromper na salinha de sua suíte, em que o doutor Breeden estava falando com o Mills.

Correndo através da suíte, um uivo precedeu à transformação antes que atravessasse a toda pressa a porta do provador convertido em uma sombra imprecisa, e então Nero aterrissou a quatro patas, enredado no robe bordado cor borgonha.

Sara saltou da cama e colocou a camisola. Não obedeceria a ordem de Nicholas. Ia matar Nero! Aquele era o único pensamento que tinha em mente enquanto saía correndo do quarto. Fora, o som de muitos passos e a animação de vozes gritando arrepiou sua pele. Entreabriu a porta e olhou para o corredor mal iluminado, observando como passavam os criados, alguns em camisola e robe. A senhora Bromley, Smythe, Robbins e Searl e um punhado de criados passaram por diante de sua suíte em direção norte. Mills e o doutor Breeden não estavam entre eles, e sua ausência era suspeita.

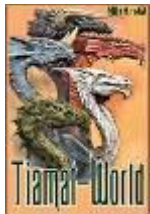
—Onde está o senhor? —Gritou alguém —Que alguém vá procurar ao senhor!

—Teremos que ir chamar aos guardas! —Gemeu a senhora Bromley.

—Não até que o tenhamos contado ao barão —Assegurou Smythe —Irei buscá-lo em baixo.

—Todos vamos morrer em nossas camas se não agarrarmos a esse asqueroso animal. Não pegarei olho até que assim seja! Vou apresentar minha renúncia!

—Quieta! —Bramou o mordomo —Contenha-se, senhora Bromley. Agora não é hora para



histerismos.

—Está morta, Smythe —Gemeu a governanta tornando a chorar.

Sara saiu ao corredor ao escutar aquilo. Ninguém se precaveu de sua presença. Todos estavam reunidos no extremo norte do corredor, frente ao quarto de Nell, que estava ao lado do seu próprio quarto. O coração pulsava com força nos ouvidos. Custou-lhe um grande esforço dar um passo depois do outro. Onde estava Nicholas? Por que não tinha retornado? Acaso não sabia que estaria preocupada?

—A senhora! —Gritou a governanta —Foi alguém ver como está a senhora?

—Eu... Estou aqui —Disse Sara aventurando-se a aproximar-se mais —O que aconteceu?

Tinha medo da resposta. Medo de ter ouvido bem. O ar cheirava a desgraça, a morte.

A governanta, que tinha os olhos cheios de lágrimas, conteve o fôlego e correu para o seu lado.

—Vai morrer de frio aqui fora com essa camisola tão fina! —Gritou dando a volta para guiá-la para a suíte das tapeçarias —Entre e coloque o robe antes que pegue uma pneumonia, e fecha a porta com chave, senhora. Isto não é para seus olhos.

—O que aconteceu? —Inquiriu Sara cravando os calcanhares.

Tinham chegado a sua suíte, mas não pensava cruzar a soleira até sabê-lo.

—Não vou a nenhuma parte até que me conte!

A senhora Bromley rompeu a chorar.

—Trata-se do Nell, senhora... —Gemeu.

—O que aconteceu com Nell? —Gritou Sara, que seguia rezando para ter ouvido errado.

—Está morta, senhora —Soluçou a governanta —Nero lhe rasgou o pescoço, e anda por aqui solto. Deve ter ficado louco. Os homens o estão procurando agora. Vão atirar nele assim que o vejam. E agora entre e tranque-se até que um de nós venha dizer que já pode voltar a sair.

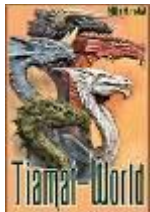
Capítulo 22

O som dos gritos agudos e as vozes altas de baixo, tinham começado a deslocar-se para a grande escada. Mills pediu ao médico que entrasse no provador atrás de Nero e depois fechou a porta.

—Segure-o! —Gritou —Não o solte até que eu veja o que está acontecendo!

Mills cruzou a suíte a toda pressa, fechando as portas em uma frenética tentativa de sufocar o ruído de uivos, gemidos e grunhidos que tinha deixado atrás no provador. Não esperou à chamada iminente que temia. Irrompeu no corredor justo quando Smythe chegou correndo.

—Que diabos está acontecendo ali em baixo? —Espetou-lhe ao mordomo, que estava sem fôlego —Daqui de cima escutamos o alvoroço inclusive com as portas fechadas. Ia descer agora para ver do que se tratava.



—Onde está... Sua Senhoria? —Ofegou Smythe.

—Não está aqui —Disse Mills —O que aconteceu?

—Trata-se de Nell —Respondeu o mordomo —Está morta. Nero a matou.

—Nero? —Mills conteve o fôlego —Ficou louco? Sabe que esse animal não tem nenhum pingo de maldade em seu corpo.

—Está morta de toda maneira —Insistiu Smythe —Tem o pescoço esmigalhado e dois punhados de cabelo de cão nas mãos, Mills. Teremos que chamar os guardas, e isso é Sua Senhoria quem deve fazer. Onde foi a estas horas?

O ajudante de câmara se arrepiou. Sua mente dava voltas a toda pressa. Não podia ter sido Nero, apostaria sua vida, mas Nero levaria a culpa porque ninguém mais, exceto o doutor Breeden e ele sabiam que havia outro cão solto pela casa. Mas, por que Nicholas acabava de irromper desse modo, há alguns instantes? Durante todos os anos que levava o atendendo, nenhuma só vez tinha visto seu senhor transformar-se vestido.

—Disse que não o esperássemos —Assegurou fechando a porta da suíte do barão e guiando o mordomo de volta para a escada.

Não se atrevia a arriscar-se que Nero saísse tal como Nicholas tinha entrado; bastaria isso para condenar-se.

—Acredito que disse algo sobre dar um passeio pela praia. Faz-o com frequência quando o tempo permite. Há lua cheia e por fim melhorou o clima. Já o conhece. Poderia ficar fora durante horas.

—O que vamos fazer? —Perguntou o mordomo —Não podemos deixar Nell assim!

—Terá que ficar como está até que Sua Senhoria retorne —Assegurou Mills.

—E sobre os guardas?

—Isso depende de Sua Senhoria, Smythe, não podemos chamá-los sem seu consentimento. Vou descer. A tamparemos e enviaremos outros à cama. Não deveriam estar por aqui até que saibamos o que ocorre. —Então sentiu outra pontada de pânico —On... Onde está a senhora? — Perguntou tratando de dissimular a velocidade com a que pulsava o coração.

—A senhora Bromley está com ela em sua suíte —Disse o mordomo —Está tremendamente afetada. Pode imaginar isso...

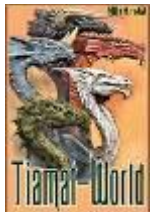
—Sim, sim, posso —O atalhou Mills —Volta para baixo. Estava em meio de algo. Terminarei-o e me reunirei em seguida contigo. Onde... Aconteceu?

—Bem diante de seu quarto, que está ao lado do quarto da senhora. Está claro que Nell tratava de chegar a seu quarto quando o animal a atacou. Escutamos claramente seus gritos em nossa sala, porque estamos mais perto ali em baixo que você aqui acima na torre.

—Não escutei nada até que vocês começaram a montar um alvoroço capaz de levantar o telhado —Disse Mills.

—Não deveríamos ir procurar o doutor? —Perguntou o mordomo.

Smythe não era consciente de que o doutor Breeden estava preso na suíte do barão. E era melhor assim. Era necessário justo onde estava. Nero não podia ficar sozinho naqueles momentos.



O ajudante de câmara só necessitou uns segundos para responder.

—O doutor se retirou —Assegurou —Se a moça está morta, não temos por que despertá-lo. Depois de tudo, não há nada que ele possa fazer. O barão está preocupado porque não está descansando o suficiente estas férias devido a todas as situações de emergência que aconteceram nesta casa desde sua chegada. Com que o avisemos amanhã será suficiente, a menos que Sua Senhoria diga outra coisa quando retornar.

—Isso espero —Disse o mordomo —É que acredito que deveria haver alguém com autoridade para tratar este assunto.

—Teremos que esperar que volte Sua Senhoria —Insistiu Mills —E agora, desça para pôr ordem. Não gostará de chegar e que reine o caos. Eu me reunirei em seguida contigo.

Mills entrou a toda pressa na suíte do barão e fechou a porta por dentro. Cruzou o quarto e entrou no provador fechando também. Nero tinha despojado do robe e estava dando voltas em enlouquecidos círculos com seu largo torso subindo e descendo, com a língua fora e manchando o tapete. Seu agudo gemido atravessou o ajudante de câmara como uma faca.

O médico estava observando com a boca aberta cada movimento de Nero. Assim que Mills se separou da porta, Nero se lançou sobre ela. Mills conteve o fôlego. O painel inferior da porta estava sulcado de marcas procedentes das presas e as garras de Nero. As lascas se amontoavam no chão. Mills apertou os dentes.

—Extraordinário —Disse o médico —Nunca tinha visto nada igual.

—Eu sim —Interveio Mills —Não até este grau, reconheço-o, mas tem uma boa causa.

—Por quê? O que aconteceu?

—A donzela da senhora, Nell Critchton, está morta. Disseram que rasgou o pescoço. Todo mundo pensa que Nero a matou, mas ambos sabemos que não é assim. Não vejo que tenha nenhuma gota de sangue em cima. Apostaria minha vida a que foi Alex Mallory em forma de lobo, mas sem dúvida a culpa recairá sobre Nero.

—Deus todo-poderoso!

—Não há tempo agora para contar tudo. Mais tarde o colocarei em dia. Devo ir lá para baixo. Estará bem aqui... Não tem medo?

—Sou um cientista, Mills. Tive contato próximo com coisas muito piores que esta. Esta experiência tem um valor incalculável para minha investigação. Não, não tenho medo. Nero não supõe nenhuma ameaça para mim, mas o certo é que não saberia como o deter se atravessar esta porta.

—Nero, quieto! —Bramou Mills.

O lobo cessou seu incansável assalto à porta, olhando com uns olhos tão cheios de desespero que os olhos do ajudante de câmara se umedeceram.

—Ela está a salvo —O tranquilizou —Dou minha palavra.

Girou-se para o médico.

—Olhe se pode acalmá-lo —Pedi —Ficará como está enquanto continuar nervoso. Necessitam-no lá em baixo, e agora não pode perambular pelos corredores assim. Receberá um



tiro assim que apareça. Tente segurá-lo até que eu saia. Voltarei o mais rápido possível. Fecha por dentro assim que me vá. Faça o que faça, não permita que ele saia desta suíte!

Assim que Mills fechou a porta do provador, o médico passou o ferrolho e Nero retomou o ataque ao painel. Aquele som provocou um calafrio na coluna vertebral do ajudante de câmara, que se girou sobre seus calcanhares, correu pela suíte e saiu ao corredor. Não havia tempo a perder.

Sara percorria acima e abaixo o tapete de seu quarto. A senhora Bromley foi a última em sair; ficou para consolá-la. Outros tinham retornado fazia bastante os quartos de serviço que ficavam do outro lado da porta verde. Onde estava Nicholas? Ninguém o tinha visto e todo mundo o buscava. Sara tinha recebido uma rápida visita de Mills, que disse que Nicholas foi dar um passeio pela praia. Isso não podia ser. Estava com ela quando aconteceu o que aconteceu, e depois desapareceu. O que estavam escondendo? E onde estava Nero? Ninguém o tinha visto atacar Nell e, entretanto, todos o acusavam daquele crime. Dariam com ele e o matariam, mas não se ela o encontrava antes.

Agasalhou-se no negligé, abriu a porta e colocou a cabeça pelo corredor. Não havia ninguém à vista. Estremeceu ao ver o montículo que formava a colcha com que haviam coberto o corpo do Nell um pouco mais longe, meio escondido entre as sombras, e os olhos voltaram a encher de lágrimas. Piscou para livrar-se delas e olhou na outra direção. Não havia nem rastro de Nicholas nem de Nero.

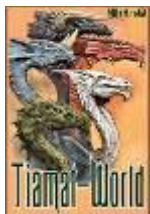
Estava a ponto de voltar a fechar a porta e passar o ferrolho quando recordou ter visto Nero entrar na suíte verde. Poderia ter ido esconder se ali? Sem pensar duas vezes, cruzou a soleira e saiu nas pontas dos pés ao corredor. Não estava longe, e se não o encontrava ali dentro, admitiria momentaneamente a derrota e retornaria a sua suíte até a manhã seguinte.

Uma vez no quarto, acendeu as velas do candelabro e olhou a seu redor. Deslizou o olhar sobre a cama revolta que tinha estado a ponto de ser seu leito conjugal, e as lágrimas voltaram a ameaçá-la ao reviver as intimidades que Nicholas e ela tinham compartilhado ali. Voltou a sentir o fantasma de sua ereção apoiando-se contra sua coxa, o calor de suas agitadas respirações soprando sobre sua pele nua, seus hábeis dedos e sua boca faminta acelerando o ritmo do coração, despertando em Sara prazeres que apenas se atrevia a imaginar. Por que não havia retornado para ela? Onde estava agora? Aquilo era insuportável.

—Nicholas? —Chamou-o.

Sua voz não era mais que um rouco sussurro. Ele não respondeu. Sara sabia que seria assim. Mas talvez Nero sim respondesse. Voltou a sussurrar enquanto ia de sala em sala, mas tampouco respondeu.

Atravessando o quarto de volta encontrou com o cinturão do robe de Nicholas atirado no chão. Partiu com tanto ímpeto que nem se incomodou em recolhê-lo. Sara o agarrou e o levou ao nariz. Conservava seu aroma. Aspirou-o com força profunda e lentamente e depois o colocou no braço. Estava a ponto de sair do quarto quando Nero surgiu de entre as sombras da ala sul e



entrou no quarto passando na frente dela.

Sara fechou a porta, deixou o candelabro e se ajoelhou a seu lado. Nero gemia e tinha o cabelo arrepiado, as patas separadas e sua orgulhosa cabeça inclinada. O peito subia e descia, e ofegava como se tivesse estado correndo até extenuar-se. Tinha os olhos cravados nos seus, e brilhavam com ferocidade sob o brilho das velas. Sara lhe rodeou o pescoço com os braços e soluçou contra sua abundante pelagem.

—Você não o fez, não é, Nero? —Gemeu —Não tem nenhuma gota de sangue por nenhum lado. OH, sabia que não o tinha feito! Sabia que não podia ser, e eles vão matá-lo!

Nero lambeu a face com sua larga e rosada língua e deu um salto sem mover do lugar.

—Tampouco pode ter se limpado sozinho —Continuou Sara —Não esteve fora, não é? Não tem o cabelo úmido. Não cheira a mar —Aspirou seu aroma —Cheira... A ele, a seu amo.

De repente, umas vozes atravessaram o silêncio. Alguém estava correndo pelo corredor de fora. Sara conteve o fôlego. Tratava-se de Mills e do doutor Breeden.

—Tem certeza que veio por aqui? —Ofegou Mills.

—Estou tão seguro como você —Respondeu o médico, que também resfolegava —Nos escapou, mas eu teria jurado que se meteu por aqui.

—A porta da senhora está entreaberta. Meu Deus, acredita que...? —Perguntou Mills.

—Só há um modo de descobrir —Assegurou Breeden —Mantenha a pistola preparada, mas não dispare a menos que esteja seguro. Eu não gosto nada disto.

Sara abriu a boca e conteve a respiração.

—Vão entrar em minha suíte! —Disse em pânico —Quando não me encontrarem... —Ficou de pé de um salto —Não podemos ficar aqui. Vamos, Nero! —Mas o lobo não se alterou —Tem que vir comigo agora, enquanto estão ocupados! —Sussurrou Sara —Esta tudo bem, conheço um lugar.

O lobo continuava sem mover-se, e ela atou o cinturão do robe de Nicholas ao redor do pescoço, pegou o candelabro e o arrastou até o corredor.

Custou-lhe trabalho, mas finalmente o convenceu para que a seguisse. Juntos correram para o patamar, escada abaixo, até a ala norte da planta principal. Demorou um instante para se dar conta de que se tratava da câmara em que Nell e ela tinham entrado para acessar à sala secreta e ao passadiço dos contrabandistas. O coração pulsava com força contra as costelas, e embora Nero seguisse seus passos, não parecia resignado e se detinha em seco a cada giro.

—Estou tentando salvar sua vida —Repreendeu Sara insistindo que entrasse pelo falso fundo do armário —Os dois virão armados. OH, Deus! Se ao menos pudesse me entender! —Gemeu.

O candelabro que tinha deixado para trás em sua primeira incursão ainda estava onde o tinha deixado, e o recolocou no chão ao lado do painel para marcar o caminho de volta. Depois puxou Nero. O passadiço estava envolto em sombras. Os muros cobertos de umidade brilhavam sob a luz das velas enquanto se dirigiam para o túnel.

—Já quase chegamos —Ofegou Sara.

Queimavam-lhe os pulmões por respirar aquele ar rançoso e úmido, e mal podia ouvir o



repicar das longas unhas de Nero sobre a áspera superfície de pedra que tinham sob os pés. Parecia que esta vez a distância era, de certo modo, maior, mas a negra boca do túnel por fim surgiu diante ela, e entrou na pequena sala que cobria o esconderijo que tinha visto quando explorou o passadiço com Nell. A porta era um painel estreito de madeira que girava de forma parecida com a entrada pela qual adentrou.

Colocada entre outras tabuas parecidas que havia no muro oco, não parecia uma porta absolutamente. Necessitou de toda sua força para movê-la. A sala de dentro estava à mesma altura que a entrada, mas Nero ficou para trás, puxando sua improvisada corda. A única coisa que Sara pode fazer, foi segurá-lo.

—Não, Nero! —Espetou —Tem que entrar. Aqui estará a salvo até que possa encontrar uma solução para isto. Vão vir os guardas. Aqui nunca o encontrarão.

Mas ele continuou sem avançar, gemendo, resistindo ao puxão de Sara até que ela entrou e o chamou da soleira.

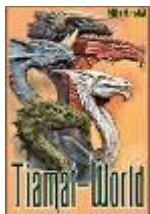
—Vê? —Disse quando foi atrás dela —Pode ver na escuridão, sei que pode. Trarei comida e água pela manhã. Deve ficar aqui até que os guardas se vão. Não permitirei que lhe façam mal. Não o permitirei!

Nero parecia confuso, e Sara se aproveitou do momento para sair dali e fechar o painel. Os olhos se encheram de lágrimas ao escutar seus contidos uivos do outro lado. Recordava o uivo que tanto tinha assustado a Nell. Pobre Nell. Não se atreveu a pensar nela naquele instante, assim saiu correndo pelo passadiço com aquele lastimoso uivo ressoando nos ouvidos.

Conseguiu entrar de novo na casa com facilidade, mas se moveu com precaução. Já quase tinha amanhecido. Os criados estariam em seguida envoltos em suas tarefas matinais, sem dúvida antes do habitual, dadas as circunstâncias. Não podia permitir que a descobrissem vagando pelos corredores de camisola.

Não encontrou ninguém até que chegou às escadas. Então, as altas sombras que se desenhavam nos muros do segundo andar, que ficava acima, adquiriram forma humana. Os lacaios estavam colocando velas novas nos suportes dos candelabros. Os lúgubres corredores se iluminavam dia e noite, e as velas se substituíam de acordo a esse costume. Sara não podia subir até que os lacaios saíssem para o terceiro andar, então se escondeu sob a escada e se fundiu entre as sombras para esperar. Teve a sensação de que transcorria uma eternidade até que escutou seus passos nas escadas cobertas de tapetes do andar de cima. Continuou esperando, dando tempo de sobra para que ficassem com sua tarefa antes de subir a escada nas pontas dos pés e escapular-se dentro de sua suíte.

A porta de seu provador estava entreaberta, tal e como a tinha deixado. Mills e o doutor Breeden deveriam deixá-la como estava para que ela não soubesse que tinham entrado. Olhou para o outro lado do corredor. A porta da suíte verde também estava um pouco aberta. Não tinha pensado em fechá-la quando saiu precipitadamente com Nero. Sara vacilou. Poderia estar Nicholas lá dentro? Se assim fosse, tinha que dar algumas explicações, e sem pensar duas vezes, cruzou a soleira.



As primeiras serpentinas do fraco amanhecer apareciam à janelas, rompendo o mágico feitiço da noite anterior, quando por um breve instante tinha visto o céu aberto. Voltariam a vê-lo outra vez? Não, a menos que o barão Nicholas Walraven estivesse disposto a confiar seu coração e todos seus segredos.

A suíte estava vazia, e Sara voltou a sair ao corredor para retornar à sua, situada do outro lado. A suíte estava praticamente consumida pela escuridão, os fogos se extinguíram e ela não tinha deixado nenhuma vela acesa. A luz da alvorada não era excessivamente generosa na parte oeste da casa àquela hora, e Sara mal podia ver, mas o som de um movimento perto dela fez que arrepiasse o pelo da nuca e pusesse a tremer.

—Que... quem está aí? —Gaguejou esquadrinhando a escuridão com um olhar penetrante esperando que alguém se materializasse.

Respondeu um bufo forte que se aproximava de um rugido, e seguiu aquele som até distinguir o resplendor de dois olhos brilhantes e um brilho de presas largas e brancas sob uns lábios curvados para trás.

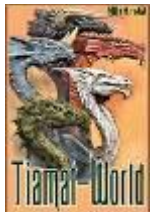
—Nero! —Exclamou —Como conseguiu voltar até aqui?

Capítulo 23

Mills não tinha pregado o olho a noite toda, nem tampouco tinha saído da salinha da suíte do barão. O doutor Breeden tinha começado a dormir reclinado no divã situado frente a ele. O ajudante de câmara não teve coragem de incomodá-lo, embora devesse tê-lo feito; aquela antiguidade rígida forrada de crina de cavalo não era o suficientemente cômoda para que o médico descansasse.

Deveria voltar a descer e procurar à baronesa? Levava um momento expondo-se. Estava cansado física e mentalmente por ter andado subindo e descendo a grande escada durante toda a noite, e tudo para nada. Agora tinha irrompido a alvorada e continuava sem ter nem rastro do barão, a baronesa, nem tampouco do Nero. Ninguém tinha visto nenhum deles desde o incidente, e o medo de que acontecesse outra desgraça o tinha deixado com a garganta seca e impedido que pudesse dormir. Não podia descansar até saber o que tinha acontecido. Tinha falhado ao pai; não falharia ao filho. Nicholas era como de sua família. Acaso não o tinha criado, virtualmente, desde menino, quando começou a afecção? Onde terminaria aquilo? Ou teria terminado já? Estremeceu-se ao pensá-lo.

Um deles já deveria ter retornado. Se não Nicholas, com certeza Nero teria retornado; se pudesse. Aquilo era o que mais o preocupava, porque todo mundo na casa procurava o animal com uma arma. Mills retornou ao provador para jogar outra olhada à danificada porta. Não tinha presenciado nada parecido em todos seus anos ali. Nunca tinha visto Nero em semelhante estado. Havia roído e arranhado o painel inferior daquela porta até que conseguiu enfraquecê-lo de tal



forma que pôde atravessá-lo. Tinha acontecido tão depressa que não houve tempo para reagir, e não poderiam tê-lo detido em qualquer caso. Nero tinha cruzado a toda pressa a suíte, derrubando-os, e depois desapareceu em um abrir e fechar de olhos entre as sombras do patamar da escada quando chegaram a ela. Só tinha uma coisa na cabeça: sua companheira. E pobre da alma que se interpusesse entre seu propósito e ele. Ambos tinham sido o suficientemente preparados para não tentá-lo.

Mills se agachou e apalpou o painel destrozado da porta. Havia lascas a ambos os lados, embora se viam partes maiores no lado do quarto pelo que Nero tinha cruzado. Elevou a vista. A porta tinha duas vezes sua altura. Seria uma tarefa colossal repará-la, e muito mais substituí-la. A madeira tinha centenas de anos de antiguidade. Mas isso não importava ao transtornado lobo que tinha produzido os danos. Como ia explicar algo assim ao resto dos criados? Tinha tido seus problemas ao longo dos anos com as transformações do senhor, mas nunca nada parecido a aquilo. Os habitantes da casa suspeitavam de algo, disso estava seguro. Não podia ser de outra maneira. Mas nem em um milhão de anos teriam imaginado o segredo do barão de Walraven. A menos que se encontrassem cara a cara com ele, e isso era o que o ajudante de câmara temia a cima de qualquer outra coisa.

—Sinto muito, Mills —Disse o médico, que tinha se colocado a seu lado —. Não se jogue a culpa. Não havia nada que nenhum dos dois pudéssemos ter feito. Eu não pude o acalmar, nem muito menos segurá-lo.

—Eu mal havia voltado a entrar quando ele atravessou o painel —Assegurou Mills —Poderia ter jurado que fechei a salinha atrás de mim.

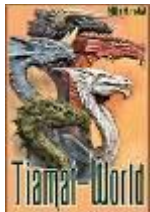
—Fez-o —Disse o médico —Mordeu o puxador dessa porta até que a abriu. Tentou fazer o mesmo no provador, mas passei o ferrolho de acima e não chegou até ele.

Mills soltou uma gargalhada áspera em que não havia nem indício de humor.

—Bom, ao menos temos o consolo de que tratou de limitar os danos ao mínimo —Disse incorporando-se com rigidez —. Nero não... Não o mordeu, não é? —Perguntou.

—Não —Assegurou o médico —Não estava interessado em mim, embora tenha que reconhecer que tampouco dei oportunidade de que o estivesse. Não vi nada parecido em todos os anos em que estudo fenômenos deste tipo. O que pode ter ocorrido para provocá-lo dessa maneira? A senhora não estava em perigo. Ao menos não naquele momento. Você a encontrou?

—Não, e Sua Senhoria já deveria ter retornado a esta altura, de uma forma ou outra. Estou preocupado, doutor. Passei a noite inteira subindo e descendo essas escadas. Não posso entender por que não apareceu nenhum deles. Não me atrevo a alertar a outros para que me ajudem a procurar. Não estão conscientes, nem tampouco podemos seguir esperando. Não podemos deixar a essa moça morta no corredor do segundo andar para sempre. É impensável que a tenhamos deixado ali sem nenhum respeito durante tanto tempo, e não devemos movê-la até que cheguem os guardas. Eu não tenho autoridade para os fazer vir, nenhum de nós tem. Na ausência de Sua Senhoria, a seguinte pessoa encarregada das emergências da casa seria a Senhora, e ela também desapareceu. Temos que encontrá-la.



—A donzela tinha família? —Perguntou Breeden.

—Não, e isso ao menos é uma bênção, mas não muda a gravidade do assunto. As pessoas que vivem em baixo são a família dessa jovem, doutor, foram-no desde que começou a formar parte do serviço da casa há dez anos. Quererão que se faça justiça pelo que ocorreu, e todos sabemos o que isso significa. Embora ambos saibamos que Nero é inocente, sua vida está condenada agora. Por que não voltou a transformar-se? Não consigo entender.

—Quanto tempo demora normalmente para transformar-se quando está inquieto assim? — Quis saber Breeden.

—Esse é o problema, nunca o tinha visto intranquilo assim. Se a ira ou a frustração provocam a mudança, libera essa energia até que se calma e então volta a ser ele mesmo. Quando está excitado, normalmente demora mais. Não sabemos com exatidão o que o provocou desta vez, mas seja o que for, a julgar pelo modo que entrou aqui, esteve a ponto de ficar louco. Enquanto siga assim, permanecerá como está. O terrível é que, aconteça o que acontecer, precisa ser ele mesmo para resolvê-lo. Não pode fazê-lo em forma de lobo.

—Então, temos uma provação pela frente, Mills —Assegurou o médico —É o que pensei quando o magnetismo animal não teve efeito sobre ele em sua forma de lobo. Necessitamos que volte, para que possa trabalhar com ele em sua forma humana. Por onde começamos? Suponho que terei que examinar à moça. Poderei fazê-lo quando chegarem os guardas, sem o maldito lobo e sem o barão. Isso o asseguro.

—Não, ainda não —Disse Mills.

Sua mente estava funcionando a toda velocidade. Nada parecia real, exceto o pressentimento de uma iminente fatalidade que tinha se apoderado de seu coração, apertando-o como um parafuso.

—Um de nós deveria ficar aqui se por acaso Sua Senhoria retorna —Decidiu —Será melhor que eu desça primeiro, para ver se a senhora retornou a seus aposentos. Devemos chamar os guardas. Depois ficarei aqui de guarda enquanto você examina o corpo.

Olhou o doutor nos olhos.

—Sinto que tenha que acontecer tudo isto, doutor —Disse fazendo um gesto para acompanhar suas palavras.

—Tolices —Respondeu o médico.

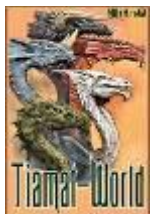
—Não durará muito —Disse Mills cruzando o quarto.

—Leva consigo a pistola? —Perguntou o médico a suas costas.

—Odiaria ter que usá-la —Assegurou Mills —Mas sim.

Sara se afastou ligeiramente do animal que grunhia em seu saguão. Estaria zangado porque o tinha trancado na minúscula sala? Como tinha saído? Tinha perdido o cinto do robe que Sara tinha utilizado como corda, e não parecia que estivesse disposto a segui-la sem corda tal e como estava naquele momento. Não devia escapar. Sara fechou desta vez a porta do saguão.

—Me deixe passar —O repreendeu —Terei que ir procurar algo com o que te atar. Não pode



ficar aqui. Já amanheceu. Alguns criados já estão centrados em suas tarefas. Vai voltar para essa sala, tanto goste ou não. Não se dá conta de que trato de te ajudar, Nero? Aqui não está a salvo nestes momentos.

Avançando lentamente, Sara se dirigiu para o quarto. Sacudindo a umidade de sua abundante pelagem, a besta a seguiu até a soleira e depois se sentou. Seus penetrantes olhos observavam cada um de seus movimentos enquanto ela se dirigia para o armário roupeiro.

—Como se molhou tanto? —Perguntou —Tornou a sair para a praia, não é?

O animal não emitiu nenhuma resposta, mas quando Sara procurou no interior do armário, ficou a quatro patas com o pelo arrepiado e começou a curvar os lábios. Desta vez foi um grunhido silencioso, mas não cabia dúvida de que se tratava de uma advertência.

—É inútil —Espetou ela —É melhor se comportar. Não vou permitir que o matem.

Mal acabava de pronunciar aquelas palavras quando uma batida na porta do vestíbulo arrancou um grunhido gutural daqueles lábios curvados, e quando se abriu a porta, o lobo saiu disparado por ela, derrubando Mills ao sair.

O grito de Sara, o grito de Mills ao cair no chão e o estrondo do disparo de sua pistola se escutaram em rápida sucessão. Sara chegou a ele antes que pudesse levantar-se e olhou para o corredor em busca de algum sinal do animal, mas estava vazio.

—Matou-o! —Gritou ao ajudante de câmara, que seguia caído no chão.

—Não, senhora, falhei —Respondeu Mills apertando os dentes e acariciando o ossudo cotovelo, que tinha recebido a força do impacto —A queda me fez desviar do objetivo, é uma pena.

O doutor Breeden chegou correndo e se ajoelhou ao lado do ajudante de câmara.

—Está bem, Mills? —Ofegou —Não... Não o mordeu, não é?

—Não, não o fez —Assegurou Mills permitindo que o médico o ajudasse a levantar —Só me derrubou ao fugir a toda pressa.

—Vamos. Deixe-me olhar seu braço.

—Não, ainda não —Se negou o ajudante de câmara —Os outros estarão aqui acima em um instante. Se quer ajudar, desça e diga que fiquem aí até nova ordem... Todos eles. Eu vou falar um momento com a senhora antes de me reunir de novo com você. —Girou-se para a Sara e assinalou a salinha de seus aposentos com o braço bom —Senhora, temos que falar —Disse.

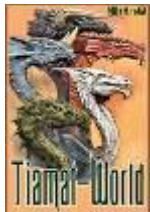
Sara tomou assento no divã e fez um gesto ao ajudante de câmara para que fizesse o mesmo.

—Esta de verdade bem, Mills? —Quis saber —Não parece.

—Estarei bem, senhora —Respondeu ele —Onde esteve? Ficamos loucos procurando-a depois do que ocorreu ontem à noite.

—Estive procurando Sua Senhoria —Replicou Sara —A quem não parece se importar o mais mínimo que uma pessoa tenha sido morta.

—Senhora, não pode vagar sozinha por aqui agora. Simplesmente, não é seguro até que se resolva tudo isto.



—Não está exercendo uma autoridade que não te corresponde, Mills? —Perguntou ela.

Depois de tudo, não era mais que um ajudante de câmara. Tinha esquecido qual era seu lugar.

—Não, senhora —Respondeu ele ficando de pé —O barão faria com que me cortassem a cabeça se ocorresse algo ruim em sua ausência. Deixou-a meu cargo.

—E onde se colocou nestes momentos? —Insistiu Sara.

—Ontem à noite saiu a dar uma volta pela praia —Disse o ajudante de câmara —Antes da tragédia, como disse.

—E esteve fora toda a noite? —Inquiriu.

—Às vezes, quando o tempo está bom, passa a noite na praia, senhora. Com os ventos que temos aqui, que nunca param, e com as correntes desta costa, é muito difícil que faça bom tempo nesta época do ano.

—Está mentindo —Assegurou Sara com firmeza, ficando de pé.

—Perdão, como diz, senhora? —Ofegou o ajudante de câmara.

—Disse que está mentindo, Mills —Repetiu ela —Ontem à noite não foi dar nenhum passeio à praia. Estava comigo na suíte verde até que o grito de Nell nos separou. Ele saiu correndo para ver o que tinha ocorrido e não retornou. E agora, pode me dizer o que aconteceu com o barão?

—Estava com você, senhora? —Murmurou o ajudante de câmara.

—Comigo.

—Deus todo-poderoso! —Disse Mills entre dentes.

—Estou esperando, Mills. Onde está meu marido?

A postura do ajudante de câmara se veio abaixo.

—Não sei, senhora, e não quero preocupá-la.

—Bom, pois estou preocupada, Mills —Assegurou Sara —Nero não fez mal a Nell. Nunca acreditarei isso. E você acaba de tentar atirar nele agora mesmo.

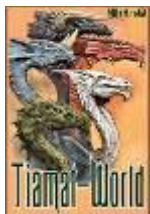
—Senhora, deve nos deixar estes assuntos —Disse ele —Mas se quer ser de utilidade a esta casa, há um problema urgente que necessita de sua imediata atenção.

—E do que se trata?

Estava a beira de ser mal educada, mas não ia se segurar. Se Mills não podia dar uma resposta sincera, então não merecia um tratamento diferente. O que todos sabiam que ela não sabia, e por que não o contavam? Se corria tanto perigo, como todos afirmavam, por que ninguém dizia do que, ou de quem?

—Nell não faleceu... Por causas naturais, senhora —Assegurou Mills —Terá que chamar os guardas. Na ausência de Sua Senhoria, essa responsabilidade recai sobre você. Não se pode mover o corpo, nem prepará-lo para o enterro até que tenham vindo.

Sara voltou a sentar-se no divã. Finalmente tinha uma responsabilidade como senhora de Ravenscliff, e teria dado tudo por designar a outra pessoa para que a cumprisse. Os olhos se encheram de lágrimas, claro, teria que chamar os guardas. A pobre moça ficou toda a noite aí, jogada. É obvio, Sara devia ser quem desse a ordem, e ao fazê-lo, selaria o destino de Nero. Onde



estava Nicholas? Tinha o coração quebrado.

—Sinto muito, senhora —Disse Mills —Não há outro caminho.

—É obvio —Assegurou ela —Envie alguém para procurar os guardas.

—Será melhor que fique em seus aposentos até que se acabe tudo, senhora —Propôs o ajudante de câmara —Não sei se é consciente, mas já estiveram aqui em uma ocasião devido às histórias que se contam no povoado. Agora tudo será mais difícil. Será melhor que deixe os guardas comigo. Será compreensível que você esteja abatida depois do ocorrido. Se insistirem em interrogá-la, o melhor seria que estivesse realmente abatida, não sei se me entende, e ofereça as mínimas explicações possíveis. Se me permitir isso, você estava adormecida quando o grito despertou, e quando saiu de sua suíte, os criados se reuniram ao redor do... Cadáver, e estava horrorizada. A senhora Bromley a acompanhou de retorno a sua suíte e ficou ali para tranquilizá-la.

—Tem tudo pensado, não é? —Disse Sara.

—Sim, senhora.

—E Sua Senhoria? Onde estava ele quando tudo isto acontecia?

—Sua Senhoria teve que sair a resolver um assunto importante relacionado com seu patrimônio. Saiu de Ravenscliff antes da tragédia. Eu o ajudei a fazer a mala e o vi partir.

—Sim, é obvio —Replicou Sara —Por que não me surpreende? A última vez que Sua Senhoria teve que sair por um assunto urgente, encontrei-o em sua suíte recuperando-se de um disparo de pistola. Se me lembro bem, naquela ocasião você também estava tentando não me preocupar. Com o que me encontraria se voltar toda a casa do avesso agora mesmo, Mills?

—Com... Com nada, senhora —Assegurou o ajudante de câmara —Ele não está aqui, o asseguro.

—Então não porá objeção se eu quiser comprovar por mim mesma.

—Eu não o faria se fosse você, senhora —Insistiu ele.

Por que parecia que estava a ponto de desmaiar? De repente havia se tornado tão branco como a névoa da manhã que se filtrava através da janela. De fato, a névoa tinha mais cor.

—Enviarei à senhora Bromley com uma bebida para tranquilizá-la, e ficará com você em sua suíte até que tenha passado tudo.

—Depois de que tenha visitado a suíte do barão —Replicou Sara saindo a toda pressa pela porta do saguão.

As pernas de Mills não estavam à altura das suas, ágeis e longas. Sara chegou ao terceiro andar antes que ele tivesse alcançado o patamar, e entrou na salinha vazia da suíte.

—Nicholas? —Gritou movendo-se pelo quarto.

Mas também estava vazio, exceto pela presença do doutor Breeden, que se encontrava de joelhos limpando as lascas de madeira com a escova da lareira.

Sara se deteve em seco e conteve o fôlego.

—Que diabos aconteceu aqui? —Murmurou cravando a vista no buraco da porta do provador.



—Nada que deva preocupá-la, senhora —Disse Mills de trás. Estava sem fôlego, e não tinha recuperado a cor depois da exaustiva experiência de persegui-la por dois corredores e um lance íngreme de escadas —Se trata só de um... Percalço sem importância.

—Parece algo mais grave —Respondeu ela com os braços cruzados.

—Bom, asseguro-lhe que estamos nos ocupando disso —Disse o ajudante de câmara —E agora, senhora, como pode ver, Sua Senhoria não está aqui, e devo insistir em que retorne a sua suíte e se tranque. Eu a acompanharei, e me encarregarei de que a senhora Bromley a atenda imediatamente. Necessitarei que escreva uma carta para convocar aos guardas.

—Sim, claro.

Os olhos de Sara seguiam ainda os movimentos do médico. Estava observando alguns estilhaços de madeira arrancados da parte inferior da porta como se fosse algo que fizesse todos os dias, e as estava colocando cuidadosamente contra a parede do provador.

—Muito bem —Disse Mills —Quando estiver tudo sob controle, direi ao moço dos estábulos que o arrume em seguida.

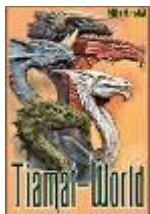
—Eu o farei —Disse o médico —E também acompanharei à senhora a seus aposentos, e ficarei com ela até que chegue a senhora Bromley. Você enquanto isso sente-se e acalme-se, Mills. Caso contrário e a julgar por seu aspecto, quando chegarem os guardas terão que ocupar-se de dois cadáveres.

Capítulo 24

Durante as seguintes horas Sara agiu como uma autônoma, sem mais vida que os pequenos engenhos mecânicos que se vendiam nas feiras. Watts, o encarregado dos estábulos, levou os guardas. Eles chegaram ao meio-dia, em meio a uma forte tempestade que levou a névoa da manhã, com ventos fortes e chuva torrencial. Não podiam ter escolhido pior momento. Eram muito poucos para fazer uma busca exaustiva pelo Ravenscliff. Só deram um breve passeio pelos cômodos mais usados e os cantos favoritos de Nero seguindo as indicações dos criados.

Uma busca completa pela casa não poderia acontecer sem mais homens, e uma exploração pelos jardins não poderia fazer-se com aquele temporal.

Embora Mills dissesse que tinha atirado no animal que tinha matado Nell e que o tinha feito sair da casa, o assunto não poderia ser deixado enquanto eles não tivessem procurado em cada canto da casa e dos jardins e até que tivessem aprisionado e matado animal responsável antes que ele atacasse novamente. Para Sara, aquilo significava que assim que o temporal enfraquecesse, eles voltariam. Tinha que encontrar Nero e voltar a escondê-lo outra vez na recôndita e pequena sala. Aquele era o único lugar da casa em que estaria a salvo dos guardas. Com um pouco de sorte nem sequer encontrariam o passadiço secreto, mas se o fizessem, a entrada para aquele buraco oculto era virtualmente invisível. Teria mais cuidado desta vez na hora de fechar o painel. Esse era



o plano, e ficou pensando nele durante àquelas horas. Só havia uma coisa que a deixava inquieta. Onde estava Nicholas?

A explicação de Mills em relação à ausência de Nicholas não pareceu estranha aos guardas. Interrogaram Sara, como ela sabia o que fariam, mas seguiu as indicações do ajudante de câmara ao pé da letra, inclusive chegou a fingir um desmaio quando o interrogatório ficou incômodo. Os guardas se contentaram com as explicações de Mills e do doutor Breeden, cujo relatório médico e cuja corroboração das palavras dos criados foram mais que satisfatórios para os investigadores.

Obtiveram permissão para retirar o corpo e enterrá-lo. Chamaram o coveiro mais próximo, o de Padstow, que com ajuda da senhora Bromley preparou Nell e colocou seu corpo em um caixão na sala de estar, onde permaneceria até que a tempestade passasse. O caixão, iluminado da cabeça aos pés com candelabros, estava fechado, o que era de agradecer. A pequena donzela tinha sido brutalmente atacada.

Sara se negava a acreditar que Nero houvesse feito algo semelhante, mas se não foi ele, quem podia ter cometido um ataque tão atroz? Todos os indícios apontavam para Nero; o modo em que Nell tinha morrido deixava pouco espaço à dúvida. Nell não gostava do animal, e ultimamente, quando estava tão tenso, tinha medo. Sabia-se que os cães atacavam aos humanos nos quais pressentiam medo, e Nicholas havia dito que Nero era em parte lobo. Quem sabia no que podia resultar aquela combinação? Teria surgido nele um instinto feroz? Sara pensou nos momentos em que tinha sentido medo em presença de Nero, e sim, em todas as ocasiões tinha parecido perigoso. Não! Seu Nero não! Nunca acreditaria. Tinha que ter outra explicação.

Decidiu comer em sua suíte. Sentia-se perfeitamente bem para ir até a sala de jantar, mas era mais difícil guardar comida para o Nero ali e voltar a subi-la a sua suíte sem que os lacaios ou o doutor Breeden se dessem conta. Era muito melhor fazer o papel de senhora confusa e alterada. Entretanto, passou o tempo entre o almoço e o café da manhã velando na sala de estar. Era o mínimo que podia fazer pela pequena donzela que tinha servido com tanta fidelidade.

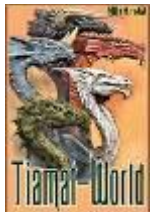
Os serventes foram passando um a um, quando suas obrigações o permitiam. Durante todo esse tempo, os olhos de Sara iam para a porta da sala de estar com a esperança de ver Nicholas entrar, mas nunca apareceu. As velas estavam virtualmente consumidas quando a senhora Bromley entrou para trocá-las.

—Céus senhora! Ainda continua aqui? —Repreendeu-lhe —São sete e meia. Não veio ninguém para acompanhá-la acima?

—Disse-lhes que se fossem —Disse Sara levantando-se.

Tinha as pernas rígidas. Não entendia por que. Certamente se deveria a grande tensão. Esfregou-se a nuca e depois se estirou.

—Ninguém pode desatender suas obrigações para substituir Nell —Disse a governanta pondo uma mão sobre o caixão —Terá que conformar-se comigo, virei quando minhas tarefas me permitam, isso até que o senhor retorne e possamos trazer outra donzela do povoado para que a atenda. Esta sempre foi uma casa masculina, senhora. O que mais há é criados, só há umas quantas donzelas, mas nenhuma delas está preparada para servi-la.



—Não se preocupe comigo, senhora Bromley —Assegurou Sara —Estou acostumada a me valer por mim mesma. Estarei bem.

Aquilo era uma boa notícia. Não necessitava testemunhas para o que estava planejando.

—Retornou o senhor? —Perguntou.

—Não, senhora, e nem Mills nem Smythe sabem tampouco quando voltará. Bom, Smythe nem sequer sabia que se foi. Nenhum de nós estava sabendo, só Mills. Deve se tratar de um imprevisto.

—Suponho que sim —Disse Sara.

—Olhe, isto posso fazê-lo mais tarde —Disse a senhora Bromley deixando a um lado as velas —Deixe que acompanhe a sua suíte. Precisa descansar. Está chovendo menos. Se a tempestade diminuir pela manhã, o jardineiro pode cavar a tumba e poderemos celebrar o enterro.

—Onde vai ser? —Perguntou Sara.

—Temos nosso próprio cemitério, senhora —Informou a senhora Bromley —Data dos tempos em que Ravenscliff era uma abadia ou algo assim. Está convenientemente consagrado. Watts irá procurar ao vigário de Padstow quando chegar o momento. Isso é o que o barão quereria que fizéssemos. Ofereceu-nos isso a todos como lugar de descanso eterno enquanto permanecemos a seu serviço, e aqueles de nós que não temos outro lugar no que jazer quando chegar o momento estamos muito agradecidos por isso.

—O barão é um homem muito generoso.

—É, senhora. Nell não tinha parentes vivos. Nós fomos sua única família, por dizê-lo de algum jeito. Este é um bom cemitério, senhora. É onde ela quereria estar, onde seus amigos pudessem visitá-la de vez em quando, e não que a enviássemos a uma paróquia desconhecida. Os pais do barão estão enterrados ali, e também seus antepassados. Estará em boa companhia.

—Acredito que vou subir —Disse Sara permitindo que a governanta a guiasse —Estou esgotada.

—Posso ajudá-la a meter-se na cama, mas não posso ficar com você, senhora. Há muitas coisas que fazer.

—Está bem, senhora Bromley —Replicou Sara —Se o barão retorna quero que me avise imediatamente, seja a hora que for.

—É obvio, senhora. E vai fechar-se por dentro, ouviu-me? Não queremos mais sucessos lamentáveis nesta casa. Meu pobre coração não o suportaria.

—Sim —Disse Sara —Me assegurarei de fazê-lo.

O doutor retornou à suíte do barão depois de jantar para seguir com a vigília em companhia de Mills. Estavam fechados na salinha bebendo o xerez que Mills servia com uma única mão, já que tinha o braço esquerdo com um tipoia.

—Que tal o ombro? —Inquiriu o médico.

—Curando-se —Disse o ajudante de câmara com todo o convencimento que foi capaz de reunir.



Tinha-o inchado e doía, tinha sido um entorse feio.

—Mmmm —Grunhiu o doutor —Os ossos velhos se curam muito devagar. Será melhor que se cuide durante um tempo.

—Não sabia que tinha os ossos velhos —Comentou o ajudante de câmara —Tomarei cuidado. Graças a Deus não foi na mão da pistola. Nunca duvidei que não era Nero, nem por um instante, mas nunca o tinha visto nesse estado, e isso me preocupou. Era como se tivesse louco. Agora temos a prova final de que minha fé nele estava bem fundada. O barão estava com a senhora quando Nell foi assassinada. Deixou-a para ver o que tinha ocorrido e nunca retornou. Não estava ali quando o resto do serviço chegou, e nunca voltou ao lado de senhora. Onde pode ter estado durante todo esse tempo, doutor? Espremi o cérebro uma e outra vez e não cheguei a nenhuma conclusão.

—Foi a encarnação em lobo de Mallory quem matou a jovem, isso está claro, mas não podemos contar isso aos guardas. Levariam-nos a todos ao manicômio —Assegurou o médico assinalando o provador com a mão —Se fixou na expressão de seus rostos quando viram a porta?

—Acredito que engoliram minha história, que tentamos de prender o animal até sua chegada e que ele arrancou a madeira a dentadas, atirou-me no chão e escapou da casa quando tentei detê-lo com a pistola. Foi o único que me ocorreu.

—Acreditaram, é obvio, mas também estão mais ansiosos que antes por continuar a busca até dar com o animal e acabar com ele.

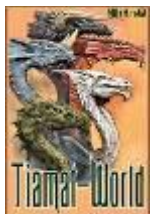
—O que devemos fazer, é assegurar de que o barão volte e de que isso nunca mais nos aconteça —Respondeu Mills.

—Duvido que acreditem que o animal é um cão vagabundo, sobre tudo depois das histórias que o criado foi contando pelo povoado. Quem menos acreditou foi o capitão Renkins, que não parava de repetir até não poder mais que ele já sabia que algo estranho estava acontecendo aqui. Não invejo a Sua Senhoria, quando retornar vai passar um mal bocado quando tiver que convencê-lo de que as coisas não são como parecem. O que me preocupa é que Sua Senhoria não tornou a transformar-se em todo este tempo. Já deveria tê-lo feito a estas alturas, a menos que, como você diz, continue no mesmo estado de ansiedade. A outra alternativa é muito horrível como para sequer considerá-la.

Mills animou o médico a que se explicasse melhor com um olhar silencioso. Ele tampouco podia pôr em palavras o que lhe estava rondando pela cabeça.

—Que tenha encontrado um destino similar ao da pobre Nell —Disse Breeden —Temos que considerar essa possibilidade, Mills. Você mesmo disse que Nero é um lobo dócil. Ambos sabemos que a encarnação de Mallory não o é. Pergunto-me se estiverem os dois ao mesmo nível.

—Tendo em conta como estava Nero a última vez que o vimos, eu diria que sim, doutor —Afirmou Mills —Depois de tantos anos, virtualmente posso ler a mente de Nero. A maior parte de sua angústia está provocada pela senhora. Antes o pensava, agora apostaria minha vida nisso. Sua Senhoria estava com ela justo antes de encontrar Nell brutalmente atacada. Veio rapidamente aqui e se transformou diante de nossos próprios olhos. A ama muito, doutor. Não se acalmará até



que se alivie essa angústia.

—Então devemos encontrá-lo e tranquiliza-lo o mais rapidamente que possamos, Mills.

—Por quê? Acredita que nunca voltará a transformar-se se não o fizermos? —Um calafrio percorreu a espinha do ajudante de câmara até que rangeram os ossos.

—Não posso assegurá-lo com certeza —Disse o médico —Os estudos que há sobre este tema são muito especulações. Estamos pisando em chão virgem, essa é a verdade. Mal há material sobre metamorfos no que nos documentar, nem tampouco parece que exista uma linha de comportamento definida que seja comum a todos os casos conhecidos. Estou andando a no escuro, e oxalá me equivoque, mas Mallory estava cego pela ira quando se transformou, não é? E tampouco retornou a sua forma humana, não é certo?

Sara fechou a porta de sua suíte enquanto a senhora Bromley esperava fora. Quando deixou de escutar os pesados passos da governanta pelo corredor, voltou a abrir a porta e a deixou entreaberta para o Nero, como sempre fazia. Tudo estava preparado. A comida que tinha guardado estava separada junto com o cinturão de seu vestido de gaze azul, que serviria a modo de correia, e subiu à cama para esperar, vestida com a camisola e o negligé. A única coisa que faltava era que Nero fizesse sua aparição.

Fora o vento tinha diminuído até transformar-se em um murmúrio suspirante, e a chuva tinha parado de bater nos cristais das janelas. O suave eco do mar, rompendo abaixo na praia, começou a induzi-la ao sono apesar de sua decisão de manter-se acordada. Não se atreveu a deixar-se levar. Se Nero não ia a ela, teria que ir buscá-lo. O enterro seria, sem dúvida, pela manhã, agora que a tormenta estava amainando. Então voltariam os guardas, encontrariam-no e o matariam.

Se ao menos Nicholas estivesse ao seu lado neste assunto, se tivesse tanto carinho por Nero como ela e tivesse conseguido comove-lo. Mas não era assim, e Sara quase se alegrava de sua ausência. Se estivesse em casa seria o primeiro na fila para descarregar sua pistola contra o pobre animal. Aqueles pensamentos alimentaram seus escuros e perturbadores sonhos enquanto cochilava, tudo isso misturado com as lembranças de seus sensuais e apaixonados beijos, o poder de seus fortes braços rodeando-a, a pressão de sua dureza, o sabor, o tato e a essência de Nicholas. Despertou sobressaltada ao sentir um aroma diferente, o aroma rançoso a cabelo de animal sujo. Abriu os olhos de par em par.

—Aqui está! —Murmurou —Sabia que viria. Tenho um presente para você —Levantou o pacote de comida que tinha no lavabo pego à cama de quatro colunas e o agitou diante de seu focinho —. Ah, ah, ainda não —Disse pondo os pés no chão —Primeiro tem que ser um bom menino e vir comigo.

Deslizando pela cabeça o laço que tinha feito com o cinturão, Sara puxou o suficiente como para que não pudesse escapar, pegou o pacote de comida, uma vela e guiou animal para o corredor vazio. Não seguiria deserto por muito tempo. Estava a ponto de amanhecer, e Sara correu escada abaixo, agradecida ao ver que estava mais interessado na comida que em



demonstrar sua condição de lobo. Estava outra vez de um humor estranho, mordiscando o pacote e emitindo uns bufos pelo nariz, muito parecidos com grunhidos para o gosto de Sara.

—Não, tem que esperar —Repreendeu mantendo o pacote fora de seu alcance.

O animal retirou então os lábios para trás, mas já estavam perto da sala pequena, e como estava a ponto de cumprir com sua missão, a resolução pôde mais que o medo.

Estava acostumado a mover-se pelo passadiço; isso era óbvio pelo modo que praticamente a guiava ao final, mas parecia querer entrar no túnel, e Sara o teve que puxar para fazê-lo entrar outra vez na pequena sala. O animal já quase tinha esmigalhado o pacote, e ela teve que baixar a vela para continuar segurando-o enquanto ela tateava o painel.

—Tudo isto poderia ter sido evitado se tivesse ficado aqui —Disse sentindo o mecanismo de mola —Não sei como conseguiu sair, a menos que tropeçasse com uma mola do outro lado. Não deve voltar a fazê-lo. Os guardas estarão aqui pela manhã. Dispararão assim que o ver se encontrá-lo perambulando por estes corredores.

Cada vez custava mais o segurá-lo. Quando suas mãos puxaram a mola, soltou uma exclamação de alívio e afastou a estreita tabua de madeira a um lado esperando encontrar-se com uma sala vazia. Mas dois olhos escuros e brilhantes que resplandeciam em vermelho e ouro sob a luz da vela se cravaram nela, e uma alvoroçada massa de cabelo negro e prata que arrastava o cinturão de um robe cor borgonha saiu a toda velocidade pela abertura, pisoteando um montículo de lascas de madeira.

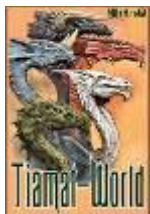
Sara deixou cair o pacote de comida e o cinturão enquanto o estrondo de uns grunhidos aterradores ressoava pelo corredor. Diante seus olhos totalmente abertos, dois reflexos de pelagem alvoroçada e arrepiado que se mostravam em visão imprecisa saltaram pelos ares e chocaram-se em uma confusão de músculos, tendões e presas nuas que jogavam saliva e espuma.

—Meu Deus! —Exclamou Sara com voz rouca —São dois!

Nero tinha agarrado com os dentes nas costas do outro lobo, mas quando os gritos de Sara o distraíram, a besta se liberou da sujeição de Nero e se lançou sobre ela, apontando mortal e diretamente para seu pescoço. Nero voltou a voar pelos ares, impactando contra o outro, e cravando suas afiadas presas nas costas de seu grosso adversário até que o outro lobo uivou de dor.

Ainda concentrado em Sara, o animal voltou a lançar-se, e uma vez mais Nero o agarrou com suas mortíferas mandíbulas, desta vez na parte posterior do pescoço. O lobo gritou, deu a volta e se precipitou para o túnel dando alaridos, arrastando consigo o cinturão de seda azul de Sara.

Nero jogou a cabeça para trás e lançou um uivo triunfal que reverberou com o passar do passadiço uma, duas e até três vezes de maneira ensurdecidora antes de começar a correr em círculos, obrigando a Sara a apertar-se contra a parede enquanto seu percurso se fazia mais amplo nos estreitos limites do corredor. Então já não ficou mais espaço para correr. Ao cortante fio de um lastimoso uivo, Nicholas surgiu de entre aquela imagem imprecisa de pelagem prateada, presas e músculos, aparecendo de pé antes de cair esgotado e exausto de joelhos, nu, aos pés de Sara.



Cambaleando ao ficar de pé, Nicholas tirou o cinturão do robe do pescoço e se girou para ela, sacudindo com incrível força o cabelo úmido. O peito, que subia e descia pesadamente, brilhava pelo suor. Durante um décimo de segundo, seus olhares ficaram entrelaçados na bruxuleante penumbra enquanto as velas se consumiam antes de apagar-se de repente, tal e como aconteceu a Sara, que caiu inconsciente em seus braços.

Capítulo 25

Murmurando entre dentes uma fileira de palavras, Nicholas carregou com Sara nos braços e a levou pelo passadiço até chegar a um painel diferente ao que ela tinha utilizado. Não necessitava luz para encontrar o caminho. Possuía visão noturna em ambas as encarnações, assim atravessou o complicado passadiço com facilidade até chegar a uma porta secreta dissimulada com uma tapeçaria. Dava às escadas de trás, Nicholas subiu por elas de dois em dois até chegar o terceiro andar, onde saiu em um sombrio corredor.

Não havia ninguém ao redor. Ainda faltava ao menos uma hora para que amanhecesse. Acreditando que Mills e o doutor houvessem se retirado a seus respectivos quartos, dirigiu-se com sigilo para sua suíte sem ser visto e deixou Sara sobre a cama. Ficou ali deitada, pálida e muito quieta. Se não houvesse sentido sua doce respiração contra a pele enquanto a carregava, teria jurado que estava morta.

Tinha acontecido o que temia. Agora já não podia fazer nada a respeito, Nicholas afastou o cabelo úmido da testa franzida e tirou o robe borgonha do armário roupeiro que estava no canto.

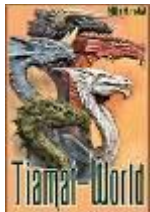
Sentando-se a seu lado na cama, olhou se Sara tinha alguma ferida. Não a tinha mordido, disse estava seguro, mas o lobo de Mallory se aproximou em várias ocasiões; aproximou-se muito. As mãos de Nicholas tremiam e o coração pulsava com força enquanto examinava o delicado pescoço de Sara, seus braços, as mãos e as pernas. Nada. Nem sangue nem mácula em nenhum canto daquela pele translúcida.

—Graças a Deus —Murmurou exalando um gigantesco suspiro.

Deveria despertá-la? Céus, não! Melhor deixá-la assim, ao menos até que tivesse preparado algum tipo de defesa ou desculpa. Não tinha nem ideia de qual poderia ser, e começou a percorrer o tapete acima abaixo com as mãos apertadas com força às costas em uma vã tentativa de dar com uma explicação plausível. De repente escutou atrás de si o som de uns pés arrastando-se e se girou rapidamente para encontrar-se com o Mills. Levava posta a camisa de noite, tinha um braço enfaixado e em tipoia e com o outro lhe apontava uma arma ao ventre.

—OH, Meu Deus —Disse precipitadamente o ajudante de câmara baixando a pistola como se essa pesasse como dez pedras —Bendito seja Deus em sua Glória! Já o tínhamos dado como perdido.

—Shii —Nicholas o mandou calar, assinalando Sara com a cabeça.



—O que aconteceu? —Perguntou Mills.

—O pior —Respondeu Nicholas o guiando para a salinha por temor a que Sara despertasse —Ocorreu bem diante dela.

—Está...?

—Não. Só desmaiou —Assegurou Nicholas —O que aconteceu com você?

—O outro animal me derrubou. O doutor já se ocupou disso. Não é nada. Onde esteve, senhor? Estávamos loucos de preocupação.

—Estava com Sara na suíte verde quando Nell gritou. Um instante mais e não teria voltado a falar de solicitar nada do arcebispo de Canterbury. Fui ver o que tinha ocorrido e me deparei com Nell; com o que ficava dela. Soube imediatamente que tinha sido Alex, e também soube algo mais. Tinha estado visitando Sara. Ela pensou que Nero estava experimentando mudanças de humor, e estava preocupada porque às vezes a assustava.

Resumindo, senti que a transformação se aproximava. Não podia voltar para Sara e não podia ficar tampouco com o cadáver. Teria acontecido diante do serviço, já estavam quase ali. Subi correndo as escadas e cheguei aqui bem a tempo.

—Então isso foi o que provocou semelhante estado. Senhor, em todos estes anos...

—Estava excitado. E logo sofri o impacto de Nell e o medo de que Sara recebesse a esse bastardo em sua suíte pensando que era eu. Acredito que fiquei, Mills. E depois foi ainda pior.

—Mas, onde esteve todo este tempo, senhor? Os guardas estiveram aqui, e vão retornar para procurar o animal e matá-lo.

—Bom! —Exclamou Nicholas —Deixemos que o matem, porque eles se não o fizerem, eu o farei.

—Mas, e se for você a quem matam? Se voltar a transformar-se aqui e agora, será a última vez.

—Farei tudo o que esteja em minhas mãos para que não seja assim —Assegurou Nicholas — Mas tal e como estão as coisas, não posso prometer nada.

—Procuramo-lo por toda parte, senhor... Por toda parte!

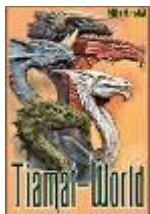
—Por todas não, velho amigo —Disse Nicholas —Quando Nero saiu precipitadamente daqui se dirigiu à suíte verde. O alvoroço já tinha passado, e temendo que disparassem ao me ver, a senhora fez uma correia com este cinturão —Deu um tapinha —E me prendeu na pequena e oculta sala que há em baixo. O painel de madeira da porta tem quase meio metro de largura. Nero tinha arrancado virtualmente a metade a dentadas quando ela desceu, faz um momento, seguida do outro lobo. Brigamos, e no final o lobo de Alex saiu correndo e eu me transformei diante dos olhos da Sara. Não houve maneira de evitá-lo, Mills, e quando aconteceu ela desmoronou e perdeu a consciência.

Mills deixou escapar um suspiro desigual.

—O que vai dizer, senhor? —Ofegou.

—Isso é exatamente o que eu gostaria de saber —Disse uma voz da soleira do quarto.

Ambos os homens giraram a cabeça em sua direção.



Era Sara.

—Nos deixe sozinhos, Mills —Pedi Nicholas sem afastar os olhos dos seus. Não era capaz de decifrar aquele olhar.

—Muito bem, senhor —Respondeu o ajudante de câmara inclinando-se enquanto partia.

—Sente-se, Sara —Disse Nicholas assinalando com a mão o divã de crina de cavalo.

—Acredito que o preciso —Assegurou ela dirigindo-se para o divã com pernas tremulas, conforme observou Nicholas.

E como não? Acabava de ver como seu adorado mascote se convertia em seu marido nu.

—Temos que falar —Disse ele.

—Isso é falar certo —Respondeu Sara com uma risada afogada carente de humor —Onde está Nero? E de onde saiu esse outro cão? Me diga que não vi o que acredito ter visto faz um momento.

—Não é um cão —Respondeu Nicholas —É um lobo, o lobo que matou Nell. Tentou te matar também.

Sara empalideceu completamente ante seus olhos. “Deus, não permita que volte a desmaiar!” Tinha que dizer aquilo nesse instante, enquanto tivesse ainda coragem.

—Deixa que te sirva uma taça de xerez —Ofereceu estirando o braço para agarrar a licoreira que estava sobre a mesinha auxiliar.

—Não quero xerez —Assegurou ela —O que quero são respostas, Nicholas. Que diabos está acontecendo aqui? Onde o Nero está? O que fez?

Nicholas descartou o xerez e serviu um brandy para ele. Seria Sara capaz de entender algo que nem mesmo ele era capaz de compreender? Conseguiria convencê-la a ficar uma vez que o houvesse dito? Chegaria alguma vez a amá-lo, a aceitá-lo como a estranha criatura que em realidade era? A julgar pela expressão que tinha agora, o assunto não pintava bem.

—Não tenho feito nada a Nero, Sara —Assegurou —Nero e eu somos o mesmo. Sempre te disse que não quero fazer nenhum mal a ele.

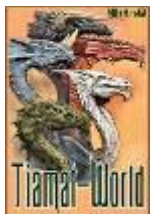
—Como pode ser isso? É uma loucura! Você mesmo me disse que não deveria me afeiçoar com esse cão porque tinha pensado se liberar dele. E bem? Estava pensando em suicídio, queria dizer que tinha pensado se liberar de si mesmo? Para que me trouxe aqui então? Tudo isto é ridículo!

—Não, os criados disseram que tinha pensado em me desfazer dele. Essa foi a história que eu contei. Eles não sabem nada do que estou a ponto de te dizer, Sara, e assim deve continuar. Disse-te que não deveria se afeiçoar a Nero porque pode que nos deixe. Essa é a razão pela qual o doutor está aqui, para ajudar o Nero a partir.

—Não entendo nada disso —Assegurou Sara sacudindo a cabeça.

—Vou tentar te ajudar a compreendê-lo, Sara —Disse ele —Mas deverá ter paciência comigo e prometer que me escutará. Há muitas coisas que são novas também para mim e é difícil falar delas. Nunca o tenho feito com ninguém além de Mills e do doutor Breedon.

—De acordo, adiante então. Se explique —Pedi Sara cruzando os braços sob o decote —



Mas me permita que te diga que acredito que está bastante perturbado.

—Antes que eu nascesse, meu pai esteve de serviço na Índia, onde foi mordido por um lobo —Começou Nicholas.

Sara o estava olhando fixamente, e ele começou a caminhar de um lado a outro dando sorvos a sua taça.

—Seu pai estava designado ali com ele, e foi ele quem matou o lobo que o atacou e quem salvou a vida do meu pai. Quando descobri que a filha de seu companheiro de armas estava encarcerada pelas dívidas, apresentei-te imediatamente minha proposição. Se tivesse sabido com antecedência que se encontrava em tão premente situação, nunca teria tido que pisar na prisão de Fleet.

—Então, nossa união foi uma operação filantrópica?

—Em parte sim, e em parte também pelo que já te contei. Queria me casar para pôr fim à perseguição da alta sociedade. E, além disso, também me encontrava terrivelmente sozinho, Sara. Acreditava que nosso acordo diminuiria parte dessa solidão, e não me atrevia sequer a ter esperanças de que o doutor fosse capaz de me ajudar a encontrar uma maneira de levar uma vida normal. Mas tudo isso foi antes de te conhecer. Agora tudo é diferente.

—No que é diferente concretamente, Nicholas? —Murmurou ela.

—Meu Deus, não sabe que estou apaixonado por você? —Perguntou —Roubou o coração dos dois; de Nero e meu, não sabia? Não o senti em meus braços sobre a cama?

—Acreditava que sim —Respondeu Sara —Confiava que sim, mas não estamos falando disso agora. Tem que me confiar o resto da história, seja qual for, antes que enfrentemos a esse outro assunto.

—É obvio —Se desculpou Nicholas —Me perdoe. A ferida de meu pai não sarou, e foi dispensado do serviço. Eu nunca cheguei a conhecê-lo, Sara. Morreu devido às complicações provocadas pela mordida daquele lobo enquanto eu estava ainda no berço. Mills foi também seu ajudante de câmara, e se ocupava dele, mas meu pai se distanciou de Ravencliff no final de sua vida. Morreu longe daqui e minha mãe nunca se recuperou de sua perda. Faleceu quando eu tinha doze anos. Foi então quando... Minha afecção fez sua aparição.

O rosto de Sara não refletia nada, e ele continuou rezando para que mantivesse sua palavra e o escutasse até o final.

—Quando estou zangado, nervoso ou... Excitado —Continuou —Adquiro a forma de um lobo; o lobo que você conhece como “Nero”. Não posso evitar que ocorra, mas sempre o percebo com bastante antecipação, o tempo suficiente para me despojar de minhas roupas antes que a transformação aconteça. O problema é que, embora possa sentir que se aproxima, não posso controlá-lo. O doutor Breeden esteve tentando me ajudar a conseguir, já que não existe cura. Isso era o que estávamos fazendo quando entrou com este maldito robe e nos encontrou aí dentro. O doutor tentava de comunicar-se com meu subconsciente do mesmo modo que Mesmer o fazia com seus pacientes.

—Um... Homem lobo? —Sara conteve o fôlego —Isso é o que me está dizendo que é?



Acreditei que os homens lobos não eram mais que mitos, contos inventados para assustar aos meninos!

—Não, Sara, não sou um homem lobo, embora isso fosse o que eu também pensava, até que conheci o doutor Breeden. Parece que sou o que se conhece como um metamorfo. Os homens lobo também são um tipo de metamorfos. Qualquer com a capacidade de transformar-se pode ser considerado parte dessa categoria, segundo o doutor Breeden. Mas o homem lobo é uma entidade completamente diferente, única em seu gênero. Trata-se de uma entidade malvada e predadora situada ao outro extremo das criaturas com a capacidade de adquirir outras formas. E igual a você, eu sempre acreditei que semelhantes seres eram criaturas mitológicas.

Por isso sabemos, meu pai me passou a afecção ao me conceber. Não sabemos o que era o lobo que o mordeu, nem o que transmitiu a meu pai. Levou isso à tumba, assim que a única coisa que podemos fazer é tratar de lutar com o que existe dentro de mim.

—Acreditava... Acreditava que o que vi nesse passadiço era uma espécie de truque de magia bem feito —Murmurou Sara —Uma ilusão de ótica. Mas está falando a sério! Acredita de verdade que Nero e você...!

—Somo-lo —Interveio Nicholas ao sentir sua vacilação —Entende agora por que as bodas tinha que ser por procuração, por que não podia sair de Ravenscliff nem sequer para me casar? Pode imaginar o que acaba de ver acontecendo na pista de baile de Almack's ou em meio de Hyde Park um domingo pela tarde? Entende agora por que não quero herdeiros aos que transmitir este pesadelo, por que não posso me arriscar a consumir nosso matrimônio? Esteve a ponto de acontecer, em qualquer caso, e me transformei imediatamente depois de te deixar. Mal consegui chegar a minha suíte antes que acontecesse e me prenderam no provador até que Nero arrancou a dentadas o painel da porta e retornou para assegurar-se de que estava a salvo. Depois você me prendeu naquela sala minúscula, ou melhor, ao Nero; é difícil separá-los. E ali permaneceu até agora mesmo. Assim que vi que estava a salvo, voltei a me transformar. Por desgraça, você estava ali quando aconteceu. Nunca foi minha intenção que o descobrisse assim.

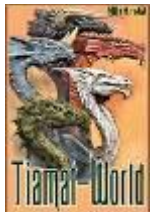
—Está dizendo que se transformou pelo que esteve a ponto de acontecer entre nós?

—Por isso e por ter encontrado Nell, mas o que esteve a ponto de me deixar louco foi descobri que o lobo que a tinha matado, tinha estado te visitando e você acreditava que era Nero. Sabia que estava em perigo, e não podia voltar a me transformar para te proteger. Estava muito preocupado para me acalmar e permitir que a mudança acontecesse.

—De onde saiu esse outro lobo, Nicholas? —Murmurou ela.

Nicholas vacilou. Teria acreditado em alguma coisa do que tinha contado até o momento? Não havia como saber. Sua expressão seria perfeita em uma casa de jogo; ninguém seria capaz de adivinhar a mão tinha. Nicholas deixou escapar um suspiro irregular, deixou de caminhar e a taça vazia. Não tinha se dado conta de que a tinha acabado até que tentou de dar outro sorvo. Se Sara não tivesse acreditado no que tinha acabado de contar, nunca acreditaria o que estava a ponto de dizer.

—Recorda a noite em que Alex entrou em seu quarto e esteve a ponto de te violar?



—Não acredito que seja algo que possa esquecer —Respondeu ela.

—Nero o mordeu, não é? E então Alex tirou a pistola e disparou no ombro. Com o que se encontrou quando entrou em minha suíte vários dias mais tarde? Assim é —Disse ao ver que ela continha o fôlego —Me encontrou me recuperando de uma ferida no ombro.

—Mas disparou duas vezes!

—O outro tiro o falhou —Respondeu Nicholas sucintamente —Sei porque eu estava ali, e tive muita sorte. Alex é um excelente atirador quando está sóbrio.

Sara voltou a conter o fôlego.

—Por isso sabia que ele disse que eu supostamente tinha deixado a porta entreaberta para ele. Você, ou melhor dizendo, Nero, o escutou dizer.

Nicholas assentiu. Estava ganhando terreno? Confiava em que assim fosse, porque as seguintes palavras que iam sair de sua boca demonstrariam sua posição ou o condenariam a parecer um lunático diante os preciosos olhos da Sara.

—Nero mordeu o Alex, Sara —Disse —E Alex não foi visto depois, mas o outro lobo sim, não é? Nero era o único animal desta casa até essa noite.

—Está tentando me dizer que o senhor Mallory se transformou em alguém como você porque você... Porque Nero o mordeu?

—A afecção pode transmitir-se desse modo igual a um homem lobo passa sua condição a suas vítimas. Não percamos de vista o fato de que meu pai me transmitiu esta loucura depois de ter sido mordido. A minha é uma variedade mais fraca do que a dele devia ser. Isto não é uma ciência exata, Sara. É só perguntar ao doutor. Não existem dois casos iguais. Essa é a razão pela que tinha tanta vontade de vir aqui para estudar o meu caso. Quando foi a primeira vez que percebeu uma mudança na conduta de Nero?

Sara guardou silêncio durante um instante.

—Foi depois do disparo —Disse finalmente —Pensei que isso era o que o fazia estar intranquilo.

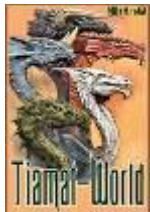
—O doutor diz que a personalidade do homem se refletirá em sua encarnação animal. Alex e eu somos polos opostos. Embora tenhamos o mesmo aspecto na forma de lobo, nossas encarnações animais são o suficientemente diferentes como para que você tenha notado uma mudança de atitude. Que mais viu nesse lobo que te fez ter medo?

—Seu comportamento em geral era diferente. Não me saudava da mesma maneira, movendo a cauda, aproximando-se para que o acariciasse. Era quase como se me sorrisse. E em troca agora parecia indiferente.

—Graças a Deus! —Interveio Nicholas com genuíno alívio.

—O que quero dizer é que em vez de saltar a minha cama, ficava quieto frente à lareira, jogando os lábios para trás com um silencioso grunhido quando tratava de me aproximar e grunhindo da vez que tentei de examinar a ferida.

—Onde tinha a ferida, Sara? —Perguntou Nicholas com a esperança de que aquilo terminasse de convencê-la.



—Na pata dianteira! —Ofegou ela —Tudo aconteceu muito depressa e eu estava confusa. Pensei que o que me tinha parecido em um princípio uma ferida no ombro estava em realidade... Mais abaixo. Não me equivocava. OH, Nicholas!

Ele assentiu.

—Alex levou a ferida que fez Nero a sua encarnação animal, do mesmo modo que Nero tinha a ferida de bala também em minha forma humana.

—Se tudo isto for possível, por que o senhor Mallory não voltou a transformar-se? —Quis saber Sara.

—Não sabemos —Respondeu Nicholas —Estava bêbado e cego de ira quando Nero o mordeu, e eu estava a ponto de ficar louco a última vez que me transformei. Já sabe quanto demorei para voltar a trocar. Foi a vez que mais durou. Talvez esteja confuso e ao não saber o que aconteceu não pode transformar-se. Talvez permaneça em um estado de angústia que não permite trocar. Ou possivelmente a ferida se infectou, envenenando o sangue. Não há modo de saber com certeza.

—Isto é... Impossível! —Murmurou Sara.

—Impossível, mas certo.

—O que te acontece quando se transforma? Como sabe quando voltar a trocar?

—Nero esgota a energia que provocou a mudança até que se calma, e então, simplesmente... Acontece.

—Assim que esta é a razão pela que muitas vezes te encontrei sem roupa?

—Sim. Disse-me que isso tinha acontecido em três ocasiões. Eu só recordo duas, e é obvio, esta última.

—Recorda a noite que nos encontramos nas escadas? Você tinha posto o robe, e eu tinha estado seguindo o Nero. OH, Meu deus! Você sabia que tinha ido atrás dele!

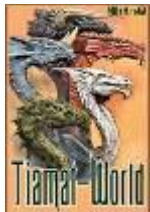
—Sim, porque Nero esteve contigo justo antes desse momento —Respondeu Nicholas.

—Fui te buscar em seu escritório com antecedência e vi sua roupa e as botas cheias de barro no chão, mas você não estava ali. Não podia entender por que o tinha deixado precisamente ali havendo tantos lugares para fazê-lo.

—Ah, assim foi isso —Nicholas caiu na conta —O deixei ali porque foi onde teve lugar a transformação. Eu estava dando um passeio pela praia para tratar de acalmar os efeitos que tinha provocado em mim, e mal pude chegar ao escritório antes que acontecesse. Está acostumado a me ocorrer ali fora com frequência, mas nesta ocasião não foi assim. Como disse, não posso controlá-lo.

—Então... Nesse dia, quando desci à praia e encontrei sua roupa...

—Sim, o dia que Nero te salvou de morrer afogada. Esteve a ponto de ficar isolado nessa ocasião. Há muitas maneiras de acessar Ravencliff de baixo, mas não durante uma borrasca, porque se desencadeiam muito rápido, nem tampouco com a forma de lobo. Mal tive tempo de me transformar e retornar antes de que esse lance de praia desaparecesse. De fato, a metade da roupa que recuperou para mim se perdeu no mar, e a que consegui salvar foi diretamente ao lixo.



Sara sacudiu a cabeça e baixou os olhos. Eram lágrimas o que brilhava em suas pestanas?

—Mas isto... Não sei, Nicholas —Murmurou —Eu... Não sei.

—E que outras mudanças viu no Nero? —Perguntou ele —É importante, Sara. Preciso saber.

—Nada específico que já não tenha te contado, exceto a vez que tirou minha roupa do armário. Tive que queimar uma camisola e um negligê. Urinou em cima deles.

—Nero também marcou seu território em sua suíte, e por isso o lobo de Alex fez o mesmo. Estava reclamando... Te reclamando. Maldição!

—O fez mais de uma vez.

—Continua —Grunhiu Nicholas passando os dedos pelo úmido cabelo —Há algo mais que recorde?

—Quando me encontrei com ele na cama aquela noite, a noite que joguei a água da jarra de minha mesinha de noite, soube mais tarde que quando partiu ameaçou Nell, mas ela o impeliu. Disse que não fugisse dele, que não mostrasse seu medo. OH, Nicholas!

—Está segura de que não mordeu você? —Interrompeu ele —Nem sequer te fez um arranhão?

—Não, não o fez —Assegurou Sara —A água fria o afugentou, e dessa vez sim fechei a porta por dentro depois. Queria ensinar boas maneiras. Esse... Não era Nero?

A Nicholas pulsava com força o coração. Desejava estreitá-la entre seus braços e beijá-la e ao mesmo tempo sacudi-la.

Não fez nenhuma daquelas coisas. Aspirou profundamente para controlar o acelerado ritmo de seu pulso.

—Não, Sara, não era —Respondeu —Faz quanto foi isso?

—Justo antes... de Nell. Ela me contou que também tinha tentado mordê-la.

—Retornou depois disso?

—Não —Disse Sara —Essa foi a última vez, até agora que o levei abaixo, e encontrei você.

—Como encontrou esse quarto de baixo? —Quis saber.

—Nell me mostrou o caminho. Escutamos um uivo no túnel e depois um de vocês fez sua aparição e então corremos de retorno à casa.

—Aquele tampouco era Nero, Sara.

—Agora me está assustando!

—Bem! Alguém tem que fazê-lo. Compreende, por fim, por que deve manter sua porta fechada? Nero não retornará a sua suíte, mas o outro lobo sem dúvida o fará, e te matará, Sara, do mesmo modo que matou Nell.

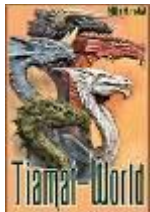
—Não podia ter me contado tudo isto desde o começo? —Lamentou-se ela.

—Se o tivesse feito, teria acreditado?

Sara vacilou.

—Não —Reconheceu em voz baixa —Certamente não o teria. Nem sequer agora sei no que acreditar! Isto é absurdo!

—Bom, pois já sabe —Disse encolhendo-se ao pronunciar aquelas palavras —Não lhe contei



isso porque não queria te perder.

—É uma pena. Teria que ter acreditado em mim o suficiente para se arriscar —Assegurou Sara levantando do divã.

Estava amanhecendo. Os primeiros retalhos de com penugem de névoa se amontoavam contra os cristais das janelas.

—A tempestade passou —Comentou ela —O vigário virá esta manhã para o enterro, e depois sem dúvida retornarão os guardas para retomar a busca de Nero pela casa e os jardins, o cão louco que acreditam que matou Nell!

—Sara...

—Agora não, Nicholas —Murmurou ela —Necessito de tempo para assimilar tudo isto. Primeiro devemos nos ocupar de Nell. Devemos-lhe ao menos isso. Eu o devo.

—Promete-me que fechará sua porta por dentro até que demos com o outro lobo e nos encarreguemos dele?

Sara assentiu.

—Nero acaba de lhe fazer umas quantas feridas novas. Isso só servirá para irritá-lo ainda mais. Ficarei pelas noites na suíte verde até que isto se resolva, e estarei armado.

Quando Sara se moveu para passar na frente dele, Nicholas tratou de estreitá-la entre seus braços, mas ela o manteve longe apoiando as mãos contra o peito, e não o olhou nos olhos.

—Agora não, Nicholas —Pedi Sara —Não, por favor! Preciso de tempo para pensar.

Nicholas deixou cair a cabeça.

—É obvio —Respondeu.

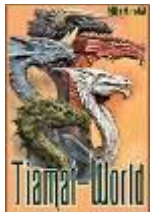
Aquelas palavras tinham sabor de bÍlis. O pior de tudo era que tinha razão. Tinha que ter acreditado nela. Deveria ter se arriscado. Inclusive Mills o havia dito.

—Amo-te, Sara —Disse —Não quero que me deixe, mas não é prisioneira aqui. Disse isso desde o começo. Se não puder aceitar a situação, aceitar-me e ao o acordo ao qual chegamos, usarei meus contatos para pedir às autoridades competentes que te libere de seus votos. Em qualquer caso, será um processo comprido. Não mentirei para você; poderia levar anos. Não estou tentando te convencer, só quero que seja consciente, mas não vou mandá-la para seus parentes pobres se for o caso. Tenho outros imóveis nos quais pode se alojar com todas as comodidades até que chegue a resolução. Em troca só te peço que não traia meu segredo. Não gostaria que soubessem disso, ou me caçariam como a um animal, que, por outro lado, é o que sou.

Sara não respondeu nada. Rompeu a chorar com soluços profundos e dilaceradores, escapou de seus braços e saiu a toda pressa.

Capítulo 26

Nicholas passou todo o enterro sem afastar os olhos de Sara, que não lhe deu nenhuma



oportunidade para continuar com sua conversa. Não ia pressioná-la. Observou-a, cativado, enquanto ela permanecia ao lado da tumba, consolando os criados e dirigindo a situação como ele nunca poderia ter feito, como se nada tivesse acontecido entre eles, embora não o olhou nos olhos em nenhum momento. Melhor assim. Tinha estado chorando. Apesar da generosa aplicação de talco, sua pele pálida estava vermelha e tinha os olhos virtualmente fechados pelo inchaço. Parecia o natural, tendo em conta a solenidade do rito funerário em meio a uma coleção de criados enfermos e sob um melancólico céu de aquarela com todas as tonalidades de cinza. Mas se tivesse dirigido para ele seu olhar ofuscado em lágrimas, Nicholas teria se visto obrigado a mantê-lo, sabendo que ele era o culpado de ter posto aquelas lágrimas em suas bochechas de pétalas de rosa.

A certeza de que os guardas iam a Ravenscliff tinha posto todo mundo nervoso. Ao ver que avançava o dia e não faziam sua aparição, Nicholas decidiu encarregar-se ele mesmo do assunto. Coberto com um capote embuçado e armado com um par de pistolas de duelo nos bolsos, dispôs-se a procurar em toda a mansão de cima a baixo, e também cada canto dos jardins. Mas antes passou pela suíte das tapeçarias, bateu e esperou, animado pelo fato de que a porta estivesse fechada, e mais tranquilo ainda quando Sara abriu o ferrolho, abrindo apenas uma brecha.

—Disse que necessitava tempo, Nicholas —Disse abrindo a porta um pouco mais, embora não o suficiente como para que entrasse.

—Não vim em busca de uma resposta —Assegurou ele —Vim para te dar isto. —Mostrou-lhe a pequena pistola que levava em cima —E para te ensinar a utilizá-la.

—Não quero tê-la, Nicholas.

—Já não se trata do que queiramos, Sara. Precisa estar protegida. Só te assegure antes de disparar. Nero nunca te ameaçará. —A passou pela porta —Toma, pegue-a. Tome cuidado. Está carregada.

Sara vacilou.

—Eu... Eu não gosto das armas —Disse.

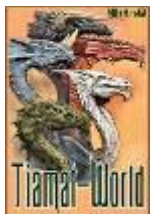
—Pegue-a! —Insistiu Nicholas —E isto também. —Passou-lhe um pequeno estojo envolto em um pano de cor Borgonha —Dentro está a munição que necessita para voltar a carregá-la. Vê esta chave? Entra na ferramenta que te permite retirar o cano para carregá-la e limpá-la. Olhe, deixa que te mostre.

—Sei como carregar uma pistola, Nicholas —Espetou —Meu pai era militar, recorda? Inclusive uma vez eu levei uma pistola, durante uma viagem de Nottingham a Londres. Meu pai insistiu devido aos bandoleiros que frequentavam aquela zona.

—Eu gostaria de escutar o como e o porquê disso, mas terá que esperar por outro momento. Leva esta pistola contigo e mantenha a porta fechada. A buscarei na hora de jantar e depois te acompanharei de volta. Logo, depois da minha sessão com o doutor, me retirarei aos aposentos de frente se por acaso me necessita para algo.

—Não tem por que fazer isto, Nicholas. Não sou uma menina —Espetou.

—Ou isso, ou volto a postar os criados à porta de sua suíte outra vez. Você decide.



Sara deixou escapar um suspiro irregular.

—Faz o que queira —Respondeu encolhendo de ombros.

—É obvio, suponho que é consciente de que não pode falar desta situação na mesa. Já sabe como escutam os criados nesta casa. A última coisa que necessitamos agora é que haja mais historia circulando pelo povoado.

—Não tem do que preocupar-se —Assegurou ela —Me comportarei. —Ficou olhando — Onde vai com isso agora? —Perguntou assinalando com a cabeça as pistolas de duelo que lhe marcavam no bolso.

—A caça. E agora, fecha por dentro —Ordenou, esperando a que ela o fizesse e passasse o fecho.

Nicholas procurou até que o crepúsculo intensificou as sombras e teve que acender uma vela, mas não havia nem rastro de Mallory. Convencido de que o lobo estava se ocultando em alguma das câmaras secretas que rodeavam o passadiço, procurou pelos locais inferiores e seguiu o túnel até o final, até a masmorra, onde estava o painel giratório que dava acesso à plataforma de granito que bordeava o escarpado. Nero a tinha utilizado muitas vezes para sair da casa.

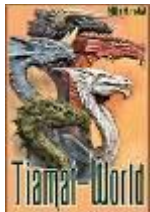
Em seu subconsciente estava a lembrança de que Alex Mallory se mostrou sempre fascinado pelos esconderijos de Ravenscliff; seus numerosos lugares ocultos, os corredores que se ramificavam, as portas de acesso e os muros falsos. O administrador os conhecia todos, mas também Nicholas, ou ao menos isso pensava. Havia alguns que não havia tornado a visitar desde que era um menino, e outros que Nero frequentava com regularidade.

Havia uma forma de fechar o túnel de saída, mas não tinha sido usada há anos. Tratava-se de um mecanismo escavado na parte superior do painel que, uma vez ativado, evitava que o painel girasse. Um homem poderia fazê-lo funcionar, mas um lobo não. Se o punha em marcha e as peças engrenavam dentro do muro, estaria deixando o lobo ou dentro ou fora. Também privaria a si mesmo ou Nero de uma rota de saída se surgia a necessidade. Tratou de ficar na mente do lobo e pensar nisso só de passagem antes de acionar o mecanismo. O som chiante da pedra contra a pedra ressoou pelo corredor. Estava se arriscando, mas a menos que se equivocasse, o lobo estava em algum lugar da casa e apareceria logo, agora que já não contava com uma via de escape. Confiando em que seu instinto não o enganaria, ele refez seus passos, mas a parte inferior estava vazia.

A busca que fez pelos jardins do pátio tampouco reportou nenhum fruto, e Nicholas finalmente retornou a casa, molhado pela neblina do entardecer e com o frio metido nos ossos, como estava acostumado a acontecer com frequência no verão, na costa de Cornualha.

Não havia tempo antes do jantar, assim optou por uma rápida mudança de roupa e ordenou que reacendessem as lareiras da sala de jantar e as das suítes principais. A casa estava úmida e fria, os velhos muros gotejavam mofo e crescente umidade. Isso nunca tinha importado antes. Mas por alguma razão, agora tudo o incomodava.

Sara o acompanhou em silêncio a sala de jantar. Ainda tinha os olhos inchados e vermelhos, mas as marcas avermelhadas tinham diminuído, ou as tinha dissimulado com mais perícia com



talco. Suspeitava que se tratasse do último. A conversa durante o jantar foi agradável, embora forçada. O doutor Breeden observou cada movimento que Sara fazia, igual a ele, mas ela se comportou como a perfeita anfitriã, por cima de toda recriminação, e Nicholas começou a relaxar-se; tudo o que era possível sob o feitiço de sua proximidade.

O decote baixo de seu vestido de musselina com desenho de espigas atraía seu olhar. Nicholas já tinha saboreado com os lábios o que havia debaixo. Que doce foi lambe aqueles seios perfeitos. Que mágico foi sentir a sedosa suavidade de sua pele sob seus dedos, ásperos em contraste; sentir como os mamilos em forma de casulo se endureciam sob sua língua. Que bem encaixavam juntos, como se Sara fosse a parte que faltava a ele, sem a qual nunca estaria completo. Que delicioso seria estar vivo dentro do suave e úmido calor de Sara, enchendo-a, movendo-se ao ritmo dela. Ele tinha imaginado milhares de vezes, mas nunca chegaria a acontecer. A calça azul começou a se apertar, e trocou de posição na cadeira. Não serviu de nada. Apertavam-lhe as costuras. Menos mal que estava sentado e assim ia ficar um momento.

O aroma de Sara o rodeava, estava nele, introduzia pelas fossas nasais. A sutil essência de flores silvestres e rosas embriagava. Nicholas o aspirou profundamente. As rosas floresceriam logo nos jardins e alagariam a casa com seu perfume, como sempre tinha acontecido no verão, mas seu aroma empalideceria ao lado do de Sara, e o atormentaria eternamente se ela partisse.

Depois de jantar, Nicholas a acompanhou a sua suíte e esperou que passasse o ferrolho. Não trocaram nenhuma palavra exceto um tenso “boa noite”. Ele subiu depois a salinha de sua suíte, onde o doutor Breeden tinha colocado a gaita e o esperava com sua bebida noturna enquanto Mills e os lacaios preparavam o banho.

—É inútil —Disse Nicholas quando teve transcorrido meia hora de tratamento —Temo que tenha muitas coisas na zona consciente do cérebro para permitir o acesso ao subconsciente. Sinto muito.

—Não se preocupe. Temos muito tempo.

—Disso se trata, não o temos —Assegurou Nicholas —A baronesa viu ontem à noite como me transformava. Para mim é um mistério e um milagre que já não tenha fugido deste lugar. Ainda pode ocorrer. Ainda não me deu uma resposta, mas temo conhecer qual será.

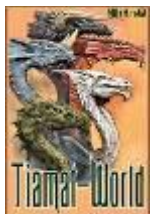
Não tinham tido tempo para falar do acontecido, devido ao funeral e a que o doutor Breeden tinha estado a metade do dia encerrado no herbanário. Nicholas imediatamente o pôs em dia de todo o acontecido, desde que tinha subido Sara do andar de baixo. Quando terminou elevou a cabeça, que até o momento tinha mantido inclinada. Seus olhos, frágeis, se mostraram suplicantes.

—O que vou fazer, doutor? —Perguntou.

—Precisa consumir seu matrimônio, barão, se quer conservar a sua esposa.

—Esteve a ponto de acontecer antes de tudo isto. Mas agora não posso forçá-la, é obvio, e não tenho direito a me interpor em seu caminho se ela quiser sua liberdade. É jovem e cheia de vida. Merece muito mais do que eu tenho para lhe dar, pelo que posso dar nestas circunstâncias.

—Mas você a ama —Disse o médico —Ela ama você, ou já se teria partido a estas alturas,



estou seguro. Fixei-me nela esta noite na mesa. Esteve chorando. Ao princípio acreditei que se devia à morte da moça, mas agora vejo que se tratava de outra coisa muito diferente.

—Me casar com ela, trazê-la aqui foi um erro —Assegurou Nicholas —Fui um estúpido ao acreditar que podia levar algo parecido a uma vida normal. —Ficou de pé e começou a caminhar pelo tapete —O menos que posso fazer é tratar de retificar antes de...

—Antes do que, barão? —Instigou o médico —Se estava a ponto de dizer “antes de que seja muito tarde”, não gaste saliva.

—Esperarei sua decisão e agirei em consequência. Não há fundamentos para um divórcio no Parlamento. Não se cometeu adultério e eu não sou um desalmado que esteja pondo sua vida em perigo. Além disso, embora houvesse uma maneira, poderia demorar inclusive um ano. O Parlamento tem que estar reunido, para começar, e tem que ter concluído sua atividade habitual antes que possa apresentar uma apelação semelhante. A data limite para as petições deste ano já passou. Terei que esperar o fim de novembro para apresentar minha solicitude.

“O da nulidade poderia arrumar-se, e tenho os contatos para fazê-lo. Encarregar-me-ei disso. Devia estar louco quando permiti que as coisas entre nós chegassem tão longe. Sempre existiu a possibilidade real de que possa me transformar justo no leito conjugal!”

—Agora não necessariamente —Interveio o médico.

—Por que agora não?

—Ela sabe —Se explicou o doutor com calma —O medo de que possa acontecer já não existe. Isso deveria bastar para que estivesse o suficientemente calmo para poder fazer amor com sua esposa.

—E acredita que vou arriscar-me? —Nicholas deixou de caminhar, soltou uma gargalhada gutural e sacudiu a cabeça —Pode que tenha me tornado meio louco com tudo isto, mas não sou idiota.

—Acredito, barão, que deveria pôr a teoria a prova. Ela já sabe. O pior pode acontecer é uma transformação, e será avisada a tempo para poupá-los do embaraço, se chegar a acontecer.

—Todo isso está muito bem, mas ainda fica por considerar o assunto da transmissão da afecção, tal e como meu pai me transmitiu isso. Não me arriscarei.

O médico deixou escapar um profundo suspiro.

—Quem disse que a afecção se transmitia pelo sangue?

—Bom, ninguém. Dava-o por feito porque meu pai me passou isso assim...

—Não há estatísticas a respeito —O interrompeu o médico —Nem sequer sabemos se sua afecção em particular pode transmitir-se desse modo, tendo em conta que é uma versão mais fraca e algo completamente diferente daquilo que transmitiu o lobo que mordeu a seu pai. Uma vez mais, temos o carro antes do cavalo. São zonas de sombras.

—Mais razão ainda para andar com cuidado —Raciocinou Nicholas.

—Antes de nada e por cima de tudo sou cientista. Para teorizar, suponhamos que apesar de toda possível precaução tem lugar a concepção. Sabemos que a encarnação animal do metamorfo adquire a personalidade de seu anfitrião. Ponhamos por caso o Nero: orgulhosamente leal, de



bom caráter, bem educado, nada violento a não ser que o provoquem. Em resumo, um cavalheiro lobo, se me permitir isso, tão cavalheiro como é você. Se a afecção for hereditária, quão pior poderia ocorrer é que seu descendente seja como você.

Nicholas sacudiu a cabeça em gesto de firme rejeição.

—Com os mesmos medos, as mesmas restrições? —Disse —Condenar a uma vida de exílio forçado do mundo, de todas suas alegrias e prazeres, quando tenho o direito de economizar semelhante destino? Não... Nunca!

—Mas, realmente tem esse direito?

—Sim, tenho-o —Espetou Nicholas —Não desejaria esta loucura nem a meu pior inimigo, assim que muito menos à carne de minha carne. Eu não sou filho de meu pai nesse sentido. Não estou tão cego procurando um herdeiro que não possa antecipar os riscos de minhas ações.

—De acordo então, é sua prerrogativa. Há outros modos de dirigir a convivência de maneira que seja satisfatória para ambos, formas antigas de enfrentar-se ao problema com ervas que se remontam aos tempos bíblicos. Essa bebida daí —Assinalou com a cabeça —contém ingredientes que ajudarão, e também pode instruir à senhora em certos métodos internos e externos.

—Que espécie de “métodos”?

—Por exemplo, as prostitutas francesas utilizaram durante anos uma esponja. É o mesmo método que usam aqui agora as prostitutas, as cortesãs e aquelas mulheres cuja saúde é muito frágil para sobreviver o parto. Uma vez você mencionou que as mulheres de vida alegre e as cortesãs ocupam-se desse tipo de assuntos. Elas sabem como fazê-lo. Encarregaram-se disso desde tempos imemoriais. Tratada com certas ervas, a esponja que lhe mencionei pode ser muito efetiva. Outra alternativa é um unguento feito com essas mesmas ervas. Acredite, a situação esta longe de ser desesperadora. Posso fazer que me tragam de Londres o que se necessita. Em qualquer caso, sua esposa não poderá utilizar nenhuma das coisas a primeira vez.

—Não pode fazer nada até que a baronesa diga —Disse Nicholas.

—Ajudaria que eu falasse com ela de sua afecção? —Perguntou Breeden —Talvez se vier de mim...

—Não —Respondeu Nicholas —Deve ser decisão dela e só dela. Não quero que ninguém a convença. Ela o viu. Agora se trata de que seja capaz de viver com o que viu.

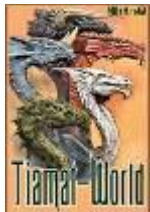
—Como desejar, mas se mudar de opinião, estarei encantado de me pôr à altura das circunstâncias. Enquanto isso, com sua permissão, farei com que algum de seus criados mande um recado a Londres, para pedir algumas provisões que necessito e o artigo do que falei para a senhora, no caso de que tudo isto termine com um final feliz, de acordo?

—No caso de que assim seja —Murmurou Nicholas.

O pobre homem estava fazendo tudo o que estava em sua mão, depois de tudo. O menos que podia fazer era seguir a corrente.

—De acordo então —Disse assinalando para a gaita —O tentamos de novo?

Embora o tentassem uma e outra vez, Nicholas não percebeu nenhum resultado significativo. E no que a ele se referia, assim seguiriam até que encontrassem Alexander Mallory,



em uma encarnação ou em outra, e se fizesse justiça.

O mau tempo evitou, durante os três dias seguintes, que os guardas voltassem, e Nicholas percorreu os arrevesados corredores e passadiços da velha mansão armado com pistolas carregadas. Pelas noites manteve a vigília sobre Sara, com os olhos totalmente abertos, da suíte verde, situada frente à sua, até o amanhecer. Só dava algumas cochiladas quando o sono o vencia.

Ela continuava sem comunicar sua decisão. De fato, não havia tornado a falar a sós com ele. Por que não se decidiu? Seria sua vacilação um bom sinal, ou mal? Estaria esperando que resolvesse a situação com Alex Mallory antes de atrever-se a acreditar no que Nicholas tinha contado? Eram provas o que esperava? Não havia forma de que soubesse, e já doía a cabeça de tentar encontrar o sentido.

Calmo, tinha que estar calmo. Aquilo estava sendo mais e mais difícil cada vez. As tensões cresciam em todas as direções. Não podia transformar-se com toda a casa procurando Nero com uma pistola, mas agora Sara sabia. Sem esse obstáculo, enquanto seguiam procurando o Nero, podia ao menos cancelar a busca de Alex Mallory em sua forma humana. O doutor estava de acordo de que era pouco provável que Mallory se transformasse, se não o tinha feito até agora, e Nicholas decidiu fazer correr a história de que o administrador tinha reaparecido e o tinha despedido. Se voltasse a transformar-se e reaparecia depois, sempre poderia dizer que havia voltado a entrar usando alguma das entradas dos contrabandistas, das quais tanto gostava. Era uma aposta, mas não tinha mais alternativa. Teria que enfrentar-se a isso, se isso chegasse a ocorrer.

A manhã do quarto dia depois do funeral, Smythe se apresentou na porta do escritório. Ao ver sua expressão sombria, Nicholas se viu obrigado a perguntar o que acontecia.

—O que acontece, Smythe? —Perguntou.

—Peço desculpas, senhor —Disse o mordomo —Vim comunicar algumas preocupações que há no andar de baixo.

Nicholas deixou a pena com meticuloso controle e cruzou as mãos sobre o livro de contabilidade no que estava trabalhando.

—Preocupações? —Repetiu.

—Sim, senhor —Continuou o mordomo —O certo é que depois do que aconteceu a Nell, lá em baixo todos temos medo: do cão, de Nero.

Nicholas sentiu vontades de gritar: “Nero não os tocaria nem em um cabelo da cabeça, jamais, estúpidos!

Mas decidiu optar por uma tática menos agressiva.

—Retornou a ver o animal depois, Smythe? —Perguntou.

Os quartos de serviço eram o único local da casa em que não tinha procurado.

—É disso que trata, senhor. Não o vimos, mas a comida não para de desaparecer.

—Comida? Que comida? Não me diga que esteve pondo comida a esse animal!

Ficou de pé de um salto. Era muito consciente de que Sara tinha estado alimentando-o, mas



isso cessou quando lhe contou a verdade, e Nicholas confiava que a fome o levasse para o exterior. Agora lhe ardia o sangue.

—Sim... Sim, senhor —Disse o mordomo dando um passo para trás —Sempre lhe deixamos comida no passado, já sabe. Quando aconteceu o que aconteceu a Nell deixamos de fazê-lo, mas continua desaparecendo comida da despensa... Sobre tudo carne e aves de curral em grandes quantidades, assim voltamos a lhe deixar comida por temor a sermos nós os seguintes, se não o fazíamos. Deixou tudo feito um desastre ali lá em baixo, senhor.

—E vem me contar isso agora? —Bramou Nicholas.

—A senhora Bromley pensou que...

—Ao diabo com a senhora Bromley! Você é o responsável pelo serviço de baixo, Smythe. Desde quando a senhora Bromley te diz o que tem que fazer?

—O sinto, senhor —Gaguejou o mordomo —Eu... Não queríamos incomodá-lo com isto, com o funeral e tudo mais.

—Certamente haverá mais de um funeral nesta casa se não me “incomodar” no futuro —Espetou Nicholas.

Voltou a deixar-se cair sobre a cadeira, colocando o cabelo para atrás com dedos rígidos. Até que ponto podia confiar no mordomo? Sem dúvida não até o fim, mas sim o suficiente para limpar o nome de Nero, já que ia seguir sendo parte do pessoal da casa quando tudo tivesse acabado; ou isso ou teria que repor a todo o pessoal. Agora mesmo estava o suficientemente zangado para fazê-lo.

—Sente-se, Smythe —Pedi.

—Senhor?

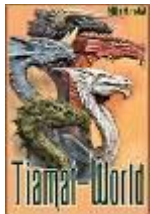
—Sente-se! —Bramou Nicholas. O mordomo se deixou cair como uma pedra sobre a cadeira mais próxima. —Não tem sentido te dizer que guarde silêncio em relação ao que vou contar —Continuou —Porque nesta casa as paredes têm ouvidos, as línguas se soltam e a única utilidade das portas é que os criados tenham algo no qual se apoiar para escutar.

—S... Sim, senhor.

—Entretanto, devo insistir em que evite ir contando histórias no futuro, porque no dia que o faça, não ficará, ao pôr do sol, nem um só membro do serviço ali de baixo. Despedirei a todos! Tendo em conta o que esteve acontecendo no povoado, todos podem se considerar afortunados de ter trabalho aqui. Se alguma vez voltar a sair alguma palavra pela porta, recolherão sua quitação e partirão sem referências. O teria feito o dia que vieram os guardas, mas com tanta pressão sobre a casa, não tive tempo para procurar substitutos, embora todos vocês encheram até a borda o copo de minha paciência a estas alturas, estou disposto a suportar as moléstias. Entendemo-nos?

—S... Sim, senhor.

—Bem! Se por acaso não está convencido de que estou a par de tudo o que acontece de cima a baixo nesta casa, quero que seja consciente que sei que minhas particularidades se comentam com regularidade entre vocês. Sei que escutam para alimentar seus rumores. Sei



quando o fazem, como o fazem e a quem contam suas intrigas. Sei que Millie rouba pequenas aves do quarto de caça em suas tardes livres. Não tomei cartas no assunto porque temos caça de sobra em Ravenscliff, e sou consciente de que o tem feito para ajudar a que comam sua mãe doente e seus irmãos, porque seu pai, um bom homem ao que eu conhecia e admirava, faleceu.

“Também me chamou a atenção que alguns criados ficam na cama até o meio da manhã enquanto os mais novos fazem suas tarefas por eles. Sei que os moços o fazem por medo de receber uma surra e com a esperança de cobrar uma recompensa quando acabarem. Também sei que dão poucas recompensas e muitas surras, tanto se as tarefas se fazem como se não. Isto começou quando a senhora chegou a casa. O que? Acreditava que estaria tão ocupado com minha esposa que não me daria conta? Não pense isso jamais! Sou consciente de tudo o que acontece nesta casa.”

“Sei que havia um complô no andar de baixo para envenenar Nero com o arsênico que os moços usam para livrar-se dos ratos no estábulo. Bom, pois Peters foi despedido, não é verdade? OH, sim, sei que ele estava por trás disso, e tampouco encontrará um grão de arsênico agora em todo o imóvel. Que os ratos se apoderem deste lugar! E vocês serão os seguintes. Se algum de vocês, que seja, levanta alguma vez um dedo contra esse animal, os colocarei entre grades. Nem ocorra me pôr a prova.”

“Sei que a senhora Bromley e você desenvolveram um gosto pelos vinhos franceses de minha adega: quando sobe uma garrafa à mesa, por norma geral, saem duas da adega. Sei que a senhora Bromley e você bebem juntos, com certa regularidade quando suas obrigações permitem isso, é obvio. É suficiente com isto ou sigo? A lista é bastante longa. Poderíamos ficar toda a manhã.”

—Sim, senhor... Quero dizer não, senhor.

—Mmm —Grunhiu Nicholas —Estes assuntos são sua responsabilidade, Smythe, de ninguém mais. Como mordomo da mansão, é sua obrigação para comigo e para com a casa se assegurar de que tudo funcione corretamente. Faz vista grossa com o das aves. Deixa que a moça as leve, e não me importa que me surrupie um pouco de vinho em ocasiões, sempre e quando não se embebedar enquanto está trabalhando, mas o assunto entre os criados deve terminar, e é você quem deve detê-lo. Se não o fizer, contratarei um mordomo que possa fazê-lo, e se não cessar imediatamente, os criados se verão na rua sem recomendações. Expliquei-me com clareza?

—S... Sim, senhor.

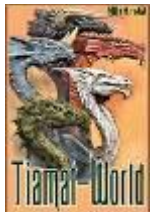
—Assim que a próxima vez que ocorra algo, como o que me acaba de contar da comida, se não vir diretamente a mim, recolherá sua quitação. Isto sim pode contá-lo, gritar aos quatro ventos subido ao telhado, porque todos têm motivos para estar assustados, mas não do Nero. Ele não matou Nell. Sei porque estava comigo quando ela morreu. Há outro... Animal solto pela casa.

O mordomo conteve o fôlego.

—Dois cães, senhor? —Perguntou dando um pulo.

Nicholas assentiu.

—Não me pergunte como entrou nem de onde saiu. Isso não é meu assunto. Há muitas



entradas e saídas neste mausoléu para que possa as contar. Talvez, inclusive um de vocês possa tê-lo deixado entrar, acreditando que era Nero. Parecem-se muito, o suficiente para parecer irmãos. Eu mesmo fiquei impressionado quando os vi juntos.

—Senhor, eu nunca imaginei...

—Me diga algo, Smythe, ameaçou-o Nero alguma vez?

—Claro que não, senhor. Quer dizer, além de aparecer em momentos inesperados e nos dar um susto, sempre foi muito cordial. Até que o senhor Mallory atirou nele, claro. Após se comportou de forma estranha em ocasiões.

—Tornou a ver o senhor Mallory desde que ocorreu isso, Smythe?

—Não, senhor —O mordomo ofegou —Ao ver que não o encontrávamos, demos por feito que finalmente tinha recuperado o sentido e que você havia o voltado a enviá-lo para fora, por algum assunto. Está acostumado a passar mais tempo fora que em casa.

—Mmm —Murmurou Nicholas.

Aquele monte de preguiçosos não tinha procurado com verdadeiro afinho. Mas talvez fosse melhor assim.

—O senhor Mallory foi despedido —Disse —Mas alguns de seus pertences ainda continuam aqui. Em caso de que volte para busca-los, quero saber imediatamente. Não terminamos precisamente bem. Não tomei bem que bebesse até perder o controle, tentasse incomodar a minha esposa e disparasse em meu cão.

—Sim, senhor.

—Bem, há alguma coisa mais, Smythe?

—Só que necessitamos uma nova donzela para a senhora, senhor —Disse o mordomo —A senhora Bromley está extenuada tentando reunir suas tarefas cotidianas com a assistência à senhora, embora a senhora tenha sido mais que gentil dispensando-a. Mas não é justo que deixemos que ela se arrume sozinha a maior parte do tempo, especialmente agora.

Nicholas franziu o cenho.

—Estou de acordo, Smythe. Pode dizer à senhora Bromley que teremos uma nova donzela assim que capturemos o animal que matou Nell e nos ocupemos dele. Não trarei uma nova criada a esta casa até que seja seguro fazê-lo. Pode ser que esse seja o incentivo que faltava para que o serviço se implique na busca. Avise a todos abaixo de que há outro animal perambulando por Ravenscliff, que é perigoso e não devem aproximar-se dele, que se o virem devem me dizer imediatamente. Não quero que nenhum de vocês faça nada que possa os pôr em perigo, mas se virem esse animal, quero sabê-lo imediatamente. Fica claro?

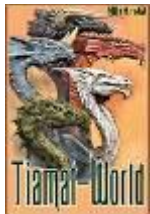
—S... Sim, senhor.

—Podem se armar, mas tomem cuidado de não disparar no Nero. Ele nunca os ameaçaria. O pobre animal já recebeu um tiro. Se agirem com precipitação, responderão diante mim.

—Muito bem, senhor —Disse o mordomo —Mas, o que fazemos com o da comida?

Nicholas revirou os olhos e deixou escapar um profundo suspiro.

—Se Continuarem alimentando o animal, permanecerá escondido. Deixem de lhe dar



comida! Fechem com chave a despensa e o quarto de caça! Não deixem sobras na cozinha! Pelo amor de Deus, homem, usa a cabeça! Estou tentando fazer com que morra de fome para que saia, e vocês estão enchendo seu estômago. Você não é bom da cabeça, Smythe. Usa o cérebro que Deus te deu.

—S... Sim, senhor —Murmurou o mordomo.

—Muito bem, então. Se não tiver nada mais, pode partir, mas é bom que estejam preparados. O mau tempo vai terminar, por fim. Amanhã fará bom tempo, e podemos contar com que os guardas venham em bando para completar a busca. Depois destas notícias, direi que comecem pelos quartos dos criados. Não preciso te dizer que fiscalize que tudo esteja como deve ser aí abaixo.

—N... Não, senhor. Quero dizer sim, senhor —Gaguejou o mordomo.

—Muito bem, então vamos —Concluiu Nicholas voltando a centrar-se no livro de contabilidade.

Escreveu três letras e deixou outra vez a pena a um lado. Colocou sua dolorida cabeça entre as mãos. Aquilo era insuportável. Estava ficando louco ao pensar na decisão que tomaria Sara, tinha perdido a fé nos experimentos do doutor, e agora isto. Não tinha sentido tentar ocupar-se de nada até que encontrassem o animal.

Abriu a gaveta de seu escritório e tirou a pistola carregada que guardava aí. Ficou de pé e saiu a toda pressa do escritório.

Capítulo 27

Nicholas não desceu à sala de café da manhã na hora de comer. Rondou pelos passadiços sem nenhum resultado até que o crepúsculo acabou com a luz e depois retornou a sua suíte envolto em teia de aranha, coberto de limo e pó e com pouquíssimo tempo para arrumar-se para o jantar.

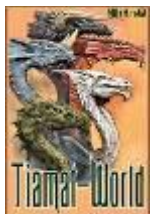
—Odeio mentiras —Grunhiu submerso até o pescoço em sua banheira cheia de água aromatizada pelas ervas.

—Não pode dizer a verdade, senhor —Assegurou o ajudante de câmara.

—Que suas habitações estejam juntas às minhas tem suas desvantagens, velho amigo —Lamentou Nicholas —Se te alojasse escada abaixo com o resto do serviço, isto não teria acontecido. Teria visto como davam de comer a esse maldito animal. Todo este tempo perdido. Maldição!

—Quer que ocupe um dos quartos de baixo, senhor, ao menos até que tudo isto tenha terminado?

—E lhes dar assim mais motivos para que falem? Não, Mills. Preciso que fique onde está. Além disso, é muito tarde. O dano já está feito. Acredito que coloquei o suficiente medo para que



não voltem a fazer algo parecido.

—Sim, senhor.

Nicholas deu um forte murro à água, dando banho em Mills no processo.

—Por que Sara não se decide? —Perguntou.

Aquilo era o que realmente o preocupava. Não podia pensar em outra coisa.

—Posso comentar que não saiu fugindo da casa a gritos como você predisse, senhor? Eu tomaria isso como um bom sinal.

—Não acredito que os guardas deixem sair a ninguém até que tenham completado sua investigação. Poderemos nos considerar afortunados se não chamarem à Polícia de Bow Street. Cometeu-se um assassinato!

—Foi um animal, senhor. Bastou com o testemunho do doutor...

—Sim, sim, sei, Mills, mas pode acreditar quando te digo que se lançariam sobre nós, como uma matilha de cães sobre um coelho, caso de que alguém tentasse sair de Ravenscliff agora.

—De acordo, senhor —Assegurou o ajudante de câmara —Faça todos os comentários desfavoráveis que quiser, mas o fato é que não partiu da casa, nem parece que tenha intenção de fazê-lo. Não tem mais que ver a forma em que se encarregou de todo o assunto do funeral. Controlou-o de uma forma que me deixou impressionado.

—Não quero pressioná-la. Disse que lhe daria tempo, mas já se passaram quatro dias, Mills. Quanto tempo necessita?

—Está claro que mais de quatro dias, senhor.

Nicholas elevou as sobrancelhas e seus lábios formaram uma careta de exasperação. Mills reagiu lhe jogando um balde de água morna por cima da cabeça, e Nicholas se sacudiu como um cão, jogando mais água sobre o ajudante de câmara.

—Não tem por que me afogar! —Espetou Nicholas.

—Tem graça que o diga, senhor, quando estou mais molhado que você —Respondeu Mills baixando o balde —Tome cuidado. Tem que tranquilizar-se. Agora não é o momento de que Nero vague livremente pela casa, com a metade de seus ocupantes levando armas que quase não sabem usar. Devemos fazer todo o possível para que permaneça como está e não apresentar nenhuma chance, senhor.

Nicholas suspirou.

—Ninguém voltou a ver Alex desde o tiroteio —Disse —Lá em baixo acreditam que eu o tinha enviado para trabalho fora. Não parece que vá transformar-se de novo, se já não o fez a estas alturas, isso diz o doutor. Lancei o rumor de que o demiti por sua conduta, mas que ainda tem algumas coisas aqui e quero saber imediatamente se apresentar para recolhê-las.

—Sábia decisão, senhor —Disse o ajudante de câmara —Como vão essas sessões?

Nicholas encolheu de ombros.

—Nero não tem aparecido desde que me deixou naquela sala oculta.

—Isso é um bom sinal —Assegurou Mills segurando a toalha enquanto ele saía da banheira.

—Breedon diz que se continuar assim, logo estarei preparado para tentar me transformar



por vontade própria.

—Mas essa é uma notícia excelente, senhor! —Gritou o ajudante de câmara.

—Pergunto-me se... Imagina que não consigo—Replicou Nicholas —Ou pior, suponha que eu consiga e depois não seja capaz de voltar a mudar, como Alex. Sou um pouco resistente a tentá-lo.

—Eu não aconselharia que levasse a cabo nenhum experimento até que os guardas tenham terminado, senhor —Opinou o ajudante de câmara —Eles continuam pensando que foi Nero quem matou à moça.

—Em qualquer caso, não estou preparado Mills. Em minha cabeça há muitas coisas. Além disso, quem sabe se o que está fazendo o doutor servirá de algo?

—Não corrigiu seu problema de confiança, senhor —Observou Mills —E até que solucione esse assunto, temo que nada irá a seu favor: nem os esforços do bom do doutor nem a decisão que a senhora tome. Desculpe que fale com tanta sinceridade, mas esse é seu maior defeito. Já disse muitas vezes que não pode esperar confiança cega dos outros quando você não está disposto a entregá-la. Talvez agora comece a se dar conta de quão absurda é essa tática.

—Contei a Sara a verdade, não é assim? —Espetou Nicholas.

—De má vontade e depois ela que o viu transformar. Espero que não tenha sido muito tarde. Disse desde o começo que deveria considerar contá-lo, para que sobreviva o amor, tem que existir confiança, senhor. O amor murchará e morrerá na vinha sem ela, disso pode ter certeza.

—Então é um perito neste tema, não? —Censurou Nicholas.

—Digamos que aprendi com meus enganos, senhor, e queria lhe economizar tão dolorosa lição.

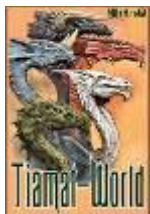
Era impossível para Nicholas imaginar Mills apaixonado. Perguntou-se quando isso teria acontecido. E entretanto, a julgar pelo olhar ausente nos frágeis olhos do ajudante de câmara, não duvidava de que tinha ocorrido. Mills nunca mostrava suas emoções.

—Agradeço —Disse Nicholas com um suspiro —Mas já sabe que minha situação não é algo que possa “confiar” a qualquer um. Acredito que Sara é provavelmente a única mulher do país em que posso confiar sem temor. Tem honra e é íntegra apesar de sua juventude. Nunca conheci uma mulher como ela.

—Nem nunca a conhecerá —Assegurou Mills —Você está aprendendo, senhor. Mas recorde que todas as lições têm um preço. Não é muito pedir um pouco de confiança, tendo em conta o que você está pedindo tanto à senhora quanto ao médico.

Era tarde, e Mills ajudou Nicholas a colocar seu traje noturno, que consistia em calças negras, casaco bordado de cor borgonha. Quando colocou o lenço no pescoço com o complicado nó oriental que estava de moda aquela temporada, Nicholas correu escada abaixo para acompanhar Sara a sala de jantar. Tinha a esperança de encontrar algum sinal que pusesse fim à tempestade e tranquilizasse sua mente. Não houve nenhuma. À exceção das mínimas frases de cortesia, não trocaram nenhuma palavra entre eles.

Durante o jantar, Sara se mostrou alegre e se envolveu em uma conversa com o doutor Breeden, mas não se dirigiu diretamente a Nicholas nem o olhou nos olhos. Quando ele tentou



provocar uma resposta, ela respondeu sucinta e educadamente, mas isso foi tudo.

Era a imagem da beleza embainhada naquele vestido de musselina amarelo adornado com pequenos laços de seda verde. O cabelo, recolhido para cima, brilhava sob o halo da luz das velas. Já não ficavam sinais do pranto que tingiram suas bochechas nem tinha os olhos inchados nem vermelhos, como tinham mostrado com tanta frequência durante os últimos dias. Eram de um azul claro como a água, como o cacho transparente de uma onda do mar, e só um delicado rubor tingia as bochechas. O que não ficava claro era se isso significava que já tinha superado a tristeza ou se já não se importava, e a alma Nicholas caiu aos pés.

Depois do jantar, quando a acompanhou a sua suíte, fizeram-no em silêncio. Ele não tentou surrupiar nada. Lutou contra todos seus instintos, que gritavam que a estreitasse entre seus braços, que afundasse os dedos no brilho dourado de seu cabelo e voltasse a saborear, outra vez, aqueles lábios suaves como pétalas de rosa. Nicholas se manteve firme na soleira, inclinou-se enquanto a porta se fechava em sua cara e retornou a sua suíte, onde o doutor Breeden o esperava.

Como o tempo era curto, tinham pulado o costume de tomar brandy na sala de visitas depois do jantar durante alguns dias, e o tomavam na salinha da suíte do barão. Apesar de sua vida de ermitão, Nicholas tinha conseguido, até então, manter seus rituais. Mas, dadas as circunstâncias, isso já não era possível. Ao médico, não parecia importar. Mostrou-se que disposto, estava tão ansioso por solucionar seu problema como o próprio Nicholas. Em qualquer caso, tinha decidido seguir o conselho de Mills, e enquanto o médico e ele tomavam o brandy antes da sessão, isso foi o que fez.

—Devo confessar algo —Começou a dizer agitando o brandy dentro de sua taça —Não fui justo com você, doutor. Mills me fez ver isso faz um momento. Peço desculpas. Não há desculpa para esbanjar o tempo de outro homem, mas vivi tanto tempo na desesperança que não me pus completamente em suas mãos.

—OH, isso já sei —Assegurou o médico —É lógico no que me concerne.

—Além disso, também tenho um medo atroz de pôr minhas esperanças nisto e que acabem frustradas aqui e agora, quando há tanto em jogo...

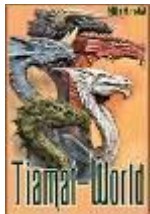
Nicholas sacudiu a cabeça. Não foi capaz de terminar a frase.

—Digamos que seria como tomar um horrível tônico de sabor repugnante para descobrir que foi em vão ao comprovar que não funciona, não é? —Disse o médico.

—Dito suavemente —Respondeu Nicholas rindo sem humor.

—Mas é certo —Disse o médico —Não deve reprovar-se nada, barão. Estamos tratando com uma doença que a ciência médica não quer sequer reconhecer que existe, e vive sob uma pressão que nenhum homem deveria suportar. Sinceramente, não sei como o suporta, mas o faz. Eu gostaria de estudar isso. Desafia toda a razão.

—Desenvolve-se certa... disciplina como consequência desta... Afecção —Explicou Nicholas —Mas não posso me atribuir o mérito. É parte do processo e, ou se ajusta a suas exigências ou sucumbe. Logo aprendi que se quisesse sobreviver tinha que me fortalecer; construir uma concha



ao meu redor para que uma parte de mim pudesse viver com certa normalidade, se é que isso pode existir. Acreditei que tinha conseguido, até que a senhora chegou. Agora vejo quão vazia estava essa concha, e não serei capaz de rastejar de volta a ela depois de saborear o que perdi da vida.

—Estou aqui para fazer tudo o que esteja em minha mão para me assegurar de que não tenha que voltar —Afirmou o médico.

—Então devo fazer mais para ajudá-lo em seus esforços —Disse Nicholas —Mills diz que me falta confiar nos outros, quando eu exijo deles essa confiança. Tem razão, é obvio. Sempre a tem. Confessei tudo à baronesa, embora Mills me culpe por não tê-lo feito desde o começo. Agora eu gostaria de tentar me abrir mais a seus tratamentos. Se puder demonstrar a Sara que ao menos sou capaz de controlar as transformações, talvez isso ajude. OH, não sei, doutor, mas vou tentar com mais afinco.

—Não existe uma solução rápida para controlar sua doença. O que se requer é estar aberto e em um estado relaxado.

Nicholas soltou uma risada calma como resposta.

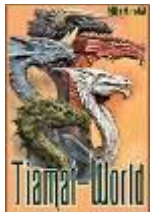
—Já sei que é muito pedir dadas as circunstâncias, senhor, mas é necessário. Recorde que estamos navegando por águas desconhecidas e mal começamos a sondar as profundidades. Quando entre aqui para as sessões comigo, deixe o mundo fora durante esse breve espaço de tempo.

—Farei tudo o que esteja em minhas mãos para que assim seja —Assegurou Nicholas —Mas enquanto estou aqui, preso com você, a baronesa está vulnerável, desprotegida, e sinceramente, a julgar por passadas experiências, não posso confiar nela. Com isso pesando sobre minha mente e a ameaça de um lobo metamorfo vagando por aqui...

Apesar do banho quente e aromático que a senhora Bromley tinha preparado, Sara não podia dormir. Vestida com a camisola e o negligé cor marfim, caminhava de sala em sala, de tapeçaria em tapeçaria, como um animal enjaulado, observando as obras de arte, fixando cada ponto na memória, perguntando-se o que teria acontecido com as novas tapeçarias que supostamente Alexander Mallory deveria trazer de Londres. Qualquer coisa para tirar da mente o autêntico problema. Mas foi inútil. O tema das formosas tapeçarias penduradas trouxe Nero à memória, e pensar em Alexander Mallory desenhou a imagem de outro lobo e a crua realidade de que seu marido era um metamorfo. As ramificações daquilo foram além da imaginação e, entretanto, eram reais.

Tinha Nicholas sofrido o suficiente? Não, ainda não. E ela? OH, sim, disso não tinha dúvidas. Seria capaz de seguir suportando o castigo? Serviria de algo? Certamente não, mas queria que o barão Nicholas Walraven pensasse duas vezes antes de voltar a negar sua confiança; se é que ficava, é obvio. Isso ainda estava por decidir-se.

A ira tinha secado as lágrimas; ira por Nicholas ter permitido que descobrisse seu segredo de uma maneira tão traumática, ira por si mesma por ter se apaixonado tão desesperadamente por



aquele homem. Que duro tinha sido ignorar seus olhares suplicantes, fazer caso omisso da tristeza daqueles hipnóticos olhos de obsidiana que a devoravam, que chegavam até a alma e derretiam o coração. A única maneira de fazê-lo era evitando totalmente seu olhar. Tinha-o feito pelo bem de Nicholas, e também pelo seu próprio, porque não ficaria ali onde a haviam enganado, mas tampouco podia partir. Era uma lição dura que tinha que aprender. Nicholas tinha que ganhar seu amor com confiança, e ela precisava estar segura de que não voltaria a enganá-la jamais.

No que se dizia respeito a Sara, seu acordo, tal e qual estava exposto, ficou anulado no corredor escuro que havia fora da estreita sala cravada nas vísceras da mansão de Ravenclyff. Agora tinha que ser tudo ou nada, e ela acreditava que tinha ganhado o direito de estabelecer as normas. Aqueles tinham sido os quatro dias mais compridos de sua vida. Seria suficiente? Nicholas teria aprendido a lição?

Sara se aproximou da janela. Lá fora, as estrelas piscavam na abóbada de cor azul. Não havia lua, ou ao menos ela não podia vê-la de onde estava, embora umas lentejoulas de prata feitas de luz de lua dançavam de forma inquietante sobre a água negra como tinta, que estava calma, pela primeira vez desde que Sara tinha chegado à costa. Tratar-se-ia de um presságio? E nesse caso, do que? Significava que o perigo tinha passado, ou não era mais que a calma antes de outra tempestade? Em qualquer caso, ao olhar o céu, ficava claro que os guardas chegariam pela manhã. Um profundo suspiro a fez baixar os ombros, e depois de um instante, afastou-se dali.

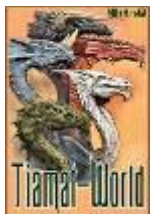
Caminhando pelo vestíbulo da salinha, observou a pistola que Nicholas tinha dado e que estava sobre a mesinha ao lado da porta. E se disparava com ela ao lobo errado? Não. Não se arriscaria. A pegou com cautela e a deixou na gaveta da mesinha, para evitar qualquer tentação.

Voltou a caminhar, mas um ruído no corredor deteve seus passos. Eram umas pegadas sonoras e cansadas que não pretendiam mostrar sigilo. Sara se aproximou da porta nas pontas dos pés e apoiou a orelha contra a madeira para escutar. Os passos se detiveram fora. Sara conteve o fôlego, mas ele não. Ao outro lado da porta, Nicholas esvaziou seus pulmões tal e como ela tinha feito.

Os olhos se encheram de lágrimas ao escutar aquele som. Piscou para contê-las. Depois de um instante, os passos voltaram a soar pelo corredor. Então se escutou um clique suave e metálico quando a porta da suíte verde se fechou do outro lado, provocando um calafrio na coluna vertebral. Havia algo definitivo naquele som. Algo evidente que a encheu de terror. Algo que formou um nó na invisível corda que se estendia entre ela e o homem que amava mais que sua própria vida apesar daquele pesadelo.

Algo que se não agarrasse e então segurasse com força com as duas mãos, se perderia para sempre.

Sara saiu precipitadamente de sua suíte e cruzou o trecho de corredor atapetado que os separava, com passos ligeiros e rápidos, e entrou com ele.



A invisível lua tecia também sua magia na suíte verde, jogando um facho de luz prateada através das janelas sobre as quais dançavam bolinhas de pó. Sara avançou com os pés descalços pelo vestíbulo sem fazer nenhum som e entrou no quarto. Nicholas não a viu a princípio. Estava de costas para ela. Tirou a jaqueta, o lenço do pescoço, o colete e a camisa, e estava nu da cintura para cima ao lado da janela, olhando para o jardim.

Que os ombros largos tinha, que cintura estreita. Parecia uma estátua ali de pé, com a luz da lua brincando sobre sua pele nua e projetando sombras ao longo da fenda de sua espinha, reta como uma flecha, criando um brilho de prata sobre as calças de seda negra que não deixavam nada à imaginação na zona de suas apertadas nádegas e as bem torneadas coxas.

Nenhum enchimento rodeava aquelas pernas. Sara recordava que seu pai sim fazia uso daqueles truques, tal e como faziam os homens que não estavam tão dotados para tratar de adaptar suas menos agraciadas figuras na moda do momento. Tampouco havia nenhum espartilho que mantivera em seu lugar o estômago plano e bem musculoso de Nicholas. Ela tinha se apoiado, nua, contra aquele corpo duro e esbelto. Tinha conhecido a suavidade de seu peito coberto de suave pelo contra seus seios. Havia sentido a força de Nicholas, a firmeza de seu sexo apertado contra ela, a disciplina que o mantinha controlado e que fazia com que todos os tendões de seu corpo se endurecessem como cordas de aço e que cada músculo se contraísse e relaxasse contra ela como se estivessem a ponto de arrebentar.

O mero fato de vê-lo ali, de pé, despertava o desejo, preparava-a para a consumação de uma paixão que nem sequer conseguia compreender. A única coisa que sabia era que Nicholas a alagava com um calor estranho e proibido; proibido porque uns sentimentos assim, tão intensos, tinham que sê-lo. Aquele calor úmido e abrasador que se apoderava de seu sexo em sua presença era algo escandaloso que faziam suar as mãos e tremer o corpo com deliciosos calafrios, apesar do calor que sentia por dentro. Só poderia deixar de tremer envolta naqueles braços fortes. Só o aroma animal de Nicholas, adoçado pelas ervas e refrescado pelo sal marinho poderia dar uma razão para respirar. Só a pressão de sua boca abrindo seus lábios poderia acalmar seu insaciável desejo de saboreá-lo profunda e completamente.

Não podia nem imaginar que outros prazeres guardavam aquele corpo. E, entretanto, apesar de desejar aqueles prazeres mais que tudo no mundo, uma voz interior esteve a ponto de convencê-la a sair dali tão sigilosamente como tinha entrado. Mas isso foi até que Nicholas inclinou a cabeça e passou ambas as mãos pelo cabelo antes de deixá-las cair ao lado do corpo. Era um gesto de derrota, e todas as defesas de Sara vieram abaixo, tal qual a postura de Nicholas.

—Nicholas... —Murmurou com uma voz que mais parecia um sussurro, embora ressoou no meio do silêncio como um trovão.

Seu marido deu a volta a tal velocidade para olhá-la que ela só viu uma imagem imprecisa, como a que tinha visto no passadiço quando Nero saltou pelos ares e Nicholas apareceu nu diante de seus olhos. Como um déjà vu, ficou fascinada. A respiração ficou retida na seca garganta.



Estava ardendo por ele.

Durante um instante, Nicholas não se moveu. Seu olhar de obsidiana a devorava. Brilhava com a luz que refletia as sombras. Não parecia real, estava contra a luz no dividido feixe da ilusória luz da lua que se derramava a seu redor. Parecia como se brilhasse através dele, como se fosse um espectro ali, de pé, olhando-a fixamente, disposto a desaparecer em uma neblina etérea se ela respirava e rompia o feitiço.

O momento pareceu prolongar-se eternamente. Então voltou a movimentar-se e a alcançou em duas grandes passadas que pareceram mais animais que humanas. Agora Sara reconheceu aquela energia animal que sempre tinha estado ali, na forma em que se movia, espreitava, aparecia e caminhava. Era uma reminiscência da encarnação de Nero, ou animal e homem eram uma mesma criatura separadas unicamente por uma mínima distância sobrenatural, ou pelo batimento de um coração palpitante?

Nicholas guardou silêncio durante um instante. Deslizou os olhos por ela com anseia cética de um homem morrendo de sede que temesse que o oásis diante de seus olhos não fosse mais que outra miragem, um truque visual para atormentá-lo. Sara não podia suportar olhar-se neles. Nicholas aspirou seu aroma com as fossas nasais muito abertas, quase como um cão, como um lobo, com seu aristocrático e reto nariz elevado e aqueles olhos fixos e enlouquecidos finalmente ocultos. Gemeu como se estivesse em transe e voltou a abrir os olhos, bebendo-lhe com eles.

Atraiu-a para si com mãos tremulas, envolvendo-a, estreitando-a entre seus fortes braços. Voltou a gemer e Sara passou os braços ao redor da sua cintura, apertando-o ainda mais contra ela.

—É real —Sussurrou Nicholas —Não estava seguro. Conjurei-te em minha mente tantas vezes que tinha medo de que não fosse mais que outra aparição que tinha vindo me atormentar.

—Sou completamente real —Assegurou ela —Mas durante um instante vi você do mesmo modo, como um fantasma na escuridão.

—Isto significa que já se decidiu? —Perguntou com voz tremula.

—Significa... Que te amo —Replicou Sara olhando-o a nos olhos — Isso escavou meu sentido comum, minou meus escrúpulos e derrotou minha determinação.

Nicholas a estreitou mais contra si, segurando seu rosto contra o suave pelo de seu torso. Sua pele queimava sob sua bochecha, o coração pulsava com força, num ritmo rápido, em seu ouvido.

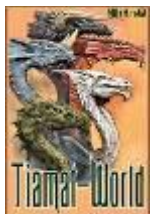
—Significa que o desejo que sinto por você é tão grande, que não tenho vergonha — Murmurou Sara em meio a soluço contido.

Nicholas elevou seu rosto até que seus olhares se cruzaram. Eram lágrimas aquilo que havia em seus olhos e brilhava na escuridão? Os olhos de Sara também estavam empanados ao olhar nos seus.

—Não terá medo? —Perguntou Nicholas.

—Medo?

—Se ocorresse alguma coisa do que se lamentar, como o que aconteceu no passado —



Murmurou ele roçando a testa com os lábios, que estavam ardentes e secos —Saberei com suficiente antecipação para me distanciar, mas de todas formas...

—Por que teria medo? —Disse Sara —Amo os dois, e resisto a pensar que algum de vocês me faria mal.

Os pulmões de Nicholas exalaram o ar em uma rajada de quentes e úmidos sussurros contra seu rosto, seu cabelo, seu arqueado pescoço. Sara não podia entender suas palavras, só o significado que continham, o absoluto alívio do som daquele amor ancestral que os unia e que os atava também ao momento.

Nicholas segurou sua cabeça entre suas grandes mãos e tomou seus lábios, abrindo a boca, intensificando o beijo com uma língua sedutora que atraiu à sua. Aquilo provocou entusiasmo em Sara, tal como tinha acontecido no passado, e afundou a mão na suave seda de seu cabelo, segurando-o com força até que seus trêmulos lábios se separaram, úmidos e ofegantes.

—Esta com frio —Murmurou Nicholas contra sua boca —Está tremendo.

—Não tremo de frio —Sussurrou ela. Seus lábios ainda se tocavam —Nunca havia me sentido assim. É como se me derretessem os ossos.

Nicholas tirou o resto de seu elegante traje, jogou a roupa sobre o divã, onde estavam as demais coisas, e parou nu diante dela. Desatou os laços que fechavam seu negligé e o deslizou pelos ombros. Depois fez o mesmo com a camisola, até que essa caiu a seus pés formando uma nuvem.

O feixe de luz de lua, que agora brilhava com mais força, derramava-se sobre eles através dos vidros das janelas. Nicholas estava excitado, seu sexo a roçava enquanto deslizava as mãos pelos ombros, pelos braços, e chegava até seus seios. Enquanto os acariciava, passou os polegares pelos mamilos, despertando nela um suave gemido que a levou a aproximar-se mais. Nicholas percorreu em círculos o contorno de cada mamilo com um dedo, acariciou-os até que se fizeram mais altos, aproximando-se das pontas cada vez mais, levando-a a borda do êxtase mediante uma deliciosa tortura quando seus lábios desceram primeiro sobre um deles e depois sobre o outro. Nicholas os acariciou com a língua, mordiscou-os suavemente. Ela estremeceu de prazer, cada terminação nervosa de seu corpo tremia de desejo, de antecipação pelo que aqueles dedos peritos e aquela língua cruel iam fazer a seguir.

—É deliciosa —Ofegou Nicholas enquanto sua quente respiração acariciava sua pele úmida —Tem sabor de creme doce e rosas. Não me canso de você.

O sexo de Sara ardia em chamas, estava úmido e inchado, palpitando de excitação. Nicholas pegou sua mão e a guiou ao longo de sua grossa virilidade, que estava quente e dura e ao mesmo tempo era sedosa ao toque.

Sara ficou sem respiração enquanto respondia a suas carícias, assim como tinha acontecido no passado; só que agora era como se Nicholas fosse outra pessoa. Já não estava contendo-se. Era dela.

De repente, pegou-a nos braços, tirou de seu caminho a camisola e o negligé e a levou para cama. Retirou a colcha e a colocou entre os lençóis, subiu a seu lado com um movimento que a



deixou sem respiração e a estreitou entre seus braços. Nicholas se movia com fluidez. Nunca mudava o passo. Seus lábios não se separavam dos seus. Suas mãos não paravam de acariciá-la, explorá-la, levá-la a borda do arrebatamento que Sara temia, a derreteria até a alma.

Não era nenhum aficionado; tratava-se de um amante experiente. O coração de Sara começou a pulsar um pouco mais rápido. Nem sequer estava muito segura do que se esperava dela. Como ia proporcionar prazer? De repente não havia nenhuma iminente ameaça, nenhum lobo assassino espreitando nos corredores de Ravenclyff, nem guardas que apareceriam de repente com as pistolas carregadas. Eles eram as duas únicas pessoas que havia sobre a terra, e o prazer de Nicholas era o único que importava a Sara. Se ao menos fosse o suficientemente experiente. Ou o suficientemente segura de si mesma. Se tivesse a capacidade de proporcionar o prazer que estava dando a ela.

A mão tremula de Nicholas deslizou pela curva de sua coxa e depois continuou subindo. Seus dedos sondaram aquele canto oculto que havia entre suas pernas, que ardia, pulsava e procurava suas carícias. Nicholas recuou e a olhou nos olhos.

—Tem certeza? —Perguntou.

—Sim —Assegurou ela mantendo o negro olhar, aqueles olhos escuros que agora estavam dilatados e esquadrihavam seu rosto.

—Os lobos têm uma única companheira para toda a vida, Sara —Disse com voz grave.

—Sei, Nicholas...

Então ele a estreitou com mais força contra si enquanto respirava em forma de um longo e agitado suspiro.

—Voltaremos a ver o Nero? —Sussurrou ela no ouvido.

Não havia voltado a vê-lo desde o incidente. Tinha que sabê-lo.

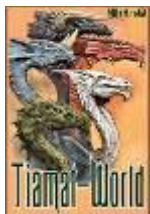
Nicholas sorriu, e Sara sentiu como se o sol saísse em seu coração. Por um lado parecia um moço travesso, e ao mesmo tempo escondia um rastro de sedução. De suas fossas nasais abertas saía uma respiração quente, e tinha os olhos entreabertos e brilhantes pelo desejo. Aquela combinação provocava tremores na alma.

—Às vezes —Disse ele beijando as bochechas, a testa e o pescoço arqueado enquanto falava —Acredito que... Ama mais a... Esse animal... Do que me ama....

—E de quem é a culpa? —Perguntou Sara dando um golpezinho brincalhão no braço —Entrava sigilosamente em minha suíte, deixava que te alimentasse com a mão, lambia-me a mão, a face. Deixou que transformasse o Nero em meu mascote e que substituísse os cães que tanto tinha amado e que tinha perdido.

—Era a única maneira que tinha de te tocar, de estar perto de você, sentir a fresca suavidade de seus dedos na testa, aspirar seu aroma. Se acha que isso não era um tortura para mim, pensa-o de novo.

—Não pode estar com ciúmes de você mesmo, Nicholas. Não tem nem ideia das vontades que tinha de te tocar desde o primeiro dia, quando estendi a mão e você se jogou para atrás para se afastar de mim, e me disse que não queria que te tocasse.



—Se tivesse permitido que me tocasse então teria presenciado ali mesmo em meu escritório o que viu quatro dias atrás, Minha Sara. Assim que pus os olhos em você pela primeira vez soube quão absurdo tinha sido meu “acordo”.

—Então eu caí de amores por Nero —Continuou ela —Ele enchia o oco que a perda de meus cães tinham deixado em meu coração. Tinha outra vez um mascote, e foi ele quem recebeu o afeto que tanto desejava entregar a você, e o teria feito se tivesse deixado, Nicholas. Eu me senti muito sozinha. Via a tortura pelo que estava passando e morria por te consolar. O estranho é que também vi essa tortura em Nero, e não respondeu a minha pergunta. Voltarei a vê-lo outra vez? Para mim sempre foram e sempre serão duas entidades diferentes.

Nicholas a atraiu ainda mais para si.

—Antes do que você gostaria, se não tomar cuidado —Murmurou tomando os lábios com sua boca faminta.

Depois de um instante, essa boca foi descendo, seguindo a curva de seu pescoço, detendo-se no pulso que pulsava ali, buscando com a língua a força vital que bombeava através dela. Sara fechou os olhos e gemeu enquanto ele abria suas pernas e começava a acariciar entre elas uma vez mais. Tocou-a com delicadeza e rapidez, afundando-se mais profundamente a cada carícia. Sara arqueou o corpo contra sua pressão, procurando não sabia o que até que chegou: uma e onda abrasadora de palpitações que atravessou seu corpo. Umas línguas de fogo gelado se moveram por seu interior como as ondas de umas águas tranquilas depois de que uma pedra rompe a superfície.

De repente, Nicholas retirou a mão e a encheu com seu sexo. O gemido que surgiu de sua garganta enquanto se deslizava em seu interior sobre o orvalho de seu primeiro despertar parecia tirado de sua alma. Não tinha controle sobre ele. Chegou de forma inesperada, por sua própria vontade, combinando com o gemido da ressecada garganta de Nicholas, enquanto sua boca se fechava sobre seus trêmulos lábios. Aquela mistura de sons ressonava através do corpo de Sara. Era seu coração aquele que pulsava tão grosseiramente? Ou era o de Nicholas? Ou eram ambos os corações pulsando, estremecendo o um contra o outro?

Os duros seios delas estavam afundados na seda do pelo do peito de Nicholas. Foi como se acendessem, e um novo prazer percorreu o sexo como lava líquida enquanto se movia ao ritmo de suas investidas. Como a enchia. Com que perfeição se ajustavam. Perdida numa tempestade de fogo de enlouquecedor êxtase, rendeu-se a cada matiz de seu amor. Seu corpo ficou maleável em suas mãos, respondendo à febre de seu sangue.

Teria que ter havido dor, mas não foi assim. Sara a esperava, preparou-se para suportá-la, mas nunca chegou. Só sentiu a pressão de seu sexo, a delicada força enquanto se movia dentro dela como ondas geladas e ardentes que deixaram fora a dor, qualquer pensamento e toda razão, deixaram fora tudo menos a certeza de Nicholas. Mas não era só ele. Já não eram duas pessoas independentes. Eram um. Aquilo era o que a transportava, o que a elevava e aproximava cada célula do corpo dele ao seu, levando jorros de fogo líquido.

Tudo tinha lugar naquele momento breve, mas eterno. Haviam-se acasalado para sempre.



Era como se o mundo inteiro contivesse a respiração. Naquele mágico momento de consumação já não havia ameaças nem perigos, só amor.

Infelizmente, foi muito passageiro. De repente, Nicholas se esticou contra ela. A disciplina retornou, e se retirou de seu corpo antes que sua transbordante vida pudesse alagá-la com a quente rajada de sua semente. O que fez foi pôr a mão de Sara em seu sexo e gritar seu nome enquanto chegava ao êxtase.

Subitamente sua respiração passou de ser rápida e superficial a emitir uns sons profundos e estremecedores. Tinha a testa banhada de suor, e a deixou cair sobre o ombro de Sara, atraindo-a para si, afundando a mão em seu cabelo.

—Por que fez isso? —Murmurou Sara.

—O que disse, o disse a sério. —Nicholas ofegou e tirou um lenço debaixo do travesseiro que pôs na mão de Sara —Não posso me arriscar a transmitir este pesadelo. Deve terminar comigo. Não tem por que ser assim sempre. Breeden conhece algumas soluções. Deve falar com ele. Em qualquer caso, não podia fazer nada esta primeira vez. Sinto muito, Sara...

—Às vezes o que mais tememos se transforma no menor de nossos medos quando tudo termina —Murmurou ela.

—Às vezes sim, mas não nesta ocasião. Sara, deve confiar em que eu sei o que é melhor para nós. Amo-te. Não permitirei que sofra ao ser mãe de uma criatura como eu, e não castigarei com semelhante legado um pobre inocente, não o condenarei a uma vida como a que eu me vi obrigado a levar só porque meu pai tinha que ter seu maldito herdeiro.

—Até agora —Sussurrou Sara —Tão terrível é agora? Está fazendo progressos, Nicholas. O doutor está comprometido com a tarefa de te ensinar a controlar suas transformações. Quando tiver aprendido, poderia ensinar a seu filho a fazer o mesmo se fosse necessário. Não é assim?

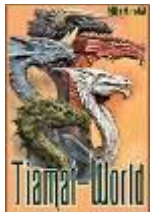
—Shh —A sossegou ele.

Agasalhando-a na colcha, atraiu-a para assim e roçou a têmpora com os lábios. Eram lágrimas aquilo que brilhava em seus olhos? Desejava beijá-las para secá-las.

—Dorme, minha Sara —Murmurou Nicholas com voz rouca.

Ela não disse nada mais. Aquele não era o momento. Nicholas estava afogado pela emoção, e ao parecer, tentando evitar sofrer uma transformação ali mesmo. De repente tudo esteve muito claro, como se tivesse acendido subitamente uma vela em seu nublado cérebro. Não era que Nicholas não quisesse ter um filho. O que ocorria era que não se atrevia a desejar tê-lo. Tinha construído um muro ao redor de sua alma e seu coração que queria completar porque pensava que ele mesmo nunca estaria completo. Estava claro. Aquele era a tortura que tinha visto nos olhos do homem e do lobo desde o começo. Não o tinha reconhecido até agora, e mordeu o lábio até que sangrou, para evitar romper a chorar.

Aconchegou-se mais perto, apertou-se contra Nicholas, deslizando os dedos pelo suave pelo de seu peito. O coração dele estava calmo agora. Uns batimentos suaves e compassados cavalgavam sobre a agitada respiração. Sara tinha a pele do rosto ainda úmida e ruborizada; o corpo comprido e esbelto de Nicholas estava apertado contra ela e ainda ardia pelo calor de sua



união.

—Não me deixe nunca, Sara —Murmurou ele contra a testa.

Ela não respondeu, limitou-se a atraí-lo com mais força para seus braços. Não havia necessidade de palavras. Seu corpo falava em voz alta com mais eloquência do que poderiam tê-lo feito seus lábios.

Então Nicholas suspirou e ela começou a deslizar-se para o sono seguindo a música de sua profunda respiração, seguindo o subir e descer de seu peito, como se sua cabeça fosse um navio navegando pelas suaves ondas de um calmo mar. Lá fora, o autêntico mar também respirava profundamente. As ondas lambiam a praia, formando espuma sobre as rochas e os montículos, sussurrando nas poças criadas pela maré, murmurando entre os grupos de pedras, as baías e os cantos ocultos.

A voz do vento se sossegou. O dia seguinte seria bom. Sara não queria pensar nisso. Vivia o aqui e o agora, aconchegada entre os fortes braços de seu marido, escutando a sinfonia do homem e da natureza, permitindo que a arrastasse em espiral para baixo, mais abaixo, para o que podia ter suposto ser um sono perfeito se não tivesse sido por uma persistente pergunta que seguia espreitando o coração. Como podia conseguir que uma vida habitasse dentro dela? Como poderia completar Nicholas? Aquele era seu único desejo.

Despertou à manhã seguinte sobressaltada com o rangido e o estrondo de um trovão ressoando pela praia e a brilhante luz do sol alagando o quarto. Como podia ser possível? Levantou-se de repente sobre a cama revolta, esfregou os olhos para livrar-se do sono.

Nicholas não estava ao seu lado. O coração deu um tombo. O rastro que seu corpo tinha deixado na cama de plumas e no travesseiro ainda continuava ali. Quando a tocou estava fria. Onde tinha ido? Quando a tinha deixado? Que horas seriam?

O trovão voltou a soar. Agora parecia mais estrondoso, mas era devido ao eco. As mudanças na climatologia do mar amplificavam o som ao longo da praia. Os homens gritavam agora e se escutou o ruído de mais trovões. Sara ficou olhando fixamente a manhã brilhante que filtrava através dos cristais, lançando brilhos pelas janelas, e escutou outro rangido e outro estrondo. Não! Não eram trovões, eram disparos!

Levantou-se na cama cobrindo o corpo nu com a colcha. Tremia a pesar do quente sol que se filtrava pela janela. Era como se um punho de gelo tivesse agarrado sua espinha, paralisando-a ali onde estava sentada. Sua camisola e o negligé estavam ali perto, no chão, onde Nicholas os tinha deixado. Estava a ponto de recolhê-los quando alguém bateu com urgência à porta, deixando-a outra vez paralisada. Antes que pudesse responder, abriu-se e Mills entrou precipitadamente.

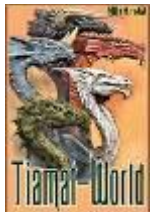
—Peço-lhe desculpas, senhora —Exclamou —Sua Senhoria...?

—Não... Não está aqui —Gaguejou ela.

O rosto do ajudante de câmara era da cor da cinza, e seus entrecerrados olhos, cinza, brilhavam. Sara não o tinha ouvido elevar a voz jamais antes.

—Meu Deus, Mills, o que está acontecendo?

—Sabe onde foi, senhora? —Insistiu o ajudante de câmara.



—Não. Acabo de despertar, e ele não estava aqui. O que aconteceu?

Os olhos do ajudante de câmara oscilaram entre a pilha de roupa que havia sobre o divã e as botas de Nicholas, atiradas de qualquer maneira no chão.

—Isto é o que usava Sua Senhoria ontem à noite durante o jantar —Murmurou como se estivesse pensando em voz alta —Eu mesmo o vesti.

Procurando no armário, encontrou o robe de Nicholas e o tirou dali com um grunhido.

—O que ouve, Mills? Importaria me dizer por favor o que está acontecendo?

—Vieram os guardas, senhora —Assegurou ele —Encurralaram um lobo na praia.

Capítulo 29

Sara não perdeu tempo vestindo-se. Envolvendo-se em sua roupa de noite, saiu correndo para a suíte das tapeçarias, colocou rapidamente o vestido de musselina listrado, o primeiro que encontrou quando abriu o armário, e se cobriu com o casaco. Os corredores estavam vazios, mas teria dado no mesmo embora estivessem abarrotados de criados; correu escada abaixo e depois pelo corredor do primeiro andar até chegar à entrada de serviço e saiu à plataforma.

Abaixo, o som dos disparos, de balas de pistola ricocheteando sobre a rocha de granito, ressoando por cima do resto arrancou um grito dos lábios. Isso fez que Mills desse a volta enquanto enfiava para os degraus de pedra com a capa de Nicholas pendurado do braço.

—Não, senhora, não... Volte por onde veio! —Gritou fazendo-se ouvir por cima do som do vento, que tinha levantado de repente e do qual desprendia um profundo aroma de sal —Aqui não é seguro. Deixe que eu me ocupe, imploro!

—Deixar que jogue isso sobre seu corpo depois de que o tenham matado, quer dizer? —Gritou assinalando a capa enquanto corria para ele —Prefiro que o jogue sobre o meu!

Durante um décimo de segundo, viu o brilho do aço sob a capa e se deteve sobre seus passos. Mills estava armado.

—O que pretende fazer com isto? —Exclamou com voz rouca assinalando a pistola.

—Senhora, por favor! Retorne a casa e deixe que eu me ocupe deste assunto.

—Vai atirar neles?

Sua voz aguda ressoou em seus próprios ouvidos, amplificada pelo vento.

—Não há tempo para isto, senhora. O suplico, retorne à casa!

—Vai fazê-lo! Meu Deus vai fazê-lo! —Gritou Sara lançando-se a pela pistola.

Mills a manteve em seu lugar com mão firme.

—Se for necessário, sim —Assegurou —Isto é algo que concordamos, caso acontecesse uma situação assim, senhora. Devo atirar. Feri-lo, nada mais, antes que eles o façam. Não se transformará imediatamente; o impacto do tiro o evitará, e posso levá-lo de novo para dentro antes de acontecer e evitar o que eles fariam se o capturassem vivo, ou o que veriam se o matam.



Não, senhora! Solte a pistola! Não quero machucá-la. Poderia ser o senhor Mallory que está ali, e se for assim, vou necessitar dela! Não deve interferir!

—Meu Deus! —Gemeu Sara —Como poderá distinguir a diferença? Poderia... Poderia...

O pensamento era muito terrível para expressá-lo com palavras.

—Confie em mim, saberei —Assegurou Mills —Isso também está acertado. Solte senhora!

Era inútil. O ajudante de câmara estava segurando a arma com força. Seu olhar deu asas aos pés de Sara, que soltou um gemido, saiu disparada para o extremo do quebra-mar e começou a descer para chegar à praia que ficava abaixo.

A praia estava abarrotada de guardas que corriam atropeladamente pela areia disparando suas armas. O aroma de enxofre da fumaça das pistolas invadia o vento, penetrando por suas fossas nasais até que seus olhos se encheram de lágrimas. Sua posição, a meio caminho dos degraus de pedra, proporcionava uma visão clara. Os guardas convergiam para a pequena cova na qual ela tinha encontrado a roupa de Nicholas. Uma visão de cabelo negro e prateado estava tentando chegar à cova. Havia muita distância, e eles estavam aproximando.

—Não! —Gritou precipitando-se a toda pressa para baixo.

Agora não tinha Mills e o doutor atrás dela. Onde tinham se metido? Não importava. Levantando as saias, tirou os mocassins de pele marroquino, o casaco porque pesava e correu pela areia compacta da borda do mar. Ia mais leve que aqueles que estavam na frente dela, e os ultrapassou com facilidade, ignorando seus gritos pare. Nero estava ainda ao alcance das pistolas. Por que tinham parado? Sara engoliu seco. O coração pulsava a toda pressa e os pulmões ardiam pelo sal.

Estava retornando! Estava correndo para eles!

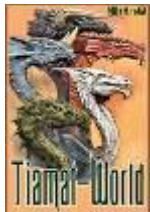
—Não, Nero, volta! —Gritou Sara colocando-se na linha de fogo.

Soaram mais disparos, quando uma das balas impactou sobre ela, levantando-a do chão. Ocorreu tão depressa que a princípio não sentiu dor quando deu a volta. A praia parecia estar ao contrário, a areia e o céu inclinados diante sua nublada visão enquanto caía no chão em um enrugado vulto de musselina rasgada e anáguas de cambraia branca.

Um assobio penetrante e agudo escutou por cima do estouro. Onde estava Nero? Por que não podia vê-lo? Tinha-o tido muito perto. Uns passos retumbando sobre a areia compacta reverberaram através de seu corpo enquanto muitos rostos convergiam ao redor dela, todos desconhecidos exceto o do doutor Breeden, que abriu caminho através de outros homens ali reunidos e se ajoelhou a seu lado. De repente, uma tremenda dor atravessou suas costas e ombro e Sara gemeu.

—NE... Nero? —Perguntou com voz suplicante.

Mas não escutou a resposta do médico. Algo tinha bloqueado o sol, os rostos e o murmúrio de vozes discordantes. A dor era completamente insuportável agora. Sentiu arcadas. Uns pequenos pontos brancos nublavam a visão. E depois desapareceram. O céu ficou negro, e a última coisa que escutou foi o profundo e lastimoso uivo de um lobo que foi sossegando-se com o vento.



Nicholas estava sentado descalço no divã da salinha da suíte das tapeçarias. Tinha a cabeça entre as mãos. Levava postos as enrugadas calças de seda negra e a camisa de algodão egípcio que tinha jogado na noite anterior sobre o divã da suíte verde. Do outro lado da porta fechada que dava ao quarto, o doutor Breeden e a senhora Bromley atendiam a Sara. Naquele momento o tempo o era tudo e não era nada, só transcorria. Tinham-no afastado da cabeceira de Sara; prisioneiro em sua própria casa, quando ela poderia estar morrendo.

Nicholas não tinha nem ideia do tempo que tinha transcorrido quando Mills irrompeu no vestíbulo. Nem sequer elevou a vista; tinha os olhos tão cheios de lágrimas que não teria podido enfocar a imagem do ajudante de câmara em qualquer caso.

—Os guardas se foram, senhor —Disse Mills —Todos exceto o capitão Renkins, quero dizer. Está esperando notícias da senhora na sala de convidados.

—Malditos! —Exclamou Nicholas furioso golpeando-as joelhos com os punhos apertados.

—É um milagre que não tenham levado você com eles —Repreendeu Mills —Quase acaba com o capitão. E comigo!

—Acha que voltarão?

—Não voltarão, senhor. Não haverá mais caçada de cães na praia depois do que aconteceu hoje, mas sem dúvida o capitão o perseguirá até descobrir o que acontece. Disso pode estar completamente seguro. Não se esqueceu que você disse que não havia nenhum animal no imóvel. Nunca saberei por que não o tinham detido, acusado de agressão. Deve controlar-se! Não posso seguir fazendo isto. Estou muito velho para me interpor e o segurar como quando era um moço. Não estou em condições de fazê-lo, especialmente com este braço inútil e aleijado. Amanhã estarei rígido como um cabide. E então, quem se ocupará de você?

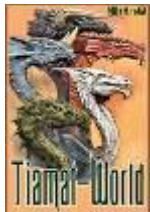
—Atiraram em minha esposa, Mills! —Recordou Nicholas.

—Mas miravam em Nero —Particularizou o ajudante de câmara —O que te passou pela cabeça para voltar? Já estava quase na cova. Poderia tê-los perdido entre as rochas e ter retornado a casa pelo velho caminho, através de qualquer dos túneis dos contrabandistas, e teria tempo de sobra. Igual à última vez que ficou apanhado na praia, quando escapava da senhora. Mas não! Correu direto para a linha de fogo. Nunca vi nada igual, por um instante pensei que, talvez, tivessem encurralado ao outro lobo, depois de tudo. Assim de absurdo era o que estava fazendo!

—Estava tentando protegê-la. Pôs-se deliberadamente em perigo tentando me proteger. E não teria chegado à cova. Acabava de chegar quando eles abandonaram a busca. A teriam encontrado, e teriam seguido direto até chegar à mansão, e sem dúvida teriam topado comigo. Meu Deus, ela acreditava que não iam atirar, e deram um tiro nela!

—O lobo tentando fazer o trabalho do homem, não é? —Disse Mills —Bem, agora vê quão absurdo foi, senhor. Que Deus me perdoe, que espécie de “tratamento” está dando esse homem? Seu sentido comum tinha sido sempre infalível até que começou a experimentar com você.

—Não se trata de minha cabeça, e não é culpa do doutor —Grunhiu Nicholas —Nunca antes



tinha estado apaixonado —Assinalou com um gesto o quarto —Mas o que ocorreu não foi completamente culpa minha tampouco, Mills —Assegurou —Por que diabos a deixou descer? Por que não a deteve?

—Detê-la, senhor? —Resmungou o ajudante de câmara apertando os dentes e soltando uma risada sem humor —Nem uma manada de elefantes selvagens poderia tê-la detido. Viu a pistola e tentou tirá-la das minhas mãos. Tive que lhe contar o que tínhamos acertado, mas isso só serviu para piorar as coisas. Lutou contra mim como uma tigresa até que chegou o doutor correndo e então ela se lançou a toda pressa para a praia.

Nicholas deixou a cabeça cair entre as mãos e passou os dedos pelo cabelo. O ajudante de câmara se afastou arrastando os pés e, depois de um instante, voltou a aproximar-se.

—Tome —Disse oferecendo uma taça de brandy meio cheia —Beba isto, senhor. Tem um aspecto terrível.

Nicholas deu um sorvo à taça, mas o clique da porta do quarto abrindo o fez girar a cabeça, ficou em pé de um salto, devolvendo a taça a Mills e espalhando seu conteúdo pelo peitilho do até então impecável colete branco do ajudante de câmara.

A senhora Bromley entrou na salinha caminhando como um pato, com expressão sombria e os olhos cheios de lágrimas. Levava um vulto de roupa de cama branca, cheio de sangue, apertado contra o avental. Quando abriu a porta, um gemido surgiu do quarto e Nicholas se lançou para frente, tropeçando com a mulher na soleira enquanto tentava passar.

Mills deixou a taça de repente sobre a mesinha auxiliar e segurou Nicholas com força pelo braço. Nicholas não prestou nenhuma atenção enquanto tentava rodear a governanta e entrar no quarto.

—Saía de meu caminho, senhora Bromley! —Ordenou.

—Peço desculpas, senhor —Disse a governanta —O médico diz que não pode entrar até que o chame.

—Tenho que saber! —Insistiu Nicholas —Tenho que vê-la. Está sofrendo, mulher, maldição. Não está dando nada para acalmar a dor? Eu disse que se afaste!

—Não, senhor! —rogou o ajudante de câmara—. A última coisa que precisamos, agora mesmo, é que fique louco. Precisa acalmar-se para evitar que... Para evitar mais danos.

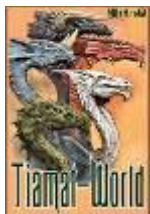
Nicholas leu nas entrelinhas, mas não se importava; os gemidos de Sara eram mais do que podia suportar. Ele era quem os tinha provocado, e ia ficar louco se não pudesse vê-la com seus próprios olhos, abraçá-la, acariciá-la, dizer que seu sacrifício não tinha sido em vão.

—Traga sua bebida, senhora Bromley —Pedi Mills em um à parte à governanta enquanto tentava sem êxito tirar os dedos de Nicholas dos braços da mulher —Solte-a, senhor! Está dificultando tudo.

—Por que não administraram uma dose? —Bramou Nicholas.

Não queria machucar a mulher, mas Por Deus que se não o deixasse passar...

—Não pode tomar mais láudano —Assegurou a governanta —Tomou suficiente para pôr em perigo sua vida. Vou preparar uma de minhas beberagens. Por favor, me deixe passar, senhor,



estamos fazendo tudo o que podemos.

—Está... Ela vai...?

—Não sabemos ainda, senhor. Por favor, me deixe passar!

—O deixem entrar! —Bramou a voz do médico do quarto —Só tenho mãos para atender um paciente agora mesmo!

Mills o soltou e Nicholas entrou aos tropicões pela porta do quarto, correu para a cama e caiu de joelhos ao lado de Sara.

Parecia muito pequena ali deitada entre as colchas, com o cabelo como ouro fiado estendido em leque sobre o travesseiro. Nicholas pegou suas a mão e a beijou.

—Sara, pode me ouvir? —Murmurou esquadrinhando aqueles olhos frágeis e ausentes que pareciam olhar através dele —Não me reconhece, doutor! —Exclamou desesperado.

—Não reconheceria nem a própria mãe depois da dose que lhe administrei —Assegurou o médico —Não pode ficar aqui, barão. Vai fazer mais mal que bem. Se quiser que termine meu trabalho e ajude a continuar, deve partir e me deixar.

—É muito grave? —Perguntou Nicholas cravando a vista nas bandagens ensopadas de sangue que o médico estava aplicando na ferida exercendo pressão.

—A bala não chegou a atravessá-la de tudo —Respondeu Breeden —Se alojou perto da artéria. Tirei-a, mas perdeu muito sangue e agora devo limpar e cauterizar a ferida. Não pode estar aqui quando o fizer, ou Nero voltará a fazer sua aparição.

Nicholas olhou para o atizador que estava colocado nas chamas da lareira e sentiu como se esticava o couro cabeludo.

—A senhora Bromley acendeu o fogo —Disse o médico —Só estou esperando que haja suficiente calor para fazer o trabalho.

—E depois...? —Murmurou Nicholas.

—Devemos esperar —Respondeu o doutor —A febre é nosso inimigo agora. Deve confiar em que faremos o que possamos. Vive. Depois do que acaba de passar, acredite se disser que é um bom sinal. E agora, por favor, suplico-lhe que nos deixe.

—Não o compreende —Murmurou Nicholas contra os frios dedos que tinha apertados nos lábios —Tudo isto é minha culpa. Levei isso para cama, e passei por isso sem... Me transformar, mas depois não pude contê-lo. Ela estava profundamente adormecida quando aconteceu. Nero deveria ter ficado a seu lado. Deveria ter se aconchegado perto da lareira e deixar que o encontrasse ali quando despertasse, mas não... Tratei de passá-lo correndo pela praia, e então chegaram os guardas. Se ao menos ela não tivesse descido... Se ao menos...

—Se não o tivesse feito, você estaria morto. Não poderia ter se esquivado deles, eram muitos. Teriam-no matado com um disparo e teriam descoberto seu segredo, porque ao morrer teria transformado outra vez. Pense nas repercussões disso, senhor, e dê graças aos céus de que ela fez o que fez. Onde você foi? Não o vi. Estava atendendo à senhora.

—Todo mundo correu para a baronesa —Disse Nicholas —Mills assobiou e Nero obedeceu. É um sinal que combinamos para o caso de emergência. Mal consegui chegar ao túnel antes de



voltar a trocar. Vesti-me e voltei o mais rápido que pude.

—E quase consegue que os guardas o levem preso. O que o possuiu para lançar-se contra eles dessa maneira?

—O que teria feito você se fosse sua esposa que jazia estendida em um atoleiro de sangue na praia? Como teria enfrentado o bastardo que tinha disparado a pistola e que estava ali de pé, boquiaberto e indignado, cuspidando toda essa merda de que só estava “cumprindo com seu dever”?

O médico deixou escapar um profundo suspiro nasal.

—Certamente o mesmo —Disse —Mas eu não sou um metamorfo. Está pensando com o coração, não com a cabeça. Os homens que fazem isso em situações assim costumam terminar mortos. Neste assunto deve centrar-se em manter o controle, ou estragará tudo o que tínhamos conseguido. Tanto se dá conta como se não, as arrumou para controlar a transformação até um ponto, e sob as piores condições possíveis. Eu a isso o chamo progredir.

—Não estava pensando para nada nisso —Assegurou Nicholas.

Só podia pensar em Sara, tão quieta, tão pálida e tão longe de seu alcance embora sua mão segurava a dela como um cordão umbilical, em uma tentativa desesperada de insuflar vida com o único poder de sua vontade.

—Como é que se transformou tão depressa nesse túnel, barão?

—Tinha que fazê-lo! —Exclamou ele —Tinha que sabê-lo. Temia que estivesse morta!

O médico assentiu.

—Então fez um esforço por voltar a transformar-se —Disse —Poderia ter feito algo assim quando eu cheguei a esta casa? Não precisa responder. Recordo o que ocorreu quando o prendemos em seu provador e quando a senhora o meteu naquela sala estreita. Poderia ter se transformado de volta em alguma das duas ocasiões? Acredito que não, barão. Não o atribua à sorte. Agora quero que saia daqui, descanse, e deixe que eu me ocupe disto.

—Sabe que não vou fazê-lo, doutor. Não partirei desta suíte até que saiba que vai viver.

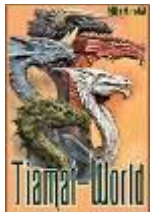
—Faça o que queira, mas sim sairá deste quarto —Disse o médico.

A senhora Bromley entrou levando uma bandeja com ataduras limpas de linho, antisséptico e vários remédios mais.

—Espere onde queira e como queira, mas não voltará a cruzar esta soleira até que eu o chame. E agora vá e deixe que tente terminar com isto enquanto ela esteja ainda muito drogada para sentir o pior da dor.

Nicholas ficou de pé cambaleando, lançou um último olhar para sua semi inconsciente esposa e saiu dando tombos do quarto como se estivesse bêbado. Mills o esperava na salinha e ofereceu a habitual bebida. Nicholas a bebeu de um gole e começou a percorrer toda a longitude do tapete persa.

—Tem que se acalmar e descansar —Assinalou o ajudante de câmara —Se aproxima do inevitável tal e como está, e não pode permitir-se que aconteça aqui e agora, com o capitão da Guarda farejando por aqui.



Nicholas se deteve sobre seus passos.

—Poderia morrer, Mills —Assegurou —Se isso acontecer, pode estar seguro de que Nero arrancará o pescoço de seu capitão da Guarda!

Não disse nada mais. Andou de cima abaixo rondando durante todo o dia, vigiando de perto a porta do quarto, mas permaneceu fechada. Não se escutaram mais ruídos dentro, e a senhora Bromley não voltou a sair. Era um bom sinal? Não havia como saber. Se ao menos um deles saísse e dissesse algo...

Smythe foi várias vezes à sala de convidados diante a insistência de Nicholas para tentar convencer o capitão Jenkins de que se fosse, mas o homem se negou a partir, o que só serviu para enfurecer Nicholas mais e mais. O mordomo retornou com a notícia de que o capitão não estava disposto a partir até que soubesse como se encontrava a baronesa Walraven, dado que era sua bala a que a tinha abatido, mas aquela era a última das preocupações de Nicholas. Do outro lado da enorme porta, sua esposa sofria estendida no que bem poderia ser seu leito de morte, e tudo por sua culpa. Aquilo punha sua prudência à prova, e Nero aguardava sob a superfície para fazer sua aparição.

Quando o crepúsculo acabou com a luz e Mills acendeu as velas, Nicholas não pôde seguir suportando-o. Aproximou-se da porta do quarto a grandes passadas e gritou:

—Breedon! Em nome de Deus!

Depois de um instante, o médico saiu à salinha e fechou a porta atrás de si. Gasto e pálido, aspirou com força e cravou os afiados olhos sem brilho no círculo de luz da vela.

—Está...? —Gemeu Nicholas.

—Está resistindo —Replicou o médico —Tem febre, mas os remédios da senhora Bromley estão se encarregando disso. Saberemos mais pela manhã.

—Está consciente? —Perguntou Nicholas.

O doutor negou com a cabeça.

—Não, barão, e isso é uma bênção. O temos que agradecer ao láudano, aos remédios de ervas da senhora Bromley e ao fato de que seja uma mulher sadia, jovem e forte.

—Quero vê-la —Disse Nicholas —Tenho que vê-la!

—Não pode incomodá-la. Precisa descansar.

—Não a despertarei, doutor. O suplico. Só um momento... Só isso.

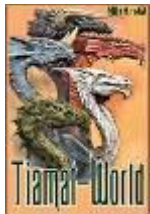
O médico vacilou.

—Suponho que não teremos paz até que consinta —Disse —Dois minutos. Nenhum mais.

—Feito —Disse Nicholas passando na frente dele para entrar no quarto, enquanto a governanta saía levando mais ataduras de linho e uma bandeja vazia.

Sara estava muito pálida. Parecia um fantasma na suave penumbra. Nicholas engoliu em seco para acalmar o rápido batimento de seu coração e apoiou um joelho no chão, ao seu lado, tomando sua mão como tinha feito antes. E assim como antes, estava fria e sem vida. Sara respirava agitada e superficialmente, e Nicholas se girou para o médico, que estava ao seu lado.

—É a febre —Explicou o doutor.



Nicholas se inclinou para aproximar-se e sussurrou ao ouvido:

—Estou aqui, Sara, e eu... Tudo ficará bem. Volta para mim, Sara. Por Deus, não me deixe!

O médico lhe agarrou por ombro.

—Vamos, senhor —Disse —Não pode ouvi-lo.

—Ouvi dizer que as pessoas que estão neste estado podem escutar o que acontece a seu redor —Disse Nicholas —Espero que seja verdade, porque se morre pensando que não serviu que nada...

—Acredite, assim que recupere a consciência eu mesmo direi que não saiu ferido. Tem minha palavra. E agora, vá.

Nicholas ficou de pé e ficou olhando para baixo com olhos frágeis.

—A senhora Bromley foi descansar um pouco —Disse o médico —Nos alternaremos durante a noite. Se houver alguma mudança o chamaremos imediatamente.

—Não terão que ir muito longe para me encontrar —Espetou Nicholas saindo a toda pressa do quarto para entrar na salinha, onde o esperava Mills.

—Como está a senhora? —Perguntou o ajudante de câmara.

—Está viva —Disse Nicholas —Não está consciente. Tem febre. Não saberemos nada mais até manhã.

—Está em boas mãos, senhor —Assegurou o ajudante de câmara —Por favor, vá descansar um pouco. Precisa manter o controle. É muito perigoso correr riscos aqui e agora.

—Controle, Mills? —Exclamou Nicholas —Se não fazer algo, ficarei completamente louco. Vá procurar minhas botas e minhas pistolas.

—O que vai fazer senhor? —Gemeu Mills.

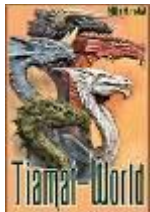
—Em primeiro lugar vou expulsar daqui o bastardo que está esperando na sala de convidados. Por seu próprio bem, asseguro-lhe isso. E depois vou caçar.

Capítulo 30

Era o vento o que soprava no ouvido? Soava desesperado. Mas era certo que o vento de Cornualha sempre tinha gemido como uma criatura possuída desde a primeira vez que o escutou sacudir a carruagem no lúgubre dia que chegou a mansão. Aquilo parecia ter acontecido fazia uma vida. Este vento não tinha movimento, só som. Uma pena. Teria sido bom para acalmar a febre que a atravessava. Estava pronunciando seu nome, ou o estaria sonhando?

Voltou a escutar o som e Sara se agitou. Por que não podia abrir os olhos? Sentia as pálpebras pesadas e tudo girava. Também havia dor, um desconforto persistente nas costas e no ombro. Por que estava colocada de lado?

Alguém gemeu. Demorou um instante para se dar conta de que aquele som procedia de sua própria e seca garganta. O sussurro se escutou mais forte. Não, não era o vento, alguém estava



chamando por seu nome.

Sara entreabriu os olhos, mas não podia ver nada. Tudo o que havia em sua linha de visão parecia como seda de maré: cheio de ondas, fluido e agitado. Era de dia ou de noite? De quem era a mão que tinha na testa, tão delicada e fresca? Apoiou-se contra ela e voltou a gemer.

—Nicholas? —Murmurou.

De repente, a cama de plumas se curvou com seu peso, e uns braços fortes se deslizaram por seu corpo sem mudar sua posição. Uns lábios frescos roçaram a testa. Eram muito calmantes sobre sua pele úmida e quente. Que sonho tão delicioso.

—Tome cuidado, barão!

Era aquela a voz de doutor Breeden? Alguém mais gritou. Podia tratar-se da senhora Bromley? O que estavam fazendo em seu sonho? Escutou-se outra voz entre o resto que ela não reconheceu. Ao princípio não pôde distinguir o que estava dizendo. Soava muito longe. Depois, quando ganhou volume, os fortes braços que a estavam segurando a soltaram, e o peso do corpo que tinha curvado a cama de plumas, se levantou bruscamente.

—Isso foi uma maldita estupidez —Disse a voz desconhecida.

Era uma voz resmungona e vulgar. Não gostava. Fazia mal aos ouvidos.

—Correr desse modo para a linha de fogo —Estava dizendo a voz —“Interferindo” com o dever da Guarda. Ela poderia estar morta.

—Bem, pode agradecer à Divina Providência que não esteja —Grunhiu Nicholas —Seu superior terá meu relatório sobre o ocorrido ali abaixo na praia, disso pode estar certo. Que não caiba a menor duvida!

—Você nem sequer estava ali, senhor!

—Mas o vi da casa. Estava descendo para dizer que estavam disparando no animal errado. Isto não vai acabar aqui, Renkins.

—OH, agora sim admite que havia um cão, não é verdade, Walraven? —Bramou o desconhecido —Isso me parecia. Se o tivesse reconhecido da primeira vez que vim, não estaríamos aqui agora, não é? É sua culpa que a baronesa esteja deitada nessa cama. É como se você mesmo tivesse atirado nela!

Escutou-se o som de uma briga, gritos em voz baixa e... Era a senhora Bromley que gritava?

—Me solte, Mills!

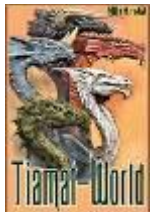
Nicholas?

—Já basta, senhor!

—O segurem! —Bramou a voz resmungona —Se me puser uma mão em cima terá que responder diante de um juiz embora seja barão!

Sara estremeceu e gemeu. Estava desejando que terminasse aquele estranho sonho.

—Há dois animais neste imóvel, estúpido! —Disse a voz que se parecia com a de Nicholas —Um é meu e o outro é um cão vadio com o que estivemos tentando acabar. Decidi não contá-lo a primeira vez que passaram por aqui porque não queria me arriscar que fizessem mal ao cão errado. Mas isso é irrelevante. Se tivesse se incomodado em me consultar antes de sair por aí, à



boa de Deus, tudo isto teria sido evitado. A senhora sabia que tinham encurralado ao animal errado. Ela pode diferenciá-los, e como está claro que nem você nem seus homens são capazes, eu encontrarei e destruirei o animal que matou a minha criada. Você, senhor, é uma ameaça! Quero-o fora de minhas terras.

—Sabia que viríamos —Respondeu o capitão —Devia ter pegado a esse cão.

—Devo insistir em que falem disto em outro lugar —Interveio o médico elevando a voz com tom frio —Estão incomodando a minha paciente.

Uns passos pesados seguiram a aquelas palavras, levando longe as vozes, embora Sara continuasse as ouvindo discutir e gritar, inclusive depois de que o médico tivesse fechado a porta atrás delas. E então adormeceu.

Precisaram três dias e uma redução gradual da dose de láudano para que Sara recuperasse completamente a consciência. O capitão da Guarda partiu, e Nicholas estava sempre ao seu lado apesar da insistência por parte de Mills e do doutor de que a crise já tinha passado. A febre tinha desaparecido. Não havia sinais de infecção, nem razão para acreditar que não fosse se recuperar completamente.

Os unguentos de ervas da senhora Bromley, os cataplasmas e os corantes foram responsáveis em grande parte pela recuperação. Os unguentos e os cataplasmas de óleo de linhaça, folhas de dedalera¹³ e cardo de leite¹⁴ curaram a ferida e acabaram com a dor e o inchaço; e as borragem, os corantes de bálsamo e o suco de groselhas negras recém espremidas acabaram com a febre. Este último, adoçado com mel, era o de mais agradável sabor, mas Sara enfrentou a tudo com alegria apesar do quão preocupada estava por Nicholas, que quando se ausentava da suíte das tapeçarias, perambulava por Ravenscliff como um possesso com as pistolas carregadas e preparadas. Até o momento em vão. Foi durante uma daquelas ausências que Sara decidiu falar com o médico a respeito de um assunto que só ele podia ajudar a resolver.

Nunca a deixavam sozinha. Quando o doutor Breeden ia descansar um momento ou levar a cabo algum dos tratamentos de Nicholas, a senhora Bromley a atendia e depois Nicholas se alternava com ela. Aquela noite Sara estava sozinha com o médico, que acabava de trocar a bandagem da ferida.

—Se continuar melhorando desta maneira, a partir desta manhã te permitirei sair da cama a intervalos curtos —Disse o médico dedicando um de seus escassos sorrisos.

—Doutor —Começou ela —Há algo do que quero falar com você. É em relação à afecção do Nicholas.

—Contarei-lhe o que queira sempre e quando não implicar em trair o segredo profissional,

¹³ A **dedaleira**, do alemão "Roter Fingerhut" (dedal vermelho), também chamada de "campainhas" pelo formato de suas flores, é uma erva lenhosa ou semilenhosa (*Digitalis purpurea* L.; Scrophulariaceae), venenosa, nativa da Europa. Pode ser cultivada como medicinal, por conter digitalina, e também como ornamental, pois possui inúmeras variedades hortícolas de flores róseas ou brancas.

¹⁴ **Cardo de Leite ou Milk Thistle** - planta originária do sul da Europa e Ásia, mas agora é encontrado em todo o mundo - e às vezes é considerada uma espécie invasora.



baronesa.

—Isto não deve infringir a confidencialidade —Assegurou ela —Tem mais a ver com a afecção que com o próprio Nicholas.

—Entendo —Disse o doutor tomando assento na cadeira Chippendale que havia ao lado da cama —Diga então, no que posso ajudá-la?

Fazer perguntas íntimas não ia ser fácil, mas aquilo era muito importante para permitir que a vergonha se interpusesse em seu caminho, e depois de tudo, ele era médico. E entretanto, o vermelho subiu por suas bochechas, mais quentes que a febre que acabava de superar.

—A... Afecção sempre se transmite pelo sangue? —Começou a dizer a pesar do nó que tinha na garganta —Quero dizer... Se tivermos filhos...?

O médico vacilou.

—Sua Senhoria não quer correr esse risco, senhora.

—Já sei, doutor. O que pergunto é... Haveria alguma possibilidade de que o bebê não fosse... Infectado? É essa a palavra correta? Sou uma ignorante nestes assuntos. Tudo isto é muito novo para mim.

—Simplesmente, não sabemos —Replicou o médico —Existem muito poucos precedentes nos que nos fixar nestes casos, e a documentação que há não é concludente, temo. Essa é a razão pela que Sua Senhoria não quer arriscar-se.

—Não é que ele não queira ter um herdeiro, doutor —Assegurou Sara —É que tem medo de desejar um filho. Estou segura disso. Prefere negar o direito à paternidade a infringir algo assim a seus descendentes.

—Assim que isso te disse?

—Não —Disse ela —Não houve necessidade. O vi nos olhos, na tristeza que refletem cada vez que falamos disto.

—Entendo —Murmurou o médico —Então falou disso em profundidade, baronesa?

Sara ficou em silêncio. Como ia contar que seu idolatrado marido se retirou de seu corpo para evitar a concepção? Entretanto, Nicholas havia dito que tinha que manter esta conversa com o médico. Assim decidiu começar por aí.

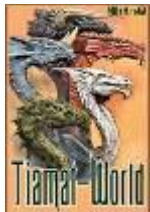
—Sua Senhoria me sugeriu que falasse com você... Sobre as alternativas —Murmurou.

—Ah —Disse o doutor —É obvio. Há vários métodos que pode utilizar, por exemplo os unguentos de ervas. Uma adequada combinação de ervas pode ser muito efetiva. E depois há artefatos que as cortesãs utilizaram desde o começo dos tempos. Algo feito com uma esponja empapada nas ervas das que lhe falei demonstrou ser muito confiável há algum tempo. As cortesãs francesas o utilizam há muitíssimo tempo. Aqui ganhou popularidade durante a última década, mas se pode conseguir facilmente.

—Que... Antinatural —Murmurou Sara.

Não podia imaginar como se utilizaria semelhante artefato, e não era valente o bastante para perguntá-lo.

—Não há... Outra coisa? —Quis saber.



—Tem o período com regularidade, senhora?

—Sim...

—Nesse caso, o espaço compreendido na metade de dois períodos seria o momento perigoso, durante o que deveria praticar a abstinência. Mas os cálculos teriam que ser precisos, e não há forma de que o sejam. Cada pessoa é diferente. Não há um caminho fixo. Sua idiossincrasia física é exclusivamente sua, e um mês poderia ser completamente diferente do seguinte. Há muitas influências externas que afetam ao ciclo feminino. Isso restringiria drasticamente as condições para uma coabitação segura. É o método mais natural, mas o menos efetivo, e se está pensando em sugerir algo assim a Sua Senhoria... —O médico sacudiu a cabeça —Eu não o faria. Implica muitos riscos.

Aquilo não estava indo bem. Sara estava profundamente envergonhada, e não tinha ganhado nada. As lágrimas ardiam nos olhos, mas piscou para evitá-las. Não utilizaria os instrumentos de uma prostituta, e o doutor tinha razão, Nicholas nunca concordaria com algo de natureza tão arriscada e imprevisível. Tampouco ia enganá-lo, mas não permitiria que continuasse com a solução que tinha dado ao problema. Era ela a que tinha que solucionar o problema, mas talvez, só talvez, o bom doutor seria capaz de guiá-la para a direção correta. Isso implicava ser sincera com o homem, e já que tinha chegado tão longe...

—Doutor, talvez deva voltar a expor minha pergunta original —Começou —Em sua opinião, existe a certeza de que Sua Senhoria transmitiria sua afecção a seus descendentes?

—É obvio que não —Respondeu ele —Não há nada seguro. Isso é o mais traiçoeiro deste assunto.

—Nesse caso, ocorre alguma sugestão em relação à direção que devo tomar para persuadir a Sua Senhoria para que deixe esses assuntos nas mãos da Divina Providência?

O médico sorriu.

—Não necessita minhas sugestões para isso —Assegurou —As artimanhas das mulheres sempre tiveram a habilidade de conquistar os homens. Se algo pode ser feito, você é a única que pode obtê-lo. Disso estou tão certo como de que o sol sairá amanhã.

—Quem dera tivesse sua confiança —Disse Sara.

—Isto é muito importante para você —Afirmou o médico com firmeza.

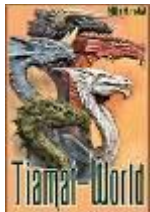
—É vital, mas não só para mim, mas sim para ele, e nem sequer sabe.

—Explique-se.

Como ia contar que sentia que as emoções reprimidas de Nicholas estavam desejando liberar-se entre seus braços, e como lutava contra a tentação de render-se a aquilo que o transformaria em um homem completo?

—Não estou falando só de agradar meu marido. Há muitas maneiras de fazê-lo. O que eu quero é algo muito mais profundo. Tem a ver com o espírito e o direito que Deus deu para reproduzir-se. Não importa como nos amemos, ele nunca estará completo a menos que nos amemos... Completamente.

—E o que me diz de você, senhora? —Perguntou o médico —Não está completa?



—Não estamos falando de mim, doutor —Assegurou ela —Não é minha plenitude o que se questiona, é a dele. Quero lhe dar isso. Não sei como fazê-lo, mas sim sei que não descansarei até que o tenha conseguido.

—Conseguir o que? —Disse uma voz profunda e sensual da soleira da porta.

Aquela voz a atravessou com profundas ondas de fogo líquido. Nicholas se aproximou mais. Seu sorriso inclinado fez com que saísse o sol em sua alma apesar da lúgubre névoa cinza que se amontoava contra a janela e a despeito da incômoda conversa.

—Sair desta cama —Respondeu Sara imediatamente.

—Doutor? —Perguntou Nicholas ao médico.

Breeden assentiu.

—Se comportar bem pode ser que amanhã lhe permita que passe vários períodos breves fora da cama —Assegurou.

—Mas isso é uma notícia maravilhosa! —Exclamou Nicholas deixando-se cair na cama a seu lado.

—Se posso confiar em que se encarregue de que se comporte bem, irei consultar com a senhora Bromley sobre a dose.

—Não se preocupe, está em boas mãos —Assegurou Nicholas.

—Mmm —Grunhiu o médico —Voltarei em seguida.

Assim que cruzou a soleira, Nicholas estreitou Sara entre seus braços. Afundou as mãos no cabelo e tomou os lábios em um beijo apaixonado que a deixou fraca e tremula.

—Nicholas, estava desejando falar com você a sós —Disse.

—Bem, pois agora estamos completamente sozinhos, meu amor —Murmurou enquanto enchia o rosto de beijos suaves.

—Não —Disse Sara resistindo —Digo a sério, Nicholas, temos que falar.

Aquele era o momento perfeito para tirar o tema dos filhos. Não haveria outro melhor. Nunca aceitaria se fosse por ele. Aceitaria por ela? Se fosse verdade que não queria viver sem ela, talvez... Só talvez...

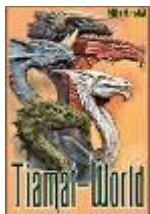
—Falei com o Breeden, tal e como sugeriu —Começou a dizer —E temo que não encontro aceitáveis seus... Antinaturais métodos para acautelar a concepção. Posso dizer o que penso?

Ele deixou cair as mãos.

—É obvio.

Sua voz soou como as unhas deslizando-se por uma parede. Estava se preparando para o que tinha que dizer; isso era evidente. Sua postura adquiriu tensão. Os músculos da mandíbula pulsavam a um ritmo férreo e firme. Os tendões de seus bíceps duros, estirados até o limite de suas forças, mostravam-se visivelmente através da camisa de algodão. Mas já tinha começado e agora não havia volta atrás.

—Amo você, Nicholas —Disse com voz tremula —E nunca te negarei os prazeres da carne. Nunca. Mas quero te dar filhos, ou ao menos tentá-lo, e acredito que você não tem direito a me negar isso.



—Tenho todo o direito, Sara —Respondeu ele ficando de pé —Já falamos disto. Não posso trazer conscientemente outra criatura como eu a este mundo. Não seria justo para ela nem para você.

—Já vi quão pior pode acontecer nesse passadiço dali de baixo —Assegurou Sara —Tenho que admitir que essa primeira vez foi todo um impacto, mas se chegasse a ocorrer diante de mim neste mesmo instante nem sequer piscaria, porque te amo. Amo-o por inteiro, a ambos. O que te faz pensar que nossos filhos não encontrarão uma companheira como a que você encontrou em mim? Por que está tão seguro de que nossos descendentes serão sequer afetados, quando nem o próprio doutor pode sabê-lo? Acha que sabe mais que ele?

—O que não posso é correr o risco —Disse Nicholas —Se não pode estar seguro de que nosso filho será afetado, tampouco pode está-lo do contrário.

—Pelo que entendi, sua afecção é mais leve que a que padeceu seu pai. Tem lógica pensar que seu filho, se é que chega a ser afetado, seria de um modo mais suave. Aconteça o que acontecer, não aconteceria o contrário.

—Isso não se sabe.

—Não sabemos nada —Espetou ela —Isso é o que quero dizer. Como pode negar minha plenitude se apoiando em meras especulações? Isso não me parece justo.

Vacilou. O que tinha pensado dizer a seguir poderia abrir entre eles uma brecha que os separaria por toda vida, ou poderia mudar tudo. Não havia forma de estar segura. Ele tinha se afastado e estava percorrendo o tapete de cima abaixo.

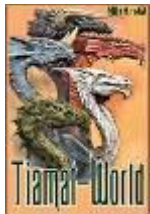
—Não quer ter filhos, Nicholas? Meus filhos? —Murmurou.

Ele se deteve em seco e cravou o olhar. Sara não pôde ler a mensagem daqueles olhos, ou não quis fazê-lo, embora aguentasse o olhar com valentia. Se dissesse não de coração, tudo teria terminado. Aquele assunto chegaria a seu fim com uma só palavra. Mas se não fosse capaz de fazê-lo, ainda haveria esperança, e Sara conteve o fôlego à espera, agarrando-se a essa esperança durante o que pareceu uma eternidade.

—Isso não é justo —Disse Nicholas tremendo.

—Como não? —Perguntou ela —Você foi injusto comigo desde o começo, e apesar de tudo te amo. Mentiu de forma descarada, e também me escondendo coisas. Colocou minha vida em perigo por seu orgulho e sua obstinada falta de confiança. Quero sabê-lo. Acredito que tenho direito. Estive a ponto de morrer nessa praia, Nicholas. Quando alguém se aproxima tanto de sua própria morte vê as coisas de outra perspectiva. Não se pode evitar ser sincero com a gente mesmo em uma situação assim. Estou te pedindo que seja tão sincero comigo como eu fui comigo mesma. E agora, com sinceridade, pode me dizer que não quer filhos, que você não gostaria, que não os necessita, que não tem paciência para eles ou o que for? Nem meus filhos nem os de ninguém? É o único que te peço. Não é uma pergunta difícil.

Nicholas a alcançou com grande rapidez, sentou-se a seu lado e a estreitou entre seus braços. Tinha os olhos empapados pelas lágrimas, brilhavam em suas largas e escuras pestanas, captando brilhos da lúgubre luz diurna que se filtrava pela janela. Sara não podia olhar naqueles



olhos. Embora ele contivesse as lágrimas, as dela dispararam.

—Não posso querer ter filhos, Sara —Murmurou Nicholas.

Sua respiração cálida acariciava a orelha, prendendo fogo.

—Não posso me permitir o luxo de querer o que não posso ter. Essa é a razão pela que fechei a porta a essa possibilidade faz tempo, e por isso não formou nunca parte de nosso acordo.

—Já não há “acordo” —Recordou Sara —O cancelou quando consumamos nosso matrimônio. Tudo mudou agora, Nicholas. Somos um. Já não é o responsável somente por você mesmo. Tem que pensar em mim também. Não é necessário que me responda agora. Sou consciente de que necessita tempo para pensar. O que estou pedindo é tão simples como isto: para que me sinta completa como sua esposa, poderia deixar as consequências de nossa convivência nas mãos de Deus, e me amar como toda mulher tem o direito de esperar ser amada por seu marido?

—Sara...

—Cada vez está ficando mais e mais perito em controlar suas transformações com a ajuda do doutor —Continuou ela colocando os dedos nos lábios —Acaso teme adquirir a responsabilidade de ensinar a seu filho a superar essa doença se caso for necessário, tal como você tem feito? Porque você vai conseguir, sabe? Pressinto-o, sei! Pode chegar a confiar... É o suficientemente valente para pôr nosso futuro nas mãos da Divina Providência, não por você, e sim por mim? Isso é o que preciso saber antes de seguir adiante. Olhe em seu coração, Nicholas. Procura nele profundamente. Quando puder responder a esta pergunta, veem a mim.

Capítulo 31

Nicholas se arrastou até sua suíte para se vestir para o jantar. A entrada da senhora Bromley naquele momento crítico, com a bandeja do jantar, o poupou de ter que responder à pergunta de Sara, mas nada podia evitar as observações de Mills. Acaso aquele homem era clarividente? Nicholas estava começando a pensar que sim.

—OH, senhor! —Ofegou o ajudante de câmara —Piorou a situação da senhora?

—Não, Mills, piorou a minha —Espetou Nicholas —Quer que deixe esta loucura nas mãos da Divina Providência e me arrisque a ter filhos.

—Sim, senhor.

—Sim, senhor? Isso é o único que te ocorre dizer, Mills?

—Sim, senhor —Repetiu o ajudante de câmara —Me surpreende que não tenha sugerido o tema com antecedência.

Nicholas ficou olhando fixamente.

—Está de acordo? —Perguntou boquiaberto.

—Até certo ponto tem razão, senhor —Disse o ajudante de câmara —Tem direito de desejar



ter filhos. É uma moça, saudável e formosa, e tenho a sensação de que seria uma grande mãe, do mesmo modo que você seria um pai magnífico, senhor, apesar desta “loucura”. Nunca desejou levar uma vida assim?

—É obvio que sim, antes sim. Antes de tirar isso da minha cabeça. Não é possível, Mills. Não poderia suportar transmitir isto a um filho, permitir que um dia se desse conta do que eu tinha feito e me odiasse, tal como me aconteceu no despertar da vida e seus prazeres.

—Do mesmo modo que você sempre odiou seu pai pelo que fez, senhor? —Interrompeu o ajudante de câmara —Desculpe-me, mas com a ajuda do doutor tem feito grandes progressos, e não tenho a menor duvida de que algum dia será capaz de controlar completamente as transformações. Ao menos esse é o prognóstico do doutor. O que você conseguiu fazer, seus filhos também poderão, senhor, e com menos dificuldade, porque você já é precedente. Talvez nem sequer tenham que fazê-lo. Não existem garantias de que seus descendentes saem como você.

“Negar a si mesmo por uma especulação? —Mills sacudiu cabeça —Isso é injusto para ambos. Afinal se saiu bastante bem, senhor. Encontrou a sua companheira sem ter sequer que sair desta prisão que construiu. Odiaria o ver perdê-la.”

—Perdê-la? Não posso perdê-la, Mills. Como ia viver sem ela agora?

—Acredito que chegou o momento de lhe contar algo que tem que saber, senhor —Disse o ajudante de câmara —Está relacionado com esse pai ao que tanto odeia por ter te trazido para este mundo. Seu pai, que Deus o tenha em sua glória, não soube em nenhum momento o que estava acontecendo quando você foi concebido. Naquele tempo pensava que tinha uma ferida infectada pela mordida de um lobo que não conseguia curar-se. Não o guiava a obsessão por ter um herdeiro apesar de sua afecção, como você sempre pensou. Sua mãe e ele estavam muito apaixonados. Isso me surpreendia, porque muitos de seus contemporâneos consentiam em matrimônios de conveniência para procriar e depois tinham amantes para seu prazer. Nunca chegou a saber que enfermidade tinha, nem muito menos como afetaria a você. Se tiver que odiar alguém, odeie ao lobo que provocou tudo isto, não a seu pai. Ele foi uma vítima, exatamente como você.

—Mas eu sei, Mills! —Soltou Nicholas —E está em minha mão evitar que se faça mais dano.

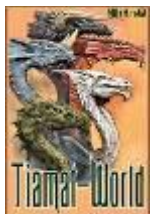
—A pergunta é, senhor, tem direito a exercer esse poder? E se o exerce, como isso afetará sua relação com a senhora?

Como aquele assunto tinha chegado a transformar-se em um debate aberto? Sempre tinha sido um tema fechado; a única parte do acordo que não era negociável. Agora o estavam olhando fixamente, e aqueles aos que amava o estavam enfrentando, dois contra um.

—As coisas são diferentes agora, senhor. —Continuou Mills —Já não pode pensar só em si mesmo. Dê um descanso a sua cabeça e olhe em seu coração. O pensamento racional não serve para nada neste assunto. Se a senhora não tiver escrúpulos...

—Pare velho amigo, pare. Há outras meadas que desenredar antes de nos pôr com esta.

A conversa necessitava uma mudança, e Nicholas estava muito esgotado depois de sua conversa com Sara para enfrentar o ajudante de câmara, que sempre tinha razão; exceto nisto.



Disso estava seguro.

—Temos que encontrar Alex. Será que todo mundo o esqueceu?

—Eu, certamente que não, senhor, e suponho que você tampouco, tendo em conta que percorreu os corredores de Ravencliff com as pistolas carregadas durante quase uma semana.

—Bem! Agora me ajude a trocar para que eu possa jantar e continuar com a busca.

Sara afastou a bandeja para a senhora Bromley. Fez o que devia ao dar um ultimato ao Nicholas? Não havia como saber. Se tivesse tido uns minutos mais para fazer valer seu caso. Se ao menos a senhora Bromley não tivesse entrado naquele exato momento. Tinha perdido o apetite, e a metade da comida ainda estava sob a tampa da baixela de prata. Esperava que a mulher não olhasse debaixo até que saísse da suíte das tapeçarias; não estava com humor para sermões.

Era estranho não ter alguém pairando sobre ela. Não tinha ficado a sós desde que recuperou a consciência. Não tinha medo. Depois de tudo, a porta estava fechada. Não a tinha deixado entreaberta desde que descobriu o segredo de Nicholas. Tampouco havia voltado a ver Nero, e isso a entristecia. Sabia que era uma tolice, mas, voltaria a ver alguma vez seu querido Nero? Para ela se tratava de duas identidades diferentes: seu marido e seu mascote. Simplesmente, não podia pensar neles como sendo um. Recordando, suspirou e fechou os olhos.

Estava a ponto de adormecer quando a senhora Bromley entrou. A governanta se dirigiu diretamente à bandeja de prata e levantou a tampa.

—Nossa —Disse estalando a língua —Como vai recuperar as forças se comer como um passarinho?

—Amanhã o farei melhor —Prometeu Sara —O doutor vai deixar que me levante desta cama por um momento amanhã pela manhã.

—Então deveria ter comido um pouco esta noite —Repreendeu a governanta —A cozinheira vai se zangar. Mal provou um bocado.

—Diga à cozinheira que tomarei o café da manhã muito bem —Assegurou Sara —Estou muito emocionada com a perspectiva de me levantar de novo para comer; cairia mal no estômago.

—De acordo, senhora —Disse a governanta recolhendo a bandeja —Descerei com isto e voltarei com seu chá de ervas. Isso sim vai beber?

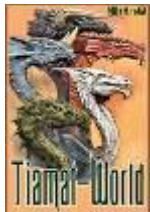
—Sim, senhora Bromley. Prometo.

A governanta caminhou até o vestíbulo com a bandeja na mão. Quando abriu a porta, um grito surgiu de sua garganta ao ver a corpulenta figura de um peludo lobo negro entrando a toda pressa. Atirou-lhe a bandeja, que foi cair no corredor com um estrepitoso ruído de metal, porcelana e cristal. A besta passou pela frente dela em direção ao quarto.

—Senhora Bromley? —Gritou Sara.

Mas os gritos desesperados da mulher foram descendo de intensidade pelo corredor.

Antes que Sara pudesse piscar, o lobo saltou em cima da cama, abatendo-se sobre ela com os lábios curvados para trás, mostrando as presas. Babava pela língua e mandíbulas. A pelagem,



molhado pela névoa da noite, cheirava a podre, e a morte, sobre tudo no local condensado sobre a ferida da pata dianteira. O lobo começou a grunhir. Sara mal podia respirar. O animal se aproximou mais, exalando seu pestilento fôlego no rosto, fazendo que ficasse imóvel sob a colcha. Não podia mover-se. Não o teria feito embora tivesse podido. Os dilatados olhos do lobo eram absolutamente ameaçadores. Estava a ponto de lançar-se sobre ela.

Transcorreram uns minutos que pareceram horas antes que Nicholas entrasse a toda pressa pela porta. O doutor Breeden estava bem atrás dele. Nicholas fez um gesto ao médico para que se afastasse.

—Não! —Exclamou —Deixe isto comigo. Vá procurar Mills. Diga que traga as pistolas e mantenha os outros afastados.

—Barão...

—Faça o que disse e fecha a porta ao sair. Não vai sair vivo desta suíte!

—Nicholas! —Gritou Sara.

—Shh, não se mova —Advertiu seu marido em uma voz que ela não foi capaz de reconhecer. Era mais parecido a um latido, algo que surgiu do estreito limite que separava o homem da besta. Sara sentiu um calafrio percorrendo todo o corpo.

—Aconteça o que acontecer, não se mova!

Não podia; o animal estava virtualmente em cima dela.

Nicholas tirou a botas e as meias, depois o colete, as calças e a camisa e os jogou no chão. Tirou a cueca e a deixou ali também.

Sara conteve o fôlego.

—Nicholas, não!

—É a única maneira —Assegurou ele —Nos pegou despreparados.

—A pistola! —Gritou Sara —Está na gaveta da mesa da salinha.

Nicholas sacudiu a cabeça.

—Não arriscarei chegar muito perto de você —Disse —Ficou louco, Sara. Tenho que tirá-lo da cama. Não posso fazê-lo em forma humana, mas Nero pode.

—E se te morder?

—Não tem raiva. É a ferida que o está deixando louco. Nunca se curou. Provavelmente essa é a razão pela qual não voltou a se transformar. Não pode me transmitir o que já tenho, mas pode passar isso a você. Deve fazer exatamente o que te digo!

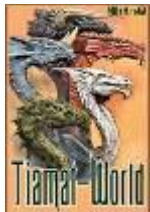
—Mills está a caminho! —Gritou ela —Por favor, Nicholas, espera o Mills!

—Se eu não posso disparar um tiro limpo, como ele vai poder? Não! Enquanto você estiver na cama, não! Encontra-se com forças para sair dela?

—Se tiver que fazê-lo... OH, Nicholas!

—Então faça-o assim que o tire de cima, e sai deste quarto!

Antes que ela pudesse continuar protestando, uma imagem imprecisa de carne, pelagem e tendões atravessou o ar como um raio de prata líquida e se lançou contra o lobo impactando de lado de modo que Sara mal pôde distingui-los. Colidiram com força, mas não o suficiente para



levar o combate ao chão. Ela levantou os joelhos para afastar-se enquanto os dois animais se encetavam em uma batalha aos pés da cama de quatro colunas.

Arrastou-se para um lado do colchão. Já não estava paralisada sob a colcha, assim tirou os pés por um lado. A vertigem nublou sua visão com pequenos pontos de luz branca, e o quarto deu voltas a seu redor. Atrás dela, uma bola de grunhidos, rugidos, dentes e músculos tinha mudado, por fim, a batalha para longe da cama. Babas cobertas de sangue cobriam os lençóis, e a colcha estava destruída. Os travesseiros cuspiam penas que flutuavam pelo ar como neve ao redor dos dois lobos, que dançavam sobre suas patas traseiras, abraçados em mortal combate.

Sara não conseguia diferenciar um do outro. Se ao menos não se estivessem movendo tão depressa. Se ao menos ela não estivesse tão tonta. Já estava de pé, e se aproximou cambaleando da lareira vazia para agarrar o atizador. Não sairia do quarto como Nicholas tinha ordenado. Se Nero necessitasse de sua ajuda, estaria ali para dar, mas... qual dos dois era Nero? Ambos tinham a pelagem úmida de babas e manchada de sangue. Não podia distinguir qual tinha a pata ferida devido à saliva que os cobria a ambos dos pés à cabeça. Os dois pares de olhos brilhavam vermelhos à luz das velas. Os dois tinham as presas nuas, e nenhum se rendia.

A ferida do ombro havia tornado a transformar-se em uma dor aguda. Não se importava. Só pensava em pôr fim àquele pesadelo de uma vez por todas, assim se aproximou cambaleando deles arrastando o atizador. Pesava muito.

—Nero! —Exclamou tentando obrigar a que a reconhecesse.

Mas foi Mills quem respondeu. Não o tinha ouvido entrar.

—Fique onde está, senhora —Disse apontando a pistola enquanto segurava o cotovelo ferido —Não se mova. Não olhe nos olhos. Deixe que eu me ocupe disto.

—Estão matando o um ao outro! —Gritou Sara —E se dispara no lobo errado?

—Confie em mim, senhora. Não o farei.

Sara ficou onde estava, mas já era muito tarde. Tinha chamado a atenção de um dos lobos. Aproximou-se mais dela, e o outro se virou e lançou em cima, jogando-a sobre o tapete para que não se machucasse.

—Não! —Gritou Sara —Não atire! Este é Nero!

Se um animal podia adquirir uma expressão de desespero humano, isso foi o que Sara viu nos olhos de Nero. Estava tentando afastá-la do perigo, mas isso o fez baixar a guarda, e o outro lobo se jogou sobre seu lombo.

Girando de lado, Sara tampou os ouvidos numa tentativa desesperada de não escutar os uivos e o alvoroço de sons que ressoava pelas paredes, pelo chão e pelo teto.

—Está bem, senhora? —Gritou Mills por cima do barulho.

—S... Sim. Só estou sem fôlego —Respondeu ela —Não atire! Meu Deus, estive a ponto de matá-lo!

—Confie em mim, não vou fazer isso —Assegurou o ajudante de câmara —E agora, por favor, afaste-se! Está na linha de fogo! Estou em desvantagem com este braço inútil.

O tapete persa estava manchado de sangue, espuma e mechas de cabelo. Sara se



aproximou, cambaleando, balançando o atizador apesar da advertência de Mills. Ambos os lobos estavam outra vez de quatro patas. Endireitaram-se, as patas separadas, as cabeças para cima e as ensanguentadas presas nuas. Emitindo uns grunhidos guturais, deram voltas em círculos perseguindo-se. Então um mordeu a pata do outro e se enfrentaram em um novo frenesi de luta, aproximando-se mais e mais de Sara a cada giro.

Ela elevou o atizador.

—A qual? Meu Deus, Mills, a qual?

O ajudante de câmara levou os dedos à boca. Um assobio penetrante rasgou o ar. Era o mesmo assobio que Sara escutou na praia antes que Nero desaparecesse e ela perdesse a consciência.

—Nero! —Bramou Mills com uma voz tão potente que ressoou através de seu corpo.

Um dos lobos respondeu. Foi um ligeira claudicação, um meio giro da despenteada cabeça; um brilho de reconhecimento em seus olhos dilatados e injetados em sangue pela loucura da batalha. O outro se lançou para Sara e Nero se colocou no meio, desviando sua atenção. Aquele movimento saiu caro. A outra criatura cravou os dentes no pescoço de Nero, lançando-o contra o tapete.

O gemido de agonia de Nero soou ao mesmo tempo que o grito de Sara. Paralisado pelas mandíbulas do outro animal, Nero não podia levantar-se. Ela levantou o atizador e arremeteu com todas suas forças contra o lobo que o tinha segurado mortalmente com as presas. Bateu entre os olhos. Aturdido, o animal cambaleou, sacudiu a cabeça e soltou Nero para voltar-se para ela de novo. Sara gritou. As mandíbulas ensanguentadas do lobo se fecharam sobre sua camisola, esquivando apenas porque se afastou a tempo enquanto dava outro golpe com o atizador. Estava esgotada. Desta vez não tinha tanto equilíbrio e falhou. Lançando um rugido aterrador, Nero se incorporou e se lançou sobre o lombo do outro animal. Escutou-se um tiro. Um dos lobos caiu aos pés de Sara. O outro uivou, deu a volta e caiu de joelhos ofegando antes de saltar pelos ares e surgir de novo em forma humana.

Nicholas estava nu diante dela com a úmida pele coberta de sangue, muito sangue. Sara não podia distinguir qual era dele e qual pertencia ao tremulo animal que exalava seu último fôlego sobre o tapete. Deixou cair o atizador e correu para seus braços.

—Tem a camisola destroçada! —Ofegou Nicholas —Me diga que não te mordeu, Sara!

—N... Não, não o fez, Nicholas —Murmurou ela.

Os olhos de Nicholas a olhavam de forma enlouquecida e selvagem, esquadrinhando o rosto e o corpo uma e outra vez, como se não acreditasse.

—Só estou esgotada —Murmurou forçando um sorriso.

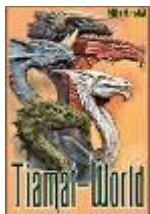
Ele a estreitou com mais força contra si em um enorme abraço.

—Tome —Disse Mills lhe lançando a roupa.

Os gritos do corredor e os golpes frenéticos na porta não podiam continuar sendo ignorados.

—Haverá tempo para isto depois, senhor. Deixe que o ajude. Isto não terminou ainda.

—Farei-o no provador —Assegurou Nicholas pegando a roupa antes de guiar Sara para do



divã —Faz com que o doutor venha em seguida—Ordenou a Mills —Diga aos outros que acabamos com o lobo que matou Nell. Façam entrar para que o vejam. Agora, Mills! Antes que morra, ou certamente verão algo diferente aí caído!

—Tem certeza de que está bem? —Exigiu Sara observando-o com atenção —. Há muito sangue!

—Não é todo meu —Murmurou ele —O doutor me atenderá mais tarde. Faz o que Mills te diga até que eu volte.

Os seguintes minutos foram uma neblina de exclamações, soluços e murmúrios de vozes enquanto Smythe, a senhora Bromley, os lacaios e todos outros apareciam com a cabeça para ver o animal caído. Em meio daquela inspeção não foi Nicholas, e sim Nero quem apareceu saltando pela porta do provador. Uma exclamação contida percorreu o quarto. Foi uma aparição breve. Sara ficou boquiaberta quando se aproximou de seu lado movendo a cauda e oferecendo a pata. Depois trotou um pouco pelo quarto, deteve-se e lambeu a mão de Mills antes de voltar a cruzar a porta do provador como se nada de errado tivesse acontecido.

—E bem, viram-no? —Exclamou Mills triunfante —Dois cães, não um, e todos vocês tinham condenado o pobre Nero. Foi ele quem me ajudou a abater este outro animal.

Uns minutos mais tarde, com as feridas dos braços e do ombro ocultas sob a camisa e o colete, Nicholas saiu e tirou a todos do quarto menos Mills e doutor Breeden.

O médico se ajoelhou ao lado do lobo, tocando o pescoço e o corpo através da pelagem.

—Está morto —Disse levantando com as pernas rígidas e pouco firmes.

—E agora o que? —Perguntou Mills.

—Esperaremos —Assegurou o médico.

—A que vamos esperar? —Murmurou Sara.

Mills tinha desfeito a cama e tinha posto lençóis limpos. Nicholas levantou Sara do divã e a acomodou na cama, apoiada contra o que ficava dos travesseiros. Cobriu-a com a colcha. Depois se sentou a seu lado e a estreitou entre seus braços. Eram fortes e quentes, e ela o abraçou murmurando seu nome.

—Estamos esperando para ver se voltar a transformar —Disse Nicholas.

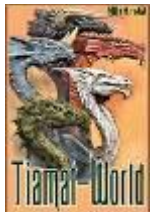
Não tiveram que esperar muito. De repente, a pelagem manchada de sangue começou a fundir-se diante seus olhos. O corpulento perfil do lobo mudou, fez-se mais largo, e adquiriu outra forma; uma forma que apenas se parecia com o Alexander Mallory que Sara recordava. Estava mais magro, enrugado. Umas sombras profundas rodeavam os olhos. O braço infectado estava negro e inchado pela gangrena, e tinha a testa amassada pela marca que tinha deixado o atizador.

—OH, Meu Deus, Alex... —Gemeu Nicholas.

Sara afastou a vista de seu olhar, cravada nos restos apenas reconhecíveis do que uma vez foi seu administrador e seu amigo. Mills cobriu seu corpo com a colcha suja.

—Não podemos mostrá-lo aos guardas —Disse o doutor assinalando o cadáver com a cabeça —Como poderíamos explicá-lo?

—Não temos que fazê-lo —Assegurou Nicholas fazendo um esforço por recuperar a



compostura —Por isso pedi que trouxessem o pessoal de serviço, e por isso tem feito Nero sua aparição. Todos viram dois animais, e todos acreditam que despedi Alex faz tempo. Assim que se assegurem de que não há ninguém rondando por aqui, descê-lo-emos pelas escadas e o enterraremos no cemitério. Não permitirei que Mills carregue esta responsabilidade. Considerem o que aconteceu aqui como um duelo, porque isso é exatamente o que foi.

—Não o matou a bala —Interveio o médico —Foi o golpe na cabeça. Por isso demorou tanto em morrer. Sofreu uma hemorragia. Olhem o corpo. —Levantou a colcha —A bala está alojada no quadril, isso não é uma ferida mortal. A senhora salvou sua vida duas vezes, barão. Acredito que se pode dizer que lhe deve a vida, e deve fazer o possível para que se cumpram todos os desejos de seu coração.

Nicholas estreitou a Sara com força entre seus braços e ela distinguiu uma promessa em seu olhar entrecerrado. Conteve o fôlego.

—Para sempre —Murmurou Nicholas selando seu voto com um longo beijo, sentido e profundo.

O coração de Sara acelerou. Algo tinha mudado, e se rendeu ao fogo sedoso que prendeu em seu interior. Era uma provocadora antecipação do que estava por vir.

Epílogo

A primavera chegou suavemente, levando a chuva por toda costa. Sara estava aconchegada nos fortes braços de seu marido, escutando a vazante do mar sobre a praia que ficava lá em baixo na escuridão anterior do amanhecer. Era difícil acreditar que tivesse transcorrido quase um ano desde que a carruagem a subiu por aquela traiçoeira costa rumo a Ravencliff. Tinham ocorrido muitas coisas desde então.

Já não se alojava na suíte das tapeçarias. Agora sua suíte estava situada no terceiro andar, recentemente reformado, ao lado da suíte do barão. Eram os apartamentos que a mãe de Nicholas tinha ocupado em sua época. A seu lado havia um quarto alegre e luminoso que tinha sido o quarto infantil de Nicholas. Outro bebê o ocupava agora. Theodore Arthur Michael Pembroke Walraven, um nome de enormes proporções para um menino de só dois meses. Sara sorria cada vez que pensava nisso. Chamavam-no Ted, era um menino precioso com o cabelo escuro como a asa de um corvo e os olhos de uma cor azul similar à água do mar.

Nicholas acariciou um seio. Seus lábios eram quentes nos seus. Foi um beijo breve e tentador que prometia muito mais. Ele a atraiu mais para si, percorrendo com os lábios o oco do pescoço.

—Tem-me feito feliz além do imaginável —Murmurou.

—Não sem esforço —Sussurrou Sara em meio a uma risadinha brincalhona e um abraço sentido.



—Ainda não sabemos... —Disse Nicholas com certo pesar —E não saberemos até que alcance a puberdade.

Sara pôs um dedo nos lábios.

—Se for necessário, enfrentaremos isso juntos. E ele também, tal como você tem feito, meu amor —Disse —Mas há algo que...

—Sim?

—Não é hora de que apresente Nero a nosso filho? —Perguntou —Em qualquer caso precisa conhecê-lo, não te parece? E eu sinto muitas saudades dele.

Nicholas riu.

—Continuo pensando que ama mais esse velho lobo maltrapilho que a mim —Protestou.

Sara sorriu.

—Acredito que o amei primeiro, por culpa de sua obstinação —Disse —Mas deveria se adular que tenha me apaixonado por uma parte de você que todos os outros rejeitam. Quero que nosso filho também se apaixone por essa parte.

—E assim será —Disse Nicholas —Mas não esta noite.

Voltou a buscar o seio, e os lábios que tomaram os seus se mostraram famintos agora, penetrantes, aproximando a mais à promessa do êxtase.

Sara se abriu a ele feliz. Depois o tomou profundamente em seu interior, cavalgando sobre as brancas e quentes ondas que brilhavam, acendiam-se e ardiavam entre eles, como aconteceria sempre.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>